

Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 10 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2024

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 10 – Número 01 – Junho / 2024

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 10, n. 01, Jun. 2024. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2024. -
176 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Drª Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Drª. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Drª. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Drª. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Dr. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Drª Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Drª Marivete Zanoni Kunz

Revisão do Abstract

Melanie Korber Silva; Micael Fernando Timer

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	-----------

ARTIGOS

O TESTEMUNHO DOS PAIS NA EDIFICAÇÃO DE RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS

Parents' testimony in building meaningful relationships

<i>Wellington Balbino Costa.....</i>	<i>10</i>
--------------------------------------	-----------

SAUL: DA ASCENSÃO À QUEDA

Saul: from rise to fall

<i>Jocinei Passos Pinheiro.....</i>	<i>29</i>
-------------------------------------	-----------

OBEDIÊNCIA E DESOEDIÊNCIA DO POVO DE ISRAEL NOS LIVROS HISTÓRICOS

Obedience and disobedience of Israel's people in the historical books

<i>Isaac Lebedenco.....</i>	<i>41</i>
-----------------------------	-----------

O ACONSELHAMENTO CRISTÃO E O EQUILÍBIO EMOCIONAL: FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA O CUIDADO INTEGRAL DO CRISTÃO

Christian counseling and emotional balance: Theological Foundations for the Integral Care of the Christian

<i>Paulo Eduardo Boulhosa de França</i>	<i>52</i>
---	-----------

A SOBERANIA DAS ESCRITURAS: SABEDORIA E DELEITE NO SALMO 119.96-104

The Sovereignty of the Scriptures: Wisdom and Delight in Psalm 119.96-104

<i>Paulo Henrique Pedrão</i>	<i>75</i>
------------------------------------	-----------

LAMENTO, CUIDADO E ESPERANÇA CRISTÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO

Lament, care, and christian hope in the context of de pandemic

<i>Luiz Gustavo Marques Lança</i>	<i>85</i>
---	-----------

AFINAL, VIVER PARA QUÊ? O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA CRISTÃ EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

After all, to live for what? The meaning of life from a christian perspective in dialog with existentialist philosophy

<i>Matheus Rodrigues de Brito</i>	<i>105</i>
---	------------

ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS

Destructive zeal: When concern for the things of God surpasses the will of God

<i>Samuel Cristian Hein</i>	<i>124</i>
-----------------------------------	------------

REINO DE DEUS: A BÍBLIA FALA SOBRE ISSO?

The Kingdom of God: does the Bible talk about it?

Maira M. Trentin e Matheus da Nobrega 152

UM CÂNTICO DE FÉ: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO 3 DE HABACUQUE

A Song of Faith: an analysis of chapter 3 of Habakkuk

Mário José Duarte Conrado 165

Normas para publicação 175

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Prezados Leitores! A presente edição da revista *Ensaios Teológicos* reúne um conjunto diversificado de reflexões teológicas que dialogam com a vida cristã em suas múltiplas dimensões: a fé vivida no âmbito familiar, os desafios da liderança e da obediência a Deus, o cuidado integral do ser humano, a centralidade das Escrituras, a experiência do sofrimento e do lamento, bem como a esperança que sustenta a existência cristã em contextos de crise. Os artigos aqui apresentados demonstram o vigor da pesquisa bíblico-teológica quando articulada com questões existenciais, pastorais e sociais contemporâneas.

No campo das relações humanas e da formação da fé, destaca-se a reflexão de **Wellington Balbino Costa**, sobre o testemunho dos pais como elemento fundamental na edificação de relacionamentos familiares saudáveis e significativos, evidenciando o papel do ensino e da vivência das Escrituras no cotidiano. Ainda no âmbito das relações e da responsabilidade espiritual, os estudos sobre a trajetória de Saul, escrito por **Jocinei Passos Pinheiro** e sobre a obediência e desobediência do povo de Israel nos livros históricos, escrito por **Isaac Lebedenco**, oferecem análises críticas acerca da liderança, do caráter e das consequências teológicas e históricas da fidelidade ou infidelidade à vontade de Deus. Tais textos ressaltam que a capacitação divina não substitui a obediência contínua, nem isenta indivíduos e comunidades de responsabilidade diante do Senhor.

A edição também contempla reflexões voltadas ao cuidado pastoral e ao equilíbrio emocional, texto escrito por **Paulo Eduardo Boulhosa de França**, abordando o aconselhamento cristão como prática teológica que integra espiritualidade, saúde emocional e ação comunitária. Em diálogo com esse tema, o artigo que trata do lamento, escrito por **Luiz Gustavo Marques Lança**, do cuidado e da esperança cristã em contexto pandêmico evidencia a necessidade de uma ética do cuidado sensível ao sofrimento humano, resgatando práticas bíblicas de escuta, compaixão e intercessão em tempos de profunda vulnerabilidade social, emocional e espiritual.

A centralidade da Palavra de Deus e sua relevância para a vida cristã são exploradas a partir da análise do Salmo 119, no texto de **Paulo Henrique Pedrão**, destacando as Escrituras como fonte de sabedoria, deleite e orientação ética, bem como no estudo sobre o Reino de Deus, texto escrito pelos autores **Maira M. Trentin e Matheus da Nobrega**, apresentado como eixo estruturante da mensagem bíblica e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Esses trabalhos reafirmam a importância de uma leitura teológica que reconheça a ação soberana de Deus na história e convide o leitor a uma vivência cristã comprometida com sua vontade.

Questões existenciais, no texto de **Matheus Rodrigues de Brito**, também encontram espaço nesta edição, especialmente na reflexão sobre o sentido da vida à luz da fé cristã em diálogo com a filosofia existencialista. Ao confrontar perspectivas filosóficas e teológicas, o artigo aponta para a compreensão bíblica da existência humana como orientada para a glória de Deus e para uma relação de sentido que transcende o imediato. Por fim, a edição se encerra

com reflexões que abordam o zelo religioso e a fé em contextos de crise. O estudo sobre o zelo destrutivo, escrito por **Samuel Cristian Hein**, alerta para os riscos de um ardor dissociado do amor, do conhecimento e da obediência, enquanto a análise do cântico de Habacuque, texto de **Mario José Duarte Conrado**, destaca a transformação do lamento em confiança e da angústia em adoração, reafirmando que “o justo viverá pela fé”, mesmo em meio às mais adversas circunstâncias.

Assim, esta revista oferece ao leitor um panorama teológico rico e integrado, no qual Bíblia, teologia e vida se encontram. Espera-se que os textos aqui reunidos contribuam não apenas para o aprofundamento acadêmico, mas também para a edificação da fé, o discernimento pastoral e o testemunho cristão responsável no contexto contemporâneo. Deus abençoe seu tempo de leitura!

Dr^a. *Marivete Zanoni Kunz*
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O TESTEMUNHO DOS PAIS NA EDIFICAÇÃO DE RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS

Parents' testimony in building meaningful relationships

Wellington Balbino Costa¹

RESUMO

O objetivo delineado no artigo visa analisar a prática dessa ação associada ao testemunho de fé dos pais para com os filhos, no processo da formação de relacionamentos saudáveis entre os membros da família e destes com Deus. O problema tem como pergunta a seguinte inquietação: de que maneira o testemunho de pais cristãos influencia o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e fundamentados na verdade das Escrituras? Na tentativa de resposta, é eleita a pesquisa bibliográfica que busca em fontes documentais e teóricas os argumentos e as fundamentações sobre o objeto. Ainda, aplica-se o método dedutivo que apresenta o estudo de uma forma mais ampla até chegar na sua especificidade: relacionamento familiar significativo. Diante dos argumentos levantados, considera-se que pais e filhos podem e devem estar em contato constante, aprendendo e compartilhando juntos a fé, o que requer investimento e dedicação no campo do ensino das Escrituras, bem como da aplicação de seus princípios em situações do dia a dia. Ao observar as atitudes dos pais, os filhos vão desenvolvendo a fé e aprendendo a confiar na ação de Deus.

Palavras-chave: Testemunho. Escrituras. Relacionamentos Significativos.

ABSTRACT

The goal outlined in the article is to analyze the practice of this action associated with the testimony of faith of parents to their children, in the process of forming healthy relationships between family members and between them and God. The problem has the

¹ Administrador, graduado pela Universidade Federal de Alagoas; Pastor e Teólogo graduado pelo Seminário Teológico Batista de Alagoas; e Master of Arts in Ministry (Mestre em Teologia) pela Carolina University, USA. E-mail: wellingtonbcosta@hotmail.com

following question as its concern: in what way does the testimony of christian parents influence the development of healthy relationships based on the truth of Scripture? In an attempt to answer this, bibliographical research was chosen, which seeks arguments and foundations on the subject in documentary and theoretical sources. Furthermore, the deductive method was applied, presenting the study in a broader way until reaching its specificity: meaningful family relationships. In view of the arguments raised, it is considered that parents and children can and should be in constant contact, learning and sharing faith with each other, which requires investment and dedication in the field of teaching the Scriptures, as well as applying their principles in everyday situations. By observing the attitudes of their parents, children develop faith and learn to trust in God's action.

Keywords: Testimony. Scriptures. Meaningful Relationships.

INTRODUÇÃO

O interesse por este estudo partiu de uma inquietação sentida por este pesquisador, durante as diversas palestras e aconselhamentos ministrados nos últimos vinte anos, nas mais variadas instituições religiosas. Esta mesma inquietação, pode ser percebida também por todos que amam e consideram a família uma criação de Deus, e que os defensores de uma sociedade pluralista têm desprezado essa ideia juntamente com a existência e soberania do próprio Deus.

A investigação levanta algumas temáticas que impulsionaram o pesquisador a escrever sobre o tema, referentes ao desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e estratégias viáveis para a sua prática no âmbito familiar. Esses temas refletem sobre o relacionamento dentro da família e a maneira como influencia o comportamento testemunhal de todos ou parte de alguns de seus membros. Por isso, tenta evidenciar que uma possível quebra na comunicação está sendo a causa, ou parte da causa que promove tantas disfunções sociais dentro das famílias cristãs.

Neste entendimento, o objetivo delineado no artigo visa analisar a prática dessa ação associada ao testemunho de fé dos pais para com os filhos, no processo da formação de relacionamentos saudáveis entre os membros da família e destes para com Deus. O problema tem como pergunta a seguinte inquietação: de que maneira o testemunho de pais cristãos influencia o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e fundamentados na verdade das Escrituras?

Na tentativa de resposta, é eleita a pesquisa bibliográfica que busca em fontes documentais e teóricas os argumentos e as fundamentações sobre o objeto. Ainda, aplica-se o método dedutivo que apresenta o estudo de uma forma mais ampla até chegar na sua especificidade: relacionamento familiar significativo. Na Palavra de Deus encontram-se várias passagens que fortalecem a importância da família na formação de cidadãos éticos e tementes a Deus, principalmente nas 13 cartas paulinas, em que o apóstolo Paulo desenvolve laços profundos com as famílias da época.

O artigo visa explicitar sobre a importância do testemunho dos pais na prática comunicativa, visando à construção de relacionamentos familiares saudáveis, o que requer lançar mão de critérios na promoção deste intento. Esses critérios podem ser extraídos das

Escrituras, reconhecendo que é no âmbito familiar que se tem os primeiros contatos com a fé declarada pelos pais.

1. AS CASAS COMO ESPAÇOS SIGNIFICATIVOS PARA O TESTEMUNHO SOBRE A PALAVRA DE DEUS

Na época do apóstolo Paulo, é relatado que as estruturas das casas seguiam o modelo romano, tendo em vista que “a maioria desses lares assumia forma de átrio romano, uma série de quartos um em frente ao outro, ao redor de um pátio com uma pequena piscina ou fonte”.² Semelhantemente às casas romanas, as judias, ou seja, dos mais afortunados da mesma época, também possuíam esse designer para que a claridade do sol pudesse adentrar aos demais cômodos da casa. A casa, portanto, era um espaço de convivência e circulação de pessoas.

O apóstolo Paulo utilizou muitas vezes os espaços das casas para anunciar as Boas Novas de Cristo. As casas, principalmente as grandes casas judaicas, por terem um pátio, podiam abrigar muitas pessoas que ainda não tinham escutado ou tinham dúvidas quanto à missão do Filho de Deus. Era uma excelente oportunidade para a pregação do Evangelho, como mostra em Atos 16.15b: “Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa”.

Outras passagens também testificam o quanto as casas eram importantes para a propagação do Evangelho e do testemunho do que Cristo pode fazer na vida daqueles que nele creem, a exemplo de Atos 18.1-11:

¹ Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto.

² Ali, encontrou um judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los

³ e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas.

⁴ Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos.

⁵ Depois que Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo.

⁶ Opondo-se eles e lançando maldições, Paulo sacudiu a roupa e lhes disse: “Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios”.

⁷ Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga.

⁸ Crispo, chefe da sinagoga, creu no Senhor, ele e toda a sua casa; e dos coríntios que o ouviam, muitos criam e eram batizados.

⁹ Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: “Não tenha medo, continue falando e não fique calado,

¹⁰ pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade”.

² BIFANO, Gilson. A importância da família no ministério paulino. **Revista Família - Uma visão de Paulo**. Rio de Janeiro: OIKOS, 2008, p. 9.

¹¹ Assim, Paulo ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus.

A narração no livro de Atos conta que quando Paulo foi recebido por Tício Justo em sua casa, ficando ali por mais de um ano, ele ficava “ensinando-lhes a palavra de Deus” (At 18.11b) a todos que lhe abriram os ouvidos. A designação das palavras gregas “*oikos* ou *oikia*”, atribuída pelo apóstolo Paulo, faz referência à casa como um espaço de convivência da família, estendendo até para outras pessoas que rodeavam aquelas casas, como: “parentes, trabalhadores, contratados, escravos, sócios, amigos e clientes da família”.³

Quando se olha para as ações de comunicação que o apóstolo Paulo utilizou na época para atingir seus objetivos de propagação do Evangelho, pode-se observar essas e outras ações como meios válidos para a transmissão da mensagem e que foram mediados pelo testemunho de vida. Por analogia, é possível estender aos pais, que mesmo sem falar uma só palavra aos seus filhos, testemunham de sua fé a partir do exemplo apresentado em seus relacionamentos.

Defende-se que o testemunho não pode ser considerado como uma difícil tarefa ou missão, principalmente, porque ele se associa a uma expressão de fé, que precisa demonstrar a aplicação dos princípios. Testemunhar é viver sob uma base confiável, que é Cristo. Essa é uma prática cristã que pode ser vista nas cartas escritas pelo apóstolo Paulo na orientação e ensino a ser efetivados no contexto das famílias. As casas daqueles que aceitaram a Cristo como seu Salvador e Redentor, devem ser espaços onde a evangelização e a conservação da fé de toda a família necessitam ser mantidas, o que requer um trabalho contínuo de ensino, orientação, disciplina e zelo pelos princípios que fundamentam a fé cristã.

Sabe-se que o pecado foi a origem do mal que atacou a criação de Deus, principalmente a instituição família. Albertacci comenta que:

A vida familiar de Adão e Eva era perfeita, porém o pecado trouxe a disfunção para o seio da família. Depois da Queda podemos ver sentimentos como o medo, a culpa e a vergonha, perturbando a convivência do casal (Gn 3.3-12). O pecado sempre faz o relacionamento familiar adoecer. Há muitos lares doentes, onde a família deixou há muito tempo de ser um local de acolhimento, proteção e cuidado devido aos pecados não confessados e não abandonados. Essas transgressões causam culpa e separam as famílias da comunhão com Deus.⁴

Na perspectiva bíblica, edificar um relacionamento saudável entre pais e filhos é ensinar os filhos a observarem princípios e valores, mantendo boas condutas éticas. É disciplinar e explicar sobre o sentido de ser e permanecer obediente e temente a Deus. Albertacci faz um significativo comentário de que “a missão bíblica de ter filhos vai além do ato físico de ter bebês. Ela pede que as crianças tenham uma criação devota, [...] amorosa e carinhosa”.⁵ Adei

³ BIFANO, 2008, p. 9.

⁴ ALBERTACCI, Jorge. **A família cristã no século XXI**. Disponível em <https://www.jorgealbertacci.com.br/a-familia-crista-no-seculo-xxi---lico-es-biblicas-cpad---2--trim-2013.html>. Acesso em 12/06/2023.

⁵ ALBERTACCI, 2023.

escreve que “os casais cristãos devem servir a Deus juntos, criar filhos devotos, manter a casa e servir na igreja e na comunidade [...]”.⁶

Não se pode deixar de perceber o grau de importância que cada casa, família tem no processo de propagação das Boas Novas e de obediência à Palavra de Deus. Começa-se sempre com os de casa. No entanto, quando há negligência desse processo missional ocorre a desestabilização e a desestruturação da família. É, nesse sentido, que se ressalta a necessidade de os princípios bíblicos sejam vividos e observados, primeiro pelos pais, depois pelos filhos.

Os lares de hoje necessitam voltar a ser um local que contribuem para a formação e o desenvolvimento de um relacionamento saudável, a fim de que possa ser constantemente influenciado positivamente pelo testemunho de seus pais. A referência dos pais é vital para que ocorra o crescimento integral dos filhos, incluindo a fé.

O próximo tópico analisa a finalidade e a importância de os pais manterem um testemunho vivo, santo e agradável a Deus na edificação de relacionamentos com seus filhos, sendo exemplos em consonância com as Escrituras.

2. A FINALIDADE DO TESTEMUNHO DOS PAIS SEGUNDO AS ESCRITURAS

O alicerce que sustenta a família cristã tem sido abalado nos últimos tempos. E pais têm o dever de inculcar na mente de seus filhos o que eles sabem sobre a vontade de Deus em suas vidas, alertando sobre a importância do casamento monogâmico e da família, e que:

A partir do casamento, forma-se uma unidade social de desenvolvimento, num contexto de mutualidade. O casamento na Bíblia, é entendido como uma união vitalícia entre um homem e uma mulher. Uma união que envolve físico, emocional e espiritual, e, logicamente, a união de duas histórias, com emoções, temperamentos, personalidades com reações, habilidades, talentos, dons e respostas diferentes a um mesmo problema ou situação.⁷

Testemunhar conduzindo os filhos dentro da vontade do Senhor, é de responsabilidade direta de todos os pais, sem que haja a interferência humana neste processo, apenas a vontade de Deus segundo as Escrituras. Existem várias passagens na Bíblia Sagrada revelando qual é a vontade de Deus para a família, e por conseguinte, para o lar. Uma excelente citação, trazida por Bifano, reafirma a importância do lar como base para qualquer igreja local:

Enquanto Paulo afirma a existência de uma igreja na casa de uma família em particular e enquanto, para Paulo, aquela igreja doméstica continua sendo a célula básica da igreja local, ele claramente quer que aquelas igrejas formem um corpo junto com as outras dentro da igreja da cidade. Em vez de um grupo de igrejas domésticas fechadas umas para com as outras.⁸

Há a crença no meio cristão de que é possível que toda a família consiga se submeter ao senhorio de Deus, mas isso não ocorre de forma generalizada, antes é um processo contínuo

⁶ ADEI, S. **Seja o líder que sua família precisa**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 108.

⁷ RODRIGUES, Cioli Frickes. O alicerce que sustenta a família cristã. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 137-139.

⁸ BIFANO, 2008, p. 11.

em que não se tem um resultado sempre satisfatório, pois ele envolve decisão individual, não imposição. Isso indica que a fé cristã não é transmitida como se fosse uma tradição hereditária, ela requer posicionamento e convicção.

Reconhece-se, que a família é considerada a base para a divulgação do Evangelho. Entretanto, é preciso manter a direção constante nas Escrituras, porque ela se apresenta como o parâmetro a ser alcançado nos relacionamentos e que se ancora na submissão a Deus. Albertacci escreve que:

Ninguém consegue vencer o Diabo sem antes ser submisso a Deus e à Sua Palavra, e não há atalhos para essa vitória. Uma pessoa que resiste aos mandamentos divinos ou os despreza é alvo fácil das ciladas malignas, e isso pode ser ainda mais sério na família do cristão. É um mito imaginar que seremos vitoriosos quando resistirmos aos ataques do Inimigo se não tivermos o menor interesse de, antes, sermos submissos a Deus e à Sua Palavra.⁹

Na Bíblia Sagrada, está assim escrito sobre a educação a ser desenvolvida pelos pais aos seus filhos: “[...] criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4b). Dizem os estudiosos que o objetivo da disciplina é auxiliar os filhos no crescimento. “Não é fácil ser um bom pai [...] – é necessária muita paciência para criar filhos em um lar amoroso que honre a Cristo”.¹⁰ Educar os filhos envolve uma missão e isso requer tempo e investimento. O comentário bíblico sobre Efésios 6.4 ressalta que:

[...] criar-nos na disciplina e na admoestação do Senhor [...]”. No grego, o verbo [...] significa criar, nutrir, cuidar (principalmente) com o sentido de cuidar, pois ali se fala da atitude de um homem para com seus filhos. Mas, aqui está em foco a criação de filhos, a responsabilidade que têm os pais de criar seus filhos dentro do caminho cristão, desde a infância até à maturidade.¹¹

É defendido na sociedade que uma geração é quem realiza todo o trabalho de preparar a terra, colocar a semente, e até regar para auxiliar no seu desenvolvimento, em resumo, que planta as árvores. Mas, em geral é uma outra geração que desfrutará da sombra e, possivelmente dos frutos dessa árvore. Existe uma verdade nessa lógica apresentada, é que essa geração está vivendo, quase que completamente, à sombra de muitas árvores que, no passado, tiveram todo o processo de plantação realizados pelos seus antecedentes, aqueles que muitos, dessa geração, não estão respeitando como autoridade em suas vidas. Esta geração não está mais plantando árvores? Ou será que essas árvores não são as que gerarão sombras para as futuras gerações? O que está sendo aproveitado de toda essa sombra estrategicamente deixada pelas gerações passadas? McArthur escreve assim:

Não há dúvida de que a sociedade como um todo está em um estado grave de declínio moral e espiritual. Assim, a questão que os pais cristãos enfrentam hoje é se podemos plantar algumas árvores que darão sombra

⁹ ALBERTACCI, 2023.

¹⁰ **BÍBLIA DE ESTUDO:** Aplicação Pessoal. São Paulo: CPAD, 2004, p. 834.

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado:** versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, vol. 4, p. 637.

para as futuras gerações, protegendo-as do calor causticante dos valores anticristãos em um mundo anticristão.¹²

O verso que está em Êxodo 20.12, que trata do conhecido mandamento com promessa, “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor de dá”, revela algo que algumas gerações cristãs passadas, assim como a atual, não observam mais com o mesmo carinho e respeito que se espera dos filhos. Talvez, esse seja o fato de muitos pais não serem mais o referencial de testemunho para seus filhos e resgatar essa possibilidade é crucial para que a família não continue em decadência, “assistindo à morte da célula fundamental de toda a civilização, a família”.¹³

Chapman disse que “para o bem ou para o mal, nossos pais e sogros fazem parte de nossas vidas de maneira íntima e indissociável”.¹⁴ O princípio de honrar pais e mães começa pelos próprios pais, que devem ser o exemplo, honrando os seus respectivos pais, até mesmo na presença dos seus filhos, para que isso lhes sirva de inspiração e de alegria.

Observa-se que muitos homens e mulheres no decorrer da história das famílias, têm se transformado em exemplos a serem seguidos, pessoas que ao passar por esta terra foram usadas por Deus para serem benção na vida de outros. Não importando muitas vezes o destino dos que estão sendo abençoados ou a origem dos abençoadores. O que importa é o seu testemunho em conformidade com a vontade de Deus.

Todos podem ser uma testemunha para alguém. Um exemplo a ser seguido e copiado. O que se espera dos pais de hoje, é que todos possam ser imitadores de Cristo, a exemplo dos profetas e discípulos bíblicos, e assim seus descendentes também poderão olhá-los com olhos de contentamento, querendo ser semelhantes aos seus pais. Levando “a sua bandeira (de Cristo), com a Bíblia aberta, a todo mundo”.¹⁵ Esse deveria ser o maior testemunho que os pais devem dar aos seus filhos.

Em um vídeo, disponibilizado para a campanha do mês da família de 2009, promovida pelo Ministério OIKOS, há uma citação de Coelho Neto que diz: “É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais”.¹⁶ Neste pequeno vídeo, vários filhos testemunham o que os pais representam para eles. Alguns consideram os pais um grande exemplo, cumprindo o que as Escrituras atestam, quando orienta que os filhos honrem seus pais para que se prolongue seus dias aqui na terra (Êx 20.12).

Inversamente, são os filhos que declaram que gostariam que os pais nunca existissem, visto que eles atrapalham o seu desenvolvimento. Ainda, este vídeo mostra o porquê de muitos filhos pensarem exatamente assim de seus genitores e as razões são as seguintes: eles não entendem os pais, porque ainda não experimentaram tal papel; eles não vivem

¹² MACARTHUR, John. **Pais sábios, filhos brilhantes**: como educar seus filhos de acordo com a Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014, p. 13.

¹³ MACARTHUR, 2014, p. 15.

¹⁴ CHAPMAN, Gary. **O casamento que você sempre quis**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 121.

¹⁵ Final do Juramento à Bandeira Cristã. Uma das três bandeiras que a Organização Embaixadores do Rei, da Convenção Batista Brasileira.

¹⁶ Ministério OIKOS. **Pais e filhos**: a história real em todos os ângulos. Rio de Janeiro: OIKOS, 2009. Vídeo (00 h 08 min 36 s).

relacionamentos saudáveis e fraternos em família; existe distorção de caráter, visto que os pais não vivem o que ensinam.¹⁷

Quando se possui um bom testemunho e tem a Palavra de Deus como lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119.105), desenvolver um relacionamento saudável torna-se menos complicado para qualquer ser humano, ainda que haja entre todos os componentes da família, àqueles que não estão caminhando na mesma direção espiritual e religiosa. É que o próximo tópico desenvolverá dentro do tema que trata do processo de construção de relacionamentos saudáveis.

3. A COMUNICAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS ENTRE PAIS E FILHOS

É fácil constatar que a responsabilidade dos pais no desenvolvimento dos seus filhos, é muitas vezes maior do que se pode imaginar. Mas há um Deus que possibilita, por intermédio da sua grande misericórdia (Lm 3.22) e do seu enorme amor (Jo 3.16), que se possa adquirir conhecimentos que facilitam o exercício dessa honrosa missão.

Todo aquele que vem ao mundo, não escolhe qual família pertencer. Eles nascem e começam a serem educados em uma família que os abraçam com muito amor. Neste processo, os seus responsáveis diretos, e acredita-se que abençoados por Deus, passam a ser seus provedores, não apenas na questão financeira, mas, principalmente, no afeto que contribui para que aquele novo ambiente, onde essas crianças estão inseridas, se torne favorável para que haja o desenvolvimento esperado por todos.

Os pais possuem essa abençoada missão e o lar foi constituído por Deus, o Criador de tudo. Por esse motivo que o lar é considerado a célula mater de uma sociedade, tal como expresso no documento emitido pela denominação Batista:

O lar foi constituído por Deus como unidade básica da sociedade. A formação de lares verdadeiramente cristãos deve merecer o interesse particular de todos. Devem ser constituídos da união de dois seres cristãos, dotados de maturidade emocional, espiritual e física e unidos por um amor profundo e puro. O casal deve partilhar ideais e ambições semelhantes e ser dedicado à criação dos filhos na instrução e disciplina divinas. Isso exige o estudo regular da Bíblia e a prática do culto doméstico. Nesses lares o espírito de Cristo está presente em todas as relações da família.¹⁸

O Documento Batista em questão alerta e até mesmo exorta a todos que fazem parte das igrejas batistas e seus líderes eclesiais e espirituais que:

As Igrejas têm a obrigação de preparar jovens para o casamento, treinar e auxiliar os pais nas suas responsabilidades, orientar pais e filhos nas provações e crises da vida, assistir àqueles que sofrem em lares desajustados, e ajudar os enlutados e encanecidos a encontrarem sempre um significado na vida.

¹⁷ Ministério OIKOS, 2009, (00 h 02 min 42 s).

¹⁸ **Princípios Batistas:** O Cristão e Seu Lar. Disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em 15/06/2023.

O lar é básico, no propósito de Deus, para o bem-estar da humanidade, e o desenvolvimento da família deve ser de supremo interesse para todos os cristãos.¹⁹

Em uma pastoral dirigida aos pais, Coelho Filho os exorta a não levarem ruína a sua família, principalmente, aos filhos que estão sob a sua responsabilidade. Ele enfatiza que:

Houve um homem que se orgulhava de ser liberal e moderno e não dar a seus filhos nenhum valor moral. Isto era repressão. Religião, então nem falar. Era atraso de vida, coisa de gente burra. Quando o filho se viciou em droga, ele, orientado por um desses “gurus” da mídia, passou a se drogar com ele, para que ele não se drogasse na rua e contraísse AIDS. O filho, que precisava de um pai sério e não de um pateta, suicidou-se. O pai “pirou”. Isto sucedeu mesmo. E mostra algo: muitos pais não têm valores para passar aos filhos. Dão-lhes coisas, mas não lhes dão conteúdo. [...] Pouco se fala sobre responsabilidade e valores. Depois, fazem passeatas com gente vestida de branco, pedem “paz” em camisetas e usam frases de efeito. Nossa igreja tem valores a passar às crianças. Sua estrutura de ensino cristão é montada a partir do berço. Temos classes para educação cristã de crianças desde que estas começam a entender. [...] Temos objetivos. Queremos que cada criança seja espiritual e emocionalmente sadia. Ensinamos a amar a Deus e amar ao próximo. Queremos levar as crianças a terem valores espirituais que se reflitam nos seus valores sociais. Queremos que sejam pessoas ajustadas. Com Deus e com os outros. [...] Os grandes atos de Deus na Bíblia começaram com o nascimento de uma criança: Moisés, Samuel, Sansão, Josias, João Batista e Jesus. Deus sempre começou seus grandes movimentos com uma criança. Que valor elas têm!²⁰

Ele continua a pastoral, perguntando aos pais e responsáveis legais, se eles têm objetivos para o desenvolvimento de seus filhos. E até faz um apelo:

Traga seus filhos à igreja. Aqui ele ouvirá bons ensinamentos que acrescentam algo à vida. Uma igreja sadia é um ótimo lugar para se viver. Mas não a use como creche. Venha com eles. É um lugar para sua família! [...] Não negligenciem o futuro espiritual deles! Vocês precisam dar valores espirituais às crianças que Deus lhes confiou! Se falharem, elas serão prejudicadas, e Deus lhes cobrará a negligência!²¹

A atitude de buscar desenvolver os filhos enquanto ainda houver tempo, para que não se venha remendar homens no futuro é o esperado por Deus. Em sua Palavra, ele não questiona a importância do lar e dos pais neste processo, “cabe aos pais, de forma plena, assumirem este papel distinto e excelente na formação moral e espiritual dos filhos, num convívio harmonioso”.²² No entanto, se esses não estão realizando seu trabalho a contento, a igreja sendo a instituição responsável pelo direcionamento espiritual e até atuando muitas

¹⁹ Princípios Batistas, 2023.

²⁰ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Não arruíne a vida de seus filhos!** Disponível em <https://www.isaltino.com.br/2012/03/nao-arruine-a-vida-de-seus-filhos/>. 2012.

²¹ COELHO FILHO, 2012.

²² RODRIGUES, Cioli Frickes. A criação de filhos. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020, p. 149.

vezes no campo moral e social, realizará o trabalho de exortar esses responsáveis legais a assumirem essa honrosa missão.

Em uma das revistas da EBD da Assembleia de Deus no Brasil, observa-se a eleição do tema “Criando filhos saudáveis”. Nela, consta a verdade bíblica que “A vontade de Deus é que os pais eduquem seus filhos de acordo com os princípios divinos, a fim de que eles cresçam de maneira saudável e equilibrada”.²³ Isso evidencia que não somente a denominação Batista, mas outras denominações evangélicas investem na educação dos filhos, por isso procuram exortar os pais na busca por desenvolverem um relacionamento saudável com seus filhos.

Há alguns exemplos e ações de comunicação que podem ser aplicados pelos pais neste processo de desenvolvimento dos filhos, e que, provavelmente, contribuirão para um relacionamento saudável a ser efetivado por meio do testemunho de vida. No entanto, se deve olhar para algumas situações a partir da Palavra de Deus, que são consideradas negativas e verificar a sua recomendação e ou orientação, no sentido de não as praticá-las, a fim de preservar o desenvolvimento deste relacionamento muito mais proveitoso.

A família de Jesus Cristo aqui na terra era considerada uma família normal naquele contexto. “O casamento deles aconteceu depois que o anjo do Senhor revelou a José que sua noiva estava grávida e o filho do seu ventre fora gerado pelo Espírito Santo”.²⁴ Foi em uma família normal, fundada por Deus no princípio, que Jesus Cristo cresceu e se desenvolveu, por isso, que: “Olhando para o desenvolvimento de Jesus em sua família, podemos aprender que a educação de filhos cristãos tem a ver com o desenvolvimento emocional, social e, principalmente, espiritual”.²⁵

Durante a infância, a criança está em pleno desenvolvimento em todas as áreas. Isso pode ser constatado no processo de formação de Jesus, descrito no evangelho lucano: “E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2.40). Ainda, não se pode esquecer que “A família de Jesus é um exemplo de boa formação familiar”.²⁶ Seus pais participaram, seguindo a tradição judia, efetivamente da sua formação.

Ainda há aqueles pais que não orientam seus filhos sobre a importância de uma vida espiritual, de devoção ao Senhor dos senhores, antes de completar os dezoito anos e ainda lhes dão o direito de “ficar em casa”, enquanto ainda estão sob a sua responsabilidade. É triste constatar que muitos desses pais, estão hoje olhando para o passado e percebendo que poderiam ter tomado outras atitudes.

Existem, ainda, outras situações que não corroboram com um desenvolvimento saudável, como evitar usar a palavra “errado”, diante de momentos que necessitam que ela seja dita, pois pode desenvolver na criança um complexo de culpa, e na adolescência, quando seu filho errar e outros reclamarem, ele vai se sentir perseguido e que todos estão contra ele. Até quando, muitos pais, mesmo os que já se consideram cristãos, vão permitir que as

²³ LIÇÕES BÍBLICAS - Professor. **Relacionamentos em família**: superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p. 84.

²⁴ LIÇÕES BÍBLICAS, 2023, p. 86.

²⁵ LIÇÕES BÍBLICAS, 2023, p. 89.

²⁶ LIÇÕES BÍBLICAS, 2023, p. 90.

intervenções do mundo lhes digam como agir com seus filhos, excluindo a Bíblia Sagrada? “Os pais precisam ter essa consciência de que está sob a sua responsabilidade prover o ambiente propício para que os filhos se desenvolvam de maneira saudável e geral”.²⁷

Em casa, não se pode tirar do filho a sua responsabilidade. É necessário que ele se ocupe com tarefas que sejam compatíveis ao seu desenvolvimento. Isso possibilita que cresça assumindo tarefas. Se isso não for feito, é possível que o filho esteja criando nele a tendência natural, que vem desde o pecado no Jardim do Eden, de jogar sobre outros todas as suas responsabilidades.

Se os pais procurarem ler mais a Bíblia Sagrada e viverem consoante seus princípios com maior intensidade em suas vidas, isso ajudará os filhos em diferentes áreas, desde a física, emocional, espiritual e até financeira. É importante mostrar aos filhos que as Escrituras revelam o plano providencial de Deus. Nelas, é possível extrair ensinamentos valiosos e que podem auxiliar na convivência e nos relacionamentos.

A partir da direção dos pais dentro de sua família, é importante ressaltar sobre a necessidade de construir limites para os filhos, a fim de que possam crescer de maneira saudável. Segundo Rodrigues, estes limites “criam o senso de autocontrole” e formam um “senso de determinação”.²⁸ Os dez mandamentos, o Livro de Provérbios, e tantos outros recursos podem servir como balizadores nesse processo. Tanto as orientações como os ensinamentos ajudam os pais a apresentarem e estabelecerem limites aos seus filhos.

As orientações e os ensinamentos bíblicos podem ser utilizados, sem nenhuma restrição e efeitos colaterais negativos, visto que apresentam o propósito de Deus para o ser humano. Neles, fica claro que há uma missão no processo formativo a ser considerada; e essa é que as gerações possam conhecer a Deus e glorificá-lo. Pazmiño ressalta que o “alvo final é provocar amor a Deus manifestado em lealdade e obediência”.²⁹

Um outro exemplo é a prática da obediência e que se verifica na comunicação estabelecida entre pais e filhos. Afinal, a obediência não se restringe apenas ao não fazer, mas envolve as expressões de todo o corpo que se comunica. “A obediência aos pais tem o sentido de ‘alinhar-se debaixo por dever’”.³⁰ Ainda sobre a obediência, Ezzo destaca que:

A obediência é um “mestre temporário”, que conduz a criança a moldar-se através de meios externos até que ela esteja moralmente preparada para obedecer, dirigida pelos controles do coração. Na época certa, a criança deve trocar a obediência pela submissão.³¹

Kemp corrobora com a citação de Ezzo com relação a este substantivo que define a ação de quem obedece, de “quem dá ouvidos à voz de Deus (Êx 19.5); [e que] manifesta-se através da submissão (Rm 13.1)”,³² quando ele diz que “Os filhos precisam entender que Deus quer

²⁷ LIÇÕES BÍBLICAS, 2023, p. 89.

²⁸ RODRIGUES, 2020, p. 149.

²⁹ PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 20.

³⁰ RODRIGUES, 2020, p. 150.

³¹ EZZO, Anne Marie; EZZO, Garry Marie. **Educação de filhos à maneira de Deus**. São Paulo: UDF, 2004, p. 28.

³² CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2011, vol. 4, p. 561.

que eles aprendam a viver debaixo da liderança e autoridade dos seus pais”.³³ A obediência dos filhos pode servir como exemplo da comunicação eficaz e que atuou no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

Reitera-se que o papel dos pais no desenvolvimento dos filhos não para nunca, mesmos estes já crescidos e donos de suas próprias vidas, obterão as mesmas responsabilidades ou semelhantes a dos seus pais. São inúmeros textos das Escrituras que abordam sobre a responsabilidade dos pais sobre a educação dos filhos. Isso indica que “o processo de educação das gerações é considerado por Deus como uma condição indispensável para formação do caráter e da fé”.³⁴

O importante a destacar é que Jesus Cristo seja o centro de suas vidas. Ele pode e quer continuar a fazer a diferença em todas as famílias, em especial, naquelas que têm nele a referência e o reconhecem como Senhor, mestre e redentor. Assim, compete a cada um fazer a sua parte. Pais procurando ser exemplo pelo testemunho, e os filhos sendo obedientes e honrando seus pais (Ef 6.1-4). A família sairá ganhando nesta jornada, em constante crescimento nos relacionamentos que se tornarão saudáveis entre seus membros e todos que por eles foram abençoados.

Defende-se que “o propósito da família é o de prover um ambiente seguro para o crescimento, como também prover princípios e o desenvolvimento da próxima geração”.³⁵ Assim, ao desenvolver um relacionamento familiar saudável, os filhos, e ampliando para todos os descendentes desta família, passam a ter uma formação diferenciada, que biblicamente foi apresentada quando na ocasião em que Deus necessitou lembrar ao seu povo do que ele havia realizado, a fim de encorajá-los a dedicarem sua vida, totalmente a ele, isto é o que se discute no próximo tópico.

4. O EXEMPLO DE VIDA DOS PAIS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS FILHOS E ALGUMAS ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Amar a Deus sobre todas as coisas e de todo o coração foi um dos ensinamentos ministrados por Moisés em sua missão desenvolvida junto ao povo de Israel durante anos, contudo, recebeu como resposta deste mesmo povo, uma total descrença diante da fidelidade desse misericordioso Deus demonstrada em vários momentos, quando este povo não observava ou desobedecia aos seus mandamentos. Na passagem de Deuteronômio 6.1-9, observa que Moisés “continua a ensinar os mandamentos, que o povo deve transmitir aos seus filhos”.³⁶

Reconhece-se que o verso que todos os pais deveriam ter encravado em seus corações, aponta para o valor do ensino das Escrituras e “o contexto para este ensino era o lar, em que as pessoas aprendem a relacionar sua fé em Deus com toda a sua vida”. Assim, cabe aos pais

³³ KEMP, Jaime. Filhos biblicamente educados. **Revista Família - ideia de Deus**. Rio de Janeiro: Grafê, p. 42.

³⁴ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Didática e educação cristã**. Curitiba: Olsen, 2021, p. 61.

³⁵ COPE, Lande. **Modelo social do Antigo Testamento**: redescobrimos os princípios de Deus para discipular as nações. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007, p. 127.

³⁶ DAVIDSON, 1997, p. 234.

ensinar³⁷ “com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Dt 6.7). Ainda é possível identificar uma ordem que alerta os pais para que jamais desistam de falar o que está registrado na Palavra de Deus, pois é ela que traz segurança, convicção e paz ao coração.

Olhando para esta atitude de Moisés diante da ordem explícita de Deus para com o povo escolhido, percebe-se que continha ali uma preocupação visionária do próprio Deus com relação ao ensino das Escrituras Sagradas e o que nela há direcionado aos pais para os filhos. MacArthur assim escreveu:

Uma das piores coisas que os pais podem fazer é se permitirem pensar que outra pessoa poderia apresentar melhor o Evangelho para seus filhos, abdicando assim de sua responsabilidade mais crucial, perdendo as melhores oportunidades de alcançar seus filhos e deixando passar as melhores bênçãos da paternidade.³⁸

Investir nos descendentes, foi o que aquele povo fez no passado, transmitindo oralmente, basicamente, tudo o que sabiam para que não se perdesse ao longo do caminho. É do conhecimento de que estas influências advindas das Escrituras já alcançaram muitos, o que indica a efetividade do ensino na prática da educação desenvolvida pelos pais aos filhos. Entende-se que é no processo educativo efetivado pelos pais aos filhos, que se incorpora “os valores e as crenças que são demonstrados em casa, sejam eles intencionalmente ensinados pelos pais ou não”.³⁹

Infelizmente, em muitos contextos, observa-se o distanciamento do plano providencial de Deus no processo da formação das gerações, o que requer dos pais atenção com o que os seus filhos vêm absorvendo da sociedade. É preciso sinalizar sobre os ensinamentos que distorcem a verdade de Deus. Assim, se faz necessário olhar essa situação e fazer o que o apóstolo Paulo disse aos seus irmãos que se encontravam em Roma:

Portanto, irmãos, rogo-lhe pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.1-2).

Este é o momento, presente, para que os pais invistam todo o tempo necessário e oportuno para ensinar, até e, principalmente, através da prática, o que Deus quer para cada família, e, individualmente, para cada cristão. Essa é uma missão a longo prazo e que se espera dos pais o investimento de tempo integral neste processo educacional e formativo de seus filhos.

Grudem afirma que “Um homem sábio que se prepara para o casamento busca orientação num homem mais velho, mais sábio, que seja marido e pai bem-sucedido”,⁴⁰ isso

³⁷ PAZMIÑO, 2008, p. 22.

³⁸ MACARTHUR, 2014, p. 49.

³⁹ COPE, 2007, p. 134.

⁴⁰ GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Família fortes, igrejas fortes: os desafios do aconselhamento familiar**. São Paulo: Vida, 2005, p. 64.

é uma prova de que os pais quando conseguem ser o exemplo de vida na formação integral dos filhos sentem neles um porto seguro nas decisões importantes em suas vidas.

MacArthur chama a atenção para os pais que não pensam na evangelização de seus filhos, como também daqueles que por eles podem ser alcançados, somente percebem essa necessidade, quando a igreja ou alguma campanha missionária é realizada. Como também deixam apenas para os professores da escola bíblica ensinarem aos seus filhos sobre as verdades deste Evangelho.⁴¹

No dia a dia de toda a família, sempre haverá oportunidades para se falar e demonstrar o que Jesus tem realizado na vida dos pais. Bênçãos sobre bênçãos o Senhor tem dado àqueles que o temem e o servem. E essas ações divinas, como tudo na vida do cristão, precisam ser ditas e ensinadas aos seus pares. Assim, os filhos crescerão vendo e entendendo que Cristo é muito mais do que um homem que por aqui passou, discursou, foi cravado em uma cruz, e que ao terceiro dia ressuscitou. Ele é o motivo da existência e da fé ora abraçada.

Em alguns pais falta a determinação de ser um influenciador na vida de seus descendentes. Há uma frase bastante verdadeira de que não se pode mudar seu cônjuge ou qualquer outra pessoa, inclusive, os pensamentos dos filhos. Mas, é igualmente verdade que se pode causar influência na vida deles.⁴² Chapman escreveu:

[...] devemos, primeiro, reconhecer que não podemos mudar diretamente a personalidade ou o comportamento [...]. Não podemos controlar a maneira de ele pensar ou se sentir nem as palavras que saem da boca dele. Podemos fazer pedidos, não temos garantias de que [...] responderão positivamente aos nossos clamores.⁴³

Um sinal que se torna perceptível aos que já aceitaram Cristo, como seu Salvador, é que para se ter uma relação saudável na família, faz-se necessário ensinar e pôr em prática todo o conselho que Deus já registrou na sua Palavra. E pode-se começar por aquela ordem, que muitos a chamam de “A grande comissão”, em Mateus 28.19-20:

Portanto, ide, ensinais todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!

Acontece que muitos estão à procura do algo simples, do “evangeliquês”, a maneira moderna de resumir sistematicamente o plano de salvação, sem se importar com as verdades. O arrependimento dos pecados é o primeiro passo em uma conversão, seguido pelo reconhecimento de que sem Jesus não se poderá obter a redenção destes pecados. É preciso ir contra a banalização do evangelho e apresentá-lo como resposta de esperança. Contra a prática de um evangelho esvaziado de sentido, MacArthur comenta que:

Algumas vozes espirituais influentes no “evangeliquês” moderno argumentaram que essas verdades (e outras, inclusive o senhorio de Cristo,

⁴¹ MACARTHUR, 2014, p. 50.

⁴² CHAPMAN, Gary. **As quatro estações do casamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 177.

⁴³ CHAPMAN, 2006, p. 177.

o seu chamado a uma entrega e o alto preço do discipulado) são estranhas ao Evangelho.⁴⁴

Em uma palestra para os pais, proposta pelo Ministério OIKOS para o mês da família 2014, com o tema “seja um bom técnico para seu filho”, fundamentado no texto bíblico de 1 Timóteo 1.1ss, o objetivo foi procurar conscientizar os pais sobre a importância de treinar e educar os filhos para seguirem caminhos aprovados por Deus.⁴⁵ A intenção era de que:

Pais que desejam ser bons técnicos para seus filhos devem alertá-los sobre seus adversários. Um técnico de futebol gasta horas vendo vídeos de jogos de seus próximos adversários. Embora haja no mercado empresas que facilitam este trabalho, um bom técnico tem que conhecer os próximos adversários e alertar seus atletas sobre como superá-los.

Paulo alerta a Timóteo sobre os adversários que ele iria encontrar pelo caminho. Pais que querem ser técnicos precisam alertar seus filhos sobre os adversários que eles enfrentarão no decorrer da vida. São muitos os adversários, como, por exemplo: Drogas, corrupção, homossexualismo, secularismo, ateísmo, pornografia e tantos outros.⁴⁶

A partir disso, pode-se dizer que é tarefa dos pais incentivarem os filhos a não desistirem no percurso da sua trajetória aqui na terra, mediante as muitas dificuldades que eles terão. Ensiná-los a serem excelentes filhos é uma responsabilidade a ser assumida pelos pais, por isso, esse é um passo importante no processo do testemunho que os pais devem deixar aos seus filhos. Não se pode esquecer que nesta formação integral dos filhos, os pais devem ser o melhor conselheiro para eles.

Os pais precisam procurar ser uma grande influência para seus filhos, isso é essencial que ocorra até à fase da adolescência, visto que essa ação não gerará tanto resultado depois dos primeiros 16 anos, por ser uma fase, em que a ansiedade, que gera um transe tecnológico, faz com que muitos procurem mais estar antenados à tecnologia do que aos seus pais. Sobre isso, Rodrigues alerta que “a dependência tecnológica é o estágio em que o indivíduo não consegue controlar mais o próprio uso da internet (e afins), ocasionando sofrimento intenso e ou prejuízo significativo em diversas áreas da vida”.⁴⁷

O testemunho dos pais na formação integral dos filhos não pode e nunca deveria ser ignorado. Essa observação é pertinente, uma vez que a prova deste ignorar estão nos diversos relatos, dentro dos gabinetes pastorais, de famílias desajustadas, tanto no âmbito emocional, financeiro e, principalmente, espiritual. Este último, conduz muitos a um distanciamento da igreja e, conseqüentemente, a não observância de diversos mandamentos que se encontram na Bíblia Sagrada. Essa constatação evidencia que o “papel destinado aos pais no processo

⁴⁴ MACARTHUR, 2014, p. 53.

⁴⁵ Ministério OIKOS. **Palestra para pais**. Seja um bom técnico para seu filho. Rio de Janeiro: OIKOS, 2014.

⁴⁶ Ministério OIKOS, 2014.

⁴⁷ RODRIGUES, Cioli Frickes. A família cristã na sociedade da informação. **Revista Práticas Bíblicas**. Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 152-155, p. 152-155.

formativo deve ser levado em consideração”.⁴⁸ Os pais são aqueles que ensinarão sobre “uma fé prática e vivencial”.⁴⁹

Diferentemente é o processo formativo, quando reinam a discórdia e o conflito no interior das relações familiares. Isso pode trazer insegurança e desestabilização. Afinal, o ambiente é contaminado pela desarmonia do casal. São pais que brigam de maneira frequente, diante da presença de seus filhos, dando-lhes testemunho “negativo”. Ainda, na maioria dos relatos de agressores de cônjuges, contém a declaração de que eles cansaram de ver seus pais em situações semelhantes, e que por isso, reconhecem que esta é uma situação normal em um mundo em que o amor é apenas uma utopia para muitos. Reforça-se, aqui, que o testemunho “positivo” precisa ser demonstrado a todos, principalmente aos de casa,

Neste processo de ser testemunha na formação integral dos filhos, algumas perguntas surgem e talvez uma delas se destaque como questão principal, que seria: como ser bênção para seus filhos? Os pais precisam abençoar os seus filhos e educá-los a temer a Deus. Eles precisam apresentar por meio do testemunho o Deus que servem, isso vale mais do que uma ordem e ou imposição.

Existem algumas maneiras práticas, que podem auxiliar os pais a serem uma bênção na vida de seus filhos. A primeira é a de serem bons exemplos. A Bíblia diz: “Ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (1Tm 1.5). É preciso viver a fé com inteireza de mente e coração.

A segunda maneira diz respeito ao ato de corrigir, ou seja, disciplinar diante de uma situação que evidencia um erro e ou equívoco. Pode-se dizer que há um tripé para correção dos filhos. A firmeza, o amor e aquela “chamada de atenção” em particular. Compreende-se que “os pais devem exercer a função de pais e lutar para não perder essa identidade. Isso significa que a autoridade dos pais é legítima e deve ser exercida com habilidade e responsabilidade”.⁵⁰

É louvável recordar o que Provérbios 19.18 aconselha sobre o valor da disciplina na formação dos filhos. Assim, “discipline o teu filho enquanto há esperança, mas não deixes que o teu ânimo se exalte até o matar”. Dessa maneira de corrigir, não se pode esquecer que os pais são os primeiros a darem o exemplo. Ainda, ressalta-se sobre a necessidade do diálogo, que é uma comunicação essencial para o desenvolvimento dos filhos, por isso que “a proposta é comunicacional porque indica que há a presença de uma mensagem a ser assegurada”⁵¹ e que fará toda a diferença se apropriada pelos filhos.

Salienta-se que os pais precisam corrigir com sabedoria, isso indica que nesse processo, poderá ocorrer o estabelecimento de regras a serem obedecidas e, quando, não observadas conta-se com aplicação da disciplina em amor. A partir da disciplina, o filho assume a responsabilidade diante do feito, devido à relação produzida entre causa e consequência. A

⁴⁸ DOMINGUES, 2018. p. 64.

⁴⁹ DOMINGUES, 2018, p. 65.

⁵⁰ EBERT, 2019, p. 45.

⁵¹ DOMINGUES, 2018, p. 65.

disciplina em amor “comunica confiança e segurança, que promoverá uma base significativa para enfrentar as crises, facilitando todo o processo de educação dos filhos”.⁵²

Uma terceira maneira prática de como os pais podem ser uma bênção na vida de seus filhos é tratar seu filho com respeito. A Palavra de Deus orienta: “E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor” (Ef 6.4). Sem gritos, sem ironia e sem ameaças. A Bíblia sempre vai lembrar algo a alguém. Acolha-os quando chegarem em casa, todos os dias, efusivamente. “Acolher amando, dando atenção, apoio e paciência, estimulando e ajudando gradativamente a celebrar os sucessos, mas também a enfrentar, por vezes, as experiências de frustração”.⁵³

No estabelecimento de uma comunicação significativa, é salutar ouvir os filhos sempre com atenção. Não espere que eles cresçam para fazer isto, porque pode ser tarde demais. Compartilhe, sempre que possível, suas ideias e participe de seus planos. Afinal, o que se deseja é a construção de vínculos afetivos, morais, sociais e espirituais, por esse motivo, os pais precisam investir na formação integral de seus filhos, visto ser os primeiros “os principais mentores”⁵⁴ dos últimos. Elogiar as boas atitudes de seus filhos é uma ação comunicativa que transmite muita alegria, principalmente aos próprios pais. Se alegre com eles em suas vitórias, isto fortalece a autoestima, ajudando-os a enfrentarem melhor os problemas da vida. Como é bom ser elogiado por alguém.

A quarta maneira salienta que não se deve esquecer de compartilhar com eles a fé que os pais têm em Cristo, algo importantíssimo também é orar com eles e por eles sempre. Ler a Bíblia juntos com eles e por último, mas não insignificante, valorize a igreja. Ensinar as doutrinas e fundamentos que alicerçam a fé, de maneira minuciosa, é uma missão que necessita ser efetivada pelos pais.

Neste processo de reconhecimento da grande importância da participação dos pais com seu testemunho, construindo relacionamentos saudáveis, exemplos que podem e devem ser seguidos por seus filhos e outras gerações, surge a necessidade de apresentar uma proposta formativa que viabilize a construção de relações positivas para as famílias cristãs, o que pode ser um caminho viável para que as comunidades eclesiais iniciem sua ação educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se, aqui, que é um desafio apresentar a importância do testemunho dos pais como parte essencial na edificação de relacionamentos familiares duradouros, levando-se em conta o diálogo, a comunhão e o perdão. Afinal, defende-se que é nesse processo que ocorre a construção de relacionamentos que devem ser seguidos por seus filhos e descendência, durante a caminhada cristã.

Não se apresentau respostas pontuais e definitivas, mas uma possibilidade a ser refletida e que possa favorecer o ato comunicativo mediado pelo testemunho dos pais aos filhos, por serem eles os primeiros a serem referência que os filhos têm sobre caráter e fé

⁵² EBERT, 2019, p. 35.

⁵³ EBERT, 2019, p. 33.

⁵⁴ DOMINGUES, 2018, p. 64.

exercidos diante de situações reais e que envolvem relacionamentos que se espera que sejam saudáveis e significativos.

A esperança de qualquer pesquisador e daqueles que se propõem a estudar qualquer tema, é conseguir alcançar seus objetivos, ter suas dúvidas dirimidas e obter a partir de seus estudos uma aplicabilidade na vida social. Assim, também, não poderia ser diferente aqui. Espera-se que os pais possam se inteirar deste conhecimento e que isso os ajude no desenvolvimento de uma prática comunicativa significativa.

REFERÊNCIAS

ADEI, S. **Seja o líder que sua família precisa**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

ALBERTACCI, Jorge. **A família cristã no século XXI**. Disponível em <https://www.jorgealbertacci.com.br/a-familia-crista-no-seculo-xxi---lico-es-biblicas-cpad---2--trim-2013.html>. Acesso em 12/06/2023.

BÍBLIA DE ESTUDO: Aplicação Pessoal. São Paulo: CPAD, 2004.

BIFANO, Gilson. A importância da família no ministério paulino. **Revista Família - Uma visão de Paulo**. Rio de Janeiro: OIKOS, 2008.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2011. Vol. 4.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 4.

CHAPMAN, Gary. **As quatro estações do casamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

CHAPMAN, Gary. **O casamento que você sempre quis**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Não arruíne a vida de seus filhos!** Disponível em <https://www.isaltino.com.br/2012/03/nao-arruine-a-vida-de-seus-filhos/>. 2012.

COPE, Lande. **Modelo social do Antigo Testamento**: redescobrimos os princípios de Deus para discipular as nações. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Didática e educação cristã**. Curitiba: Olsen, 2021.

EZZO, Anne Marie; EZZO, Garry Marie. **Educação de filhos à maneira de Deus**. São Paulo: UDF, 2004.

GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Família fortes, igrejas fortes**: os desafios do aconselhamento familiar. São Paulo: Vida, 2005.

KEMP, Jaime. Filhos biblicamente educados. **Revista Família - ideia de Deus**. Rio de Janeiro: Grafê.

LIÇÕES BÍBLICAS - Professor. **Relacionamentos em família:** superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

MACARTHUR, John. **Pais sábios, filhos brilhantes:** como educar seus filhos de acordo com a Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014.

Ministério OIKOS. **Pais e filhos:** a história real em todos os ângulos. Rio de Janeiro: OIKOS, 2009. Vídeo (00 h 08 min 36 s).

Ministério OIKOS. **Palestra para pais.** Seja um bom técnico para seu filho. Rio de Janeiro: OIKOS, 2014.

PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

Princípios Batistas: O Cristão e Seu Lar. Disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em 15/06/2023.

RODRIGUES, Cioli Frickes. A criação de filhos. **Revista Práticas Bíblicas.** Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 148-151.

RODRIGUES, Cioli Frickes. A família cristã na sociedade da informação. **Revista Práticas Bíblicas.** Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 152-155.

RODRIGUES, Cioli Frickes. O alicerce que sustenta a família cristã. **Revista Práticas Bíblicas.** Belo Horizonte: Gráficos – CBM, 2020. p. 137-139.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.002



Ensaíes Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

SAUL: DA ASCENSÃO À QUEDA

Saul: from rise to fall

Jocinei Passos Pinheiro¹

RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória de Saul, primeiro rei de Israel, desde sua ascensão ao trono até sua queda espiritual, política e pessoal, conforme narrado principalmente em 1 Samuel 8–31. A pesquisa insere-se no contexto da transição do período dos juízes para a monarquia, destacando as tensões entre a soberania divina e as expectativas humanas por uma liderança centralizada, à semelhança das nações do antigo Oriente Próximo. Examina-se o processo de instauração da monarquia israelita, o pedido do povo por um rei, as advertências proféticas transmitidas por Samuel e a escolha divina de Saul como ungido do Senhor, dotado de capacitação espiritual e legitimado por sinais, vitórias militares e reconhecimento nacional. O estudo demonstra que o início do reinado de Saul foi promissor, marcado por conquistas militares, unidade tribal e confirmação divina. Contudo, ao longo de seu governo, sucessivos atos de desobediência revelaram falhas profundas em seu caráter, como orgulho, impaciência, autonomia em relação à palavra profética e incapacidade de submeter-se integralmente à vontade de Deus. Episódios decisivos, como a oferta indevida de sacrifícios (1Sm 13) e a desobediência na campanha contra os amalequitas (1Sm 15), evidenciam a ruptura entre Saul e o Senhor, culminando em sua rejeição como rei e na perda da sucessão dinástica. O artigo também analisa as consequências espirituais dessa rejeição, incluindo a retirada do Espírito do Senhor, o surgimento de perturbações emocionais e espirituais, a perseguição obsessiva a Davi e o recurso a práticas proibidas, como a necromancia. O declínio de Saul é apresentado como resultado de um afastamento progressivo da dependência divina, conduzindo-o a um fim trágico marcado pela derrota militar e pelo

¹ O autor possui formação na área técnica em manutenção e suporte em informática pela instituição Senai – Campus São Miguel do Oeste. Bacharelado em Teologia Pastoral pela Faculdade Batista Pioneira (FBP). Seminarista na Primeira Igreja Batista em Santo Ângelo / RS. E-mail: jocinei@batistapioneira.edu.br.

suicídio. Conclui-se que a narrativa de Saul oferece uma reflexão teológica fundamental sobre liderança, obediência e responsabilidade diante de Deus, demonstrando que a capacitação divina não substitui a fidelidade contínua à palavra do Senhor.

Palavras-chave: Rei. Saul. Samuel. Senhor. Deus. Israel. Nação. Profeta. Desobediência.

ABSTRACT

This article analyzes the path of Saul, the first king of Israel, from his rise to the throne to his spiritual, political, and personal downfall, as narrated primarily in 1 Samuel 8–31. The study is situated within the context of the transition from the period of the judges to the monarchy, highlighting the tensions between divine sovereignty and human expectations for a centralized leadership modeled after the nations of the ancient Near East. It examines the process of establishing the Israelite monarchy, the people's request for a king, the prophetic warnings conveyed by Samuel, and the divine choice of Saul as the Lord's anointed, endowed with spiritual empowerment and legitimized through signs, military victories, and national recognition. The study demonstrates that the beginning of Saul's reign was promising, marked by military achievements, tribal unity, and divine confirmation. However, throughout his rule, successive acts of disobedience revealed deep flaws in his character, including pride, impatience, autonomy from prophetic authority, and an inability to fully submit to the will of God. Decisive episodes—such as the unlawful offering of sacrifices (1 Sam 13) and the disobedience during the campaign against the Amalekites (1 Sam 15), expose the rupture between Saul and the Lord, culminating in his rejection as king and the loss of dynastic succession. The article further examines the spiritual consequences of this rejection, including the withdrawal of the Spirit of the Lord, the emergence of emotional and spiritual disturbances, Saul's obsessive persecution of David, and his recourse to prohibited practices such as necromancy. Saul's decline is presented as the result of a progressive departure from dependence on God, ultimately leading to a tragic end marked by military defeat and suicide. The study concludes that the narrative of Saul offers a fundamental theological reflection on leadership, obedience, and responsibility before God, demonstrating that divine empowerment does not replace continuous faithfulness to the word and will of the Lord.

Keywords: King. Saul. Samuel. Lord. God. Israel. Nation. Prophet. Disobedience.

INTRODUÇÃO

O presente texto analisará um momento de transição fundamental na história de Israel, narrado principalmente nos livros de Samuel: a passagem de uma liderança teocrática descentralizada, exercida por juízes e profetas sob a soberania direta de Deus, para a instituição da monarquia. Esta análise relata as circunstâncias que levaram o povo de Israel a clamar por um rei, as advertências divinas comunicadas pelo profeta Samuel e o subsequente processo de escolha e unção de Saul como o primeiro monarca da nação. Após o período dos juízes, em que cada tribo mantinha considerável autonomia e a liderança unificada era esporádica, Israel sentiu a necessidade de um governo centralizado, similar ao das nações vizinhas do Antigo Oriente Próximo. A figura do rei, na cultura da época, representava não apenas um líder militar e político capaz de unificar as tribos e prover segurança, mas também um intermediário com o divino, responsável pela ordem e justiça social. Contudo, a demanda israelita por um rei, embora ecoasse uma promessa divina pregressa sobre a descendência de

Abraão, foi percebida por Samuel como uma rejeição da soberania direta de Deus, que até então era o verdadeiro Rei de Israel, cuja glória e lei eram a força e sabedoria da nação.

Apesar de a motivação popular ser vista como uma falha espiritual, buscando em uma estrutura política a solução para problemas de fé e obediência, Deus atende ao pedido, instruindo Samuel a ungir Saul, da tribo de Benjamim. A narrativa subsequente explora a unção de Saul, os sinais divinos que confirmaram sua escolha, sua apresentação à nação e os primeiros sucessos de seu reinado, como a vitória sobre os Amonitas, que consolidou sua posição. São abordados, portanto, os aspectos culturais, teológicos e políticos da instauração da monarquia em Israel, desde o anseio popular até a consolidação inicial do reinado de Saul, um “ungido do Senhor” cujo governo, embora divinamente permitido, nasceu sob a tensão entre a vontade humana e os desígnios soberanos de Deus.

1. UM REI PARA ISRAEL (1 SM 8-12)

Ao longo da história, Deus instituiu lideranças para o povo de Israel. As Escrituras revelam que Moisés exerceu essa função, tendo Josué como seu sucessor. No entanto, após a morte de Josué, Deus não repassou instruções para a escolha de um novo líder. No que se refere ao sacerdócio, as sucessões ocorriam de forma automática, e, quando necessário, Deus enviava profetas para anunciar sua mensagem ao povo. Ainda assim, a presença de um líder era indispensável, pois ele tinha o compromisso de conduzir o povo ao cumprimento e obediência da lei. Em determinados períodos, Deus levantou juízes em diferentes tribos de Israel, que atuavam temporariamente. Contudo, eles não exerciam autoridade sobre toda a nação, que até aquele momento era formada por um grupo de tribos, cada uma com poder sobre seu próprio território.²

Na cultura dos povos que viviam no antigo Oriente Próximo, o rei era considerado uma figura de grande importância, reconhecido como alguém eleito pelos deuses. O rei se tornava um representante da divindade, governando sobre o povo e a terra, com o compromisso de garantir a ordem e a justiça social. Além disso, ele exercia atividades sacerdotais e, como líder militar, proporcionava segurança e liberdade ao seu povo. Os líderes das tribos de Israel chegaram à conclusão de que seria necessário nomear um chefe de governo, idealizando que, ao elegerem um rei, seus problemas seriam solucionados. Esse rei seria responsável pela unificação e liderança de todas as tribos de Israel. Na visão dos líderes tribais, o modelo político vigente colocava Israel em desvantagem militar em relação aos exércitos das nações vizinhas. Entretanto, Samuel os advertiu, alertando que o problema enfrentado não era político, mas espiritual.³

O povo de Israel era diferente das nações vizinhas, pois tinha uma aliança com Deus. Ele era o verdadeiro rei da nação, sua glória se fazia presente entre o povo, e sua lei era a fonte de sabedoria (Êx 19.3-6). Os líderes não perceberam que a força necessária para conquistar a

² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume 2 - Histórico. Santo André: Geográfica, 2006, p. 219.

³ WATSON, John H. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 378-379.

vitória nas batalhas não dependia do poder militar, mas da capacitação dada por Deus. A eleição de um rei fazia parte dos planos divinos, pois, no passado, Deus havia prometido que haveria reis na descendência de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 17.6; 35.11). No entanto, o erro estava no processo: na reivindicação precipitada, na pressão e na insistência do povo. Deus atendeu ao pedido, mas orientou Samuel a explicar as condições, esclarecendo que essa decisão teria um preço.⁴

1.1 O ungido do Senhor

O Senhor conversou com Samuel e repassou algumas orientações para que ele esperasse a chegada de um homem da tribo de Benjamim. Em seguida, deveria ungi-lo como príncipe (*Nagîd*) de Israel. O cerimonial representaria o recebimento divino das dádivas que auxiliariam o ungido no cumprimento das tarefas que lhe seriam designadas. Ao encontrar o benjamita chamado Saul, Deus confirmou a Samuel que ele seria o escolhido para governar a nação, e seu governo estaria sob a soberania do Senhor. A unção recebida tornaria Saul um príncipe, alguém capacitado por Deus e responsável por julgar e livrar o povo de Israel dos seus inimigos. O povo era considerado a herança do Senhor.⁵

Saul foi ungido por Samuel como o primeiro rei de Israel, assumindo, a partir desse momento, um papel de liderança sobre o povo de Deus. Como sinal da confirmação divina na escolha de Saul, Samuel repassou três sinais ao novo rei, reforçando acontecimentos que se cumpriram durante seu retorno para casa. O primeiro sinal mencionava que, no caminho, ele encontraria alguns homens que confirmariam que os animais perdidos de seu pai haviam sido encontrados (1Sm 10.2), garantindo que Deus estava ajudando a resolver seus problemas. O segundo sinal ocorreria no carvalho de Tabor (1Sm 10.3-4), onde encontraria viajantes a caminho de Betel e deveria aceitar os dois pães que lhe seriam oferecidos, como prova de que o Senhor supriria suas necessidades. O terceiro sinal estava relacionado ao poder espiritual, que se manifestaria ao encontrar um grupo de profetas retornando de uma adoração (1Sm 10.5-6). O Espírito Santo viria sobre Saul após ele se juntar a eles, confirmando que Deus lhe concederia o poder necessário para exercer seu serviço, demonstrando que a suficiência vem do Senhor.⁶

A unção de um rei era uma prática comum em algumas regiões do antigo Oriente Próximo. Ungir com óleo fazia parte do processo de ascensão ao trono. No contexto de Juízes, a manifestação do Espírito Santo geralmente ocorria em momentos de convocação do exército para a batalha. Para Israel, a confirmação da autoridade de um líder enviado por Deus era reconhecida com base em sua capacidade de liderança sobre o exército. As tribos eram independentes e não tinham um governo centralizado. Consequentemente, apenas a ação de Deus poderia convencê-las a ir para a batalha quando outra tribo estivesse em dificuldade. O

⁴ WIERSBE, 2018, p. 220.

⁵ BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 100-102.

⁶ WIERSBE, 2018, p. 222-223.

poder de influência de um único líder sobre todas as tribos era a confirmação de que Deus estava operando por meio dele.⁷

Após algum tempo, Samuel convocou o povo para uma assembleia em Mispa, com o objetivo de apresentar o rei à nação. Até aquele momento, apenas Deus e Samuel sabiam da unção de Saul. Para que o povo compreendesse que a escolha estava sendo feita de acordo com a vontade do Senhor, foi realizado um sorteio entre as tribos. Como resultado, a tribo escolhida foi a de Benjamim, e, dentre seus clãs, o sorteio indicou a família de Saul. Samuel demonstrou sabedoria ao conduzir a cerimônia, associando o processo de instituição da monarquia à aliança divina (1Sm 10.25). Os direitos e deveres do rei foram escritos em um rolo, com base no texto de Deuteronômio 17.14-20, lembrando que, mesmo sob a liderança de Saul, tanto o povo quanto o próprio rei continuavam submissos à vontade do Senhor e à sua palavra.⁸

1.2 Um reinado promissor

O exército amonita, liderado pelo rei Naás, representava uma ameaça para Israel e estava acampado nos arredores de Jabes-Gileade. O rei dos amonitas fez uma proposta que pouparia os moradores, mas os colocaria em uma situação de humilhação e desvantagem militar. Na tentativa de ganhar tempo, os habitantes pediram um prazo de sete dias ao rei Naás e solicitaram ajuda às tribos vizinhas. Ao receber a notícia, Saul convocou os homens de Israel para a batalha. Deus se manifestou, e o temor tomou conta do coração do povo. Saul conseguiu reunir um grande exército e enviou uma mensagem informando que o reforço estava a caminho.⁹

Os moradores de Jabes-Gileade estavam desesperados. Sem perceber, os amonitas criaram a oportunidade ideal para que Saul demonstrasse sua capacidade de defender o povo diante das ações inimigas. Deus concedeu a vitória a Israel, e a derrota dos amonitas confirmou, perante todos, a posição de Saul como líder. Isso resultou em um apoio unânime entre as tribos, que passaram a reconhecer seu reinado como instituído pelo Senhor.¹⁰

A monarquia estabelecida trouxe vantagens e valores positivos. Por meio de sua liderança e do exercício de seu cargo, o rei poderia promover a unidade entre as tribos, formando um exército estável e pronto para agir. A monarquia não era tirânica, e a autoridade de Saul não anulava o poder dos líderes locais, como anciãos e governadores. No aspecto religioso, a monarquia contou com a permissão do Senhor e teve sua manifestação confirmada por meio do sorteio entre os clãs. Essa monarquia estabelecia direitos considerados preciosos para Deus, e o ungido era o consagrado do Senhor. O modelo de monarquia hebraica, estabelecido por Deus, conferia ao rei um caráter sagrado, promovendo um relacionamento especial com o Senhor.¹¹

⁷ WALTON, 2018, p. 383-384.

⁸ WIERSBE, 2018, p. 224.

⁹ WIERSBE, 2018, p. 225.

¹⁰ BALDWIN, 1996, p. 108-110.

¹¹ GROCETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**: Coleção pequeno comentário bíblico - AT. São Paulo: Paulus, 1994, p. 40-42.

2. OS PRIMEIROS SINAIS DE DESOBEDIÊNCIA (1 SM 13-15)

Após organizar seu exército e deixar parte das tropas sob o comando de seu filho Jônatas, Saul viu o jovem destacar-se pela coragem ao vencer uma guarnição filisteia. No entanto, o rei atribuiu o mérito da vitória a si mesmo, revelando um primeiro sinal de orgulho. Quando os filisteus se mobilizaram em resposta ao ataque, o temor diante do inimigo e a demora na chegada do profeta Samuel levaram Saul a uma crise de confiança e obediência. Suas ações passaram a demonstrar um caráter de decadência, marcado por uma autonomia crescente em relação à vontade divina, na qual atos independentes substituíam a fé e a submissão a Deus. Consequentemente, Saul foi repreendido pelo profeta Samuel e teve seu reino rejeitado pelo Senhor. A seguir será exposto um pouco dos sinais de desobediência do rei Saul.

2.1 Uma ação precipitada

Saul havia separado alguns homens para seu exército e enviado parte dos soldados para ficarem sob o comando de seu filho Jônatas. O acampamento de Saul estava em Micmás, enquanto o de Jônatas ficava em Gibeá, a aproximadamente 25 km de distância. Os filisteus mantinham guarnições espalhadas pela região como forma de monitoramento, emitindo alertas caso identificassem alguma ação suspeita. Jônatas atacou uma guarnição dos filisteus em Geba, e o exército israelita venceu a batalha. Rapidamente, a notícia se espalhou entre a nação inimiga. Jônatas demonstrou ser um soldado valente, mas Saul atribuiu o mérito a si mesmo, evidenciando sinais de orgulho diante da vitória (1Sm 13.1-4).

Em resposta ao ataque, o exército dos filisteus se reuniu nas proximidades de Micmás. O rei de Israel tocou a trombeta, convocando o exército para um encontro em Gilgal. Saul contava com um exército bem inferior, e, diante da pressão, seus homens se deixaram dominar pelo medo. No entanto, Saul estava ciente de que deveria aguardar sete dias pela chegada do profeta Samuel em Gilgal.¹²

Os filisteus possuíam um número muito maior de guerreiros e equipamentos, o que intimidou muitos dos soldados de Saul, levando-os a fugir. Alguns se esconderam em cavernas, enquanto outros atravessaram o rio. Diante dessa situação, Saul se encontrava em um momento crítico, pois a incerteza e o pânico estavam afetando a moral de seu exército. Como rei, precisava tomar alguma atitude antes que o número de desertores aumentasse.¹³

A demora na chegada de Samuel serviu como um teste de obediência para Saul. O profeta era um mediador entre Deus e o rei, e desobedecer à sua orientação representava desrespeito à palavra de Deus. A vitória anterior sobre os amonitas havia confirmado que o Espírito de Deus estava com Saul. Entretanto, diante da pressão dos filisteus, tanto os soldados quanto o rei demonstraram temor perante o exército inimigo. Saul não considerou o poder de Deus, ignorando que o Senhor poderia ajudá-lo novamente. Sua falta de confiança

¹² WIERSBE, 2018, p. 229-230.

¹³ BALDWIN, 1996, p. 117.

representou um grande perigo, pois gerou uma segurança baseada em sua própria vontade, afastando-o da orientação divina.¹⁴

Antes das batalhas, os sacerdotes ofereciam holocaustos ao Senhor, um sacrifício que enfatizava a dependência de Israel em Deus (1Sm 7.9-10). Após aguardar o período de sete dias para a chegada de Samuel, o profeta ainda não havia aparecido. Saul, já demonstrando sinais de impaciência e ansiedade, decidiu, em um ato de desobediência, realizar o holocausto por conta própria. Ao chegar, Samuel repreendeu a falta de obediência de Saul e anunciou as consequências de sua ação. Como punição, Saul perderia o direito à sucessão, e seu reino não seria estabelecido por sua descendência. O profeta destacou a importância de um reinado em que o Senhor fosse reconhecido como o verdadeiro rei e enfatizou que a confiança e a obediência a Deus deveriam ser completas. Um reino movido pelo desejo de independência não era aprovado pelo Senhor, e a ação precipitada de Saul contribuiu para sua desqualificação como líder. Após confrontá-lo, Samuel partiu, e sua saída simbolizou a ruptura entre ele e Saul. O rei, agora dependente apenas de sua própria competência, ficou sem orientação divina para enfrentar os filisteus.¹⁵

O caráter de Saul encontrava-se em decadência, permitindo que seus próprios desejos o dominassem. Após a chegada de Samuel, Saul o recebeu cordialmente, aguardando sua bênção, mas ignorando a falha que havia cometido. Como líder, não assumiu a responsabilidade por seus atos, tentando justificar sua ação com base no atraso de Samuel e na pressão exercida pelo exército, alegando que fora forçado a realizar o holocausto. Saul não demonstrou humildade nem reconheceu seu erro. Suas atitudes independentes evidenciavam que ele não estava nos caminhos de Deus; em vez de viver pela fé, vivia pelas aparências. Quando pressionado, sua mente e seu coração não se voltaram ao Senhor, mas sim à sua própria vontade. A atitude insensata de um rei ao realizar um sacrifício no momento errado não compensaria um sacrifício legítimo realizado por um sacerdote na hora certa. Sua falta de obediência e fé o conduziram ao pecado, que lhe custou a dinastia.¹⁶

2.2 A desaprovação

No passado, logo após a travessia do Mar Vermelho, os amalequitas impediram o povo de Israel de chegar ao Monte Sinai (Êx 17.8-16). Em razão dessa oposição à vontade de Deus, foram condenados à destruição (1Sm 15.2). O profeta Samuel veio ao encontro de Saul para transmitir as instruções do Senhor, ordenando que os amalequitas fossem completamente exterminados (1Sm 15.3). A batalha era uma ordem direta de Deus, e Saul deveria executar o juízo em nome do Senhor, com a vitória garantida. Nesta batalha específica, o povo não poderia tomar posse de nenhum bem ou qualquer outra coisa pertencente ao inimigo, sejam bens materiais ou pessoas, pois tudo deveria ser consagrado ao Senhor. Algumas conquistas e vitórias em Canaã ocorreram de maneira semelhante. Um exemplo foi a conquista de Jericó,

¹⁴ HOFF, Paul. **Os livros históricos: Deus e seu povo no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1996, p. 121.

¹⁵ BALDWIN, 1996, p. 117-118.

¹⁶ WIERSBE, 2018, p. 230-231.

onde o povo recebeu instruções de que, com exceção de Raabe, o restante da cidade, seus bens e habitantes deveriam ser entregues ao Senhor para a destruição (Js 6.17).¹⁷

Saul avançou com seu exército, mas, antes de realizar o ataque, avisou os queneus para que se afastassem da região dos amalequitas e não fossem mortos (1Sm 15.6). O exército de Israel atacou e destruiu tudo o que, aos olhos dos soldados, parecia deplorável e sem valor. Entretanto, Saul poupou a vida do rei Agague e permitiu que os soldados tomassem posse dos melhores animais do rebanho, contrariando a ordem do Senhor. Antes mesmo de Saul retornar da batalha, Samuel já estava ciente de sua desobediência (1Sm 15.7-9).¹⁸

O rei Saul não obedeceu às ordens recebidas, demonstrando que suas ações foram baseadas em sua própria interpretação. O fato de poupar a vida do rei amalequita e permitir que os melhores animais fossem preservados fez com que Deus se manifestasse a Samuel, desaprovando a atitude de Saul. O ungido havia sido rejeitado por Deus, e a liderança da nação estava comprometida. Samuel, que havia participado do processo de implantação da monarquia e ungido Saul, entristeceu-se profundamente e clamou ao Senhor durante toda a noite (1Sm 15.10-11). Quando encontrou Saul, Samuel o questionou sobre os barulhos dos animais. Como justificativa, Saul afirmou que o povo havia separado os melhores animais para oferecê-los em sacrifício ao “seu Deus”, mas que o restante havia sido destruído (1Sm 15.15). O fato de se referir ao Senhor sem usar a expressão “nosso Deus” — mas sim “seu Deus” — já levantava suspeitas sobre seu caráter e sua conduta. O profeta então proferiu uma mensagem profética, destacando que a obediência e a submissão a Deus eram mais importantes do que a prática do holocausto. Ao se opor aos mandamentos e à vontade do Senhor, Saul assumiu para si uma posição de autoridade que pertencia exclusivamente a Deus. Esse pecado foi classificado como pior do que a adivinhação e a feitiçaria, sendo equivalente à idolatria de outros deuses. Samuel declarou que, visto que Saul havia rejeitado a palavra do Senhor, Deus também o rejeitava como rei (1Sm 15.23).¹⁹

3. A QUEDA ESPIRITUAL (1 SM 16-31)

O reinado de Saul foi marcado por uma fase trágica que resultou em um processo de declínio espiritual e moral. Após a retirada do Espírito do Senhor, o rei sofreu crises mentais e comportamentais em decorrência da presença de um espírito maligno que o perturbava; embora a música proporcionasse alívio temporário e amenizasse as crises (1Sm 16.14-23), a ruptura com o profeta Samuel e a falta de apoio profético intensificaram sua decadência moral e política. Em razão de sua desobediência e de uma série de atos insensatos, Saul experimentou um distanciamento do Senhor e, desesperado e sem resposta divina, recorreu a práticas proibidas, selando seu destino com a derrota militar e o suicídio. Embora seu reinado tenha sido inicialmente promissor, o orgulho e a desobediência contribuíram para sua queda; o completo afastamento de Deus foi consequência de um rei que, pela falta de

¹⁷ BALDWIN, 1996, p. 126-127.

¹⁸ WIERSBE, 2018, p. 238-239.

¹⁹ BALDWIN, 1996, p. 128-130.

humildade e de fé, perdeu a dinastia na sucessão ao trono e a aprovação divina (1Sm 31; 2Sm 21.12-14). Estes serão os destaques abaixo.

3.1 O declínio

Saul começou a viver uma fase trágica, e a chegada do espírito maligno trouxe graves consequências (1Sm 16.14). Quando Deus retirou seu Espírito de Saul, permitiu que um espírito maligno o perturbasse. Os sinais de desordem mental começaram após sua ruptura com Samuel, e as crises e transtornos passaram a ser recorrentes. Um dos métodos utilizados na época para tratar esse tipo de problema era a música (1Sm 16.16). O Senhor tem domínio sobre todas as coisas; assim como envia o bem, também pode permitir o mal. No entanto, isso não compromete sua bondade, pois ele é soberano e aplica sua disciplina aos que lhe pertencem. O sofrimento é algo frustrante, mas, conforme as Escrituras (Jó 2.10; 1Pe 4.12-19), as adversidades também eram enviadas pelo Senhor, e, quando compreendidas, até por meio delas Deus se tornava glorificado.²⁰

O início do reinado de Saul foi positivo, contudo, com o passar do tempo, ele começou a agir de maneira insensata, demonstrando falta de discernimento em suas ações. Seus problemas surgiram logo após Samuel se posicionar contra ele, e a falta de apoio do profeta foi consequência de sua desobediência. Sua decadência foi marcada por uma série de comportamentos inadequados, chegando ao ponto de ser dominado por um espírito maligno que se apossava dele (1Sm 19.8-11). Posteriormente, Saul passou a se sentir ameaçado pela popularidade e reputação de Davi, que já era reconhecido como um herói entre a nação. Esse sentimento desencadeou uma perseguição desenfreada por parte do rei, a ponto de ordenar a execução de sacerdotes do Senhor que haviam ajudado Davi em um momento de fuga (1Sm 21.22). As forças de Saul estavam concentradas em capturar Davi, desviando seu foco do combate ao principal inimigo, os filisteus, que já percebiam a vulnerabilidade e divisão no reinado de Saul.²¹

Por um tempo, Saul manteve um bom relacionamento com Davi, mas, gradativamente, passou a alimentar sentimentos de inveja e ódio, comprometendo a amizade entre os dois. Deus cuidou de Davi e o protegeu das perseguições de Saul, que o via como uma ameaça. Enquanto Saul agia na intenção de preservar seu trono, o Senhor preparava Davi para ser seu sucessor e governar Israel. A inveja e a ira corrompiam Saul de forma progressiva, a ponto de suas ações serem consideradas terríveis. O Senhor havia retirado seu Espírito de Saul e protegia Davi, mas o rei não desistia de sua perseguição. Suas atitudes deixavam claro seu desejo de matar Davi e, na tentativa de impressionar seus oficiais e manter sua posição, ele persistia na perseguição.²²

O reinado de Saul estava comprometido. Os filisteus perceberam que o poder militar de Israel havia enfraquecido e, então, reuniram suas tropas para planejar um ataque em maior

²⁰ BALDWIN, 1996, p. 137-138.

²¹ GUSSO, Antônio Renato. **Panorama Histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: A. D Santos Editora, 2003, p. 58-59.

²² WIERSBE, 2018, p. 250-251.

escala a fim de derrotá-lo. Eles avançaram sobre as planícies de Esdrelom (Jezreel) e acamparam em Súnem (1Sm 28.4-5). Saul tentou consultar ao Senhor de diferentes formas, mas não obteve resposta. Em nenhum momento demonstrou arrependimento ou intenção de reconciliação com Deus. Desesperado e sem uma resposta, decidiu buscar auxílio na feitiçaria (1Sm 28.6-8). Mesmo tendo procurado exterminar aqueles que praticavam necromancia durante seu reinado, Saul recorreu a uma médium em busca de respostas. A mensagem foi clara: no dia seguinte, Israel seria entregue aos filisteus (1Sm 28.9-19).²³

Neste contexto, o profeta Samuel já havia falecido. Saul buscava apoio em alguém que pudesse lhe dar orientação e segurança (1Sm 28.3-7). A lei proibia e alertava sobre as consequências do envolvimento com médiuns (Lv 19.31; 20.6; Dt 18.10-11). Ao recorrer à consulta de uma médium, o rei demonstrava estar distante de seu propósito e do compromisso inicial firmado com Deus. Dominado pelo medo, não conseguiu respostas por meio de sonhos nem de profetas e, ao consultar os espíritos, esperava que Samuel, de alguma forma, aparecesse e revertisse sua situação. A narrativa indica que a médium se surpreendeu ao invocar o espírito, pois seu grito revelou espanto, sugerindo que ela não tinha controle sobre o que acontecia. Ela descreveu estar vendo “deuses” subindo da terra. A palavra no plural faz referência a uma pessoa de autoridade, como os “juízes”. Em seguida, mencionou algumas características do espírito, incluindo a presença de uma capa. A resposta recebida deixou o rei em estado de choque e praticamente sem forças. A situação deplorável de Saul o levou a buscar no mal uma palavra para tentar reverter sua condição diante de Deus.²⁴

O espírito de Samuel não se manifestou por intermédio da médium, mas sim pela vontade de Deus. A reação da mulher demonstrou que não se tratava de um truque, mas que algo diferente do que já havia presenciado estava acontecendo. O profeta falou diretamente a Saul (1Sm 28.15) e, em sua mensagem, citou sete vezes o termo “Senhor”, enfatizando que Deus havia se afastado de Saul como consequência de sua desobediência e por não viver de acordo com a vontade divina. A falha na batalha contra os amalequitas trouxe sérias consequências ao rei Saul. Seu reinado estava terminando, e a sucessão do trono por Davi foi revelada.²⁵

3.2 O fim trágico

Saul chegou a ser reconhecido como um herói em sua nação, obtendo conquistas e menções honrosas (1Sm 14.47-48). No entanto, ao longo de sua trajetória, a falta de fé, o orgulho e a indisciplina contribuíram para a decadência de seu reinado. Na batalha contra os filisteus, o exército israelita estava em total desvantagem militar. O fim de Saul e seu julgamento estavam próximos, tornando impossível a vitória na batalha.²⁶

²³ HOFF, 1996, p. 137.

²⁴ BALDWIN, 1996, p. 179-182.

²⁵ WIERSBE, 2018, p. 284.

²⁶ WIERSBE, 2018, p. 285.

O rei foi atingido por flechas e, em seguida, cometeu suicídio, uma atitude condenada em Israel. Sua trajetória foi marcada pela falta de espiritualidade e desobediência. Ele ignorou os conselhos de Samuel e alimentou uma inveja destrutiva contra Davi.²⁷

Saul havia recebido de Deus a responsabilidade de proteger seu povo das nações inimigas, tendo os filisteus como seus maiores adversários (1Sm 9.16). Entretanto, sua morte e a derrota de Israel para os filisteus confirmaram seu fracasso. Os filhos do rei foram os primeiros a morrer, enquanto Saul ficou gravemente ferido. Os filisteus eram extremamente cruéis. Para evitar ser torturado e humilhado pelos inimigos, Saul preferiu tirar a própria vida a ser capturado. Os filisteus atribuíram sua vitória aos deuses pagãos, decapitaram Saul, penduraram seu corpo na cidade de Bete-Seã e entregaram suas armas ao templo de Astarote (1Sm 31.9-10). Alguns homens de Jabes-Gileade, demonstrando lealdade, resgataram o corpo do rei. Ao retornar para a cidade, realizaram sua cremação — possivelmente devido ao estado avançado de decomposição do corpo, como medida para evitar contaminação (1Sm 31.11-12). Em seguida, enterraram seus ossos sob uma tamargueira, um local considerado sagrado. Mais tarde, os restos mortais de Saul foram levados para a sepultura de sua família (2Sm 21.12-24). Os inimigos não conseguiram capturar Saul com vida. Assim, mesmo vencendo a batalha, não puderam ridicularizá-lo ou torturá-lo (1Sm 31.4). Seu fim foi trágico; devido à sua conduta, o Espírito do Senhor foi retirado, e ele gradativamente se afastou de Deus, o que contribuiu para seu fracasso como rei.²⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instauração da monarquia em Israel, com a escolha de Saul, originou-se do desejo do povo e de seus líderes de se assemelharem às nações vizinhas e de solucionar problemas que, na avaliação de Samuel, eram de natureza espiritual e não meramente política. O povo buscava uma liderança visível e unificadora, capaz de prover segurança militar, mesmo tendo Deus como seu rei e provedor. Embora a eleição de um rei fizesse parte dos planos divinos, conforme a promessa feita aos patriarcas, a forma e o momento da reivindicação foram precipitados. Deus permitiu a escolha, mas alertou, por meio de Samuel, sobre as implicações e o preço da monarquia, ressaltando que o rei e o povo permaneceriam sob sua soberania e lei. Saul foi escolhido e ungido por Deus, recebendo o Espírito Santo, que o capacitou para liderar e alcançar vitórias iniciais importantes, como a conquista sobre os amonitas. Esses eventos confirmaram sua liderança perante o povo e demonstraram que a suficiência para o serviço vinha do Senhor.

O reinado de Saul, apesar de um começo promissor, foi marcado por uma série de atos de desobediência. Ações precipitadas, como a oferta de holocaustos (1Sm 13) e, principalmente, a decisão de poupar o rei Agague e o melhor do rebanho dos amalequitas (1Sm 15), contrariando ordens divinas diretas, revelaram falhas cruciais em seu caráter: falta de fé, impaciência, orgulho e uma tendência a seguir sua própria interpretação em vez da

²⁷ HOFF, 1996, p. 138.

²⁸ BALDWIN, 1996, p. 193-194.

vontade expressa de Deus. A desobediência de Saul resultou em sua rejeição por Deus como rei, o que acarretou a perda da sucessão dinástica, a retirada do Espírito do Senhor e a permissão para que um espírito maligno o atormentasse. Sua liderança ficou comprometida, e ele passou a depender de sua própria competência, afastando-se das orientações divinas.

A partir da rejeição divina, Saul entrou em um processo de decadência espiritual e moral. Sentimentos como inveja, medo e ódio por Davi dominaram suas ações, levando-o a uma perseguição implacável e à negligência dos verdadeiros inimigos de Israel. Seu desespero o conduziu a práticas proibidas, como a necromancia, evidenciando seu completo afastamento de Deus. O reinado de Saul culminou em um fim trágico, com a derrota para os filisteus e seu suicídio. Sua trajetória ilustra como a falta de fé, a desobediência contínua e o orgulho podem levar à ruína, mesmo um líder inicialmente escolhido e capacitado por Deus.

A narrativa de Saul destaca a importância fundamental da obediência, da submissão e da confiança em Deus para a liderança e para a vida do povo da aliança. Demonstra que a aprovação e a capacitação divinas estão intrinsecamente ligadas à fidelidade do líder à palavra e à vontade do Senhor, e que o afastamento desses princípios acarreta consequências severas e, em última instância, o fracasso.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996. 336 p.

GROCKETT, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**: Coleção pequeno comentário bíblico - AT. São Paulo: Paulus, 1994. 170 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: ADSantos. 2003. 254 p.

HOFF, Paul. **Os livros históricos**: Deus e seu povo no Antigo Testamento. São Paulo: Vida, 1996. 328 p.

WATSON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1088 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: volume 2 - Histórico. Santo André: Geográfica, 2006. 736 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA DO POVO DE ISRAEL NOS LIVROS HISTÓRICOS

Obedience and disobedience of Israel's people in the historical books

Isaac Lebedenco¹

RESUMO

Obediência e desobediência do povo de Israel nos livros históricos. A desobediência traz consequências e desastres, enquanto a obediência a Deus traz bênçãos. Isso é claramente demonstrado e observado nos livros históricos do Antigo testamento: ciclo dos juizes e histórias dos reis de Israel e Judá. Foram analisados as causas e os motivos das mudanças no relacionamento dos israelitas com o Senhor Deus, assim como suas consequências que perduram até hoje. É possível examinar diferentes casos entre o povo: Josué e os bons reis são apresentados como exemplos de obediência e que conduziram grande parte do povo à uma vida consagrada a Deus; enquanto muitos juizes e reis são exemplos de desobediência, acarretando numa nação idólatra, politeísta e, conseqüentemente, afastada do Senhor. Este trabalho demonstrou o contexto histórico e teológico no período dos juizes e da monarquia, ademais, citou exemplos bons e ruins entre o povo de Deus, por conseguinte suas causas e consequências; e por último, foi feita uma análise comparativa de uma vida de obediência contra uma vida de desobediência ao Senhor.

Palavras-chave: Desobediência. Israel. Consequências. Vida consagrada.

ABSTRACT

Obedience and disobedience of Israel's people in the historical books. Disobedience brings consequences and disasters, while obedience to God brings blessings. This is clearly demonstrated and observed in the historical books of the Old Testament: the cycle of judges and the stories of the kings of Israel and Judah. The causes and reasons for the changes in the relationship of the Israelites with the Lord God will be analyzed, as well as their consequences that endure to this day. It is possible to examine different cases

¹ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Atua como seminarista na Primeira Igreja Batista em Ijuí. E-mail: lebedenco@batistapioneira.edu.br

among the people: Joshua and the good kings are presented as examples of obedience and leading much of the people to a life devoted to God; while many judges and kings are examples of disobedience, resulting in an idolatrous, polytheistic nation, and consequently, apart from the Lord. This work aims to show the historical and theological context in the period of the judges and the monarchy, furthermore, it cites good and bad examples among the people of God, hence their causes and consequences; and finally, a comparative analysis of a life of obeying versus a life of disobeying the Lord.

Keywords: Obedience. Disobedience. Israel. Consequences. Consecrated life.

INTRODUÇÃO

O período dos juízes e reis na história de Israel é um capítulo fundamental que mostra a liderança e a fidelidade religiosa do povo judeu. Este artigo tratará do contexto histórico, cultural e teológico desses períodos, com ênfase nas figuras dos juízes e dos primeiros reis de Israel. A pesquisa buscará compreender as consequências das ações desses líderes e povo, destacando a relação entre obediência e desobediência a Deus e suas consequências para a trajetória de Israel.

A importância deste tema reside na observação das influências culturais e religiosas que moldaram a identidade israelita e a sua relação com o divino. O período dos Juízes, caracterizado pela ausência de liderança central após Josué, revelou um ciclo de apostasia e restauração, em que Israel se desviou dos mandamentos de Deus e sofreu opressão, sendo libertado pelos juízes. Em contraste, o período dos Reis trouxe uma centralização do poder político e religioso, mas também expôs os perigos da idolatria e da infidelidade aos mandamentos de Deus.

O objetivo central deste artigo é analisar como a lealdade e a deslealdade dos líderes e do povo de Israel afetaram a sua estabilidade e prosperidade. Serão estudados episódios específicos de obediência e desobediência durante os períodos de Juízes e Reis, examinando as consequências dessas atitudes. Também contribuirá para a compreensão das complexas interações entre religião, cultura e política no antigo Israel.

1. BREVE PANORAMA DO CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E TEOLÓGICO DOS LIVROS HISTÓRICOS

O cenário que antecede a era dos Juízes é marcado pela liderança de Moisés e Josué. Moisés foi um líder exemplar, ensinando a Israel como se comportar diante do Rei dos reis. Ele liderou o povo durante muitos anos, desde o Êxodo² do Egito até a chegada à Terra Prometida. Neste momento, Deus ordenou a Moisés que transferisse a liderança para Josué, pois Moisés não entraria na terra que o Senhor havia planejado para o Seu povo.

Dessa forma, Josué liderou Israel na conquista da Terra Prometida, narrada no livro que leva seu nome. Ao longo de sua vida, ele incentivou o povo a permanecer firme nas promessas

² O povo de Israel foi escravizado durante muitos anos no Egito, assim Deus envia Moisés, que haveria de libertar o povo dessa situação com a ajuda de Deus. Depois das dez pragas, o Faraó decide libertá-los, de modo que eles vão em direção a Terra Prometida, esse movimento é chamado de Êxodo.

divinas, declarando: “eu e minha casa serviremos ao Senhor”.³ O povo concordou em obedecer a essa orientação e fez a seguinte promessa: “O povo, porém, respondeu a Josué: ‘De maneira nenhuma! Nós serviremos ao Senhor’”. No entanto, ao final de sua vida, Josué não designou um sucessor, o que levou o povo a se desviar rapidamente, resultando na época dos Juízes. Sua falha significativa foi não preparar um novo líder para Israel, o que contribuiu para o desvio do povo e isso é relatado em Juízes 21.25: “Naquela época, não havia rei em Israel; cada um fazia o que era certo aos seus próprios olhos”.

1.1 O período dos Juízes

Esse período ocorreu entre os séculos XIV e XI a.C., considerando a data mais antiga para o Êxodo.⁴ Após a morte de Josué, o povo ficou sem um líder que pudesse guiá-los passo a passo, resultando no esquecimento completo de Deus. O Senhor, em sua infinita misericórdia, enviou “Juízes”, líderes que conduziam o povo a glorificar a Deus novamente, abandonando os maus costumes e voltando-se ao Rei. Essa situação tornou-se recorrente, formando um ciclo: Israel desobedecia a Deus, sofria opressão por inimigos, clamava a Deus, e ele levantava um novo juiz para “livrar” e “endireitar” o povo.⁵ Exemplos claros são encontrados nas narrativas de Gideão, Débora e Sansão, onde cada Juiz foi levantado por Deus para libertar Israel.⁶

O contexto histórico dessa época corresponde à Idade do Bronze Tardio II, caracterizada por frequentes trocas de poder entre as nações da região.⁷ Durante esse período, povos dominantes exerceram grande influência, sendo em sua maioria idólatras e politeístas, desconhecendo o Deus Verdadeiro. Assim, o povo de Israel foi contaminado por essa cultura equivocada e claramente oposta aos mandamentos que Deus havia dado a Moisés.

O Senhor havia dado uma ordem muito clara ao seu povo, de eliminar todos os habitantes da Terra Prometida, pois ele já lhes havia concedido uma chance de arrependimento, que não resultou em mudança. No entanto, a nação israelita não obedeceu e não expulsou esses povos. “ao mesmo tempo em que eles conquistaram foram conquistados”⁸, desviando-se do caminho que Deus havia planejado para eles.

Ademais, muitos estudiosos questionam a integridade dos israelitas naquela época, afirmando que eles não se entregaram única e exclusivamente a Deus, algo que só ocorreria séculos depois. De Vaux explica essa afirmação: “A atração da religião cananeia, com seu foco na fertilidade e no sucesso agrícola, levou ao problema persistente do sincretismo na religião israelita, particularmente evidente durante os tempos dos juízes”.⁹

³ SBI. **Bíblia Sagrada**: NVI. Santo André: Geográfica, 2018, p. 171. Todos os textos utilizados na pesquisa serão da Nova Versão Internacional.

⁴ HILL, A. E.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. Traduzido por Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007, p. 211.

⁵ GUSSO, A. R. **Panorama histórico de Israel**: para estudantes da Bíblia. Curitiba: ADSantos, 2003, p. 39.

⁶ CUNDALL, A. E.; MORRIS, L. **Judges and Ruth**: an introduction and commentary. Downers Grove: InterVarsity, 1968, p. 45.

⁷ HILL; WALTON, 2007, p. 211,212.

⁸ GUSSO, 2003, p. 43.

⁹ DE VAUX, Roland. **Ancient Israel**: its life and institutions. Philadelphia: Eerdmans, 1997, p. 277.

O sistema governamental de Israel era distinto e incomum em comparação aos povos daquela região. Enquanto os israelitas adoravam o Senhor e reconheciam sua soberania como Rei supremo, os outros povos reverenciavam reis humanos e diversos deuses. Os israelitas não suportavam a ideia de servir a um rei comum, como pode ser visto na reação de Gideão, isso era totalmente abominável pelos israelitas.

Entretanto, observa-se que a nação de Israel era altamente influenciável e acabou por adotar o sistema monárquico, ansiando por um rei e pedindo isso a Deus insistentemente. Assim, iniciou-se o período dos Reis de Israel, em que o povo já não estava mais livre, mas sujeito à direção do rei. Na maioria das vezes, essa liderança seguiu um caminho errado e contrário à vontade do Senhor.

1.2 O período dos Reis

Primeiramente, antes de abordar essa época, é importante observar os motivos e causas que levaram a esses acontecimentos. Em meados do século XI a.C.¹⁰, o Egito entrou em declínio, marcando o fim do Novo Reino e da vigésima dinastia. A nação começou a enfrentar uma série de problemas internos e externos: instabilidade política, invasões estrangeiras, crises econômicas, corrupção interna, além de perdas de território e população. Esses fatores culminaram em uma grande crise egípcia, que acabou deixando os israelitas e outros povos mais “livres”, não mais sob o forte domínio do Egito.

Com o enfraquecimento do Egito, a Mesopotâmia poderia ter ganhado destaque, mas também foi afetada por uma crise semelhante. Como afirma Leick: “A crise econômica e social que se seguiu às invasões arameias levou a uma redução dramática na produção agrícola e no comércio. As cidades-estado da Mesopotâmia ganharam maior autonomia, e a autoridade central dos grandes impérios foi significativamente enfraquecida”.¹¹ Desse modo, toda a região onde estava o povo de Israel ganhou mais autoridade e liberdade, tanto para comércio, tanto para guerras.

Por conseguinte, houve reinos próximos a Israel que cresceram, como o dos filisteus, apresentando uma forte ameaça aos demais da região. O povo de Deus permanecia fiel, até certo ponto, à soberania divina. No entanto, nesse momento, começaram a pensar em soluções para esses problemas. Afinal, estavam à beira de serem saqueados por outros povos; careciam de estrutura, possuíam tecnologia básica e abaixo da média regional, e encontravam-se divididos, sem coesão ou unidade como povo.¹²

Logo, uma decisão precisava ser tomada, considerando a transição de um sistema teocêntrico¹³ para a monarquia, seguindo o exemplo dos outros reinos. seguindo o exemplo de outros reinos. Além das razões culturais, reconheciam que essa mudança seria não apenas benéfica, mas a melhor para o povo, embora implicasse em consequências. Essa situação é explicada por Gusso:

¹⁰ HILL; WALTON, 2007, p. 227.

¹¹ LEICK, Gwendolyn. **Mesopotamia: the invention of the city**. Londres: Penguin Books, 2002, p. 225.

¹² BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 238-241.

¹³ Sistema que não possui um líder humano, mas que segue as ordens de Deus.

Depois de aproximadamente dois séculos de existência o sistema Teocêntrico de Governo utilizado por Israel chega ao fim. Eles não podiam mais continuar a fazer frente aos seus adversários, que se desenvolviam cada vez mais e os procuravam conquistar, sem um elemento político unificador de suas forças. Não podiam ficar esperando que surgisse um “libertador” a cada investida das nações vizinhas. Era necessário um sistema que lhes desse segurança permanente, com um exército profissional, e viram na Monarquia, forma utilizada por seus agressores, a única saída para este problema.¹⁴

Assim, Israel rejeitou os conselhos de Deus e optou por ter um rei, que foi escolhido pelo próprio Senhor. Eles estavam cientes das consequências que adviriam, o Senhor deixa claro em sua palavra, através de Samuel. Ao fazer isso, acabaram assemelhando-se aos outros povos, concedendo poder ao líder e obtendo resultados semelhantes aos de qualquer outro reino sem Deus. Saul foi aclamado como o primeiro rei de Israel, porém, na prática, não promoveu grandes mudanças, mantendo a estrutura semelhante ao que era anteriormente¹⁵. Seu reinado teve início após a batalha contra os amonitas, onde impressionou todos os israelitas com sua elegância e eloquência.

Durante os próximos anos, a tecnologia empregada não teve avanços significativos, porém houve uma melhora durante o reinado de Davi e um salto durante o reinado de Salomão, que teve um reinado próspero e ímpar em comparação com os outros reis da época. Assim, Saul liderou o início da monarquia, com o objetivo de unificar o povo, centralizar o poder e combater as ameaças ao redor, principalmente os filisteus. Davi sucedeu a Saul, consolidando o reino e expandindo territorial e economicamente. Em seguida, Salomão trouxe estabilidade ao reino, construindo palácios e monumentos, destacando-se entre os povos da região, embora essa estabilidade não tenha perdurado por muitos anos.¹⁶

2. OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA NO PERÍODO DOS JUÍZES

Neste capítulo, compara-se a obediência e desobediência do povo de Israel durante o período dos Juízes, uma era marcada por ciclos recorrentes de fidelidade e rebeldia. Primeiro, serão examinadas situações em que Israel demonstrou obediência a Deus, resultando em períodos de paz e prosperidade. Esses momentos mostram a importância da lealdade às diretrizes divinas e como a fé e a obediência conduziram o povo a vitórias significativas. Em contraste, abordaremos casos de desobediência, onde a negligência aos mandamentos de Deus levou à opressão e diversas dificuldades. Finalmente, serão discutidas as consequências gerais dessas atitudes de obediência e desobediência, destacando como elas moldaram a identidade e a história de Israel, influenciando sua relação com Deus e com as nações vizinhas.

2.1 Exemplos de Obediência

Otoniel era sobrinho de Calebe, um grande homem de Deus que, junto com Josué, espiou a Terra Prometida. Assim como Calebe, Otoniel era um guerreiro valente e destemido,

¹⁴ GUSSO, 2003, p. 55.

¹⁵ BRIGHT, 1985, p. 245-246.

¹⁶ ISHIDA, T. *Studies in the Period of David and Solomon*. Widona Lake: Eisenbraus, 1983.

usado pelo Senhor e que se tornou o primeiro juiz de Israel. Sua primeira grande vitória ocorreu em Debir, onde lutou bravamente após uma promessa feita por seu tio Calebe: “Darei minha filha Acsa em casamento ao homem que atacar e conquistar Quiriate-Sefer (Debir)” (Js 15.16). Posteriormente, ele derrotou o rei da Mesopotâmia, restabelecendo o governo do povo.¹⁷ “Otoniel é um exemplo de como Deus usa líderes aparentemente comuns para realizar grandes feitos. Sua história nos lembra que a vitória pertence ao Senhor, não ao líder humano”.¹⁸

Eúde serviu como o segundo juiz de Israel após Otniel. Após a morte de Otoniel, o povo de Israel pecou e caiu nas mãos do rei de Moabe. Quando os israelitas clamaram por ajuda, Deus enviou Eúde para libertá-los. Um fato de grande importância é que ele era canhoto¹⁹, algo significativo em uma cultura que via a mão direita como a mão da força. Um libertador canhoto demonstra o poder de Deus e como tudo está sob seu controle; não era pela força de um homem, mas pela força de alguém muito maior por trás dele. Eúde visitou o rei Eglom, persuadiu os guardas e conseguiu ficar a sós com ele, momento em que o matou e fugiu rapidamente, libertando Israel e convocando o povo para a batalha contra os moabitas. “A história de Eúde nos ensina que Deus pode usar métodos inesperados e pessoas improváveis para cumprir Seus propósitos”.²⁰

Débora é uma das poucas mulheres apresentadas como líderes de Israel e que exerceram grande influência sobre o povo. Ela foi uma profetisa sábia, com uma visão diferenciada. Débora mantinha um bom relacionamento com Deus e foi grandemente usada por ele, profetizando a vitória sobre o rei de Canaã, que estava oprimindo o povo de Deus. Em Juízes 4.5, diz que “ela se sentava debaixo da tamareira de Débora, entre Ramá e Betel, nos montes de Efraim, e os israelitas a procuravam, para que ela decidisse as suas questões”. Após a surpreendente vitória contra Sísera, Débora compõe um cântico de louvor a Deus: “o Cântico de Débora não é apenas um hino de vitória, mas uma declaração teológica que celebra a soberania de Deus e Seu livramento. Serviu como um lembrete litúrgico para Israel dos feitos poderosos de Deus”.²¹ A vida de Débora também nos mostra que Deus possui um olhar mais profundo que o nosso, pois naquela época não era normal uma mulher estar liderando uma nação, mas Deus não a rejeitou.

2.2 Exemplo de Desobediência

Embora tenham outros, Sansão foi o último juiz deste período, preparando o caminho para Samuel, que em breve assumiria a liderança de Israel, sendo o último destaque antes dos famosos reis. Sansão nasceu de uma mãe estéril e, sob a promessa de ser um nazireu, de modo que não poderia passar uma navalha em seu cabelo. Esse voto implicava um compromisso sério de entrega e devoção a Deus por parte de Sansão; porém, isso não se concretizou. Ele

¹⁷ GUSSO, 2003, p. 48.

¹⁸ KELLER, Timothy. **Judges for You**. Epsom, Surrey: The Good Book Company, 2013, p. 55.

¹⁹ Informação descrita em Juízes 3.15.

²⁰ MACARTHUR, John. **The MacArthur Bible Commentary**. Thomas Nelson, 2005, p. 262.

²¹ KELLER, 2013, p. 128.

caiu repetidamente aos prazeres sexuais, contrariando a vontade de Deus e permitindo que o pecado corroesse os planos divinos para sua vida.

O Senhor, em sua misericórdia, concedeu-lhe força em diversas ocasiões, fazendo com que o povo de Israel inspirasse medo nos povos circunvizinhos. No entanto, Dalila entrou em sua vida, uma mulher contrária a tudo o que Deus queria para seu povo. Sansão se entregou a ela e acabou perdendo tudo o que possuía. No dia de sua morte, ele matou mais filisteus do que em toda a sua vida. “A história deste, que muitos pensam não poder ser classificado como juiz, pois suas atitudes destoam fortemente dos demais”.²² Diferentemente de Jefté, não restam dúvidas de que a vida e as atitudes de Sansão foram, em grande parte, totalmente contrárias a Deus e à sua obra.²³

2.3 Consequências para Israel

As atitudes moldaram a trajetória histórica e espiritual da nação, conduzindo o povo, ora a uma vida santa, ora a uma vida pagã. A aliança que o povo tinha com Deus era condicional; portanto, para receber a proteção divina, era necessário viver uma vida consagrada, o que, na maioria dos casos, não ocorreu. Em suas últimas palavras, Josué adverte o povo sobre a importância da obediência: “Se abandonarem o Senhor e servirem a deuses estrangeiros, ele se voltará contra vocês e os castigará. Mesmo depois de ter sido bondoso com vocês, ele os exterminará’. O povo, porém, respondeu a Josué: ‘De maneira nenhuma! Nós serviremos ao Senhor’” (Js 24.20-21). Mas percebe-se ao longo do livro de Juízes que não obedeceram:

Quando os israelitas clamaram ao Senhor por causa de Midiã, ele lhes enviou um profeta, que disse: ‘Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Eu tirei vocês do Egito, da terra da escravidão. Eu os liberei do poder do Egito e das mãos de todos os seus opressores. Eu os expulsei diante de vocês e lhes dei a terra deles. E eu disse a vocês: Eu sou o Senhor, o seu Deus; não adorem os deuses dos amorreus, em cuja terra vivem. Mas vocês não me deram ouvidos’ (Jz 6.7-10).

Portanto, quando o povo de Deus era obediente, o Senhor os abençoava e protegia. Deus usou alguns juízes para trazer paz e prosperidade decorrentes da promessa feita à nação, e durante esses períodos, o povo reconhecia a soberania divina. No entanto, quando esqueciam de Deus, sofriam opressão e desorganização, pois desobedecer ao Senhor deixava-os sem liderança. Otoniel trouxe quarenta anos de paz com sua vitória; graças a Eúde, os israelitas desfrutaram de oitenta anos de tranquilidade; e a história de Débora mostra como ela levou o povo a adorar o Senhor sinceramente.

Ademais, é preciso frisar: a restauração só acontece quando Deus opera por meio de seu libertador. É de extrema importância ter alguém sério à frente do povo, firme com Deus e motivando os outros. No entanto, quando o líder se afasta e leva o povo para longe de Deus, tudo de mal e pior acontece. Hopf exemplifica esse período: “Homens fortes criam tempos

²² GUSSO, 2003, p. 52.

²³ CUNDALL; MORRIS, 1992, p. 153-173.

fáceis e tempos fáceis geram homens fracos, mas homens fracos criam tempos difíceis e tempos difíceis geram homens fortes”.

3. OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA NO PERÍODO DOS REIS

No último capítulo, será analisado a relação entre obediência e desobediência durante o período dos reis em Israel. Esta era, marcada pela transição de uma teocracia para uma monarquia, trouxe desafios e mudanças significativas na dinâmica espiritual e política do povo de Deus. Inicialmente, será observado exemplos de obediência, onde reis e o povo seguiram os mandamentos divinos, resultando em prosperidade e estabilidade. Em seguida, será abordado episódios de desobediência, onde desvios dos ensinamentos de Deus levaram a consequências desastrosas, como invasões e crises internas. Por fim, as consequências gerais dessas atitudes de obediência e desobediência, como elas moldaram a trajetória histórica e espiritual de Israel, influenciando seu relacionamento com Deus e com outros povos.

3.1 Exemplos de Obediência

Josias, teve o exemplo terrível do pai, que levou a nação a adorar outros deuses, seguindo costumes pagãos. Com apenas oito anos, ele se tornou rei de Judá, pois seu pai foi assassinado. Todavia, ele sabia que o povo estava pecando e, aos quinze anos, já buscava a Deus e mantinha um relacionamento sério com Ele. Ainda jovem, Josias removeu os altares idólatras presentes em toda a região de Judá e decidiu reconstruir o Templo. Durante essa reconstrução, foi encontrado a Torá²⁴, que havia sido esquecido nas gerações anteriores. Quando foi apresentado a Josias, ele rasgou suas vestes em sinal de luto. Rapidamente, o rei convocou uma equipe para encontrar a profetisa Hulda, buscando corrigir os erros cometidos até então e obter o perdão divino. Deus, em sua maravilhosa graça, perdoou Josias e o povo, afirmando que eles não veriam a destruição que ele tinha planejado para a nação. “Josias renovou a aliança com Deus, convocando todo o povo para se comprometer novamente com os mandamentos divinos. Este evento marcou um renascimento espiritual significativo em Judá”.²⁵

Ezequias, contrariando a cultura da época, seguiu a Deus de todo o coração. Ele destruiu todos os altares idólatras e ídolos pagãos, incentivando o povo a viver uma vida de adoração ao Deus verdadeiro. Seu pai, Acaz, assim como o pai do rei Josias, não foi um bom rei aos olhos de Deus, deixando a nação enfraquecida e carente de um bom líder. Felizmente, Ezequias não seguiu o exemplo do pai, sendo fiel aos mandamentos e ordens divinas. A Bíblia relata que, durante seu reinado, houve a maior Páscoa já celebrada. Além da reforma religiosa, ele restaurou o Templo e os levitas, reavivando a essência do culto ao Senhor. No Livro de Reis, está escrito que não houve nenhum rei semelhante a ele em toda a história de Judá e que ele tinha plena confiança em Deus.²⁶ Essa fé foi provada em duas situações importantes: quando

²⁴ A Torá é o Pentateuco, que são os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada como conhecemos hoje.

²⁵ DEVRIES, Simon J. **1 and 2 Kings**. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 323.

²⁶ Esta passagem se encontra em 2 Reis 18.5.

ele orou a Deus, ciente de sua pequenez, reconhecendo que não conseguiria vencer os assírios sozinho e clamando por ajuda divina; e no final de sua vida, quando contraiu uma doença grave, mas orou a Deus, que então lhe concedeu mais alguns anos de vida.²⁷

3.2 Exemplos de Desobediência

Ezequias, no entanto, teve um filho chamado Manassés, que se tornou um dos piores reis de Judá. Não apenas ignorou todos os conselhos e feitos de seu pai, mas foi além, influenciando todo o povo a adorar ídolos e cultuar outros deuses. Seu reinado foi marcado por uma apostasia generalizada, com muitas mortes de pessoas inocentes. Além de adorar falsos deuses, o rei sacrificou seu próprio filho ao deus Moloque, como oferta queimada. A Bíblia descreve a gravidade de suas ações: “Porque Manassés, rei de Judá, fez estas abominações, (...); por isso, assim diz o Senhor, Deus de Israel: ‘Estou prestes a trazer tal desastre sobre Jerusalém e Judá que fará tinir os ouvidos de todo aquele que ouvir falar disso’”.²⁸ O rei foi levado prisioneiro à Babilônia, mas se arrependeu verdadeiramente, e o Senhor o perdoou, permitindo que ele retornasse a Judá. No final de sua vida, Manassés instaurou algumas reformas religiosas para tentar corrigir o mal que havia causado, mas seus esforços não foram suficientes para reparar completamente os danos.²⁹

Acabe fez o que era mau aos olhos do Senhor, mais do que todos os que foram antes dele.³⁰ No início de seu reinado, casou-se com Jezabel, que introduziu a adoração a Baal e Aserá, além de perseguir e exterminar os profetas do Senhor. Ele se entregou à idolatria e esqueceu completamente os mandamentos de Deus. Embora o profeta Elias o advertisse repetidamente sobre seus atos pecaminosos, cometidos tanto por ele quanto por sua esposa, Acabe não dava importância. Elias, então, desafiou 450 profetas de Baal no monte Carmelo, incitando-os a chamar seu deus para que ateasse fogo no altar. Depois de longas horas sem sucesso, por parte dos outros profetas, Elias orou com fé ao Senhor, que fez cair fogo do céu, demonstrando que os deuses que seguiam eram falsos e que existe apenas um Deus verdadeiro. Nesse momento, o povo se prostrou diante do Senhor. No entanto, Jezabel mandou matar o profeta, que precisou fugir. Apesar de muitas vitórias concedidas pelo Senhor ao rei, no final de sua vida, Acabe ignorou os conselhos do profeta e de Deus, e morreu ironicamente em uma batalha, atingido por uma flecha “perdida”.³¹

3.3 Consequências para Israel

Durante o período dos Reis, Israel enfrentou diversas consequências em função da obediência ou desobediência de seus governantes. O povo acreditava que a solução para os problemas da época dos juizes era estabelecer um rei, à semelhança das nações vizinhas. No entanto, ficou evidente que a simples presença de um líder não era suficiente, pois muitos

²⁷ WAITE, J. C. J. **Ezequias**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 583-584.

²⁸ Esta passagem se encontra em 2 Reis 21.11-12.

²⁹ GUSSO, 2003, p. 120.

³⁰ Esta passagem se encontra em 1 Reis 16.30.

³¹ BALDWIN, Joyce. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996.

governantes conduziram o povo de maneira equivocada, levando-os à apostasia, invasões, opressão estrangeira e ao culto a deuses pagãos. Espiritualmente, a desobediência, como a de Jeroboão e seus bezerros de ouro, afastou Israel de Deus, instaurando um ciclo de pecado e punição. Ademais, as sucessões reais não foram a solução também, pois, em sua maioria, foram erroneamente conduzidas e sem direção divina.

Por outro lado, existem exemplos de bons líderes, assim como no período dos juízes, embora sejam poucos. A obediência a Deus trouxe renovação e prosperidade, como no caso de Josias, que redescobriu o Livro da Lei e eliminou a idolatria, demonstrando que a fidelidade a Deus pode restaurar uma nação e renovar a aliança com ele. Sempre é tempo de retornar à essência da adoração, e os grandes reis sabiam disso; quando se viam em pecado, recorriam imediatamente ao Senhor, pedindo perdão. Portanto, compreende-se que não basta ter um líder à frente da nação se ele não estiver alinhado com Deus, pois o Senhor deve ser o verdadeiro líder e pode usar quem ele quiser. A diferença entre os reinados marcados positivamente ou negativamente está relacionada ao relacionamento do povo e do rei com Deus. “A prosperidade e a queda de Israel estavam diretamente ligadas à fidelidade dos reis ao pacto com Deus, como evidenciado nas histórias de Davi, Asa e Josias, em contraste com os reinados de Jeroboão, Acabe e Manassés”.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa destacam as implicações históricas e teológicas das ações obedientes ou não dos líderes e do povo de Israel durante os períodos de juízes e reis. Inicialmente, a pesquisa abordou o impacto dos Juízes, como líderes que, apesar das suas falhas, foram criados por Deus para restaurar a fé e a ordem em Israel em tempos de crise. A fidelidade a Deus trouxe tempos de paz e prosperidade, enquanto a desobediência trouxe opressão e desorganização. Exemplos como Otoniel, Eúde e Débora mostram como a obediência a Deus trouxe estabilidade e vitórias importantes para Israel.

No tempo dos reis, a transição para a monarquia centralizou o poder, mas também revelou os perigos da idolatria e da infidelidade. Reis como Josias e Ezequias exemplificaram a obediência aos mandamentos de Deus, conduzindo o povo à restauração espiritual e a períodos de prosperidade. Em contraste, reis como Manassés e Acabe mostram como a desobediência e a idolatria levaram a crises internas, invasões e decadência espiritual.

A pesquisa mostra que a relação entre obediência e prosperidade, bem como entre desobediência e desastre, foi um padrão recorrente que modificou a identidade e a história de Israel. As consequências destas atitudes, na era dos juízes e reis, mostram a importância de obedecer aos mandamentos divinos para a estabilidade e prosperidade da nação. Pesquisas futuras poderiam explorar ainda mais as variações regionais e sociais em Israel durante estes períodos, bem como comparações com outros sistemas contemporâneos de governo.

³² WALTON, J. H. **Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context**: a survey of parallels between Biblical and Ancient Near Eastern Texts. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, Joyce. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CUNDALL, A. E.; MORRIS, L. **Judges and Ruth**: an introduction and commentary. Downers Grove: InterVarsity, 1968.
- CUNDALL, A. E.; MORRIS, L. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- DE VAUX, Roland. **Ancient Israel**: its life and institutions. Philadelphia: Eerdmans, 1997.
- DEVRIES, Simon J. **1 and 2 Kings**. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.
- GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel**: para estudantes da Bíblia. Curitiba: ADSantos, 2003.
- HILL, A. E.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. Traduzido por Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007.
- ISHIDA, T. **Studies in the Period of David and Solomon**. Widona Lake: Eisenbraus, 1983.
- KELLER, Timothy. **Judges for You**. Epsom, Surrey: The Good Book Company, 2013.
- LEICK, Gwendolyn. **Mesopotamia**: The Invention of the City. Londres: Penguin Books, 2002.
- MACARTHUR, John. **The MacArthur Bible Commentary**. Thomas Nelson, 2005.
- MATTHEWS, Victor H. **Judges and Ruth**. New Cambridge Bible Commentary. Cambridge: Cambridge University, 2004.
- MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Josué, Juízes e Rute**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada**: NVI. Santo André: Geográfica, 2018.
- WAITE, J. C. J. **Ezequias**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- WALTON, J. H. **Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context**: a survey of parallels between biblical and Ancient Near Eastern Texts. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.004



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O ACONSELHAMENTO CRISTÃO E O EQUILÍBIO EMOCIONAL: FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA O CUIDADO INTEGRAL DO CRISTÃO

Christian counseling and emotional balance: Theological Foundations for the
Integral Care of the Christian

Paulo Eduardo Boulhosa de França¹

RESUMO

O presente artigo demonstra como o aconselhamento pastoral pode atuar na área emocional trazendo equilíbrio à vida do cristão, para isso, foi proposto a reflexão sobre como aplicar recursos espirituais, recebidos pela graça de Deus, para se organizar emocionalmente. A pesquisa parte da hipótese de que desde a criação da Imago Dei, o ser humano criado, seria cuidado e governado por Deus. A "queda" alterou tal organização, mas pode ser corrigida através de Cristo, uma vez que sua morte e ressurreição restaurou e redimiu a criação. A prática do aconselhamento pastoral pautada no relacionamento pessoal com Deus, auxilia no desenvolvimento de estratégias para tratar de questões emocionais por orientações espirituais e contribuir com o equilíbrio emocional da comunidade cristã. Para tal, foram aplicados o método indutivo e os tipos exploratório, bibliográfico aliado à abordagem qualitativa. Na construção dos argumentos são apresentados dados jornalísticos, estatísticos e entrevistas com especialistas na área emocional, contextualizando as doenças psicossomáticas atuais. São apontadas possíveis soluções de cura emocional que não ocorrem, exclusivamente com o uso de medicamentos, mas pela fé, mediada na operação do poder do Espírito Santo. Além disso, analisa-se textos bíblicos e literaturas em psicologia e educação, como Goleman, Tournier, Blue, Nouwen, Lewis e Domingues. Como resultados, apresenta-se aportes espirituais

¹ Mestrando em Aconselhamento Clínico pela Florida Christian University (2024), Mestre de Teologia em Ministérios Carolina University (2023), Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFBA (2020), Tecnólogo em Manutenção Petroquímica pelo CEFET-BA (1997). Atua em serviço ministerial há 30 anos na Bahia e alguns estados do nordeste do Brasil e há 17 anos na África Austral com certificação de Gestão de Pessoal por coordenação de ações ministeriais filantrópicas. E-mail: ivri.eb@gmail.com.

significativos para eliminar patologias psicossomáticas da sociedade atual e aplicação de princípios criacionais.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Equilíbrio emocional. Neurose coletiva.

ABSTRACT

The following article aims to demonstrate how pastoral counseling can impact the emotional well-being of Christians by reflecting on how individuals, in their entirety, can apply spiritual resources received through God's grace to achieve emotional organization. Grounded in Practical and Biblical Theologies, and based in the current society of complex thinking exposed to collective neurosis, the present thesis research hypothesizes that since the creation of Imago Dei, humans have been intended to be cared for and governed by God. The "fall" altered this organization; however, it can be corrected by Christ since his death and resurrection restored and redeemed the creation by considering the spirit as an effective initial point to address imbalances, similar to the beginning. It presupposes that the practice of pastoral counseling, based on a personal relationship with God, develops strategies to address emotional issues through spiritual guidance, contributing to the emotional balance of the Christian community. Based on an inductive exploratory, bibliographic, and qualitative method this thesis presents journalistic and statistical data through interviews with academic experts in the emotional field which contextualizes the current psychosomatic diseases. Additionally, it analyzes biblical texts and literature in psychology and education, such as Goleman, Tournier, Blue, Nouwen, Lewis, and Domingues. As a result, significant spiritual contributions are presented to eliminate psychosomatic pathologies in current society, through the operation of the Holy Spirit's power and the application of creation principles.

Keywords: Pastoral counseling. Emotional balance. Collective neurosis.

INTRODUÇÃO

O O aconselhamento pastoral constitui-se como uma prática essencial no cuidado integral da comunidade cristã, especialmente diante dos desafios emocionais que marcam a sociedade contemporânea. Inserido no campo da teologia prática, esse ministério busca oferecer suporte espiritual, orientação e acompanhamento à luz da revelação bíblica, reconhecendo o ser humano como uma unidade indissociável de corpo, mente, emoções, espírito e relações sociais. Nesse sentido, a figura de Jesus Cristo e seus ensinamentos tornam-se referência fundamental, uma vez que seu ministério evidenciou cuidado compassivo, sensibilidade às fragilidades humanas e restauração integral da pessoa.

No contexto atual, caracterizado por altos índices de ansiedade, depressão, transtornos psicossomáticos e o que diversos autores denominam de “neurose coletiva”, torna-se insuficiente uma abordagem exclusivamente técnica ou medicamentosa para o tratamento do sofrimento emocional. O Brasil tem um índice de 86% da população que sofre com algum transtorno mental, como ansiedade e depressão. “A ansiedade, por exemplo, atinge mais de

260 milhões de pessoas. Aliás, o Brasil é o país com maior número de pessoas ansiosas; cerca de 9,3% da população, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)".²

Embora as ciências da saúde mental ofereçam contribuições relevantes, este estudo parte do pressuposto de que, para o cristão, o equilíbrio emocional também está profundamente relacionado à dimensão espiritual e ao modo como se compreende e se vive a fé. Assim, o aconselhamento pastoral é apresentado como um espaço legítimo de escuta, discernimento e cuidado, no qual recursos espirituais, recebidos pela graça de Deus, podem ser aplicados de maneira responsável e restauradora.

A pesquisa fundamenta-se na hipótese de que, desde a criação, o ser humano, formado à imagem e semelhança de Deus (*Imago Dei*), foi criado para viver sob o cuidado e o governo divinos, em equilíbrio consigo mesmo, com o próximo e com a criação. A queda, entretanto, desorganizou essa estrutura original, gerando rupturas que atingem também a esfera emocional. Contudo, essa desordem não é definitiva, pois, à luz da fé cristã, a obra redentora de Cristo, por meio de sua morte e ressurreição, restaura e redime a criação, oferecendo bases espirituais para a reorganização da vida emocional e relacional.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo demonstrar como o aconselhamento pastoral, quando pautado em um relacionamento pessoal com Deus, na ação do Espírito Santo e em uma leitura responsável das Escrituras, pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias espirituais eficazes no enfrentamento dos dilemas emocionais. Parte-se da compreensão de que a fé cristã não anula a realidade do sofrimento psíquico, mas oferece recursos para lidar com ele de maneira saudável, evitando tanto o reducionismo espiritualizante quanto a negligência da dimensão espiritual.

Metodologicamente, a pesquisa utiliza o método indutivo, com caráter exploratório e bibliográfico, aliada a uma abordagem qualitativa. Para a construção do referencial teórico e analítico, são mobilizados textos bíblicos, literatura das áreas de teologia, psicologia e educação, bem como dados jornalísticos, estatísticos e entrevistas com especialistas da área emocional, a fim de contextualizar as principais patologias psicossomáticas presentes na sociedade atual. Autores como Goleman, Tournier, Blue, Nouwen, Lewis e Domingues dialogam com a reflexão teológica proposta, enriquecendo a análise interdisciplinar.

Por fim, o artigo propõe que o conselheiro pastoral, ao agir com empatia, humildade, misericórdia e discernimento espiritual, torna-se instrumento de Deus no processo de cura e restauração emocional. Ao analisar exemplos bíblicos e princípios criacionais, busca-se evidenciar que o cuidado pastoral não se limita à correção moral ou à exortação, mas envolve acolhimento, graça e acompanhamento responsável, capazes de promover equilíbrio emocional e espiritual na vida do cristão.

² Ações realizadas pela Rede Ebserh/MEC buscam conscientizar sobre a importância da saúde mental. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/acoes-realizadas-pela-rede-ebserh-mec-buscam-conscientizar-sobre-a-importancia-da-saude-mental>>.

1. O PLANO PROVIDENCIAL DE DEUS FRENTE AOS DILEMAS EMOCIONAIS HUMANOS: OS EXEMPLOS DE NOÉ E LÓ

Jesus que era um exímio conhecedor da cultura judaica e dos seus personagens, é citado por Lucas em seu Evangelho, em um diálogo com os seus discípulos a respeito de duas grandes catástrofes registradas nos dias de Noé e Ló (Lc 17.26-28). “Pedro afirma que oito pessoas foram salvas do dilúvio, que foi tão histórico quanto o julgamento de Sodoma, e que aconteceu com tanta certeza quanto Jesus virá de novo (1Pe 3.20; 2Pe 2.4-6 e 3.3-7)”.³

O autor do Comentário Bíblico Africano, Adeyemo, traz uma abordagem de Moisés, ao escrever o livro de Gênesis e identifica a maldade que guarda relação com a realidade no mundo atual:

O autor também diz que a humanidade “estava corrompida e cheia de violência” (6.11-12). Infelizmente, essas palavras se aplicam muito bem às nossas sociedades do século XXI. Assim, devemos atentar para a atitude do Senhor diante dessas condições: “resolvi dar cabo de toda carne [...] eis que os farei perecer juntamente com a terra” (6.3).⁴

Ao listar as características dos seres humanos, nos dias anteriores ao dilúvio e à incidência de chuva de fogo e enxofre, são citados elementos naturais da realidade cotidiana como comer, beber, casar, comprar, plantar, vender e edificar; sendo destacadas coisas lícitas ao ser humano. Esses elementos são fundamentais ao desenvolvimento e crescimento do indivíduo e não há como se distanciar deles, mas Jesus adverte que seriam prejudiciais por dispersar os homens dos últimos dias das prováveis hecatombes que ocorreriam naquele momento.

O cenário descrito no livro de Gênesis, nos capítulos 6 e 19, descreve acontecimentos que banalizam a vida e os relacionamentos. Fica evidente que havia uma deformação de caráter no caso dos habitantes de Sodoma e Gomorra, como a soberba e o ambiente de injustiça social:

A Bíblia é inequívoca na sua condenação de pecados sexuais de todos os tipos; há, no entanto, outra dimensão da história que facilmente pode ser negligenciada. O pecado final e imperdoável não foi a lascívia em si, mas a determinação implacável de prejudicar e molestar pessoas aparentemente indefesas (estranhos a quem era devida toda a hospitalidade).⁵

Eles evidenciam o grau de impureza e contaminação presentes naquele contexto social de negligência ao cuidado com os pobres, em que prevalecia a corrupção, a perversão sexual e a violência (Gn 6.2,11). Na Torá, o termo “violência” é substituído por: “E corrompeu-se a terra diante de Deus, e se encheu a terra de roubo” (Gn 6.11) (grifo nosso) - “os sábios interpretam o termo como *Chamás* como sendo violência, idolatria, incesto e homicídio”.⁶

³ HAM, K. *et al.*, **A origem**: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 36.

⁴ ADEYEMO, T. **Comentário Bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 21.

⁵ ELLISON, H.; PAYNE, D. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novos Testamentos. São Paulo: Vida, 2008, p. 176.

⁶ MELAMED, M. **Torá - A Lei de Moisés**. São Paulo: Sêfer, 2001, p. 16.

Por isso, Deus falou que faria perecer toda criatura perante ele. Infelizmente, os problemas presentes na narrativa de Gênesis são encontrados em diferentes sociedades e com níveis e graus potencializados. Esses problemas exercem influência na realidade e acabam trazendo o desequilíbrio emocional, espiritual, material e físico nas relações entre grupos e indivíduos.

Na atualidade, é preciso salientar também o poder das mídias sociais, que vêm sobrecarregadas de conteúdos de violência e de toda sorte de perversão, em filmes, noticiários, blogs etc., tornando-se responsáveis por produzir deformações na psique humana. Segundo Errázuriz, que liderou uma pesquisa de saúde mental na América Latina, o aumento dos índices de depressão está associado ao crescimento da violência. Diante de seus estudos sobre a depressão na região continental diz que: “nosso achado sugere também que, na América Latina, melhorar o nível de desenvolvimento humano, reduzir as desigualdades, como de gênero e renda, e a violência são fatores que acompanham a redução da prevalência da depressão”.⁷

É relevante considerar o que Jesus profetiza sobre os dias atuais. Também, é razoável deduzir que ele é uma pessoa com condições de entender esta sociedade complexa e, por isso, é dotado de credibilidade pelos pacientes com doenças emocionais, por serem no geral cristãos, como alguém que pode ajudá-los, curá-los e estabilizá-los emocionalmente. É preciso fazer um alerta com respeito ao que é constituído como instrumentos tecnológicos, uma vez que por um lado podem trazer vantagens, mas, por outro, podem causar danos à vida, diante do uso desmedido e sem reflexão. O que indica que é preciso ter cautela, quer com elementos naturais, quer com os produzidos ao longo da evolução de uma sociedade.

Qual é a atitude de Deus, ao ver o cristão inserido nesse ambiente repleto de perversão e sendo afligido, lutando constantemente com a sua consciência para manter-se santo? É importante fazer uma análise da expressão preditiva de Deus, acerca dos dias atuais, por intermédio da sua posição perante as abominações que estavam presentes também nos dias de Ló. De antemão, os anjos revelam para Abraão a finalidade da ida deles para Sodoma, cidade em que Ló habitava com a sua família:

Tendo-se levantado dali aqueles homens, olharam para Sodoma; e Abraão ia com eles, para os encaminhar. Disse o Senhor: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer [...]. Disse mais o Senhor: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei (Gn 18.16-17,20-21).

Na história de Ló, um homem de oração e a quem os anjos foram visitar como resposta do seu clamor por encontrar-se em um contexto grave de depravação moral, é lido no texto bíblico que:

Ao anoitecer, vieram os dois anjos a Sodoma, a cuja entrada estava Ló assentado; este, quando os viu, levantou-se e, indo ao seu encontro,

⁷ CUPANI, G. **Brasil tem os piores índices de depressão da América Latina**. Correio da Bahia, 2023. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/brasil/brasil-tem-os-piores-indices-de-depressao-da-america-latina-1023>>. Acesso em: 04 out. 2023.

prostrou-se, rosto em terra. E disse-lhes: Eis agora, meus senhores, vinde para a casa do vosso servo, pernoitai nela e lavai os pés; levantar-vos-eis de madrugada e seguireis o vosso caminho. Responderam eles: Não; passaremos a noite na praça. Instou-lhes muito, e foram e entraram em casa dele; deu-lhes um banquete, fez assar uns pães asmos, e eles comeram. Mas, antes que se deitassem, os homens daquela cidade cercaram a casa, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles. **Saiu-lhes, então, Ló à porta, fechou-a após si e lhes disse: Rogo-vos, meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas, virgens, eu vo-las trarei; tratai-as como vos parecer, porém nada façais a estes homens, porquanto se acham sob a proteção de meu teto** (Gn 19.1–8. Grifo nosso).

No texto acima percebe-se que Ló, naquele contexto, teve algumas atitudes impensadas, não refletidas e que são assustadoras. A primeira atitude é quando ele entrega as duas filhas virgens e noivas, em troca de dois homens que ele acabara de conhecer, ainda que fossem anjos. Radmacher faz um comentário bíblico que afirma tal fato:

A réplica de Ló foi severa. Ele tinha convidado os visitantes para pernoitar em sua casa com a finalidade de protegê-los; agora havia o perigo de vê-los sofrer abusos por uma multidão imoral e violenta. O desespero de Ló o levou a arriscar a vida de suas filhas para poupar os estrangeiros do ataque. Aqui, entendemos por que as acusações contra essa cidade chegaram aos ouvidos do Senhor (Gn 18.20,21).⁸

Em outra situação, ele titubeia para sair de casa, mesmo após o aviso dos anjos de que a cidade seria destruída, demonstrando insegurança por uma suposta falta de paz no lar e que fica confirmada, quando a sua mulher olha para trás e vira uma estátua de sal, ao sair da cidade, demonstrando um coração insubmisso e desobediente - Ló perde a mulher.

Então, disseram os homens a Ló: Tens aqui alguém mais dos teus? Genro, e teus filhos, e tuas filhas, todos quantos tens na cidade, **faze-os sair deste lugar; pois vamos destruir este lugar, porque o seu clamor se tem aumentado, chegando até à presença do Senhor; e o Senhor nos enviou a destruí-lo. [...] Ao amanhecer, apertaram os anjos com Ló, dizendo: Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas, que aqui se encontram, para que não pereças no castigo da cidade. Como, porém, se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade.** Havendo-os levado fora, disse um deles: Livra-te, salva a tua vida; **não olhes para trás, nem pares em toda a campina; foge para o monte, para que não pereças.** [...] Então, fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra. **E a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal** (Gn 19.12–13, 15–17, 24–26. Grifo nosso).

⁸ RADMACHER, E. *et al.*, **O Novo Comentário Bíblico**: Antigo Testamento. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 55.

É evidente que a mulher de Ló foi punida e foi transformada em uma estátua de sal por querer contemplar o juízo de Deus, enquanto ele operava na destruição da cidade em que se encontravam os seus entes conhecidos. Inclusive, os noivos de suas filhas foram advertidos que a cidade seria destruída e não acreditaram em Ló, sendo possível inferir que ele não tinha bom nome ou respaldo social. Porquanto, é descrito no versículo 14 do mesmo capítulo: “Então, saiu Ló e falou a seus genros, aos que estavam para se casar com suas filhas e disse: Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Acharam, porém, que ele gracejava com eles”.

Nessa mesma linha de argumentação, pode ser citado, ainda, o que ocorreu após fugirem da cidade: Ló, embriagado, se deita com as suas duas filhas e se torna pai dos moabitas e amonitas; demonstrando um histórico de acentuado descrédito e repúdio. Radmacher comenta:

As filhas de Ló agora conspiravam juntas. O objetivo era deixar o pai bêbado o bastante para que ele pudesse ter relações sexuais com elas, para conservar a semente, a linhagem dele. O desespero delas era real. Seus futuros maridos haviam morrido, e não havia ninguém mais com quem elas pudessem se casar. A mãe delas também estava morta. Então, elas consideravam difícil o pai casar-se novamente e ter outros filhos. Na mente delas, estavam condenadas a morrer sem filhos, e não haveria ninguém mais para carregar o nome da família. Para a cultura da época, isto era um prejuízo esmagador. Então, cometeram o ato incestuoso, que teve consequências desastrosas. *E não sentiu ele quando ela se deitou*. Esta frase é repetida duas vezes neste trecho para proteger Ló. Esta não era uma atitude incestuosa deliberada da parte dele. As suas filhas, sozinhas, eram as responsáveis pelo que havia acontecido. O vergonhoso ato de incesto levou ao nascimento de duas crianças, cujos descendentes mais tarde trariam grandes problemas para Israel: Moabe [de quem descendem os moabitas] e Ben-Ami [de quem descendem os amonitas].⁹

Ainda sobre essa passagem de Ló e suas filhas, Adeyemo traz algumas reflexões em seu comentário:

Esse relato levanta várias questões morais: Por que Ló se deixou embriagar a ponto de não saber o que se passava a seu redor? Diante da ausência de qualquer outro homem, as filhas tinham o direito de se deitar com o pai? Ló fez bem em ir morar com as filhas numa caverna? Não teria sido mais sábio correr o risco de morar em Zoar, em vez de se isolar com as filhas? Nos dias de hoje, especialmente em áreas urbanas, não são raros os casos de moças que vão morar com o pai na cidade enquanto a mãe fica na vila. Será que esse episódio bíblico não pode ser considerado um aviso? A vida de Ló mostra claramente como uma criação piedosa e mesmo uma vida reta não são suficientes quando não se tem contato com o povo de Deus. Ló escolheu viver em Sodoma, em lugar conhecido por sua perversidade e, supostamente, casou-se com uma mulher dessa cidade e fez planos para suas

⁹ RADMACHER, E. *et al.*, 2010, p. 57.

filhas se casarem com homens de Sodoma, pessoas que não conheciam o Senhor.¹⁰

Em Gênesis 19.16, é possível ver o olhar de Deus para com Ló em meio à tribulação, aflição e angústia: “Como, porém, se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade”. Essa expressão atribuída ao Senhor, demonstra a reação misericordiosa de Deus para com as pessoas que estão aflitas, perturbadas, ansiosas, depressivas, cansadas e oprimidas nesta sociedade.

Pode-se inferir que a mesma atitude de misericórdia manifestada por Deus naqueles dias, está disponível para aqueles que esperam e creem no Pai de Amor. Sobre essa atitude de misericórdia de Deus em relação a Ló, Radmacher comenta:

Ló, porém, demorava-se. Isto significa que Ló hesitou. Devia estar sentindo-se confuso com a destruição por vir. Ele e sua família precisaram ser tomados pela mão e conduzidos para fora de casa pelos anjos. O verbo hebraico traduzido como pegaram pela mão tem o sentido de pressionar, agarrar. Por que fizeram isto? Porque o Senhor [é] misericordioso. Este é o objetivo principal da história: revelar a bondade de Deus e Sua graciosa salvação. Ele poderia ter destruído a cidade de Sodoma sem revelar nada a Abraão ou a Ló (Gn 18.17). Mas, por causa da Sua misericórdia (hb. *chemlah*, compaixão, do verbo *chamai*, poupar, ter piedade), seus anjos agarraram Ló e sua família pela mão e forçaram-nos a sair da cidade em segurança.¹¹

Ao contrário da misericórdia, a opressão é algo que Deus repele, pois tira a compreensão daqueles que são submetidos ou expostos a esse delito. Habacuque, no momento de sua experiência com Deus, ao vê-lo, entendeu que ele não gostava de opressão: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar [...]” (Hc 1.13). Salomão explica as consequências daquele que sofre a opressão: “Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio [...]” (Ec 7.7). Pois o ato opressor retira a compreensão e interfere na fé do oprimido, dificultando o exercício do livre arbítrio, em tomadas de decisão, em função do desequilíbrio emocional decorrente de tal maldade.

Não obstante a todo esse quadro de desajustes de Ló, Deus não o trata de forma legalista pelas suas falhas, mas o contempla com a sua graça, a ponto de o chamar de justo: “E livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados” (II Pe 2.7). Essa é uma inegável demonstração da bondade de Deus que, na sua exigência pela obediência dos seus filhos, ao vê-los aflitos, leva em consideração os recursos que a pessoa, em questão, tem para agradá-lo — Deus é compreensivo e misericordioso para com os seus, redimindo-os dos seus pecados e falhas através de Jesus. Essa sensibilidade e compaixão devem ser encontradas no conselheiro ao tratar o irmão aflito. Ele deve buscar transmitir o sentimento de Deus, de empatia e graça similares, para com o desequilibrado emocional. Cabe expressar, ainda, amor, misericórdia e compreensão, no processo da cura emocional, respeitando o

¹⁰ ADEYEMO, 2010, p. 40.

¹¹ RADMACHER, E. *et al.*, 2010, p. 55-56.

limite psicológico humano em meio a sua falta de recursos, em função das circunstâncias e fraquezas do enfermo.

Enfim, fica clara a expressão de misericórdia de Deus para com Ló em seu contexto. Portanto, pessoas legalistas e com dificuldades de exercer misericórdia não são recomendáveis no acompanhamento de enfermos emocionais, antes, devem buscar ajuda para desenvolverem essa atitude de empatia com a dor do próximo, tornando-se orientadores úteis que levarão o enfermo a conhecer as riquezas da glória de Deus: “A fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para a glória preparou de antemão, os quais somos nós [...]” (Rm 9.23-24a). Certamente os bons conselheiros serão “vasos de misericórdia”, na vida dos pacientes.

O apóstolo Paulo, aos romanos, considerou como dom, o amoroso exercício de misericórdia e orientou-os como exercê-la: “[...] quem exerce misericórdia, com alegria” (Rm 12.8). Mas, ele também admoestou aqueles que desprezam o conhecimento de Deus do risco de serem entregues por Deus a uma disposição mental reprovável, o que inclui a ausência de misericórdia: “[...] sem afeição natural e sem misericórdia” (Rm 1.31). Quanto a definição de misericórdia como dom em Romanos, Arrington e Stronstad comentam:

O último dom da lista “exercer misericórdia” é a capacidade de pôr a empatia em ação concreta. A pessoa que exerce este dom oferece misericórdia para os que estão em necessidade. Enquanto possa se referir a qualquer ato geral de misericórdia (veja Cranfield: “cuidar dos doentes, ajudar os pobres ou atender os idosos e incapacitados”), Paulo pode ter tido em mente uma atividade mais limitada, considerando o que ele já mencionou em “o que reparte”. A exigência de que exercer misericórdia seja feito com alegria indica que o que está em vista aqui é dar esmolas para os pobres. Na tradição judaica, a alegria é regularmente desfrutada como maneira na qual a pessoa deve fazer isso.¹²

A ausência de misericórdia é algo sério, por isso, Paulo adverte: “Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem” (Rm 1.32). E as consequências futuras para esses serão: “Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tg 2.13); ou seja, a misericórdia estará ausente também na sua dor.

2. O PLANO PROVIDENCIAL DE DEUS FRENTE AOS DILEMAS EMOCIONAIS HUMANOS

A empatia pressupõe a capacidade de uma pessoa se colocar no lugar da outra. Há pessoas com atitudes fantasiosas e com tendências narcisistas e messiânicas que se veem representando algum personagem heroico bíblico; porém, na recomendação teológica hermenêutica, reza que é proibido incorporar personagens que viveram a milênios atrás, em

¹² ARRINGTON, F.; STRONTAD, R. **Comentário bíblico Pentecostal**: Novo Testamento. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 895.

contextos totalmente diferentes, e projetar-se para estes dias, pois isso produz uma patologia mental e expressa um anacronismo sentimental intelectual religioso.

Essas pessoas também precisam ser ajudadas teológica e clinicamente a compreenderem o que Jesus advertiu de antemão a seus discípulos para não caírem nessa armadilha, quando disse e afirmou para que eles a ninguém chamasse na terra de pastor, pai, mestre ou guia, pois um só era o Pai, Pastor, Mestre e Guia (Mt 23.8-10) – mas que todos são irmãos.

Sendo assim, na qualidade de irmãos mais experientes, para expressar segurança aos enfermos emocionais, ao aproximar-se deles, que seja na atitude de humildade. Nesse âmbito, o esvaziamento, a *kenosis*, é fundamental na vida do conselheiro emocional cristão:

Kénosis é o ato de se esvaziar de si mesmo, sem perder a própria identidade, para se fazer abertura ao outro e se encontrar no outro. Ela é um chamado do Pai ao teólogo a ser discípulo-missionário de Jesus pela força, sabedoria e coragem do Espírito Santo para assim ser sinal e seta, hoje.¹³

A humildade e a misericórdia são fundamentais, nesse sentido, para que se alcance, através do Espírito Santo, a solução de casos difíceis, sendo uma recomendação ao conselheiro livrar-se do pensamento de casta sacerdotal, desvencilhando-se desse mal, que atrapalha o acompanhamento com eficácia e eficiência, a cura das vítimas de traumas emocionais.

Relacionada a esse tipo de ajuda teológica, o método do *coping* religioso, desenvolvido por Pargament, é um conceito que trabalha a terapia integrada com a religião para lidar com transtornos psiquiátricos. Em uma pesquisa realizada em 1995 por Lindgren e Coursey com participantes de um programa de reabilitação psicossocial, obteve-se o resultado de que 80% das pessoas disseram que a religião e a espiritualidade os ajudaram em seus problemas.¹⁴

Outra pesquisa relacionada ao tema, ocorrida entre junho de 1998 e outubro de 1999 com 406 pessoas em diagnóstico de alguma doença mental no condado de Los Angeles, demonstrou os seguintes resultados: 373 – 92% relataram ter alguma atividade religiosa e 296 – 73% tinham alguma crença religiosa. Dentre esses, 264 – 65% dos participantes relataram que a religião os ajudou a lidar com os sintomas, 120 – 30% indicaram suas crenças ou atividades religiosas como instrumento que o mantiveram nesse período e 193 – 48% deles indicaram que a religião como algo muito importante quando seus sintomas pioraram.¹⁵

Baker protagonizou na Argentina, juntamente com outros homens, o movimento da renovação carismática da restauração da verdade bíblica e em uma de suas pregações disse:

[...] Um único chamado, uma única consagração e um único ministério sacerdotal de todos para ir e fazer discípulos. Devemos destruir o conceito de separação entre clérigos e leigos. **Devemos entender melhor a metáfora**

¹³ SANTOS, E. A descida do Deus Trindade: *Kenosis* da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, jan/mar 2008, v. 16, n. 62, p. 111.

¹⁴ HEFTI, R. Integrando Religião e Espiritualidade no cuidado em saúde mental, na Psiquiatria e na Psicoterapia. **Interação em Psicologia**, v. 23, n. 02, 2019, p. 309.

¹⁵ TEPPER, L. *et al.* The Prevalence of Religious Coping Among Persons With Persistent Mental Illness. **Psychiatric Services**, v. 52, n. 5, 2001, p. 662.

da ovelha e do pastor. Muitos se veem como pastores e veem sua congregação como seu rebanho. Que loucura! Esta imagem simboliza Jesus e seu povo, não o pastor de uma congregação. O pastor da congregação faz parte do rebanho (grifo nosso, tradução nossa)!¹⁶

Em princípio com amor fraternal, como Jesus é com todos, desvencilhando-se de agir sob o manto moralista de uma função ou cargo, alcançando eficiência no desenvolvimento empático para amar como aquele que se fez servo, dando exemplo ao lavar os pés dos discípulos, recomendou que os seus representantes agissem da mesma maneira em seu serviço para ele. Isso demonstra que Jesus colocou-se em uma condição inferior à deles — profundo ato de humildade.

Outro exemplo da atitude paciente de Deus, para com uma pessoa que está sob opressão, é a situação de João Batista. Considerado por Jesus o maior homem nascido de mulher, profetizado por Isaías por volta de 700 a.C., como a “voz que clama no deserto” (Is 40.3; Jo 1.23); sua magnífica história registra que ele foi primo de Jesus Cristo, pois Maria era prima de Isabel — sua mãe. Ele quem o batizou (em atitude de humildade mútua), em meio a uma brilhante manifestação inédita da Trindade, reconhecendo-o como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

João estimulou aos seus discípulos para seguirem a Jesus, como foi o caso de André, irmão de Pedro. “João Batista fez duas afirmações vitais a respeito de Jesus: Ele será o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; Ele será aquele que batiza com o Espírito Santo”.¹⁷ Quando, porém, João Batista é preso por Herodes, envia os seus discípulos para perguntar a Jesus, se era ele mesmo quem haveria de vir ou se deveria esperar outro. Jesus com muita paciência e no mesmo instante cura a muitas pessoas e manda dizer-lhe: “[...] os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho” (Lc 7.22). Jesus, amorosamente, sem buscar explicação, cheio de sensibilidade e empatia, compreendeu o momento de João Batista sem buscar razão do questionamento ilógico da sua pergunta e, após a partida dos mensageiros de João, passou a elogiá-lo ao invés de criticá-lo, como pode ser conferido em Lucas 7.24-28:

Tendo-se retirado os mensageiros, **passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João**: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem bem e vivem no luxo assistem nos palácios dos reis. Sim, que saístes a ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta. Este é aquele de quem está escrito: **Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. E eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele** (grifo nosso).

Assim também Jesus trata as fraquezas humanas sem focar nas debilidades, mas, ressaltando as qualidades, respeitando a história e elevando a autoestima das pessoas, pois

¹⁶ BOULHOSA, E. **El clero y laicado**. Na voz de Ivan Baker. Salvador: Igreja em Salvador, 2020.

¹⁷ PAWSON, D. **A chave para entender a Bíblia**: Novo Testamento. Inglaterra: Anchor Recordings, 2018, p. 142.

ele entende e perscruta o mais íntimo do ser humano, e conhece sua limitação, vulnerabilidades e dor. Para uma sociedade com neurose coletiva a empatia é uma das características mais importantes para quem está envolvido no cuidado de vidas. Por isso, Jesus torna-se relevante modelo a ser seguido, observado e entendido, na sua capacidade de amar, de forma rápida e empática ao próximo – a exemplo da mulher acusada de cometer adultério (Jo 8.1-11).

Tournier descreve o sábio e indulgente posicionamento de Jesus, com relação à representação dessa mulher adúltera que é levada a ele por escribas e fariseus, considerados homens estudiosos e teólogos, que se basearam na lei para acusar e condenar tanto a mulher como a Jesus:

Prestem atenção que a acusação destes homens não se baseia em um preconceito social ou moralista, mas na revelação divina: “E na lei mandou Moisés”, dizem eles, “que tais mulheres sejam apedrejadas, tu pois que dizes?”. Foi um desafio terrível. Jesus tomou algum tempo para pensar, e ficou escrevendo: “Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo”. Assim, esta mulher simboliza todos os desprezados deste mundo, todas essas pessoas que vemos diariamente esmagadas pelos julgamentos que pesam sobre elas, pelos julgamentos arbitrários e injustos, mas também pelos julgamentos justos, fundados sobre a moral mais santa e a lei divina mais autêntica. Ela simboliza todos os inferiorizados psicologicamente, social e espiritualmente. Seus acusadores simboliza toda a humanidade que julga, que condena, que despreza.¹⁸

Tournier, entretanto, continua a descrever o posicionamento de Jesus nessa passagem, apontando a forma que todos os conselheiros emocionais devem se inspirar, pois neste momento ele aplica o verdadeiro amor do Evangelho do seu Reino:

Ora, tudo se passa como se a presença de Cristo operasse a mais estranha inversão: ele apaga a culpa que esmagava aquela mulher e suscita culpa naqueles que não a experimentaram. À mulher, surpreendida em flagrante delito, convencida do pecado, muda pela vergonha das acusações que não podia contestar, Jesus traz, com uma autoridade divina, a palavra de absolvição. Ele não nega a culpa dela, mas ele a apaga. Ele a livra da sua situação de inferioridade, de condenada, perante aqueles que a denunciavam. “Ninguém te condenou?... Nem eu tão pouco te condeno; vai e não peques mais”. Ele não nega que ela havia pecado, mas se recusa a pronunciar a condenação. Anteriormente, aos acusadores desta mulher, Jesus havia dito uma outra palavra, adequada para revelar-lhes sua própria culpa recalcada: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra”. E, um a um, eles se retiraram.¹⁹

Muitos só enxergam a aplicação da palavra do Evangelho de Jesus nas áreas da renúncia, de forma legalista, negligenciando e adulterando a palavra de Deus, omitindo as preciosas manifestações do amor de Cristo com os desvalidos, que, inclusive, se torna também um meio de manipulação da mente das pessoas por meio de falsas culpas. É preciso ressaltar que

¹⁸ TOURNIER, P. **Culpa e graça**. 6.ed. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 2004, p. 127.

¹⁹ TOURNIER, 2004, p. 127-128.

pesquisas confirmam essa realidade em que pastores, vivem realidades que não afere um estado de ânimo para serem também instrumentos de cura, necessitando também de ajuda.

Um estudo publicado por pesquisadores do Francis Schaeffer Institute of Church Leadership Development, revela sinais alarmantes com respeito à saúde dos ministros de denominações evangélicas nos Estados Unidos. Dentre os pastores entrevistados:

75% relataram estar extremamente estressados; 90% trabalham entre 55 e 75 horas por semana; 90% se sentem fatigados e exaustos ao final de cada semana; 70% afirmam não serem suficientemente pagos para realizar seu trabalho; 40% relataram sérios conflitos e tensões com algum membro da congregação ao menos uma vez por mês.²⁰

Portanto, deve-se eleger com critério o conselheiro cristão na área de saúde emocional. E o mesmo critério deve ser aplicado às outras modalidades terapêuticas, devido ao alto índice de patologias no campo da saúde mental como um todo.

3. CARACTERÍSTICAS INDISPENSÁVEIS AO CONSELHEIRO NA ÁREA EMOCIONAL

Sobre inteligência emocional, Goleman afirma que “o fato de o cérebro pensante ter se desenvolvido a partir das emoções revela muito acerca da relação entre razão e sentimento; existiu um cérebro emocional muito antes do surgimento do cérebro racional”.²¹ Referindo-se ao neurocientista LeDoux, escreve:

Anatomicamente, o sistema emocional pode agir de modo independente do neocórtex [cérebro pensante] - disse-me LeDoux. Algumas reações e lembranças emocionais podem formar-se sem que haja nenhuma participação consciente e cognitiva.²²

Ele acrescenta que “a mente emocional é muito mais rápida que a racional [...]”.²³ Goleman, retrata as emoções como uma proteção à existência humana:

Ela é o nosso radar para o perigo; se nós (ou nossos ancestrais) fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, é possível não só que houvéssemos cometido erros — também teríamos desaparecido como espécie.²⁴

A procrastinação, característica do racional, em um processo de decisão para ajudar o irmão, enfermo emocional, certamente piorará o seu quadro. Pois a compaixão do conselheiro espiritual racional aparece tardiamente, em que, a depender do quadro, pode-se desdobrar em aprofundamentos da depressão, aumentos de sobressaltos emocionais e fobias, e, em alguns casos extremos, levar a pessoa até mesmo ao suicídio.

²⁰ FIGUEIREDO, M. Um olhar para a saúde mental de lideranças evangélicas, 2023. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/um-olhar-para-a-saude-mental-de-liderancas-evangelicas//>>.

²¹ GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 36.

²² GOLEMAN, 2012, p. 45.

²³ GOLEMAN, 2012, p. 305.

²⁴ GOLEMAN, 2012, p. 306.

O apóstolo Paulo percebeu uma possibilidade parecida na vida de um irmão disciplinado por um pecado grave de incesto na Igreja em Corinto e deu a seguinte recomendação, evitando ser demasiadamente áspero, antes que confirmasse o amor para com o irmão (2Co 2.5-10):

Ora, se alguém causou tristeza, não o fez apenas a mim, mas, para que eu não seja demasiadamente áspero, digo que em parte a todos vós; basta-lhe a punição pela maioria. De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor. E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que, em tudo, sois obedientes. A quem perdoais alguma coisa, também eu perdo; porque, de fato, o que tenho perdoado (se alguma coisa tenho perdoado), por causa de vós o fiz na presença de Cristo; para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios (grifo nosso).

A ação do conselheiro espiritual é imperativa na busca por auxiliar e socorrer a comunidade cristã que compõe as estatísticas de enfermos emocionais. Esses conselheiros devem ser pessoas sensíveis, empáticas, dotadas de capacidade de compaixão e de bom discernimento, além de serem aplicados na busca em conhecer as fontes que levam às patologias emocionais e os seus efeitos nos enfermos.

É no processo de aconselhamento que a relação pessoal de Jesus é um exemplo a ser seguido: “o interesse de Jesus incide mais sobre o indivíduo do que sobre a própria ação”; assim descreve Merrill, que segue: “[...] O interesse pessoal de Jesus e o esforço para levar Pilatos a reconhecer suas afirmações é muito evidente”.²⁵ Porque ele sempre demonstrou amor e interesse verdadeiro pela vida das pessoas. Dessa forma, é assim que se espera o agir de todo conselheiro espiritual e que deseja ser eficiente e eficaz no seu ofício.

Na prática do aconselhamento, a dependência do Espírito Santo pelos dons espirituais é fundamental, principalmente, a manifestação do dom da profecia que funciona consolando, edificando e animando. 1 Coríntios 14.3 diz: “Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando”. A abordagem do conselheiro deve conter as características que compõem a fala de Deus; o paciente necessita compreender de que quando Deus fala, a pessoa se sente consolada, ou animada e edificada. Também é um instrumento de Deus para direcionar os seus filhos, fazer advertências ou admoestações.

Existe um método de tratamento de saúde emocional, chamado Logoterapia, que foi desenvolvido por Viktor Frankl; ele possui uma abordagem da psicologia, em que homens e mulheres passam por uma análise existencial a partir de uma conscientização espiritual, ao que se diz:

A Logoterapia é uma abordagem psicoterapêutica que surgiu em Viena entre a década de 1920 e 1930, ganhando força após a Segunda Guerra Mundial. Seu mentor foi o judeu austríaco Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), psiquiatra, neurologista e filósofo existencialista, que sobreviveu a quatro campos de concentração nazista e após esta experiência fortaleceu, em sua própria existência, a hipótese que usava como base para a prática de sua clínica

²⁵ MERRIL, T. **O Novo Testamento**: sua origem e análise. São Paulo: Shedd, 2008, p. 209.

psicoterápica: que o sentido da vida é um elemento básico para a preservação da saúde mental (Rodrigues, 1991; Frankl, 2008). Para a Logoterapia o ser humano é uma unidade biopsicossocial e espiritual, dotado de liberdade e responsabilidade pelo que faz. Um dos objetivos desta abordagem é ajudar a pessoa a identificar seus valores e a responsabilizar-se perante eles nas mais variadas circunstâncias.²⁶

Nesta ação curadora, estar inspirado em Cristo é fundamental em todos os sentidos, buscando expressar o seu amor e sabedoria em todo o tempo do aconselhamento. “Jesus com toda a sabedoria ministrava às mentes e aos corações”.²⁷ Seguindo o aspecto empático da instrução:

[...] o ato de ensinar deve ser pensado com amorosidade, pois o amor é a chama que move o processo relacional entre aquele que ensina e aquele que aprende. É preciso nutrir o relacionamento com confiança, sabedoria, cumplicidade e acima de tudo respeito.²⁸

O plano providencial de Deus que visa a aceitação do homem na sua presença, foi executado de uma perspectiva infalível, dada a laboriosa logística que envolveu a morte do seu Filho Unigênito, como expressão da sua eficácia para resolver o problema dos pecados de todos os homens e as suas consequências — isso tudo feito com amor, porque Deus é amor. Sendo assim, é fundamental que o bom conselheiro emocional cristão tenha domínio das Escrituras, as quais falam de Jesus. “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15). Esse aspecto é importante porque uma visão parcial e limitada do cristianismo pode não ser benéfico a quem será atendido.

Isso indica que a atuação do conselheiro, ao estar bem habilitado nas Escrituras, será de grande valor para o acompanhamento dessa classe; uma vez que atenderá pessoas que são autodidatas e que desejam se aprofundar na busca do conhecimento da Bíblia. Afinal, há muitos eventos nas Sagradas Escrituras que se forem mal interpretados na hermenêutica e não tiverem coerência, podem criar dogmas, que serão fatores de desencadeamento e aprisionamento da mente humana, em função de ser algo fora da graça de Deus.

No aspecto do preparo do próprio conselheiro, é importante buscar ser alguém dotado de revelação da essência do que Deus demonstra de empatia em seu trato com o homem ao se relacionar com os dilemas e fraquezas humanas. Ou seja, expressar o que é convicção interior, sobre o coração de amor que Deus tem para com os seus filhos; pois desta maneira, se estabelece uma sinergia com o paciente, a qual se ensina muitas vezes mais do que com a própria técnica.

Em Mateus 5.8 Jesus diz: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus”. Hebreus 12.14 também fala: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual

²⁶ VÉRAS, A.; ROCHA, N. Produção de artigos sobre Logoterapia no Brasil de 1983 a 2012. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 355-374, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10483/8326>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

²⁷ DOMINGUES, G. **Andragogia de Jesus: a metodologia de ensino que transformou o processo educativo**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 85.

²⁸ DOMINGUES, 2017, p. 90.

ninguém verá o Senhor”. Então, tendo a pureza como base da sabedoria do conselheiro, ele deve trazer leveza e expressão de serenidade no diálogo, produzindo calma no paciente. A paz, que está contida no coração do conselheiro, também é um motivador para a produção de estabilidade emocional no paciente.

O autor do Comentário Bíblico Pentecostal descrevendo sobre Mateus 5.8 fala do homem feito filho de Deus, chamado para ser criador da paz. Isso abrange um trabalho de reconciliação social, dando suporte ao que foi falado quanto a paz que deve estar no conselheiro, como pode ser visto abaixo:

Da mesma forma que Deus, nosso Pai, seremos os criadores da paz. Esta nomenclatura “filhos de Deus” é hebraica: os israelitas eram filhos de Deus considerando que eles tinham sido escolhidos por Ele, recebido o seu conceito e mantinham uma relação especial com Ele (Êx 4.22; Dt 14.1; Jr 31.9; Os 1.10). O Messias era, em sentido especial, o Filho de Deus (cf. Sl 2.7). A relação entre Deus e seus filhos nesta bem-aventurança não é inteiramente futurística, pois mesmo agora os cristãos são filhos de Deus (1Jo 3-1,2). Dada a natureza ampla e abrangente de shalom, os pacificadores são “criadores de inteireza [ou integridade]”, cujo trabalho afeta toda a comunidade. Eles são mais que reconciliadores no fato de trabalharem pela cura e inteireza da sociedade.²⁹

No que diz respeito à revelação, com base no que Jesus orou ao Pai em Mateus 11.25, ao dizer: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”; em outras palavras, mostra que a atitude de ser pequenino de coração, como um traço de humildade, favorece uma maior aproximação do paciente com o conselheiro. Isso porque a pessoa serena, devido a sua humildade, não amedronta e nem inibe a abertura da pessoa com relação ao conselheiro. Um exemplo disto é que naturalmente uma pessoa fala das suas limitações, quando o seu interlocutor anteriormente abriu alguma fraqueza pessoal.

Invariavelmente, comunicar o conteúdo bíblico do conhecimento referente à paternidade de Deus, dará ao paciente visão, amplitude e revelação espiritual dele como filho amoroso do Pai do Céu. Certamente é o fator cognitivo que lhe trará segurança, pois entenderá que uma das suas maiores características do Pai é: dar, conceder e acolher. Dessa forma, o paciente poderá ser bastante edificado, confortado e encorajado.

O conselheiro terá recursos para ministrar e profetizar sobre o doente emocional sobre a paternidade de Deus, que envolve um amor incondicional ao homem, além de misericórdia e bondade. Certamente, será corrigido algum conceito errado adquirido, devido a uma pregressa convivência com algum pai terreno que foi insensível, estressor, violento etc.

Acerca dos conselheiros e orientadores da exposição do amor de Deus a seu paciente, Davidson no Novo Comentário da Bíblia discorre quanto ao papel dos profetas e confirma a importância de estes serem conhecedores das Escrituras antes de serem orientadores:

Como orientadores ou chefes espirituais e religiosos, os profetas não tinham que escolher entre o seu Deus e a bondade. A doutrina que pregavam acerca

²⁹ ARRINGTON; STRONTAD, 2006, p. 42.

do homem e dos seus problemas dependia diretamente da maneira como criam em Deus. Antes de tudo eram teólogos; e só em segundo lugar mestres e orientadores morais.³⁰

Além disso, ter o conhecimento sobre o Espírito Santo por parte do conselheiro, explorando aspectos metafísicos e subjetivos, porém reais quanto a sua presença no sentido da compreensão da glória de Deus, dos dons, através manifestação da palavra de conhecimento, palavra de sabedoria e profecia, acarretará uma experiência de grande eficácia. Como ensina em 1 Coríntios 14.1: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis”. Profetizar significa consolar, animar e edificar. Então, é fundamental que um mentor espiritual, quer seja pastor ou líder, tenha esses dons, para torná-lo alguém habilitado e capacitado para lidar com os cristãos que estão em busca do equilíbrio emocional.

Ainda sobre os dons citados acima e a necessidade de o líder espiritual tê-los para lidar com aqueles que são aconselhados, Henry comenta sobre a questão da profecia que:

Profetizar, isto é, expor a Escritura, é comparado a falar em línguas. Esta atrai a atenção mais que a clara interpretação das Escrituras. [...] O que não se pode entender, não pode edificar. Nenhum benefício pode ser recebido dos mais excelentes discursos se estes forem entregues em uma língua tal que os ouvintes não possam falar nem entender. Toda a capacidade ou posse adquire valor proporcional à sua utilidade. Até o fervoroso amor espiritual deve ser governado pelo exercício do entendimento; caso contrário, os homens envergonharão as verdades que professam promover.³¹

Seguindo a premissa da realidade contemporânea, que no convívio com as mídias sociais em que a inteligência artificial, através de algoritmos, oferece aos consumidores de internet — de acordo com o consumo de conteúdos contidos no Facebook, Youtube, Instagram etc — uma linha de postagens compatíveis com a preferência dos navegadores da web, a produção de pessoas com pensamentos rígidos, devido ao maniqueísmo existente nesse expediente, criando universos paralelos, “bolhas”, ou até mesmo “Matrix”,³² tem se ampliado cada vez mais.

Tal consequência resulta em dissonância cognitiva de pessoas que passam a ter uma visão obtusa da realidade biopsicossocial. Nesse sentido, se possível, é fundamental que o conselheiro cristão se esforce para não viver em bolhas políticas de viés filosóficos no geral, mas que eles tenham uma mente mais ampla, para que possam fazer uma leitura da realidade de modo imparcial e com acuidade, que são elementos fundamentais para a compreensão da mente de cada paciente. Ou seja, ter uma mente com pensamentos e raciocínios fluidos, dentro de uma “Sociedade Moderna Líquida”.

³⁰ DAVIDSON, F. **O Novo comentário da Bíblia**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 79.

³¹ HENRY, M. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 30-31.

³² Matrix é comparado a um computador gigantesco que escraviza os homens através de suas mentes, a fim de controlar sentimentos e pensamentos, fazendo-os crer que o aparente é real. Vencer seu poder tem por finalidade destruir a aparência e trazer a restauração da realidade, assegurando que os seres humanos conheçam o mundo verdadeiro e vivam todos os combates mentais artificiais realizados por Neo e seus companheiros (CHAUI, M. **Iniciação à Filosofia: Ensino Médio**. Vol. único, São Paulo: Ática, 2010, p. 8).

A modernidade leve permitiu que um dos parceiros saísse da gaiola. A modernidade “sólida” era uma era de engajamento mútuo. A modernidade “fluída” é a época do desengajamento, da fuga fácil e perseguição inútil. Na modernidade “líquida” mandam os mais espaçados, os que são livres para se mover de modo imperceptível.³³

Uma vez que o conselheiro espiritual e emocional busca ter esses traços, poderá perceber alguns conteúdos valiosos para pré-indicar aos seus pacientes em meio ao consumo das mídias sociais, como por exemplo acessar outros profissionais da área de equilíbrio emocional, como Vasconcellos,³⁴ passando a dar indicações de outras fontes de crédito que estejam alinhadas com o pensamento do conselheiro cristão.

Além disso, há outros profissionais que são empáticos, sem necessariamente manter o rigor cristão, mas que têm riqueza em suas colocações, permitindo a pessoa se localizar dentro da sociedade vigente, através de exemplos, dando significado aos dilemas da vida, a exemplo de Silva,³⁵ que tem canais na internet e podem ser úteis para aqueles que a acompanham, também, na área de psiquiatria.

O conselheiro precisa acompanhar a evolução dos seus pacientes em todas as áreas, sendo que a educação e a formação intelectual não são diferentes. Segundo Molochenco:

Se nós, educadores, não estivermos atentos a essas mudanças, estaremos deixando de atender às reais necessidades do homem moderno. Há hoje diferentes formas de se desenvolver a aprendizagem, há uma nova cultura de aprendizagem, pois há uma nova sociedade.³⁶

Enfim, é importante que esse conselheiro tenha uma visão holística da revelação geral de Deus; “culturalmente, existem códigos universais que fazem com que a humanidade possa partilhar de valores universais”,³⁷ podendo usar elementos naturais para fazer associações ao homem, criando uma interação mental do mesmo com o seu ambiente e no meio em que convive — considerando o que Paulo fala em Romanos 1.20:

Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também, a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis.

³³ LIDÓRIO, R. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 28.

³⁴ Dr. Cesar Vasconcellos é médico psiquiatra, palestrante, escritor, apresentador e produtor de conteúdo. Atualmente tem se dedicado à educação em saúde mental através de mídias sociais e de circulação, como seu canal do Youtube “@ClaramenteNT” que tem por indicação deste artigo o vídeo “Como melhorar se possível sem remédios (Tristeza, Desânimo, Depressão)” que pode ser acessado através do link: <<https://www.youtube.com/watch?v=OvPkj86N7IQ>>.

³⁵ Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva é médica psiquiatra formada pela UERJ e com residência na UFRJ e palestrante nas áreas do comportamento humano, além de ser consultora e escritora. A médica tem usado as mídias sociais para expor seu trabalho, como seu canal no Youtube “@anabeatrizbsilva” que pode ser acessado pelo link: <<https://www.youtube.com/@anabeatrizbsilva>>. Lá pode ser encontrado seu podcast nomeado por “Podpeople” com participações diversas, incluindo especialistas nas áreas de saúde mental, peritos criminais, professores, jornalistas e famosos.

³⁶ MOLOCHENCO, M. **Curso Vida Nova de teologia básica**: educação cristã. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 47.

³⁷ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 117.

Essa é realmente uma premissa necessária em termos de conexão do paciente com a criação, que o leva a contemplar as belezas da natureza. Desse modo, terá uma ferramenta que desestressa a mente, arejando os pensamentos, como uma descarga de coisas tóxicas que permeiam os seus pensamentos.

Pessoas portadoras de patologias como o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), não conseguem ficar atentos a um vídeo ou aula por mais de 5 minutos. A Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) declarou que os casos variam de 5% a 8% na população mundial.³⁸ Esses dados são relevantes na abordagem no ensino pedagógico.

Upshaw, ao citar LeFever, traz as modalidades de aprendizagem, nas quais existem alunos que são 40% cinestésicos, 20% auditivos e 40% visuais;³⁹ portanto, é importante atentar na compreensão das pessoas cinestésicas que compõem essa classe — evitando a intensificação de traumas por ignorância e incompreensão.

No que se refere à andragogia, Upshaw aborda Gangel, quanto a aprendizagem do adulto ser por meio da sua própria experiência e do interesse de determinado assunto eleito por ele.⁴⁰ Para Erikson, que desenvolveu a teoria sobre o desenvolvimento psicossocial, a evolução emocional se dá a partir de experiências interativas. Ele descreve que o desenvolvimento humano ocorre em estágios específicos ao longo da vida, desencadeados por crises.⁴¹

É imperativo o conselheiro identificar a linha de aprendizagem cognitiva do paciente, facilitando a comunicação, a partir do entendimento, de forma eficaz, da ética e da estrutura de pensamento. Assim, há comprovados avanços pedagógicos que demonstram as diferenças de eficiência de aproveitamento na aprendizagem, de acordo com características inerentes a cada pessoa.

O conselheiro espiritual deve buscar ter seus conhecimentos constantemente atualizados acerca do que vem sendo estudado na pedagogia e na psicanálise, para que o auxiliem no exercício do seu ofício. É realmente importante considerar o acompanhamento em determinados casos no processo da cura, atuando em interdependência com profissionais de outras áreas de psicologia das relações humanas, tais como: psiquiatras, terapeutas, pedagogos, psicanalistas, psicólogos, filósofos etc.

Invariavelmente, trata-se de uma área de grande complexidade numérica, de acordo com a quantidade de patologias psiquiátricas identificadas pelas ciências de pesquisas médicas acadêmicas:

³⁸ **ENTRE 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.** Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

³⁹ UPSHAW, B. **Ensinando a Bíblia: conectando verdade à vida.** Caderno do aluno. 2.ed. Winston-Salem: Piedmont International University, 2017, p. 63.

⁴⁰ UPSHAW, 2017, p. 126.

⁴¹ GIANNAGELO, R. **A Teoria do Ciclo Vital de Erik Erikson - Aprendendo Psicologia.** 2021. Disponível em: <<https://rgpsicologia.com/2021/02/09/psicologia-do-desenvolvimento-a-teoria-do-ciclo-vital-de-erik-erikson/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

De acordo com a classificação DSM 5, criada pela Associação Americana de Psiquiatria e verdadeiro manual de referência em todo o mundo, existem mais de 300 tipos de transtornos que afetam a saúde mental da população mundial. Dentre eles, os mais comuns são depressão e ansiedade, problemas que afetam o Brasil como em nenhum outro país.⁴²

É importante que esses conselheiros também adentrem no conhecimento do perfil cultural de seu paciente, pois este carrega em si uma identidade social cheia de marcos e traços unificadores que influenciam seu comportamento emocional. A partir disso, vai ser possível definir estratégias que possibilitem a construção de um diálogo aberto que viabilize o conselheiro identificar com maior clareza, a patologia do paciente.

Um exemplo importante levantado por Lidório em seus estudos, é que apesar do hemisfério esquerdo do homem ser mais analítico e cartesiano, o brasileiro se comunica utilizando mais seu hemisfério direito, que está relacionado às histórias contadas e vividas, desenvolvendo à exposição de valores e o uso de abordagens simbólicas. Além de tender a resolver conflitos de forma relacional, sem necessariamente ter como alvo chegar à verdade objetiva, utilizando a razão, mas, mantendo tais relacionamentos. Essas características advêm de uma forte herança africana, da qual teve um papel muito fundamental na construção da história do Brasil.⁴³ Sobre essa questão associada à transmissão do ensino, Lidório ainda comenta:

Não é por acaso que novelas, minisséries e contos fazem extremo sucesso e transmitem ensino (sejam ele qual for) à nossa população. Não é também por acaso que os professores mais bem-sucedidos são aqueles que utilizam simbolismos (histórias, ilustrações, associações com a vida diária) para se comunicar.⁴⁴

Isso demonstra que se trata de uma área de estudo com amplitude patológica extensa e que demanda dedicação no aspecto cognitivo, na busca de identificar a verdadeira causa do desequilíbrio emocional do paciente. Sendo assim, é imperativo a disponibilidade do orientador espiritual ser alguém dedicado aos estudos, e desenvolver inteligência emocional, a fim de estar capacitado e atualizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tratamento na busca do equilíbrio emocional do cristão, devem ser premissas obrigatórias conhecer as verdades que envolvem as bases cristãs, oriundas do sacrifício de Cristo pelo homem, pelo conselheiro espiritual e o irmão enfermo, para que seja alcançado o objetivo da saúde mental e emocional. A partir do conhecimento do amor de Cristo pelo homem, o paciente é conduzido ao constrangimento, o sentimento que precede à obediência a Deus, por alcançar a culpa verdadeira e, por conseguinte, o arrependimento obtendo a

⁴² O ALARMANTE aumento nos casos de suicídio no Brasil e o que pode ser feito a esse respeito. Clínica da Gávea, 2022. Disponível em: <<https://www.clinicadagavea.com.br/post/o-alarante-aumento-nos-casos-de-suic%C3%ADdio-no-brasil-e-o-que-pode-ser-feito-a-esse-respeito>>. Acesso em: 07 nov. 2023.

⁴³ LIDÓRIO, 2014, p. 301-303.

⁴⁴ LIDÓRIO, 2014, p. 302.

remoção de amarguras, mágoas, falta de perdão ao próximo ou a si mesmo, pela ministração do perdão nas áreas em questão, pelo exercício sacerdotal do conselheiro, passando a ter um coração purificado dos seus pecados e liberando-o de amarras emocionais negativas que o prendiam. “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5.14).

É necessário aprofundar sobre temas associados à Cruz de Cristo como: a justificação, a propiciação dos pecados, principalmente a redenção, a regeneração, o selo do Espírito Santo, a expiação e tudo que aponta à graça salvadora de Cristo para o homem. O entendimento sobre o valor do sangue de Jesus afetará positivamente a fé do cristão enfermo, aplacando a culpa e produzindo de antemão recursos em busca do equilíbrio e da boa consciência.

Um dos problemas mais graves da psicologia religiosa é o sentimento patológico de culpa, que difere da reação verdadeira e genuína frente a uma falta. Para tanto, existem duas perspectivas distintas: a natural e a sobrenatural. Essas ordens não se confundem, e nem se opõem, mas uma repercute constantemente sobre a outra.

Diante da cruz, dos temores e da fragilidade, o Evangelho mostra fracos que se fazem fortes pela ação do Espírito Santo. É imperativo que se entenda os elementos que envolvem o convite feito por Deus ao homem, para estar em tua presença que são a graça, a misericórdia e o socorro (Hb 4.14-15).

O Pai de amor convida os seus filhos a irem estar em comunhão espiritual com ele, a partir dos seus atributos que se demonstram empáticos e que inspiram confiança e acolhimento da sua expressão empática, trazida pela revelação do seu amor por intermédio de Jesus Cristo. A confiança é um requisito extremamente importante na relação que se estabelece entre o líder espiritual e o irmão a ser ajudado; pois envolve abrir a sua intimidade – o que em geral o paciente tem de mais caro. Quando houver confissão de pecados de amarguras, ressentimentos, mágoas, provenientes das feridas abertas, estas deverão ser tratadas com a ética de uma liturgia espiritual sacerdotal.

Cabe ao conselheiro incorporar um posicionamento sacerdotal que expresse a sua conexão consciente de um despenseiro do poder libertador divino e transmitir a necessidade do paciente se perceber em um status igual perante Deus, redundando na assimilação consciente que ele deve se ver reinando nesta vida e sendo protagonista nela. Trata-se da sua identidade espiritual devido à sua fé em Cristo.

REFERÊNCIAS

Ações realizadas pela Rede Ebserh/MEC buscam conscientizar sobre a importância da saúde mental. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/acoes-realizadas-pela-rede-ebserh-mec-buscam-conscientizar-sobre-a-importancia-da-saude-mental>>.

ADEYEMO, T. **Comentário bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

ARRINGTON, F.; STRONTAD, R. **Comentário bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOULHOSA, E. **El clero y laicado**. Na voz de Ivan Baker. Salvador: Igreja em Salvador, 2020.

CHAUI, M. **Iniciação à Filosofia: Ensino Médio**. Vol. único, São Paulo: Ática, 2010.

CUPANI, G. **Brasil tem os piores índices de depressão da América Latina**. Correio da Bahia, 2023. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/brasil/brasil-tem-os-piores-indices-de-depressao-da-america-latina-1023>>. Acesso em: 04 out. 2023.

DAVIDSON, F. **O Novo comentário da Bíblia**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DOMINGUES, G. **Andragogia de Jesus: a metodologia de ensino que transformou o processo educativo**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2017.

ELLISON, H.; PAYNE, D. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novos Testamentos**. São Paulo: Vida, 2008.

ENTRE 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FIGUEIREDO, M. Um olhar para a saúde mental de lideranças evangélicas, 2023. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/um-olhar-para-a-saude-mental-de-liderancas-evangelicas//>>.

GIANNAGELO, R. **A Teoria do Ciclo Vital de Erik Erikson - Aprendendo Psicologia**. 2021. Disponível em: <<https://rgpsicologia.com/2021/02/09/psicologia-do-desenvolvimento-a-teoria-do-ciclo-vital-de-erik-erikson/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HAM, K. *et al.*, **A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

HEFTI, R. Integrando Religião e Espiritualidade no cuidado em saúde mental, na Psiquiatria e na Psicoterapia. **Interação em Psicologia**, v. 23, n. 02, 2019, p. 309.

HENRY, M. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LIDÓRIO, R. **Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MELAMED, M. **Torá - A Lei de Moisés**. São Paulo: Sêfer, 2001.

MERRIL, T. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

MOLOCHENCO, M. **Curso Vida Nova de teologia básica: educação cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

O ALARMANTE aumento nos casos de suicídio no Brasil e o que pode ser feito a esse respeito. Clínica da Gávea, 2022. Disponível em:

<<https://www.clinicadagavea.com.br/post/o-alarmante-aumento-nos-casos-de-suic%C3%ADdio-no-brasil-e-o-que-pode-ser-feito-a-esse-respeito>>. Acesso em: 07 nov. 2023.

PAWSON, D. **A chave para entender a Bíblia: Novo Testamento.** Inglaterra: Anchor Recordings, 2018.

RADMACHER, E. *et al.*, **O novo comentário bíblico: Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SANTOS, E. A descida do Deus Trindade: *Kenósis* da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, jan/mar 2008, v. 16, n. 62, p. 111.

SILVA, A. **Dr. Ana Beatriz Barbosa.** Youtube, 17 nov. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@anabeatrizbsilva>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TEPPER, L. *et al.* The Prevalence of Religious Coping Among Persons With Persistent Mental Illness. **Psychiatric Services**, v. 52, n. 5, 2001, p. 662.

TOURNIER, P. **Culpa e graça.** 6.ed. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 2004.

UPSHAW, B. **Ensinando a bíblia: conectando verdade à vida.** Caderno do aluno. 2.ed. Winston-Salem: Piedmont International University, 2017.

VASCONCELLOS, C. **Como melhorar se possível sem remédios? (Tristeza, Desânimo, Depressão) - Dr. Cesar Psiquiatra.** Youtube, 06 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OvPkJ86N7lQ>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

VÉRAS, A.; ROCHA, N. Produção de artigos sobre Logoterapia no Brasil de 1983 a 2012. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 355-374, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10483/8326>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.005

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**A SOBERANIA DAS ESCRITURAS: SABEDORIA E DELEITE NO SALMO 119.96-104**

The Sovereignty of the Scriptures: Wisdom and Delight in Psalm 119.96-104

Paulo Henrique Pedrão¹**RESUMO**

O Salmo 119, um tesouro literário nos Salmos do Antigo Testamento, destaca-se por sua estrutura acróstica e por transmitir profunda devoção à Palavra de Deus. Neste artigo, foram examinados os versículos 96 a 104 deste salmo, enfocando a soberania das Escrituras como fonte de sabedoria e deleite. O salmista expressa profundo respeito à Palavra divina, que vai além da legislação, abraçando a revelação total de Deus. Este salmo é mais que uma reflexão, é um chamado à ação. A autoria é atribuída a Davi, apesar de subtítulos adicionados posteriormente. Foi apontado, também, como as Escrituras são retratadas como fonte de sabedoria. O salmista, por meio de meditação constante, supera inimigos, mestres e anciãos em sabedoria. A busca por sabedoria não é humana, mas guiada por Deus. O deleite nas Escrituras é aprofundado nos versículos 103 e 104. As palavras de Deus são doces e satisfatórias como mel. Este prazer não é apenas intelectual, mas uma experiência emocional que transcende a instrução. O Salmo 119 oferece *insights* profundos sobre a relação entre o indivíduo e a revelação divina. Não é apenas uma obra poética, mas um convite à ação e reflexão sobre a relevância eterna da Palavra de Deus. Este salmo transcende tempo e cultura, revelando verdades espirituais intemporais e princípios transformadores. Além disso, o salmista expressa devoção à Palavra de Deus, destaca sua importância para a sabedoria e revela como ela traz deleite e prazer profundos. O autor deste salmo convida a uma busca ativa pela compreensão e conexão com as verdades eternas presentes na palavra de Deus.

Palavras-chave: Escrituras. Soberania. Sabedoria. Deleite.

¹ Pós-graduando em Teologia Sistemática Contextualizada e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Bacharel em Administração pela FGV/EAESP e em Teologia pela FABAPAR. Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com.

ABSTRACT

Psalm 119, a literary treasure trove of Old Testament Psalms, stands out for its acrostic structure and for conveying deep devotion to the Word of God. In this article, verses 96 to 104 of this psalm will be examined, focusing on the sovereignty of Scripture as a source of wisdom and delight. The psalmist expresses deep respect for the divine Word, which goes beyond legislation, embracing God's total revelation. This psalm is more than a reflection, it is a call to action. Authorship is attributed to David, despite subtitles added later. It will also be pointed out how Scripture is portrayed as a source of wisdom. The psalmist, through constant meditation, overcomes enemies, teachers, and elders in wisdom. The quest for wisdom is not human, but guided by God. The delight in Scripture is deepened in verses 103 and 104. God's words are sweet and satisfying like honey. This pleasure is not just an intellectual, but an emotional experience that transcends instruction. Psalm 119 offers profound insights into the relationship between the individual and divine revelation. It is not just a poetic work, but an invitation to action and reflection on the eternal relevance of the Word of God. This psalm transcends time and culture, revealing timeless spiritual truths and life-changing principles. Furthermore, the psalmist expresses devotion to God's Word, highlights its importance for wisdom, and reveals how it brings deep delight and pleasure. This psalm invites an active search for understanding and connection with the eternal truths present in the word of God.

Key-words: Scriptures. Sovereignty. Wisdom. Treat.

INTRODUÇÃO

O Salmo 119 ocupa um lugar singular no Saltério, tanto por sua extensão quanto por sua elaborada estrutura literária e profundidade teológica. Reconhecido como o mais longo dos salmos e organizado de forma acróstica a partir das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, esse poema não se limita a exaltar a lei de Deus como um conjunto normativo, mas celebra a revelação divina como fonte de vida, sabedoria, direção e prazer espiritual. Ao longo de suas estrofes, o salmista expressa uma relação profundamente pessoal e existencial com a Palavra do Senhor, revelando como ela molda sua fé, sustenta sua esperança e orienta sua conduta em meio a um contexto frequentemente adverso.

Dentro desse amplo e rico panorama, os versículos 96 a 104 constituem uma unidade temática particularmente expressiva, na qual se articulam três dimensões centrais da teologia do salmo: a soberania das Escrituras, sua função como fonte de sabedoria e o deleite que elas proporcionam àquele que nelas medita e as guarda. Nessa seção, a Palavra de Deus é apresentada como perfeita e ilimitada em contraste com a finitude de todas as realizações humanas; como instrumento pedagógico divino que concede discernimento superior ao do inimigo, dos mestres e da experiência acumulada; e como realidade prazerosa, comparável ao mel, capaz de satisfazer plenamente a alma.

O objetivo deste artigo é analisar exegeticamente o Salmo 119.96–104, destacando como o salmista compreende e experimenta a soberania das Escrituras em sua vida concreta. Busca-se demonstrar que, para o autor do salmo, a Palavra de Deus não é apenas normativa ou informativa, mas formativa e transformadora, exercendo autoridade sobre o pensar, o agir e o sentir do fiel. A partir dessa perspectiva, o texto explora como o compromisso com a

revelação divina conduz à verdadeira sabedoria e culmina em deleite espiritual, evidenciando uma espiritualidade que integra obediência, discernimento e prazer na comunhão com Deus.

Metodologicamente, será adotado uma abordagem exegético-teológica, dialogando com comentários clássicos e contemporâneos do Antigo Testamento, especialmente no campo da literatura sapiencial e poética. Autores como Kidner, Carson, Schökel e Carniti oferecem subsídios para a compreensão literária, teológica e pastoral do texto, permitindo uma leitura que respeita tanto sua forma poética quanto sua intenção teológica.

Ao analisar essa perícope do Salmo 119, o autor do artigo propõe que a relação do cristão com as Escrituras, conforme apresentada pelo salmista, ultrapassa a mera observância religiosa e se configura como um caminho de vida. A Palavra soberana de Deus instrui, sustenta, orienta e deleita, convidando o leitor contemporâneo a redescobrir sua relevância permanente como meio de sabedoria e alegria espiritual.

1. O SALMO 119

Neste tópico será trabalhado algumas das particularidades e características do salmo 119 que o tornam tão especial. Em primeiro lugar, é um salmo acróstico, ou seja, é um salmo “nos quais cada linha ou cada segunda linha começa com letras hebraicas sucessivas, pois o poeta as encabeçou com essas letras, buscando traçar um efeito de estilo”.² A palavra acróstico deriva-se do grego *akros*, “ponta” mais *stixos*, “linha de um versículo”.

Cada uma das estrofes utiliza uma letra do alfabeto hebraico em sua apresentação, respectivamente, até que todas as vinte e duas letras do alfabeto sejam utilizadas.³ Em algumas línguas, como a portuguesa, por exemplo, tal feito é impossível de se realizar por causa de letras como o y ou o w. Carson refere-se a este salmo como “o maior exemplo da arte do salmo alfabético”.⁴ Schökel e Carniti destacam a perícia artesanal do autor, o que traz a reflexão que o salmista não simplesmente colocou palavras em sequência lógica, mas, tal qual o artesão, “esculpiu”, por assim dizer, uma obra literária.⁵

Em segundo lugar, é um salmo que em o autor deseja expressar toda sua admiração, amor sobre a palavra de Deus e o quanto ela é maravilhosa em diversos aspectos. “Essa proeza artística é um monumento literário erguido em honra à revelação que Deus fez da sua palavra a Israel”.⁶ Ele ainda destaca que o autor deste salmo não trabalha a lei apenas como uma referência à legislação ou ao Pentateuco, mas, de forma abrangente, inclui tudo o que Deus revelou acerca do seu caráter e propósitos, bem como o que ele queria que o homem fosse e fizesse. “A Torá é vista aqui não como um fardo, mas um meio de contato direto com Deus e uma demonstração da sua graça e orientação”.⁷ Este salmo é distinguido por seu extraordinário tributo à lei de Deus.

² CHAMPLIN, 2000, p. 2152.

³ CHAMPLIN, 2000, p. 2431.

⁴ CARSON, 2009, p. 855.

⁵ SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1432.

⁶ BRUCE, 2012, p. 615.

⁷ BRUCE, 2012, p. 615.

Esse salmo, na verdade, não é sobre o *assunto* de colocar as Escrituras na sua vida. E certamente não é uma meditação, uma contemplação mental de um assunto. Pelo contrário, ouvimos secretamente as *palavras sinceras* que saem com ímpeto quando o que Deus diz penetra o coração. Ouvimos alguém falando ao Deus que fala, alguém que precisa do Deus que fala, alguém que ama o Deus que fala. Não se trata de expressar um pensamento sobre um assunto; é partir para a ação. Não é uma exortação ao estudo da Bíblia; é um grito de fé.⁸

Em terceiro lugar, é digno de nota que os subtítulos dos salmos não faziam parte dos documentos originais, mas foram adicionados pelos editores, muito tempo após a composição original. Esses subtítulos tentam identificar os autores envolvidos e ligam certos salmos a circunstâncias históricas conhecidas do Antigo Testamento. A maioria dos informes dos subtítulos consiste em conjecturas. Os subtítulos atribuem cerca de metade dos salmos a Davi.⁹

Em quarto lugar, possui a exaltação à lei de Deus como tema¹⁰ e é classificado como salmos de sabedoria.¹¹ Em quinto lugar, em seu prolongado tributo à lei, para evitar a repetição da palavra “lei” o autor empregou grande número de sinônimos, como: prescrições, caminhos, mandamentos, preceitos, juízos, palavra, promessa, ordens, dentre outras palavras usadas pelas diversas versões bíblicas.¹²

Carson afirma que o autor usou nove palavras principais¹³, também usadas por Kidner¹⁴, que podem ser categorizadas em cinco grupos. Em primeiro lugar, a palavra gerada pela fala divina. O autor destaca as palavras hebraicas *dābār* e *‘imrāh*. Assim, a palavra seria o que o próprio Deus falou. Em segundo lugar, palavras que expressam o pensamento de Deus: *mishpāt*, que vem do verbo “dar sentença”; e *‘ēdāh* e *‘ēdut*, do verbo “dar testemunho”.

Em seguida, Carson aponta um terceiro grupo, que aponta para o fato que a importância permanente da palavra de Deus é expressa por meio de decretos: *hōq*, derivada do verbo “gravar, “entalhar”, indicando algo gravado para a perpetuidade. Em quarto lugar, temos a *torāh*, lei, a qual embora seja usada para expressar imposição com base em autoridade, fundamentalmente ela significa “ensino” e é especificamente a instrução que um pai dá a um filho.¹⁵

O último grupo aponta para a aplicabilidade prática da palavra de Deus: *mitswāh*, que são os mandamentos e referem-se a “fazer o que lhe é ordenado”; *piqqud*, que sugere a aplicação da palavra de Deus às mínimas coisas da vida; e *derek*, “estilo de vida”. Em sexto lugar, ao examinar o conteúdo do salmo, Kidner aponta para o “mundo hostil” e a “luta pela sobrevivência” como características que marcavam a realidade em que o autor estava

⁸ POWLISON, 1999, p. 15.

⁹ CHAMPLIN, 2000, p. 2069.

¹⁰ CHAMPLIN, 2000, p. 255.

¹¹ CHAMPLIN, 2000, p. 2061.

¹² CHAMPLIN, 2000, p. 2431.

¹³ CARSON, 2009, p. 855-856.

¹⁴ KIDNER, 1984, p. 430-431.

¹⁵ CARSON, 2009, p. 856.

inserido.¹⁶ O autor deste salmo também celebra a realidade fundamental de que, independentemente da forma em que ela existia, a palavra de Deus é fundamental para a vida do seu povo.¹⁷ Bruce destaca duas realidades presentes neste salmo: de um lado, é um hino de louvor à revelação de Deus e, por outro lado, é uma oração que expressa contínua necessidade que o homem tem do cuidado pastoral de Deus.¹⁸

Em sétimo lugar, remetendo ao pastoreio do ponto anterior, “a lei não é um manual de “faça-você-mesmo” que Deus entregou ao homem para que o use da melhor maneira possível”.¹⁹ Os ensinamentos das Sagradas Escrituras respondem às perguntas fundamentais da vida – perguntas tais como quem é Deus, quem somos nós, e por que estamos aqui (Sl 8.3-8; Hb 11.6). Como se responde a estas perguntas, decisivamente forma a maneira na qual vivemos. Ignorá-las é passar a vida alegremente ignorante do que é importante na realidade.²⁰ Weiser trabalha a ideia da palavra e a lei de Deus como o fator determinante da vida inteira, ou seja, é Deus orientando, pastoreando o homem em todas as áreas de sua vida.²¹

2. A SOBERANIA DAS ESCRITURAS – VERSÍCULO 96

Kidner faz uma observação muito interessante a respeito do versículo 96 afirmando que ele serviria muito bem como um “resumo de Eclesiastes”, no qual todo o empreendimento humano tem seu dia e depois vem a ser nada, e onde “é somente em Deus e nos Seus mandamentos que passam para além destes limites frustradores”.²²

Não é fácil lidar com os desafios, os limites, as imperfeições e as circunstâncias desafiadoras da vida. Grandes personagens bíblicos como Moisés, Elias, Jó e Jonas precisaram lidar com o sofrimento, com situações que aparentemente eram impossíveis de serem lidadas. Gonçalves argumenta esperançosamente para que “não esqueçamos nunca que a impossibilidade do homem é a oportunidade de nosso Deus”.²³ Há, nesta estrofe em que o versículo 96 está inserido, expressões de profunda confiança em Deus, mesmo através de duras provas. Expressões que edificarão a fé dos cristãos.

A Bíblia é revelação divina, não resultado de investigação humana. Sua origem não é terrena, mas celestial; sua origem está em Deus, não no homem.²⁴ O apóstolo Paulo escreve: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16). O apóstolo Pedro afirma, com o mesmo propósito: “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). Davi declarou: “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2Sm 23.2).

¹⁶ KIDNER, 1984, p. 435.

¹⁷ CARSON, 2009, p. 855.

¹⁸ BRUCE, 2012, p. 615.

¹⁹ BRUCE, 2012, p. 615).

²⁰ BOWMAN, 2000, p. 180.

²¹ WEISER, 1893, p. 576.

²² KIDNER, 1984, p. 439.

²³ GONÇALVES, 2010, p. 249.

²⁴ LOPES, 2010, p. 72.

A Bíblia foi o único livro citado por Jesus, não para produzir uma discussão, mas para resolver todas as questões. (Mt 4.4-10; 19.4-6-9; 22.29). Jesus também disse que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17). Ao referir-se ao Antigo Testamento, Jesus afirmou: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um ‘i’ ou um ‘til’ jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5.18). A palavra de Deus permanece eternamente (Is 40.8) e não pode falhar (Jo 10.35).

Assim, é importante destacar que a principal preocupação do salmista foi demonstrar que a lei de Deus é perfeita.²⁵ Carson trabalha a ideia da “palavra sem fim”, argumentando que ela dá durabilidade à pessoa que tem prazer nela levando-a, naturalmente, ao compromisso, pois a palavra que a guardou da morte traz também renovação.²⁶

Essa noção de compromisso é duplamente importante: em primeiro lugar, porque não é qualquer pessoa que se enquadra como compromissado. No evangelho de João (14.21), Jesus afirmou que “aquele que tem os meus mandamentos e obedece a eles, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e Eu também o amarei e me revelarei a ele”. Dito de outra forma, “só o crente é obediente, e só o obediente é que crê”.²⁷

Em segundo lugar, essa noção de compromisso é importante para compreender não apenas o que o salmista está escrevendo, mas as implicações desse compromisso àquele que se compromete com Deus, duas das quais, além do que já foi exposto, serão abordadas nos tópicos que se seguem: as Escrituras como fonte de sabedoria e deleite.

3. AS ESCRITURAS COMO FONTE DE SABEDORIA – VERSÍCULOS 97-102

Os versículos 97 a 102 deste salmo em particular capturam a profunda reverência e devoção do salmista em relação às Escrituras, enfatizando como elas se tornam uma fonte inesgotável de sabedoria. Carson destaca que a palavra dá sabedoria àquele que deleita nela justamente por ela ser “a voz educadora do próprio Senhor”.²⁸ Sob uma outra perspectiva, Schökel e Carniti apontam para uma arte de “combinar meditação com observância para adquirir saber teórico e prático”.²⁹

Prudência e entendimento que ganha aquele que vive de acordo com os princípios do Senhor. “Muitas vezes, nossas vidas estão atribuladas e cheias de percalços, porque não temos meditado na Palavra de Deus e retirado dela as bênçãos do comedimento, da prudência, do bom senso para o nosso viver”.³⁰

No verso 97, o autor inicia com a declaração: “Oh, quanto amo a tua lei! É a minha meditação o dia todo”. Aqui, o salmista expressa seu amor e afinidade pela lei de Deus, que é entendida como as Escrituras. A meditação contínua nela é vista como uma prática essencial para aprofundar a compreensão da vontade divina e cultivar a sabedoria. A repetição da

²⁵ CHAMPLIN, 2000, p. 2447.

²⁶ CARSON, 2009, p. 860.

²⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 25.

²⁸ CARSON, 2009, p. 861.

²⁹ SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1442.

³⁰ GONÇALVES, 2010, p. 249.

palavra “dia todo” ressalta o compromisso constante do salmista em se envolver com as Escrituras como uma fonte vital de orientação.

No verso 98, o salmista afirma: “Teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; pois estão sempre comigo”. Aqui, a sabedoria é considerada uma arma espiritual que confere vantagem sobre os adversários. A presença constante dos mandamentos de Deus é vista como um diferencial que permite ao salmista enfrentar os desafios com discernimento e clareza.

No verso 99, o autor prossegue: “Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, pois medito nos teus testemunhos”. Novamente, a ênfase na meditação na Palavra de Deus é enfatizada como a chave para adquirir um entendimento que transcende até mesmo a sabedoria dos instrutores humanos. Isso destaca a superioridade da sabedoria divina sobre o conhecimento mundano.

No verso 100, o salmista declara: “Sou mais prudente do que os velhos, porque guardo os teus preceitos”. Aqui, a sabedoria que emana das Escrituras é colocada acima da experiência e da idade. A prática dos preceitos divinos é vista como o caminho para adquirir uma perspicácia que supera a sabedoria acumulada ao longo dos anos.

Champlin destaca não apenas o quanto o salmista superava seus inimigos em sabedoria espiritual, mas que a sabedoria era sua companheira constante, sempre ocupando sua mente, contemplada e empregada em sua vida. Assim, essa postura o fez meditar nas Escrituras até mesmo mais que seus mestres tornando-o mais sábio que eles.³¹

A afirmação de que superava os idosos, que eram altamente respeitados naquela época, era bastante ousada. “O poeta que o compôs era o *fanático* número um, o *estudante* número um, e o *pensador* número um sobre a lei”.³² No último verso da passagem, o versículo 102, o salmista declara: “Não me aparto dos teus juízos, pois tu me ensinas”. O compromisso contínuo com os juízos de Deus é apresentado como um testemunho do desejo de aprender e da busca pela sabedoria. A palavra *tu* é enfática, pois aponta para aquele que garante a verdade da Bíblia, e o único que pode abrir os olhos dos discípulos para vê-la.³³ Assim, Deus é reconhecido como o instrutor supremo, aquele que ilumina o caminho da sabedoria através de Seus ensinamentos.

Nos versículos 97 a 102 do Salmo 119, o autor enfatiza a profunda ligação entre as Escrituras e a sabedoria. O salmista expressa um amor ardente pela Palavra de Deus, destacando a prática constante da meditação nas Escrituras como um meio de adquirir discernimento, superar adversidades e adquirir um entendimento superior. A sabedoria adquirida das Escrituras é considerada mais valiosa do que a sabedoria dos inimigos, instrutores humanos ou a simples experiência da idade. Portanto, essa passagem serve como um testemunho inspirador da busca contínua pela sabedoria divina através da imersão nas Escrituras.

³¹ CHAMPLIN, 2000, p. 2447.

³² CHAMPLIN, 2000, p. 2448.

³³ KIDNER, 1984, p. 439.

4. O DELEITE DAS ESCRITURAS – VERSÍCULOS 103-104

Nos versículos 103 e 104, o salmista demonstra como as Escrituras não apenas servem como guia e instrução, mas também como uma fonte de deleite e prazer. Carson argumenta que a palavra é deliciosa, intrinsecamente prazerosa justamente por ser reconhecidamente de Deus, ou seja, de autoria divina do próprio Deus.³⁴ “O salmo 119 vem cheio de sabor e prazer: uma alegria firmemente segura, um senso de direção perspicaz, um deleite completo”.³⁵

No verso 103, o salmista proclama: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca”. Esta metáfora sensorial ilustra vividamente a intensidade da alegria e do prazer que as palavras de Deus proporcionam. O uso da palavra “doce” sugere uma experiência sensorial agradável, enquanto a comparação com o mel evoca uma sensação de satisfação profunda. Aqui, as Escrituras são representadas não apenas como fonte de conhecimento, mas como algo que traz contentamento e regozijo à alma.

É mais doce que o mel e melhor que o dinheiro. É o prazer do autor e o motivo do seu desejo. Evoca o seu louvor e o seu amor. Não é de admirar que ele reflita sobre ela e a leve a sério. Mas por ele mesmo não consegue penetrar na profundidade do seu significado e escopo, e, assim, ora por compreensão e pela capacidade de aplicar os seus desafios à vida diária. Porque ele dá tanto valor à Palavra, se volta para aquele que a deu, apelando na hora da sua dificuldade ao seu caráter e às promessas ali expressas.³⁶

No verso 104, o salmista prossegue: “Por meio dos teus preceitos alcancei entendimento; por isso, odeio todo falso caminho”. Este verso ressalta a correlação entre o entendimento proporcionado pelos preceitos divinos e a rejeição de caminhos falsos e enganosos. O prazer derivado das Escrituras está intrinsecamente ligado à sabedoria e discernimento que elas conferem. O salmista não apenas encontra alegria nas palavras de Deus, mas também usa essa compreensão para discernir entre a verdade e a falsidade, reforçando assim a importância da Palavra como uma fonte de orientação confiável. A lei era algo bom na boca do homem, e ele continuava a prová-la e aprovar suas qualidades.³⁷

A passagem em questão sublinha como as Escrituras desempenham um papel multifacetado na vida espiritual do salmista. Além de servirem como um guia moral e espiritual, as palavras de Deus se tornam uma fonte de prazer sensorial e intelectual. A linguagem poética destes versículos reflete a profunda conexão emocional entre o salmista e as Escrituras, destacando como elas nutrem e satisfazem sua alma. Kidner argumenta que a atração daquilo que é verdadeiro e a repugnância por aquilo que é falso são gostos adquiridos, no caso, por meio do compromisso com Deus e sua preciosa palavra.³⁸

Assim, nos versículos 103 e 104 do Salmo 119, o autor retrata as Escrituras como uma fonte de deleite e prazer, comparáveis ao sabor do mel. O salmista reconhece o valor intrínseco das palavras de Deus não apenas como um meio de instrução, mas como algo que

³⁴ CARSON, 2009, p. 861.

³⁵ POWLISON, 1999, p. 27.

³⁶ BRUCE, 2012, p. 615.

³⁷ CHAMPLIN, 2000, p. 2448.

³⁸ KIDNER, 1984, p. 439.

traz alegria, satisfação e entendimento. Essa passagem ressalta a riqueza da experiência espiritual que a Palavra de Deus pode proporcionar, convidando os leitores a apreciarem a profundidade da conexão entre a alma humana e a divina revelação contida nas Escrituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Salmo 119 emerge como uma escrita singular dentro do cânone dos Salmos, exibindo características especiais que o destacam como uma obra de profunda devoção e reverência à Palavra de Deus. A estrutura acróstica, marcada pela utilização sequencial das letras do alfabeto hebraico, reflete não apenas a habilidade artística do autor, mas também a intenção de enaltecer a revelação divina. Este salmo, portanto, se destaca como um monumento literário erigido em honra à Palavra que Deus deu a Israel, e sua estrutura reflete a perspicácia artística do autor.

Ao examinar a essência do Salmo 119, surge a clara intenção do salmista de exaltar a lei de Deus, transcendendo a mera legislação para englobar todo o caráter e propósito divinos. Esta lei é vista não como um fardo, mas como um meio de contato direto com Deus e uma manifestação de Sua graça e orientação. O salmo não é apenas uma reflexão intelectual, mas uma declaração de fé ativa, um chamado à ação.

A soberania das Escrituras emerge como um tema central, ampliando-se além do mero código legal para incluir a revelação completa do caráter divino e Sua orientação para a humanidade. As Palavras de Deus são afirmadas como imutáveis, infalíveis e eternas, diferenciando-se de todas as outras expressões humanas. A compreensão da autoria divina das Escrituras é fundamental para aprofundar a ligação com Deus e perceber a influência transformadora da Palavra em todas as esferas da vida.

A conexão entre as Escrituras e a sabedoria é proeminentemente evidenciada nos versículos 97 a 102. O salmista não apenas aprecia a Palavra de Deus, mas reconhece seu poder de conceder entendimento, prudência e discernimento. A meditação constante nas Escrituras não apenas o coloca em vantagem sobre os adversários, mas também o eleva acima dos mestres e dos anos de experiência. A busca por sabedoria não é um empreendimento puramente humano, mas uma jornada de aprendizado sob a orientação divina.

O prazer e o deleite que as Escrituras proporcionam também são amplamente explorados nos versículos 103 e 104. As palavras de Deus são retratadas como algo doce e mais satisfatório que o mel. A alegria proveniente das Escrituras transcende a mera instrução e se conecta emocionalmente à alma do salmista. Este prazer não se limita a uma contemplação mental, mas se manifesta na ação e na busca constante por entender e aplicar os princípios divinos na vida diária.

Dessa forma, o Salmo 119 é uma obra singular que ressalta a autoridade, a soberania e a preciosidade das Escrituras. Ele encapsula a interação entre o crente e a Palavra de Deus, destacando sua importância como fonte de sabedoria e deleite. É possível perceber uma sequência elaborada pelo autor: a meditação constante (v. 96) transforma-se em obediência (v. 100), o poder da palavra para mudar nossa vida. Obediência (v. 101) nascida do reconhecimento da divina autoridade da palavra (v. 102) transforma-se em prazer (v. 103).

Ao examinar as particularidades deste salmo, somos lembrados da necessidade de cultivar um relacionamento ativo com a Palavra de Deus, reconhecendo-a como um meio de conhecer a Deus mais profundamente, adquirir sabedoria e encontrar alegria duradoura. Portanto, este salmo não é apenas uma reflexão poética, mas um chamado à ação e ao compromisso com a Palavra de Deus, que permanece inabalável e eterna.

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BOWMNAN, Robert M. Jr. Um guia bíblico sobre ortodoxia e heresia parte I. **Defesa da Fé**, v., n. Especial, p. 180-183, 2000.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamentos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

CARSON, D. A.; et al. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. Volume 4. São Paulo: Candeia, 2000.

GONÇALVES, Almir dos Santos. **O livro dos Salmos**: comentários salmo a salmo. Rio de Janeiro: JUERP, 2010.

KIDNER, Derek. **Salmos 73 – 150**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

LOPES, H. D. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2010.

POWLISON, David A. Sofrimento e o Salmo 119. **Coletâneas de aconselhamento bíblico**, Atibaia: SBPV, v.8, p. 12-31, 1999.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos II**: salmos 73-150. São Paulo: Paulus, 1998.

WEISER, Artur. **Os salmos**. São Paulo: Paulus, 1994.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.006



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

LAMENTO, CUIDADO E ESPERANÇA CRISTÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO

Lament, care, and chistian hope in the context of de pandemic

Luiz Gustavo Marques Lança¹

RESUMO

A finalidade do presente artigo é de traçar uma abordagem teológica e reflexiva sobre os efeitos da pandemia na saúde mental, física e espiritual no Brasil. Durante a pandemia houve aumento da violência contra a mulher, do índice de divórcios, impacto na pobreza, fome e desemprego no país. Aumentaram significativamente as queixas emocionais como a ansiedade, depressão e alteração da qualidade do sono. Tais situações exigem da igreja diferentes formas de acolhimento e ações para atender às novas demandas. Destacou-se neste trabalho que a postura da Igreja diante do momento pós-pandêmico, mais que apontar para a ações imediatistas, precisa manter as portas abertas aos que sofrem e resgatar práticas bíblicas de se prostrar e lamentar junto aos pranteadores, em um movimento compassivo que atue com ética de cuidado eficaz. Esse cuidado se manifesta com orações de lamento e intercessão e por ajuda prática de acompanhamento dos atingidos diante dos desafios atuais no Brasil. A metodologia utilizada foi bibliográfica com análise de conteúdo.

Palavras-chave: Cuidado. Crise. Lamento. Oração. Pandemia.

ABSTRACT

This article's purpose outlines a theological and reflective approach about the effects of the pandemic on mental, physical, and spiritual health in Brazil. During the pandemic, there was an increase in violence against women, in the divorce rate, in the impact on

¹ O autor possui mestrado em Teologia pela FABAPAR (2023). Mestrado livre em Teologia pelo Seminário Batista Teológico do Norte do Brasil (2005), pós-graduação em História, Geografia e Arqueologia Bíblica pela Faculdade Batista Pioneira (em andamento), graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980) e pós-graduação em Finanças Corporativas pela FGV (1997). Atualmente é professor do CENTRO TEOLOGICO BATISTA DO ESPÍRITO SANTO. E-mail: llanca7@yahoo.com.br

poverty, in hunger, and in the unemployment rate within the country. Moreover, there was a significant increase in emotional complaints such as anxiety, depression, and altered quality of sleeping patterns. Such situations, demand from the church different forms of embracing and acting to meet the new demands. This article highlights that the attitude of the Church in the face of the post-pandemic moment, rather than pointing to immediate actions, must focus on keeping the doors opened to those who suffer and on rescuing biblical practices of prostrating and mourning with those who mourn in a compassionate movement which acts with an ethic of effective care. This care is manifested through prayers of lamentation and intercession as well as practical help accompanying those, affected by the pandemic, facing the current challenges in Brazil. The methodology applied was bibliographic with content analysis.

Keywords: Care. Crisis. Grief. Prayer. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O impacto da pandemia do Coronavírus (Covid-19) na sociedade brasileira teve efeitos importantes na economia, sociedade, saúde, política e na vida financeira e religiosa da população. A violência contra a mulher se fez acentuada no período inicial da pandemia. Mulher e marido que antes da pandemia trabalhavam fora, um ou outro, ou ambos e, que se encontravam somente ao final do dia em casa, passaram a dividir e competir o mesmo espaço, juntos, 24 horas por dia, sem poder sair, a não ser para atividades essenciais. Isso possibilitou que os conflitos se acentuassem vertiginosamente nas famílias brasileiras. O efeito dos conflitos não tratados gerou violência contra o lado mais frágil, que é a mulher e consequentemente o aumento nos níveis de divórcio no Brasil como mostrado neste estudo.

A crise gerada também pôde ser notada nas dificuldades da nação tanto por parte das autoridades federais como estaduais, que não condensavam suas diferenças, gerando disputas sobre a solução das vacinas. O negacionismo de autoridades ocasionou confusão, com o uso de Fake News e descontrole no combate ao inimigo comum: a pandemia. O agendamento da aplicação das vacinas que iam chegando em quantidade insuficiente desprivilegiou a classe pobre do país. Quem tinha boa internet e carro próprio chegava primeiro aos locais onde as vacinas eram aplicadas.

A mortalidade, consequentemente, alcançou as populações mais pobres da nação como se pôde ver nas estatísticas, constatando-se uma triste realidade, em especial nas regiões Norte-Nordeste do país conforme será mostrado no capítulo subsequente. E aquilo que parecia estar longe da maioria das famílias brasileiras acabou atingindo em cheio grande parte delas: foram catalogadas 688.395 mortes no Brasil pelo Coronavírus até o dia 07/11/2022. Essa mortalidade gerou luto, tristeza, orfandade, viuvez e sérias consequências econômicas na família brasileira. O desemprego ou a taxa de desocupação chegou a superar os melhores níveis do quarto trimestre de 2019 em 34%.² Nesse período o país estava com 11,1 milhões de desempregados chegando no terceiro trimestre de 2020 a 14.9 milhões. Por conta da quarentena necessária naquele momento e a dificuldade de sair para o trabalho. O índice de

² IBGE, 2021.

pobreza, fome e desemprego no país cresceu e esse impacto econômico recaiu sobre as instituições sociais e religiosas.

A quarentena e suas dificuldades também trouxeram como efeito o impacto na saúde mental das pessoas, que se mostrou com o crescimento da irritação, ansiedade, depressão e insônia de uma grande fatia da população brasileira. E a igreja considerada como atividade essencial foi duramente questionada e obrigada a fechar suas portas por algum tempo, o que levou alguns profetas a fazer entender como se esse fosse um tempo de avivamento que se tornou para muitas igrejas em tempos de apostasia. E esta, segundo a orientação textual bíblica não poderia ser a resposta da igreja à crise.

Qual seria então a resposta da igreja representada por seus membros? Onde está Deus nesta pandemia? O estudo apresentará a necessidade de um tempo de lamento e autocontrole, justamente para não se chegar a “soluções” precipitadas. Os lamentos de Jeremias mostram que se pode fazer uma correlação importante entre o bem-estar e saúde mental diante das adversidades. O adágio popular apropriado por Barreto diz: “quando a boca cala, os órgãos falam. Quando a boca fala, os órgãos saram”. E nesse contexto as orações de confissão surgem como ferramentas de apoio ao povo de Deus e de auxílio para as comunidades que a cercam. Soluções vêm, pela graça de Deus, desde que a Igreja se afaste de reações instantâneas para poder discerni-las. O estudo apresentará a necessidade de um tempo de oração e lamento, onde poderá surgir uma nova luz, e não simplesmente a repetição de coisas que, de qualquer maneira, muitos chegaram a dizer sem produzir o efeito de libertação e cura.

O lamento é apresentado como uma resposta inicial da igreja que juntamente com a ética do cuidado seria uma forma efetiva de socorro a quem sofre. Uma ética de cuidado ativa se faz necessária, muito especialmente, nestes tempos pós-pandêmicos. Uma análise exegética de Romanos 8.28 é apresentada neste estudo revelando que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus, no sentido de que Ele trabalha em cooperação com sua igreja para promover a libertação diante da dor e sofrimento que atingiram o próximo especificamente na pandemia. Os cristãos são chamados a ter parte ativa na ação de Deus em socorro aos aflitos usando a eficaz ética do cuidado e motivados pelo amor ágape que se expressa em serviço sacrificial.

Uma igreja de portas abertas pode se apresentar como agência de transformação e ajuda, levando seus membros e comunidade que a cerca a participar de seu serviço libertador a serem identificados nas práticas da oração de lamento, intercessão, ceia do Senhor, apoio amoroso e fiel de grupos de acompanhamento e ajuda e, da adoração é verdadeira intimidade com Deus. Onde está Deus no sofrimento da pandemia? Ele está no lamento da igreja que se une aos pranteadores deste mundo e no agir ético do cuidado motivado por genuíno amor que serve sacrificialmente levando libertação e cura aos corações angustiados e aflitos deste tempo.

1. A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO COLETIVO: PANDEMIA, VULNERABILIDADE E CLAMOR

A pandemia impactou fortemente a vida das pessoas como indivíduos, famílias, comunidade religiosa, o Brasil e o planeta. Várias áreas importantes da nação como a economia, a vida social, a saúde mental e espiritual sofreu impactos importantes. De acordo com as estatísticas abaixo delineadas, na pandemia observou-se um crescente aumento de violência dentro de casa, com agressão à mulher trazendo assim, um aumento nas taxas de divórcio no Brasil.

A taxa de divórcios em relação ao número de casamentos no Brasil, no ano de 2020, cresceu 44% se comparado com 2019.³ A taxa de violência contra a mulher, “apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia da COVID-19 no país, a dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino”. Os dados mensais de feminicídios no Brasil entre 2019 e 2021 indicam que houve um aumento dos casos entre os meses de fevereiro e maio de 2020, quando houve maior restrição nas medidas de isolamento social.

A grande questão a ser levantada, diante de um cenário que hipoteticamente aconteceu também dentro dos próprios lares de cristãos atuantes em suas comunidades religiosas é: Onde está o socorro? O socorro seria uma resposta? Ou uma mão de ajuda amiga e irmã? Qual deve ser a resposta efetiva da igreja? Ela não pode ficar de fora diante do sofrimento de sua própria comunidade e nem da que lhe cerca.

Na pandemia do Coronavírus (COVID-19) pôde-se perceber atos de descontrole operando no Brasil, gerando ansiedade e angústia em muitos. Quando da chegada das vacinas, a estratégia adotada pelos governos estaduais, de um modo geral, foi a de agendamento por faixas etárias e grupos de urgência, que podia ser feito pelo celular, através de um App especializado ou no computador. Inicialmente houve uma grande procura pela vacina, pois a oferta era bem menor que a demanda. Não havia vacina para todos naquele primeiro momento. Segundo o G1 da Globo.com⁴, a primeira dose de vacinação começou no dia 21/01/2021 com 86.436 pessoas vacinadas. A segunda dose foi iniciada no dia 05/02/2021 com 1.962 pessoas vacinadas. Ao final do ano de 2021 chegou-se a um montante 161.221.915 de pessoas vacinadas com a primeira dose e, 143.356.785 pessoas vacinadas com a segunda dose mais dose única. Isso mostra que foi gradativo por não haver disponível vacina imediata para todos. Assim, logo se configurava uma grande disputa pelos interessados e habilitados em suas faixas de atendimento por prioridades, o que demandava a necessidade de se ter uma boa internet, tanto no celular quanto nas residências ou trabalho. A disputa foi intensa e o agendamento pela web privilegiava as pessoas de melhor poder aquisitivo, com uma internet de qualidade em casa. Quem tinha carro próprio para se deslocar até os drives-thru, e outros locais onde somente poderia se vacinar dentro dos veículos também era privilegiado diante da estratégia disponível de vacinação.

³ IBGE, 2021.

⁴ G1 da Globo.com, 2022, sem paginação.

A dificuldade maior ainda estava por vir, pois a mortalidade também se verificou mais acentuadamente na população de baixa renda. Segundo Fortunato (2020, p.26) articulando sobre a COVID-19 no Brasil com foco na evolução da doença num cenário de desigualdades sociais, mostra que “os óbitos se concentram naqueles com maior vulnerabilidade social, evidenciando uma tensão sociopolítica e econômica já existente no país cuja superação se mantém como desafio”.

As cidades com maior mortalidade por COVID-19 no Brasil, com número de óbitos por 100 mil habitantes em 2020, foram as das regiões Norte e Nordeste do Brasil, onde a pobreza e a miséria imperaram na ocasião. Fortunato mostra em seu trabalho que as diferenças sociais entre estados e municípios aliadas às políticas públicas que não incentivaram isolamento social com maior prudência potencializaram desigualdades intraurbanas e agravaram a doença em diversas localidades brasileiras. A pandemia impactou mais a escassez de qualidade sanitária evidenciada nas favelas, com a falta de infraestrutura, segurança e equipamentos necessários do que em outras regiões. Os óbitos concentraram-se nas regiões com maior vulnerabilidade social, revelando a tensão sociopolítica e econômica que já imperava no país, cujo desafio era a sua superação.

Um grande lamento se levantou no país e no mundo por conta de seus mortos. A mortalidade, que antes era vista e relatada de forma contundente pela mídia durante todo os dias, falava de fatos que pareciam estar ainda longe da maioria das famílias brasileiras. Mas, a situação mudou rapidamente e os óbitos foram se aproximando até atingir grande parte das famílias brasileiras, agora não só famílias pobres, mas de todas as classes sociais que passaram também a lamentar e chorar os seus mortos.

A consequência dessa tragédia foi que surgiram muitos órfãos de seus pais mortos pela peste pandêmica, viúvas e viúvos e filhos e filhas de todas as faixas etárias e não somente dos idosos, impactando não somente a economia familiar, mas que também trouxe angústia, dor e sofrimento gerados diante do luto. Hillis mostra um quadro onde do período compreendido de 1 de março de 2020 a 30 de abril de 2021 “a perda de cuidadores primários por mortes associadas ao COVID-19” põe o Brasil como o segundo maior em orfandade, perdendo apenas para ao México.⁵

Percebeu-se através da imprensa nesse período, que o Brasil sofreu também com os conflitos políticos existentes, visando interesses partidários e pessoais, com uma administração não tanto transparente, por parte dos governos federal e estaduais. Tais conflitos foram percebidos, ora pelo acentuado negacionismo diante do perigo de morte e sequelas, ora pela competição diante da solução com tipos e órgãos diferentes produtores das vacinas e, não menos conflitante, a tormenta das fake news. O dicionário Houaiss Online define o termo fake News como desinformação ou notícias falsas. O fato é que até 22/09/2022, segundo o Ministério da Saúde morreram 685.677 pessoas no Brasil. Neste contexto, por interpretação da mídia, pôde ser observado os governos estaduais competindo para estar à frente do combate pelas vacinas com o governo federal. De quem deveria ser essa

⁵ HILLIS, 2021, p. 395.

liderança? O fato é que essa disputa pode ter gerado atrasos na chegada das vacinas ao Brasil. O resultado parecia divergir diante dos cronogramas apresentados pelo Ministério da Saúde, algumas vezes congelados e sem previsão para chegada de novos lotes de vacinas. O calendário de chegada das vacinas previa uma quantidade de doses planejadas, quando na realidade, o executado nem sempre batia com o prometido.

Esse aparente conflito entre gestores políticos afetou em muito o emocional de todos que se viam contaminados por tantas informações imprecisas vindas de diversas fontes (fake news) que contribuíram para afetar a saúde mental do brasileiro. O fato de o cidadão ficar recluso dentro de sua própria casa, sem poder trabalhar ou sair (para não ter que se expor em transportes lotados sem nenhuma garantia de distanciamento), também afetou o emocional da população. O distanciamento dos próprios familiares como condição de amor verdadeiro isolou os idosos e seus parentes provocando ou acentuando problemas como a solidão, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental.

Um artigo sobre o relato de tristeza e depressão, nervosismo e ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19, escrita por Barros et al, da Universidade de Campinas relata o impacto da pandemia na saúde mental dos entrevistados.⁶

Variáveis	Sexo		RP ^a (IC _{95%}) ^b
	Masculino	Feminino	
Frequência de sentir-se triste ou deprimido			
Nunca	26,2	12,1	0,44 (0,39;0,51)
Poucas vezes	44,3	38,2	0,86 (0,80;0,92)
Muitas vezes	26,2	43,0	1,67 (1,52;1,84)
Sempre	3,4	6,8	2,09 (1,65;2,65)
Frequência de sentir-se ansioso ou nervoso			
Nunca	16,6	8,5	0,49 (0,42;0,57)
Poucas vezes	40,3	30,6	0,74 (0,69;0,80)
Muitas vezes	35,4	46,4	1,33 (1,24;1,44)
Sempre	7,7	14,4	1,95 (1,60;2,38)
Problemas de sono			
Aumento de problema de sono prévio	39,6	53,7	1,41 (1,25;1,58)
Início de problema de sono	37,1	49,8	1,35 (1,24;1,48)

a) RP: razão de prevalências ajustada por idade, utilizando-se o sexo masculino como categoria de referência.

b) IC_{95%}: intervalo de confiança de 95%.

Nota: Valores em negrito: p<0,05.

Figura 1 – Prevalência (%) do relato de tristeza/depressão, de nervosismo/ansiedade e de problemas de sono por adultos brasileiros (n=45.161) durante a pandemia de COVID-19, segundo o sexo, ConVid-Pesquisa de Comportamentos, Brasil, 2020

Na figura 1 vê-se o impacto da tristeza e depressão, ansiedade e irritação e problemas de sono numa população de 45.161 entrevistados durante a pandemia. Nota-se que o distanciamento social, um claro tipo de exílio provocado na pandemia, foi importante no impacto da saúde mental das pessoas. O resultado da pesquisa mostra que o sentimento frequente de tristeza e depressão abrangeu 40% dos adultos brasileiros, e a sensação de

⁶ BARROS; et al, 2020, p. 5.

ansiedade e nervosismo foi constatada em mais de 50% deles. Entre os que não tinham problema de sono, mais de 40% passaram a ter e quase 50% dos que já conviviam com a situação tiveram seu problema agravado. Ainda com relação aos sentimentos de tristeza e de ansiedade e os problemas do sono revelou-se prevalecer em sua maioria, em adultos jovens, mulheres e pessoas com diagnóstico prévio de depressão.

O exílio social redundou também em sérios impactos econômicos e sociais na nação. O artigo intitulado “Desemprego, pobreza e fome no Brasil em tempos de pandemia por COVID-19” publicado em 2020 por Neves et al, fala sobre o impacto da pandemia na sociedade brasileira.⁷

Brazilian Regions	Cumulative cases of Covid-19 ¹		Cumulative deaths by Covid-19 ¹		Unemployed population (millions) ^a	Unemployment rate (%) ²			Families in extreme poverty ^{3,b}		Families covered by Bolsa Família ^{3,c}	
	n	%	n	%		Total	Women	Men	n	%	n	%
North	642,474	13.0	15,191	10.3	1,042	13.1	-	-	1,716,855	12.2	1,796,535	12.6
Northeast	1,355,526	27.4	39,772	21.1	3,942	17.9	-	-	7,171,399	51.0	7,092,999	49.7
Midwest	615,013	12.4	13,183	9.0	1,033	12.7	-	-	573,889	4.1	681,243	4.8
Southeast	1,721,384	34.8	66,250	45.1	6,673	15.4	-	-	3,787,719	26.9	3,812,630	26.7
South	608,347	12.3	12,429	8.5	1,403	9.4	-	-	808,811	5.8	890,395	6.2
Brazil	4,942,744	100	146,8226	100	14,092	14.6	16.8	12.8	14,058,673	100	14,273,802	100

Notes: ¹Fundação Oswaldo Cruz, Brazil, data referring to December 17, 2020, 8.27 p.m. [2]; ²Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [7]; ³Ministry of Citizen ship [11]; ^aUnemployed population: people out-of-work in the week of reference, but who sought work or acted on that sense in a 30-day reference period (data referring to the third trimester of 2020) [8]; ^bData referring to October 2020; ^cData referring to November 2020.

Figura 2 - Número acumulado de casos e óbitos por COVID-19, população desempregada, famílias em situação de extrema pobreza e famílias abrangidas pelo Programa Bolsa Família, pelas regiões brasileiras. Brasil, 2020.

A figura 2 mostra de forma mais detalhada, por regiões, os números da pobreza, fome e desemprego no Brasil. Pode ser visto de forma tabulada como a região Norte e principalmente a Nordeste foram duramente impactadas social e economicamente, durante o maior foco da pandemia em 2020.

A região Nordeste detinha 21,1% dos casos de óbitos por COVID-19 no país, uma taxa de desemprego regional de 17,9%, 51% das famílias em situação de extrema pobreza no Brasil e 49,7% das famílias do programa Bolsa Família. Apesar do impacto maior nestas regiões, todas as demais regiões sofreram severas perdas com impacto na saúde mental, na economia, desemprego, fome e empobrecimento da nação.

Brissos-Lino, da Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal articula sobre a COVID-19 com foco nos olhares religiosos sobre a realidade pandêmica fala sobre o efeito desta pandemia na vida financeira da igreja:

É evidente que sucedeu uma quebra acentuada de receitas das instituições religiosas, dada a suspensão das missas, cultos e reuniões presenciais, e mesmo na retoma dos mesmos as condições sanitárias impostas passaram a condicionar tanto o acesso como a dinâmica normal, com reflexos

⁷ NEVES; et al, 2021, p. 4.

financeiros óbvios, além de terem sacrificado grandes festas religiosas como a Páscoa, o Pentecostes e as peregrinações.⁸

Brissos-Lino comenta que houve exceções quanto à atitude cooperativa nos grupos fundamentalistas, que atribuíram à presente pandemia status de um castigo divino e nos grupos que pensam que os governos desejam limitar a liberdade religiosa dos cidadãos. Ele nomeia os líderes neopentecostais que “insistiram na continuidade dos cultos presenciais, quando o mais sensato seria o isolamento profilático, em especial nas comunidades das periferias”.⁹

É claro que o impacto não foi somente financeiro, como comenta Rega publicando no Jornal Batista, onde faz uma reflexão sobre sua pesquisa sobre como serão os crentes e as igrejas na pós-pandemia.¹⁰ Essa pesquisa foi realizada entre os evangélicos brasileiros em março de 2020. Participaram 3.067 pessoas em sua grande maioria do meio batista brasileiro (89% dos pesquisados). A pesquisa revela que 28% dos entrevistados apontam que existem pregadores melhores do que seu pastor e isso poderia trazer de imediato o afastamento do cristão de sua comunidade ou Igreja. Isto pode ter implicações na volta da pandemia, tais como: a perda da exclusividade do líder local, comparações entre preletores/pregadores, a exposição de membros a diferentes alternativas teológico-doutrinárias e a tendência que poderia ser a migração destas pessoas para outras comunidades ou Igrejas.

A busca de alternativas pode ser uma realidade na volta pós-pandêmica da igreja aos cultos, a não ser que o acolhimento e o atendimento pastoral tenham elevado o nível de qualidade no contato com a membresia. Infelizmente, o que se escutou sobre a volta aos cultos presenciais na pós-pandemia, foi que em boa parte das igrejas houve um esvaziamento, na quantidade de sua membresia e, em alguns casos uma queixa sobre o impacto no sustento financeiro das instituições.

O grau de sofrimento percebido durante a pandemia e na pós-pandemia gera um passivo de desafios para uma atuação pertinente e eficaz da igreja rumo à ajuda e soerguimento do indivíduo caído, angustiado, rejeitado e explorado em meio ao sofrimento.

2. O LAMENTO COMO RESPOSTA INICIAL DA FÉ CRISTÃ

A palavra lamento é definida pelo dicionário Webster (1828) como sofrer, entristecer pelo luto, chorar, gemer, expressar tristeza. Por exemplo, Jeremias lamentou por Josias: “Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje; porque as deram por prática em Israel, e estão escritas no Livro de Lamentações” (2Cr 35.25). Na forma substantiva lamento, [latim *lamentum*.] significa luto ou tristeza expressa em reclamações ou gritos, gemido ou choro.

Neste texto, que faz referência a Jeremias como um construtor de lamentos, o cronista cita o profeta:

⁸ BRISSOS-LINO, 2020, p. 102.

⁹ BRISSOS-LINO, 2020, p. 102.

¹⁰ REGA, 2021, p. 15.

O cronista enfatiza ainda mais a honra de Josias acrescentando um pós-escrito a este episódio. Neste breve relatório, ele observa que todo o Judá e Jerusalém prantearam Josias (35.24b). Jr 22.10,15,16 confirma que Jeremias ficou tão emocionado que compôs uma lamentação quando Josias morreu. A lamentação de Jeremias é entoada até ao dia de hoje (35.25). De fato, as lamentações se tornaram uma tradição, uma prática (35.25). Aparentemente, o cronista apela aqui para os costumes que seus leitores conheciam. (...) Ele transmite a triste circunstância da morte de Josias por meio dessas alusões reconhecíveis. Desta maneira, o cronista deixa claro que Josias foi grandemente homenageado apesar de seu fracasso.

Pratt valoriza o entendimento de que o lamento era um rito aceito e vivenciado nos tempos de Jeremias. Eles podiam ser construídos, compostos, escritos, como narra o texto bíblico indicado. E se podiam, ainda podem ser construídos por qualquer pessoa em processos semelhantes de vida. Encontramos da mesma forma vários salmos de lamentos, onde se depara com situações de luto, perda e agonia que são típicas em situações de turbulências pessoais, pois a pessoa se volta para seus sentimentos pessoais de agitação e agonia.

Há também os salmos com lamentos imprecatórios que se destacam por uma “catarse libertadora” do indivíduo, muitas vezes dominado pelos mais diversos sentimentos ruins e, que se expõe diante de Deus e dos homens pedindo que a justiça do Senhor se manifeste. Bonhoeffer, fazendo alusão a estes lamentos imprecatórios de muitos salmos tais como os 5, 7, 9, 10, 13, 16, 21, 23, 28, 31, 35, 36, 40, 41, 44, 52, 54, 55, 58, 59, 68, 69, 70, 71, 137, etc. diz:

Em parte alguma o salmista exerce vingança com as próprias mãos, mas ele a confia unicamente a Deus (Rm 12.19). Assim, ele precisa abrir mão de todos os pensamentos de vingança pessoal. Precisa estar livre de toda sede de vingança pois, do contrário, não estaria confiando a vingança com sinceridade a Deus. Somente a quem é inocente diante do inimigo pode confiar a vingança a Deus. A oração pela vingança de Deus é a oração pelo cumprimento de sua justiça no juízo sobre o pecado.¹¹

Não importa se o pedido nos lamentos imprecatórios foi correto e, se Deus irá ou não responder positivamente a cada uma destas maldições. Mas, o fato é que esta abertura de alma, confissão íntima e pública, é uma exposição importante do ser, diante de um Deus justo, que fará justiça em seu tempo, pois Ele é santo e, essa expectativa trará descanso, conforto e calma a esta pessoa angustiada.

Há sete lamentos construídos no livro profético de Jeremias, catalogados por Eugene Peterson.¹² Eles se encontram nos capítulos 8.18–9.3; 11.18-23; 12.1-6; 15.10-12,15-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-18. Outros autores mencionam “seis lamentos” desconsiderando o primeiro apontado por Peterson, como a Faithlife Study Bible em seu compêndio¹³ ou, ainda, “cinco lamentos” conforme Lalleman em seu comentário do livro de Jeremias.¹⁴ É claro que todas as citações, dependendo da visão do autor podem fazer a quantidade de lamentos

¹¹ BONHOEFFER, 2017.

¹² PETERSON, 2008, p. 89.

¹³ FAITHLIFE, 2016, sem paginação.

¹⁴ LALLEMAN, 2013, p. 51.

variar, mas os autores em geral admitem os lamentos de Jeremias em seu livro profético e as lamentações de Jeremias. Neste artigo serão citados os sete lamentos de acordo com a abordagem de Eugene Peterson.

O primeiro lamento catalogado em Jeremias 8.18-9.3 se refere ao luto e angústia sobre a destruição que veio sobre Judá e expressos de forma sincera na fala do profeta. Skinner fala do resultado na vida de Jeremias deste lamento levantado:

A visão de desolação que frequentemente surgia diante de sua mente é assombrada por uma terrível quietude sobrenatural – um silêncio ininterrupto pelo mugido do gado ou pelo canto dos pássaros (9.10, 4.25). Nem é apenas o mundo da natureza externa que atrai Jeremias: “a música ainda triste da humanidade” também tem seu eco eterno em seus escritos. Onde podemos encontrar uma expressão mais simples e penetrante do que no repetido lamento sobre a extinção de todas as alegrias da vida comum nos próximos dias, quando “o som de alegria e o som da felicidade, a voz do esposo e a voz da noiva, o som das mós e a luz da lâmpada serão retirados (25.10; cf. 7.34, 16.9, 33.11)? A primeira indicação certa de seu interesse absorvente em eventos políticos atuais é seu lamento sobre o destino reservado para o jovem príncipe Jeoacaz quando ele foi convocado diante do faraó Neco em sua sede em Ribla (2Rs 23.33). Parece que os obséquios prolongados do rei morto Josias estavam sendo realizados, quando Jeremias apareceu diante da multidão de lamentos e recitou este de composição sua.

No segundo lamento em Jeremias 11.18-23, há duas partes: a queixa de Jeremias sobre um aparente atentado contra sua vida e a resposta de Deus a ele. De acordo com a resposta, os inimigos eram o povo da sua cidade natal em Anatote e, possivelmente até mesmo, sua própria família.

O terceiro lamento está no capítulo 12.1-6 que aborda a injustiça de um mundo desigual, onde os ímpios prosperam e os justos sofrem. Jeremias afirma a justiça de Deus, mas a maldade do povo o faz sofrer. Deus lhe responde que não haverá caminho mais fácil em sua vida, e que iria piorar.

O quarto lamento de Jeremias no capítulo 15.10-21, reflete seu desespero sobre o duplo desastre pela frente — a perseguição de seu próprio povo nos horrores do ataque inimigo e, posteriormente, o exílio. A reclamação é revelada no lamento de Jeremias e na resposta de Senhor (vv. 19-21). O quinto e sexto lamentos registrados por Jeremias se encontram no capítulo 17.14–18 e no capítulo 18.18-23, que podem ser abordados como complementares. Ao contrário dos lamentos anteriores, esses não incluem uma resposta do Senhor. Jeremias pede cura e salvação, onde a cura se refere ao perdão de seus pecados e o conserto de sua relação com Senhor. Jeremias realiza assim, de forma fiel, sua missão profética mostrando a Israel o caminho do arrependimento, mas não sem perseguição. O lamento se encerra com seu desejo pelo julgamento de Deus sobre seus inimigos. Ele jamais fez vingança com suas mãos, mas deixou-a nas mãos do Senhor que é justo e perfeito.

Por fim, o sétimo lamento de Jeremias, visto no capítulo 20.7-13 direciona sua frustração em uma censura contra o Senhor, por deliberadamente conduzi-lo a circunstâncias difíceis diante de sua chamada profética. A linguagem deste lamento é ousada e direta, deixando uma

visão clara da angústia experimentada pelo profeta e sua ambivalência em relação a Senhor. Jeremias usa no v. 7 uma linguagem forte: fui seduzido. A palavra no hebraico פתה pathah tem um significado muito forte, como por exemplo “se alguém seduzir qualquer virgem que não estava desposada e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher (Êx 22.16). Heschel enfatizou a conotação sexual da sedução, argumentando que o uso em conjunto implica sedução e estupro.¹⁵ Pode significar ainda uma espécie de trapaça como no texto bíblico em 1Reis 22.20 - “perguntou o SENHOR: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro, de outra”. Ou seja, um mesmo texto bíblico com interpretações diferentes. Mas, apesar da dificuldade da interpretação, o contexto não indica que Yahweh de forma alguma enganou a Jeremias. Antes, o alertou, em sua experiência de chamada profética que ele encontraria oposição. O contexto sugere sim, o significado de persuasão.

Qual a finalidade dos lamentos de Jeremias e qual a correlação com os lamentos do povo de Deus ao longo de sua história? Será que existe um tom terapêuticos nestes lamentos? Seriam comparáveis a uma confissão? A uma abertura de alma comparáveis aos lamentos encontrados em muitos salmos? Uma abordagem de lamento como primeira resposta diante dos sofrimentos pós pandêmicos que ainda são vivenciados?

Um trabalho publicado por Esperandio e Ladd aponta para os resultados de uma pesquisa empírica aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Indiana, em South Bend, nos Estados Unidos, onde a mesma foi realizada. Os resultados da pesquisa indicam a importância da oração, do coping (confronto religioso e espiritual) que inclui as lamentações reveladas por situações de luto, perda e agonia na experiência de entrevistados.

Em várias entrevistas se percebe o uso da oração como a estratégia utilizada com sucesso do ponto de vista da transformação da emoção, pois favorece o afastamento do problema em favor da aproximação de Deus. Como resultado, os sujeitos relatam o cuidado e conforto recebidos através da oração de Petição ou mesmo de Lamentação. (...) A oração como método de coping parece funcionar positivamente para grande parte dos entrevistados [estudo realizado pelo autor]. As experiências apontam diminuição da ansiedade, melhora na capacidade de funcionar, busca de um comportamento mais assertivo e suporte espiritual para uma vida com mais sentido e propósito.¹⁶

Em suas considerações finais Esperandio e Ladd encontram resultados benéficos verificados em pessoas praticantes da oração relacionados à saúde mental e espiritual. Os resultados indicam que a oração exerce um papel importante na constituição subjetiva de seus praticantes, sobretudo nos aspectos relacionados à saúde mental e espiritual. Os sujeitos reportam diminuição da ansiedade, incremento das habilidades para administrar as situações de estresse e sofrimento; impulso para a cooperação mútua; maior senso de direção e propósito na vida.

¹⁵ HESCHEL, I, p. 113.

¹⁶ ESPERANDIO; LADD, 2013.

Atualmente a ciência moderna defende a importância da oração, da espiritualidade para os pacientes em estado terminal. Estes conseguem ultrapassar este processo de final de vida com muito mais tranquilidade daqueles que não têm a prática de espiritualidade e oração. Koenig¹⁷, quando diretor da Duke University's Center for the Study of Religion/Spirituality and Health, foi um pioneiro na área médica, durante décadas através de estudos próprios e de terceiros, trazendo à luz novas descobertas que mostraram a relação da oração com a saúde. Ele conta ter começado sua carreira de pesquisador através de “estudos geriátricos e psiquiátricos que mostravam que o medo da morte pode causar estresse crônico que diminui a qualidade de vida dos idosos”. Ele notou que entre seus pacientes “havia muitos cuja fé os protegia dessa preocupação mórbida”. Assim partiu para uma pesquisa na tentativa de fazer uma correlação entre a prática religiosa e ansiedade de morte entre idosos que frequentavam programas de almoço para essa classe de pessoas nos EUA.

Para testar sua hipótese de que a fé e práticas religiosas como a oração, a leitura das escrituras e a frequência à igreja podem ajudar os idosos a lidar com várias formas de estresse, incluindo a ansiedade da morte Koenig elaborou um questionário com 26 perguntas. Ele que visava avaliar suas crenças e atividades religiosas do público-alvo, seus sentimentos sobre a morte, sua tolerância ao estresse e o que os cientistas sociais chamam de “coping” geral. Algumas das perguntas levantadas estão aqui destacadas:

“Quando você está enfrentando uma situação difícil, qual a probabilidade de você usar a oração para ajudá-lo a lidar com a situação?” Para provar sua confiança na fé sob estresse. As respostas podiam ser: “improvável”, “pouco provável” e “muito provável”. “Pense na experiência mais estressante que você teve nos últimos meses. Até que ponto você usou suas crenças religiosas para lidar com essa experiência estressante?” As respostas possíveis variavam de “muito pouco” a “muito”. Qual o seu nível de atividade comunitária e seu envolvimento na congregação da igreja ou na comunidade de fé? (Ele queria separar atividades não religiosas, como afiliação a clubes, de práticas puramente religiosas, como participação em cultos). Para medir o nível de ansiedade da morte, foi perguntado: “Há muitos sentimentos que as pessoas têm sobre a morte. Como você se sente?” As pessoas podiam responder em uma escala que variava de “com medo e ansiedade” a “sem medo ou ansiedade”. Foi avaliada a saúde física dos participantes, porque as pesquisas mostraram que as pessoas que sofrem de doenças graves muitas vezes têm medo da morte. As respostas variavam de “doente e deficiente” a “muito saudável, não deficiente”.

Depois de postar todas as respostas e verificar sua validade com procedimentos estatísticos reconhecidos, Koenig foi surpreendido e animado com os resultados da pesquisa. Os idosos que eram “muito propensos” a confiar na fé religiosa e na oração, quando sob estresse, eram muito mais aptos a relatar pouco ou nenhum medo da morte, quando comparados com seus pares para quem a fé e a oração eram menos importantes. Ele conclui seu estudo perguntando sobre o significado de tudo aquilo. A conclusão foi que “A religião é o aspecto mais importante da vida da maioria das pessoas”. Os resultados da pesquisa

¹⁷ KOENIG, 2001.

sugerem que seria benéfico aumentar as práticas religiosas se isso fosse compatível com a fé da pessoa. Ele concluiu também que quando as pessoas sofrem de doenças ou incapacidades prolongadas, muitas vezes se tornam escravas da doença, que pode dominar todos os aspectos de suas vidas. Ele comenta ter conhecido pacientes que “se entregam à doença e experimentam um desespero que excede em muito a dor física”. Essa desesperança, em alguns casos pôde ser diagnosticada como depressão, “que pode corroer ainda mais a saúde física e tornar a recuperação muito difícil”. Ele conclui dizendo que muitos de seus pacientes lhe informaram sobre a importância de sua fé lhes trazendo uma sensação tangível de maestria em suas vidas. Ele fecha então sua pesquisa fazendo uma comparação: embora os cientistas não possam demonstrar que Deus exista e intervém na vida das pessoas, ele, como médico “havia aprendido que se pode explorar e mapear de maneira científica o efeito da fé e da prática religiosa na saúde física e emocional”.

A relação entre fé e oração na vida de um genuíno praticante tem efeitos benéficos em sua saúde mental e não somente espiritual. Os estudos apresentados mostram as evidências que este exercício pode trazer um estado de bem-estar e saúde integral na vida das pessoas.

Wright, fala do lamento como um caminho que deveria ser aceito como a principal resposta cristã diante da recente pandemia. Diz o autor:

Instei com você para que visse e aceitasse o lamento como a principal resposta cristã a esta pandemia. Cerca de um terço dos salmos bíblicos lamentam que as coisas não são como deveriam. Palavras que os salmistas empregam são de queixa: questionamento, tristeza, raiva, frustração e, muitas vezes, amargura. Todos fazem parte do livro de oração do próprio Jesus, e o Novo Testamento se apoia neles livremente para expressar não apenas o nosso próprio lamento, mas também o caminho de Jesus.¹⁸

Em um momento sério de crise pandêmica no Brasil e no mundo, quando a morte se infiltrou nas famílias, onde a violência contra a mulher foi um marco importante, onde a taxa de divórcio cresceu neste período pandêmico, o desemprego aumentou, elevando os níveis de pobreza, fome e miséria e, onde a saúde mental foi afetada na vida de tantas pessoas; em tempos assim, é hora de lamentar. Seu comentário continua:

É hora de admitir que não temos respostas fáceis; de nos recusarmos a usar a crise como megafone para o que desejávamos dizer de qualquer maneira; de chorar em frente ao túmulo de amigos; de gemer inexprimivelmente pelo Espírito. “Alegram-se com os que se alegram”, ordenou Paulo, e “chorem com os que choram”. Sim, e o mundo está chorando agora. O chamado primordial da Igreja é tomar, humildemente, o devido lugar entre os pranteadores.¹⁹

Chorar com os que choram faz parte da bem-aventurança do choro legítimo e honesto relatado no sermão do monte. Jesus diz: “por que eles serão consolados” (Mt 5.4).

¹⁸ WRIGHT, 2020.

¹⁹ WRIGHT, 2020.

3. A ÉTICA DO CUIDADO COMO PRÁTICA CRISTÃ NO PÓS-PANDEMIA

É claro que se nos detêssemos somente ao lamento, um vácuo surgiria diante da solução necessária, que não ajudaria de forma efetiva e prática o socorro ao próximo. Uma ética de cuidado viva se faz necessária, muito especial, nestes tempos pós-pandêmicos.

Silva comenta sobre a gestão da ética do cuidado e a sua importância em resposta à necessidade do bem-estar e empatia diante do sofrimento. O oposto de se sustentar o cuidado do outro se manifesta num estado de indiferença, falta de segurança e proteção com o próximo. Ela diz:

Uma ideia de bem comum que está no simples desejo de querer estar com o outro, [é] manifestado através da empatia. O bem-estar é a soma das pequenas ações e condições que tornam possível educar-cuidar-assistir o outro de forma agradável, confortável, suprimindo suas necessidades básicas. (...) Assim, a ética do cuidado é entendida a partir da compreensão de que cuidar do outro não é uma atividade comum. Antes de tudo, é algo essencial e vital para a manutenção da vida e da existência humana. Consequentemente, por não ser uma atividade comum, a ética do cuidado demonstra a nossa humanidade, e a realização das suas diferentes ações no cotidiano, reafirma os traços da nossa humanização; a disposição para o bem comum, a bondade, a alegria, a amorosidade.²⁰

É claro que a ética do cuidado não se prende apenas à pós-pandemia, mas refere-se à essência do cristianismo, cujo fundamento é registrado pelos ensinamentos das Escrituras e do Mestre Jesus Cristo. O sermão do monte está impregnado deste chamado ao cuidado com o próximo quando Jesus fala dos humildes e dos que choram, dos mansos e dos que têm fome e sede de justiça, dos misericordiosos e limpos de coração, dos pacificadores e dos que sofrem, do sal que salga e da luz que ilumina o mundo e, todo esse ensino necessita ser relacional, sempre em direção ao próximo (Mt. 5.1-14).

Wright faz uma análise interessante do texto bíblico em Romanos 8.28, onde a maioria das traduções conhecidas descrevem esse verso de uma forma que pode ocultar detalhes importantes para uma boa hermenêutica. Os textos bíblicos, em geral, descrevem assim o verso bíblico: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (ARA e NAA). “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (NVI). Com esta tradução a leitura pode induzir ao pensamento estoico de que é necessário suportar as provas e tentações na caminhada cristã, porque no final, tudo concorrerá para o bem daqueles que amam a deus. É como se deus fosse o único responsável em se revelar através da ética do cuidado. Nestas traduções “Deus opera todas as coisas, de forma conjunta, para o bem daqueles que o amam”. Mas Wright pondera:

O problema é que o verbo não significa “trabalhar para o benefício de”; significa “trabalhar com”. A palavra empregada pelo apóstolo não é o termo comum para trabalho, *ergazomai*. A palavra é *synergeō*, “trabalho conjunto”. O afixo *syn-* significa “juntamente”, “em conjunto” ou “com”. (...) Isso sugere

²⁰ SILVA, 2004, p. 23-24.

que, se Paulo fala aqui sobre o trabalhar de Deus, a ideia é o seu trabalhar com as pessoas, fazendo o que deseja no mundo — não sozinho, mas por agentes humanos.²¹

Esse texto nos leva a afirmar a importância do cristão em sua ação no cotidiano voltado para o sofrimento e cuidado necessários para o próximo em angústia e sofrimento. Tais pressupostos impõem o compromisso autêntico do verdadeiro cristianismo. O autor passa a fazer a análise agora do substantivo de *synergeō*:

O substantivo cognato, *synergos*, é mais comum do que o verbo. Paulo o emprega onze vezes como referência aos seus colegas, pessoas que trabalham com ele. Em certa ocasião, utiliza-o para expressar o seguinte: “nós, os apóstolos, somos colaboradores de Deus, trabalhando em parceria com ele” (1Coríntios 3:9). Esse parece ser o ponto aqui. Deus trabalha todas as coisas em direção ao bem final juntamente com e por meio daqueles que o amam.²²

Ele comenta ainda que a ideia é implícita na Revised Standard Version (RSV) (“em tudo Deus trabalha para o bem com aqueles que o amam”). Seria melhor então entender no texto o Espírito Santo, como nos versículos 16, 26 e 27, trabalhando no cristão, de forma conjunta; Espírito Santo e o cristão numa unidade conjunta, com a qual o Deus Pai coopera, age e sustenta. Ou seja, os cristãos têm parte ativa na ação de Deus em socorro aos aflitos, aos que sofrem, aos que estão em luto, aos deprimidos e, mesmo que sem palavras para expressar o seu lamento têm algo importante a fazer na cura, no ensino, na assistência ao pobre, em campanhas sociais e, no consolo dos abatidos. Essa é a vocação do crente diante do sofrimento, particularmente, no mundo afetado pelo sofrimento atual pós-pandêmico.

Uma igreja de portas abertas para a comunidade em que está inserida e, que entende que necessita levar adiante sua missão aos que sofrem e estão em necessidade, deve exercer suas práticas devocionais, sacramentais e litúrgicas no atendimento às demandas gestadas no processo pós-pandêmico gerando bem-estar e saúde mental e espiritual. Nesse aspecto, cabe aqui ressaltar a importância de cada liturgia praticada no serviço de culto na igreja. Todo o serviço, além de cultuar ao Senhor da história deve levar o cristão a um relacionamento saudável com Deus e com o seu próximo. Isso pode significar, até certo modo, avançar no aspecto terapêutico que deve compor a ação da igreja.

Clinebell comenta, citando William E. Hulme, que o uso de termos teológicos, imagens, conceitos e histórias, bem como subsídios religiosos da oração, da Escritura e dos sacramentos, como cuidado, podem ser instrumentos poderosos para fomentar crescimento e integralidade espiritual na vida do indivíduo e por extensão na Igreja. O autor dá detalhes de como a igreja pode usar estes recursos religiosos no aconselhamento. “Os recursos devem ser utilizados de tal forma a não bloquear a assunção e a catarse de sentimentos negativos por suscitar culpa em relação a eles”.²³ Ensinar, a quem sofre os métodos de oração e meditação como exemplo, pode ser muito útil.

²¹ WRIGHT, 2020.

²² WRIGHT, 2020.

²³ CLINEBELL, 1987.

Evans escrevendo sobre o ministério litúrgico e terapêutico da igreja comenta que este é um serviço que pode promover a saúde integral do indivíduo, afinal Ele é o “ferido que cura”.²⁴ As diversas liturgias são detalhadas em sua análise que, tal como Clinebell, as reconhece como de grande valor terapêutico nos serviços da igreja.

Nos cultos tradicionais de adoração aos domingos Evans sugere que sejam uma ocasião para promover bem-estar espiritual e emocional. Independentemente da importância da cura no culto regular, ela diz ser apropriado ter cultos públicos de cura, mas é necessário tomar certas precauções para evitar abusos. É sugerido atenção às diretrizes para cultos específicos do Grêmio de São Rafael, no Reino Unido:

- (1) realização de um culto aos enfermos regularmente num dia específico da semana, ou ao final do culto de domingo; (2) uso de uma área menor para o culto ou de uma capela anexa; (3) celebração da eucaristia depois das intercessões no culto; (4) inclusão de tempo para as pessoas orarem em voz alta expressando necessidades ou preocupações especiais; (5) imposição de mãos pelo sacerdote, auxiliado por leigos; (6) menção específica de pessoas na oração; (7) inclusão ocasional do sacramento da confissão e da unção, quando apropriado; (8) evitar um tipo de culto que poderia ser interpretado como “exorcismo”, uma vez que este não deve ser parte do culto público; e (9) aconselhamento no final.²⁵

A utilidade destas práticas com cuidado pode ser de grande valor na atuação da igreja em seus diversos ministérios visando promover bem-estar e saúde integral. Além dos cultos públicos, a disciplina da oração é também valorizada não como um ritual mágico, mas como algo que pode preparar as pessoas para enfrentar seus problemas. Ela é tão essencial para o nosso bem-estar quanto água e comida. Segundo Evans há um elo entre a oração e a cura:

Na Igreja primitiva os presbíteros vinham não somente para visitar os enfermos, mas para orar e encorajar outros a orar por eles. Um componente importante da oração é a confissão, e com ela a remoção da culpa e do ressentimento pelo recebimento do perdão de Deus. Isso limpa o caminho para a cura interior da pessoa vis medicatrix naturae. A confissão abre a porta para que as forças mais profundas do mal sejam confrontadas e a cura ocorra.²⁶

É dito pelo apóstolo Tiago: Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo (Tg 5.16). O texto não diz “para serdes perdoados”, mas para serdes curados”! Clinebell diz que oração e meditação são disciplinas devocionais complementares que podem enriquecer-se mutuamente. Ambas constituem maneiras diretas de abertura ao poder criativo do amor de Deus. Ajudar as pessoas a lidar com seus obstáculos emocionais e ensinar-lhes formas eficazes de orar e meditar, pode capacitá-las a experimentar uma nova fase de alegria espiritual.²⁷

²⁴ EVANS, 2002.

²⁵ EVANS, 2002.

²⁶ EVANS, 2002.

²⁷ CLINEBELL, 1987.

Uma outra forma de orar é usar da intercessão por outros, que deve ser feita em conjunto com a ação em favor deles. Evans recorda de forma pertinente que a nossa única oração legítima pela cura é a que diz “seja feita a Tua vontade”, mais do que a que diz “se for da vontade de Deus”, como se houvesse dúvida de que Deus deseja curar, embora tal cura possa ter um sentido último de uma cura completa na eternidade. A oração coletiva pode acelerar a recuperação e promover atitudes sadias nos que estão orando, colocando-se a serviço de Deus quando oram por outra pessoa.²⁸

Segundo Weatherhead, fala da importância na perseverança da oração mesmo quando os resultados são aparentemente negativos. “Nós oramos não porque nossas orações são bem-sucedidas ou não, mas porque recebemos um mandato de orar pelos enfermos”.²⁹ A autora alerta sobre alguns enganos cometidos na oração. Pode acontecer de um paciente se sentir fortalecido quando sabe que muitas pessoas estão orando por ele. Derrota, desespero e pessimismo podem ser trocados por coragem e vontade de viver.

A Ceia do Senhor, outro importante ritual da igreja cristã nos chama a recordar a dádiva do perdão e da renovação através da morte de Cristo. Ela é tanto um memorial do sacrifício de Cristo como uma participação na vida eterna. Evans lembra que o partir do pão é um sinal de hospitalidade. Neste cerimonial a Igreja é lembrada de que é um corpo partido, algumas vezes sangrando por dentro. “Somos partidos, estamos em enfermidade e sofrimento, precisamos de cura; no entanto, o sacramento nos mostra de forma tangível o sinal de Deus, a nutrição vinda de Deus, o dom da vida e da saúde concedido por Deus”.³⁰ Ela prossegue exortando que não importa quão despedaçados estamos, “Cristo nos renova”. “O fruto da terra é a fonte de cura”; no livro da visão do apóstolo João em Apocalipse 22.2, “as folhas da árvore são para a cura das nações”. A eucaristia é a celebração antecipatória da criação restaurada, um presságio de uma nova ordem por vir; da vinda do reino de Deus.

Quanto ao Batismo, Evans³¹ comenta que ele também pode refletir uma dimensão terapêutica. No batismo a água, agente de purificação é símbolo da morte da velha pessoa e ressurreição em uma nova vida. Ele “traz a pessoa simbolicamente da morte e do isolamento para a comunhão dos crentes”. O batismo é um sinal de vida nova e de saúde, dos dons de Deus nesta nova vida. Em Apocalipse 22.1 o rio da água da vida jorra do trono de Deus e do Cordeiro para a cura.

A prática da imposição de mãos, a unção, a absolvição e a celebração das ordenanças fazem também parte de práticas litúrgicas que promovem cura. As referências citadas por Evans estão ligadas à tradição anglicana.³² Quanto à imposição de mãos, a autora menciona que psicologicamente, “o amor é expresso pelo toque. O toque tem um significado espiritual profundo. É a mão de Deus que toca a pessoa através de outra”. A imposição de mãos espelha um ato de Deus deflagrado pelas mãos de Seu instrumento, afinal, é Cristo tocando alguém. Algumas vezes as pessoas que recebem imposição de mãos experimentam sensações de

²⁸ EVANS, 2002, p. 117.

²⁹ Citado por EVANS, 2002.

³⁰ EVANS, 2002, p. 24.

³¹ EVANS, 2002, p. 125.

³² EVANS, 2002, p. 127.

poder, calor, luz e formigamento. No entanto, a atenção deve estar no poder de Cristo para curar e não nas manifestações físicas.

Por fim, o uso da Escritura é mencionado por Clinebell como uma forma valiosa na poimênica e no aconselhamento pastoral. Vários temas bíblicos como iniciativa e liberdade, medo e fé, conformidade e rebelião, morte e renascimento, risco e redenção, jogam luz sobre as complexidades das questões humanas com que se pode defrontar no aconselhamento. Uma outra forma de usar a Bíblia na poimênica e no aconselhamento é consolar e fortalecer pessoas em crises. Possuir um senso da presença viva de Deus, comunicada nas palavras dos salmos 23 e 90, por exemplo, pode ser uma fonte de grande força para certas pessoas que tem enfrentado perdas arrasadoras. Elas se sentem abençoadas ao passarem por seu vale da sombra da morte, sustentadas pela consciência da presença de um Deus amoroso. “O fato de ter tal fonte de apoio as ajuda a lidar com as novas realidades que precisam encarar, bem como com seus sentimentos angustiantes”.³³ Evans e Clinebell mostram em suas obras que todas estas práticas litúrgicas discutidas e vivenciadas podem se tornar em recursos poderosos para o exercício do ministério terapêutico da Igreja cristã de hoje e de forma especial, neste tempo pós-pandêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto da pandemia e os efeitos da pós pandemia precisam levar a igreja e o crente a agir com a ética de cuidado ao próximo, amor que leva ao serviço sacrificial (ágape), como Deus que amou (ágape) o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito (serviço sacrificial; Jo. 3.16a), chorar com os que choram, se alegrar com os que se alegram, se aproximar e acompanhar os que sofrem, dar a mão ao solitário, ser um pacificador diante do ódio do mundo, consolar aos que foram impactados pela morte gerando viuvez e orfandade, ajudar os que estão em necessidade e fome e aos que precisam da luz do evangelho transformador brilhando sobre suas vidas. O apóstolo Tiago diz: “a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1.27). A ética do cuidado deve se fazer presente neste momento com todas as ferramentas disponíveis nas mãos da igreja. Uma igreja que ama é uma igreja que serve; é uma igreja que cuida.

A oração de lamento, de intercessão e louvor é uma destas ferramentas que pode se mostrar eficiente no serviço de apoio ao bem-estar e cura de alma do aflito e angustiado nas dificuldades deste tempo. Se gastarmos tempo em oração e lamento surgirá uma nova luz, e não simplesmente a repetição de coisas que, de qualquer maneira, já ouvimos dizer e, que continuam sendo faladas como falsa resposta à dor e ao sofrimento da pandemia.

Quando a atual pandemia começou no Brasil, uma passagem dos escritos de Martinho Lutero foi grandemente compartilhada na internet. O texto mostrava a visão de Lutero entre sabedoria realista e piedade prática na época da peste espanhola que atormentava e matava o mundo de então. Ele enfrentou diversas pragas nas décadas que seguiram 1520 e 1530 e,

³³ CLINEBELL, 1987, p. 119-123.

em suas cartas a autoridades civis e líderes religiosos, fez um alerta a pregadores e pastores que deveriam permanecer em sua quarentena devidamente, mas tinham de estar preparados para dar a vida pelas ovelhas se assim fosse necessário. Os conselhos que Lutero oferece foram tão relevantes para o momento vivido na pandemia atual quanto foram há quinhentos anos.

Com a permissão de Deus, o inimigo enviou um veneno mortal entre nós; por isso, rogarei a Deus que seja gracioso e nos preserve. Então, fumigarei para purificar o ar, receberei e doarei remédios e evitarei lugares e pessoas onde minha presença não é necessária. Não desejo expor-me demais para que outros não sejam infectados e morram como resultado da minha negligência. Mas se o meu próximo precisar de mim, não permanecerei afastado, mas irei, de boa vontade, visitá-lo e ajudá-lo.³⁴

A dor das perdas e o sofrimento do efeito pós-pandêmico podem até servir como mensageiras de Deus para o mundo, mas a abordagem correta com a ética do cuidado deve ser tanto prática quanto fiel.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo; et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**. Brasília, 29(4):e2020427, 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. **Orando com os Salmos**: inclui uma breve biografia. Tradução de Martin Weingärtner. Curitiba: Esperança, 2017.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**. Tradução dos capítulos 1-8 de Luís Marcos Sander; dos capítulos 9-17, de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CRAIGIE, Peter C. **Jeremias 1-25**. Word Biblical Commentary, vol. 26. Dallas: Word, 1991.

DE PAULA BARRETO, Adalberto. **Cuando la boca calla, los órganos hablan...**: revelando los mensajes de los síntomas. Books on Demand GmbH, 2020. E-book Kindle.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; LADD, Kevin Lee. Oração e Saúde: questões para a Teologia e para a Psicologia da Religião. **Horizonte**, PUC Minas, v. 11, n. 30, p. 627-656, abr./jun. 2013.

EVANS, Abigail Rian. **O ministério terapêutico da Igreja**. Tradução de Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002.

FORTUNATO, Rafaela A. COVID-19 no Brasil: a evolução da doença num cenário de desigualdades sociais. **Middle Atlantic Review of Latin American Studies**, vol. 4, Nº 1, 2020.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Ano 2021. Disponível em: violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf (forumseguranca.org.br). Acesso em 19/04/2022.

³⁴ LUTERO, 1955.

KASSIR, Alexandra; et al. **Alerta global**: Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

KOENIG, Harold G. **The healing power of faith**: how belief and prayer can help you triumph over disease. New York: Touchstone, 2001.

LAMENT. In: **American dictionary of the english language**. Disponível em: <https://webstersdictionary1828.com/Dictionary>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LUTHER, Martin. **Letters of Spiritual Counsel**. Ed. T. G. Tappert. Londres: SCM, 1955.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Site oficial sobre a COVID-19 no Brasil. Ministério da Saúde, Brasil, 2020. Disponível em: <https://Covid.saude.gov.br>. Acesso: 13/06/2020.

NEVES, José Anael; et al. Desemprego, pobreza e fome no Brasil em tempos de pandemia por Covid-19. **Revista de Nutrição**: PUC Campinas, vol. 34, Publicado: junho 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/i/2021.v34/>. Acesso em: 14 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <https://Covid19.who.int/region/amro/country/br> Acesso em 14/05/2022.

PRATT JR, Richard L. **1 e 2 Crônicas**: comentários do Antigo Testamento. Org. Cláudio Antônio Batista Marra. Tradução de Neusa Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

REGA, Lourenço S. Igrejas e crentes na pós pandemia: como será a volta? **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, ano CXX, edição 7, p. 15, 14 de fev. de 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book Kindle.

SILVA, Marta Nornberg da. Cuidado(s) em movimento: a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Espiritualidade e saúde**: da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SKINNER, John. **Prophecy & Religion**: studies in the life of Jeremiah. Cambridge: Cambridge University, 1922.

TOLSON Chester; KOENIG, Harold. **The healing power of prayer**: the surprising connection between prayer and your health. Grand Rapids: Baker, 2003.

WRIGHT, N. T. **Deus e a pandemia**: uma resposta cristã sobre o Coronavírus e suas consequências. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. E-book Kindle.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.007



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AFINAL, VIVER PARA QUÊ? O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA CRISTÃ EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

After all, to live for what? The meaning of life from a christian perspective in
dialog with existentialist philosophy

Matheus Rodrigues de Brito¹

RESUMO

A pergunta pelo sentido da vida é presente em todas as pessoas, a tentativa de estabelecer uma resposta é comum, e as várias perspectivas ao longo da história evidenciam esse fato. Se a pergunta sobre o motivo da existência exige esclarecimento, o objetivo consiste em apresentar a perspectiva bíblica e cristã do sentido da vida como uma compreensão a ser adotada. Para explicar isso, utiliza-se o método referencial bibliográfico e hipotético dedutivo, empregando uma metodologia comparativa e histórica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em partes básica e aplicada. A partir das ponderações realizadas, entende-se que a Bíblia aponta que a existência humana tem um sentido, e que o ser humano não é apenas uma criatura que vive sem uma finalidade última. Com o intuito de apresentar o argumento central, propõe-se a necessidade e busca de um sentido último para a vida, demonstrando na Filosofia existencialista. Como contraponto, utiliza-se a perspectiva teológica cristã e bíblica do sentido da vida. Chega-se à consideração final de que a Bíblia e a perspectiva cristã, entendem que o sentido da vida é glorificar a Deus e satisfazer-se nele, sendo uma percepção plausível a ser adotada.

Palavras-chave: Sentido da vida. Perspectiva cristã. Imagem de Deus. Existencialismo.

ABSTRACT

The question of the meaning of life is present in all human attempts to find a common answer, and the various perspectives throughout history underline this fact. If the

¹ Bacharel em Teologia pela FABAPAR - Faculdades Batista do Paraná. E-mail: matheus.r.brito@hotmail.com.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9803008729462576>.

question for existence needs clarification, the biblical and Christian perspectives on the meaning of life should be embraced. To explain this, the bibliographical and hypothetical deductive methods are applied, using a comparative and historical method. It is a qualitative search, consisting of a basic and an applied part. From the considerations made, it emerges that the Bible suggests that human existence has a meaning and that the human being is not simply a creature who lives without an ultimate purpose. Hence, the central argument is therefore the necessity and the search for an ultimate meaning of life, as expressed in the existentialist philosophy. The Christian and biblical-theological perspective on the meaning of life is used as a counterpoint. Finally, we conclude that the Bible and the Christian perspective assume that the meaning of life is to glorify God and to be satisfied in him, which is a plausible perception to adopt.

Keywords: Meaning of life. Christian perspective. Image of god. Existentialism.

INTRODUÇÃO

O tema que será trabalhado nesta pesquisa, tem como pergunta central a questão de qual é o sentido da vida a partir da perspectiva cristã? A indagação pelo sentido da razão da existência é geral, e ao longo de toda história humana foram elaboradas diversas respostas. O problema é que mesmo com uma multiplicidade de pensamentos e pontos de vista diferentes, os seres humanos ainda continuam buscando respostas à sua indagação. Sendo assim, percebe-se a necessidade de, apesar da profusão de respostas já dadas à questão do sentido da vida humana, tecer o ponto de vista bíblico e cristão. Se o questionamento continua em voga ao longo de tantos séculos, responder a partir da fé cristã é uma contribuição considerável em comparação às demais concepções.

A relevância da pesquisa é fundamental, afinal, esta questão pode causar um grande impacto na vida de alguns indivíduos, quando não possui uma ideia definida ou que conduza o modo de viver. Isto traz à tona uma preocupação necessária em relação ao cuidado com o próximo e a orientação ao que se encontra desorientado em busca de sentido na vida. É um fato que os casos de pessoas com problemas emocionais, como ansiedade, depressão e a falta de um propósito para se viver é crescente na sociedade atual.

O sentido da vida é uma questão que impacta a igreja, Teologia, sociedade e a humanidade como um todo, pois é uma pergunta intrínseca ao ser humano. Pensar no sentido pode ser aliviador quando se tem um, o qual trará o senso de realização e propósito para o indivíduo, ou angustiante quando não se tem. Diante de um questionamento global inerente ao ser humano, que o afeta em variados aspectos e, diante da pluralidade de sentidos apresentados na história e contemporaneamente, nesta pesquisa cabe defender e destacar o sentido da vida a partir de uma compreensão bíblica e cristã.

A partir de um levantamento bibliográfico, percebeu-se que questões existencialistas na Teologia são tratadas de modo relativamente breve em Teologias Sistemáticas, dentro de Antropologia. Portanto, os principais autores que serão utilizados são: Pannenberg, Ferreira e Myatt, Keller, McGrath entre outros. Os objetivos desta pesquisa consistem em responder à pergunta central que é: qual o sentido da vida na perspectiva cristã? Ou seja, a proposta é compreender o sentido da vida humana a partir da visão bíblica e cristã. Para tanto, os objetivos específicos consolidam-se em: primeiro, compreender o desejo por sentido inerente

no ser humano, de forma introdutória, por meio da Teologia e principalmente da Filosofia Existencialista. Segundo demonstrar e definir a compreensão cristã do sentido da vida por meio dos textos bíblicos e a Teologia sistemática.

Retornando à pergunta inicial, afinal, viver para quê? Qual o sentido da vida na perspectiva cristã? A pesquisa responderá à questão por duas linhas principais e de forma crescente. Inicialmente, a primeira proposta que será apresentada é a compreensão do inerente desejo humano pelo sentido e razão de sua existência, o ser humano desejoso e a indagação pelo sentido da vida. Como argumento, serão introduzidas algumas perspectivas sobre o sentido da vida. De início, as compreensões filosóficas, iniciando com o surgimento da Filosofia como busca de sentido. Após, observando o Niilismo e então o Existencialismo. Por fim, a resposta dada à pergunta central consolida-se na segunda parte, que tem como proposta apresentar justamente o sentido da vida humana a partir da *imago Dei* e a perspectiva cristã. Para isso, será definido a finalidade da *imago Dei*; uma observação breve do que a Bíblia apresenta sobre o sentido da vida; a satisfação em Deus como resposta, e, por fim; demonstrar como a fé cristã é uma perspectiva com fundamento e plausível para se conduzir a existência humana.

1. O SER HUMANO DESEJOSO E A INDAGAÇÃO PELO SENTIDO DA VIDA

A busca por sentido e por uma resposta em torno do porquê da existência, é algo intrínseco ao ser humano. Vislumbrando um panorama histórico da humanidade já torna perceptível essa constante busca, percebe-se na Filosofia, nas religiões e nos próprios questionamentos pessoais a incessante tentativa de resposta. Como destaca McGrath “Desejamos nos ver como parte de um quadro maior que se estende além de nossas necessidades e preocupações imediatas. [...] encontrar algo mais profundo do que aquilo que pode ser encontrado mediante o exame do mundo empírico”.² Rabuske entende da mesma maneira que a busca pelo sentido é inevitável, ele situa que

Todos os homens perguntam pelo sentido de sua vida, não importando a terminologia que empregam. A razão mais simples é a seguinte: a sua vida é tecida com elementos diversos: trabalho e lazer, alegrias e sofrimentos, esperanças e decepções. O indivíduo sabe que a vida passa. Aliás, se a vida, nas condições atuais, se espichasse ao infinito, nem teria graça. Neste contexto existencial surge a questão: Para que tudo isso? Vale a pena?³

Afinal, viver para quê? É uma pergunta passada, contemporânea e futura. O ser humano sempre se questionou em torno do sentido de sua vida e continuará. Sendo assim, tendo em vista a problemática, neste tópico, será abordado de modo introdutório as variadas perguntas pelo sentido e algumas propostas de respostas.

² MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020, p. 75.

³ RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica: um estudo sistemático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 209.

1.1 Da busca pela verdade à falta de sentido: dos filósofos pré-socráticos ao Niilismo

O sentido da vida é amplamente questionado, isso é fato, no entanto, a problemática não é apenas o questionamento, mas, a necessidade de uma resposta definitiva. Ao longo de toda história em diversas áreas do conhecimento têm sido discutidas algumas alternativas. Em um panorama singelo, será destacado inicialmente de que forma a Filosofia pensou sobre o sentido da vida humana. Primeiro, partindo da busca pela verdade com os pré-socráticos e, após, observando de modo breve o niilismo. A Filosofia também propôs a pergunta pelo sentido da vida. O início desta ciência remonta a este questionamento. Embora não necessariamente a busca de um sentido pelo qual viver ou pessoal, mas, a razão de tudo, o princípio, o porquê de todas as coisas.

O surgimento da Filosofia se dá por volta do séc. VI a. C. Possivelmente Aristóteles, em seu livro I da Metafísica foi o estopim para a concepção atual, definindo Tales de Mileto como o primeiro dos filósofos. A Filosofia como perspectivas de se pensar a natureza, foi presente em outros povos da Antiguidade, como os assírios, babilônios, chineses, indianos, egípcios, persas e hebreus. Todavia, foram os gregos que fizeram ciência, é na cultura grega que se estabelece a fase inicial filosófico-científica.⁴

Claramente antes da data estabelecida como o início da Filosofia grega, se pensou de outras maneiras, se estabelece o séc. VI a. C., por conta da mudança do pensamento mítico para o racional, a proposta que se inicia é a observação dos mecanismos reguladores da natureza saindo de uma explicação mítica que havia para uma científica e racional. Neste momento se pergunta pela origem do mundo, universo e as indagações se iniciam. Ou seja, o pontapé inicial é a busca por respostas, nessa preocupação em encontrá-la, estabelece-se o conceito de *arqué*, normalmente traduzido por princípio, o termo representava o elemento de busca da Filosofia, a origem e elemento primordial do universo.⁵ Ou seja, os “primeiros filósofos se perguntavam pelo princípio (*arkhé*) a partir do qual o mundo, e tudo o que nele há, veio a existir”.⁶

A grande divisão cronológica na Filosofia é justamente os pré-socráticos, aqueles que vieram antes de Sócrates (470-399 a.C.). O grande personagem “é tomado como um marco não só devido à sua influência e importância, mas também por introduzir uma nova problemática na discussão filosófica, as questões ético-políticas, ou seja, a problemática humana e social que praticamente ainda não havia sido discutida”.⁷ Sócrates é a guinada para outras observações filosóficas não realizadas antes dele.

Elemento principal, origem de tudo, o motivo do que existe; a Filosofia é um exemplo propício de como as pessoas questionam a finalidade das coisas, seu surgimento destaca a necessidade de respostas para o aqui e agora, da vida, universo e mundo. Embora o objeto de pesquisa dos pré-socráticos não foi propriamente o sentido da vida humana, mas, a natureza

⁴ MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 19.

⁵ CASTRO, Susana de (org.). **Introdução à filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11.

⁶ MADUREIRA, Jonas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: filosofia. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 19.

⁷ MARCONDES, 2010, p. 30.

e origem do que existe, demonstra claramente o anseio por resposta e sentido de tudo. Percebe-se, então, que esse período evidencia o questionamento humano, mas, o momento em que a Filosofia pensou no sentido da vida é posterior à este. Realizando um salto histórico, será destacado o Niilismo.

O grande marco do pensamento filosófico em torno do sentido da vida é o existencialismo. No entanto, um grande predecessor e influenciador desta área é Friedrich Nietzsche (1844-1900). Há discussão em torno do termo e componentes do existencialismo, alguns englobam Nietzsche, o fato é que “o seu pensamento tornou-se ponto de partida para as concepções existencialistas do século XX. Estas tomaram iniciativa de definir o sentido da existência humana de maneira nova no espaço do niilismo, aberto por Nietzsche, só que numa direção diferente da do próprio Nietzsche”.⁸ Partindo assim, pode-se entendê-lo como o precursor dos problemas que o existencialismo enfrenta posteriormente. O foco não é analisar sua vida, obra ou uma análise crítica de sua Filosofia, mas, destacar seu pensamento em torno do sentido da vida ou a falta dele.

A grande crítica de Nietzsche está relacionada com sua ideia de vida e religião, a vida é o valor supremo e a religião a destruidora dela, especialmente o cristianismo. Suas críticas à fé cristã são extensas, severas e variadas, para ele, ela é a negação do mundo e sua realidade. O ponto central de sua Filosofia consiste na morte de Deus, que de certo ponto é benéfica pois, na sua percepção a opressão e ameaça que limitava o homem se foi, a chamada aurora da liberdade humana surge. Ao saber da morte de Deus há a iluminação, gratidão, expectativa. As igrejas agora são túmulos de Deus e a liberdade humana se instaura⁹. Em uma de suas falas, na obra *A Gaia Ciência*, seu pensamento fica evidente

De fato, nós filósofos e “espíritos livres” sentimo-nos, à notícia de que “o velho Deus está morto”, como que iluminados pelos raios de uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, assombro, pressentimento, expectativa - eis que enfim o horizonte nos aparece livre outra vez, posto mesmo que não esteja claro, enfim podemos lançar outra vez ao largo nossos navios, navegar a todo perigo, toda ousadia do conhecedor é outra vez permitida, o mar, nosso mar, está outra vez aberto, talvez, nunca dantes houve tanto “mar aberto”.¹⁰

A grande questão que deve ser percebida, no entanto, não necessariamente é a morte de Deus, mas a consequência deste fato, o niilismo. Com o niilismo vem a falta de sentido, a inexistência de valores morais, o nada. Conforme define Zilles:

Como consequência da morte de Deus vem o niilismo. [...] O nada passa a ocupar o lugar de Deus. Todos os valores se desvalorizam. E o homem atual entra em agonia. Nietzsche via sua época como o fim da metafísica, da morte de Deus e do ateísmo. Tudo isso ele designa com o termo niilismo. O niilismo é inerente ao cristianismo. [...] Por um lado, o niilismo é a desvalorização de todos os valores tradicionais: moral, metafísica e religião. Chega-se ao fim da

⁸ PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 288.

⁹ ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 166,172.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 212, § 343.

história desses valores. Por outro, o niilismo anuncia uma nova visão. É sinal de decadência, da degenerescência da vida, ou seja, torna visível a decadência de longa tradição.¹¹

No niilismo o grande sentido da existência humana é a completa falta dele, o sujeito vive o nada, o vazio, a ausência de sentido. A vida torna-se inútil, sem valor, o completo nada. É na inexistência de sentido que se completa o absurdo que “é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo”¹². Seria então este o sentido a se adotar para a vida? Destaca-se que os questionamentos filosóficos vão além do pensamento niilista, o início é estabelecido e a discussão continuada pelos filósofos existencialistas, após Nietzsche.

1.2 A Filosofia Existencialista

Foi observado o período pré-socrático, em seguida um momento mais recente, a Filosofia niilista, sendo a influenciadora dos problemas tratados pelos filósofos existencialistas, posteriores a Nietzsche. E “a situação do niilismo, descrita por Nietzsche, compõe o contexto para as diversas formas de uma Filosofia da existência que se destacaram no período entre as duas guerras mundiais”.¹³ Sendo assim, é neste período que as discussões em torno do sentido da vida se intensificam.

A corrente filosófica existencialista tem discussões em relação ao seu criador, o que não cabe apontar nesta pesquisa teológica; ainda assim, resalta-se os grandes nomes atribuídos a ela, a saber: Søren Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, sobre a influência já dita de Nietzsche. A investigação existencialista tem como objetivo explorar a questão da existência humana, o centro da vida vivida, do ser que pensa, sente e age. Associa-se a vários filósofos dos séculos XIX e XX, principalmente os já mencionados que compartilham a ênfase no sujeito humano. Há divergências de pensamentos, mas seu ápice está em meados do séc. XX, na França, tomando como ponto de partida o ser humano que conceitua e define o sentido de sua própria vida.¹⁴

Nesse contexto histórico vem à tona essa perspectiva de pensamento, e o termo existencialismo é a “Designação vaga de várias tendências filosóficas que enfatizam alguns temas comuns, como o indivíduo, a experiência da escolha e a ausência de uma compreensão racional do universo - com o conseqüente temor ou sentimento do absurdo da vida humana”.¹⁵ E justamente nesse momento de calamidades, é que as discussões existenciais se

¹¹ ZILLES, 1991, p. 173-174.

¹² ESCORCIO, Dalriane Miranda; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. Reflexões sobre a Filosofia Existencialista. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 11, n. 26, 2021, p. 22. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17064>. Acesso em: 20 set. 2023.

¹³ PANNENBERG, 2008, p. 297.

¹⁴ GUIMARÃES, Ueudison Alves; LIMA, Raimunda Macêdo da Silva. Do Caos a Ex-sistência: uma abordagem da Filosofia Existencialista. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 11, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4308. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4308>. Acesso em: 20 set. 2023. p. 4-5.

¹⁵ METAFÍSICA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 133.

intensificam, se a existência e o porquê dela já eram um dilema em períodos relativamente sem dificuldades, é no sofrimento que se assevera, essa Filosofia que

Tem como principal preocupação o absurdo da existência humana e o sentimento trágico da vida, isto é, a existência humana é o campo de investigação dessa corrente filosófica. A França nesse período está em conflitos, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã, e esse momento de certa forma é oportuno para reflexões existenciais, já que a guerra trouxe questões como o medo, desespero, morte e sofrimento [...] É nesse contexto onde a esperança se extinguiu, o medo dominava a existência humana, a vida de certa forma não possuía valor algum, a morte era a única certeza, esses debates toma grande proporção.¹⁶

Diante do absurdo da vida humana, na perspectiva de Heidegger, a ação, a liberdade e as decisões humanas são essenciais para que se supere a condição que se encontra fadado, a da absurdidade do sentido da vida. Diante da liberdade e autonomia das ações, se conduz à angústia, um termo utilizado no existencialismo, que não necessariamente corresponde ao da cultura ocidental. Nesta responsabilidade, o ser humano é levado a angústia ou ao temor de uma vida caracterizada pelo sofrimento e a inevitável morte. Nesse caso, a responsabilidade humana é o causador do caos da vida, não se torna culpa de Deus ou da natureza, ela está no que o ser humano é, as ações são frutos de suas escolhas.¹⁷

Já para Kierkegaard, a angústia é a relação com si próprio e a liberdade, o ato de se apossar da liberdade com consciência da finitude, não leva o ser humano a sua verdadeira identidade, mas ao desespero, pois é contrário à constituição de sua existência humana feita a partir do que é eterno.¹⁸ Esta angústia pode ser entendida como pavor ou ansiedade, um sentimento que é gerado a partir da experiência de liberdade e responsabilidade humana, ou a angústia diante do nada. Sendo assim, para o existencialismo é um sentimento humano inato, algo que ocorre em diversos momentos “seja perante o absurdo da existência, seja quando se percebe que não há como reviver o passado que já foi ou um futuro que ainda não chegou, ou quando se percebe como responsáveis pelas escolhas que fazemos em nossa vida, e que, mesmo não escolhendo já está-se a escolher”.¹⁹

Outra abordagem trazida por esta corrente é o desespero, que se entende por perda de esperança. O desespero existencialista é um estado que o indivíduo se encontra, mesmo quando não está desesperado, pois é uma condição universal da humanidade²⁰. Para Kierkegaard, o desespero é natural, pois “também, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia [...]”.²¹ Desta forma, todos carregam o fardo do desespero em si.

¹⁶ ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 18-19.

¹⁷ GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 5.

¹⁸ PANNENBERG, 2008, p. 301.

¹⁹ GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 6.

²⁰ GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 7.

²¹ KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 27.

Na perspectiva existencialista, e diante do absurdo da existência, a concepção da vida é que não há sentido algum no mundo além do sentido que o próprio indivíduo dá à ela. Viver no absurdo é rejeitar a constante busca de um sentido específico para a vida, afinal, não há nada para ser descoberto. O interesse desta forma consolida-se no conflito entre o desejo por sentido e a falta dele no mundo. Sendo assim, a pessoa pode ser confrontada por crises existenciais, podendo desencadear em ansiedade ou depressão por exemplo.²² Vive-se no vazio, a vida é levada ao nada, busca-se aliviá-la dando um sentido próprio que satisfaça o ser humano e o anestesie da crise de que não há sentido algum e, buscá-lo, é ineficaz.

Baseado em Escórcio e Monteiro, para Sartre o próprio indivíduo é quem constroi e responsabiliza-se pelo sentido de sua existência, em sua liberdade traça-se sua vida. Liberdade compõe o argumento de Sartre, tomando como ideia a capacidade humana em conduzir seu destino e vida no mundo “é como se o homem fosse o grande arquiteto de sua existência, ele que deve traçar os planos e o sentido para as suas ações no mundo”.²³ De forma bem sintética, é o ser humano criador de sentido individual.

A concepção de Camus, diferente de Sartre que é mais indireta, aponta uma relação bem clara com o Niilismo. Ainda baseado em Escórcio e Monteiro, o pensamento de Camus aponta que “o absurdo é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo”.²⁴ Camus também investiga a ausência de sentido na vida como os demais existencialistas, mas pensa para além disso, o absurdismo, sendo a consciência da ausência de sentido, gerando um confronto consigo mesmo e o mundo, pois “possui um desejo incansável por sentido, não há uma separação entre o homem e o mundo, mas um choque”.²⁵

Em uma de suas obras “O mito de Sísifo”, o pensamento de Camus torna-se evidente. A história contada é sobre um personagem da mitologia grega chamado Sísifo, o qual é condenado pelos deuses a rolar uma pedra até o topo de uma montanha, ao chegar lá ela novamente rolava abaixo. A tarefa era repetida incessantemente. Os deuses pensaram que não havia punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança, como o imposto a Sísifo. Para Camus, a descida para buscar o rochedo é o momento da consciência da tragédia, da condição existencial, o absurdo. Não somente o personagem passa por isso, mas “o operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente”. Na situação miserável da falta de sentido, Sísifo revolta-se, e a revolta eficaz é a felicidade e alegria, pois “Não existe destino que não se supere pelo desprezo” e ainda, “Se a descida, assim, em certos dias se faz para a dor, ela também pode se fazer para a alegria”.²⁶

Nesta perspectiva, todos são como Sísifo, rolando montanha acima suas próprias rochas sem sentido, afinal, toda a vida é sem sentido. A solução não seria o desespero, tédio, suicídio

²² GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 8.

²³ ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 21.

²⁴ ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 22.

²⁵ ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 22.

²⁶ CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 74-75.

ou outra alternativa, mas a revolta com a felicidade. É o enfrentamento daquilo que não tem sentido. Nisso, ele diz que

Toda a alegria silenciosa de Sísifo está aí. Seu destino lhe pertence. Seu rochedo é sua questão. Da mesma forma o homem absurdo, quando contempla o seu tormento, faz calar todos os ídolos. [...] O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais. Se há um destino pessoal, não há nenhuma destinação superior ou, pelo menos, só existe uma, que ele julga fatal e desprezível. No mais, ele se tem como senhor de seus dias. Nesse instante sutil em que o homem se volta sobre sua vida, Sísifo, vindo de novo para seu rochedo, contempla essa sequência de atos sem nexos que se torna seu destino, criado por ele, unificado sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem toda humana de tudo que é humano, cego que quer ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre caminhando. O rochedo continua a rolar.²⁷

Nesta luta contra o absurdismo o melhor é acatá-lo. Buscar um sentido não tem lógica e enfrentá-lo com alegria é a melhor maneira. A dificuldade é, como possuir a felicidade em uma situação como esta? Para Camus afirmar a felicidade é viver a vida por ela mesma, sem apoio em um sentido metafísico²⁸, sendo que “A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz”.²⁹

Muito poderia ser dito dessa corrente filosófica que tanto destaca a necessidade de sentido para a vida e algumas compreensões em torno dela. Todavia, o grande destaque geral é perceber que para os existencialistas a vida é construída pelo próprio indivíduo, gerando seu próprio destino e traçando uma concepção que satisfaça sua existência. Também, ressalta os conflitos existenciais humanos ao encarar-se com a angústia, desespero, absurdo e a morte. Para além disso, o existencialismo demonstra o ser humano tentando conviver e encontrar esperança em uma vida que está impossibilitada de alcançar razões maiores para a existência.³⁰

Sendo assim, pode-se compreender a necessidade de sentido para a vida humana, objeto de estudo na corrente existencialista. Se fosse realizada a pergunta: Afinal, viver para quê? Possivelmente a resposta seria: contentar-se com a lamúria e ser confrontado com a inexistência de um sentido para além de si mesmo, enfrentando conscientemente uma vida em que o próprio sujeito, na incansável necessidade de sentido, assume que não há sentido,

²⁷ CAMUS, 2018, p. 76.

²⁸ O termo metafísica foi utilizado inicialmente como um título a um conjunto de obras de Aristóteles. Uma coleção de seus escritos denominou-se “as coisas da natureza” e depois “Física”, outra designação (não pelo próprio autor), de “livros após a Física”, daí o termo Metafísica, tornando-se um ramo da Filosofia que normalmente caracteriza-se pelo estudo da realidade (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 30). Sendo assim, consiste na “investigação que levante questões sobre a realidade que estejam por detrás ou além das que podem ser tratadas pelos métodos da ciência.” (BLACKBURN, 1997, p. 246). Para aprofundar o tema consulte: DEWEESE, Garret J; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 29-52. METAFÍSICA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 246.

²⁹ CAMUS, 2018, p. 76.

³⁰ GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 2-3.

e para se ter, ele é o responsável em criá-lo. Dito isso, será que a teologia, ou ainda, a fé cristã se preocupou em responder ao sentido da vida? Se sim, qual a resposta formulada?

2. O SENTIDO DA VIDA A PARTIR DA PERSPECTIVA CRISTÃ

A fé cristã é o grande contraste entre as outras perspectivas do sentido da vida humana. As pessoas continuam insatisfeitas com a resposta de que, “não há respostas!”, ou, “não as busque!” Enquanto se adere o sentido do viver como aquilo que o próprio indivíduo entende ser o sentido pessoal da sua vida, as Escrituras apontam para um caminho diferente, um sentido para além de si mesmo, não criado pelo próprio indivíduo, mas, transcendente a ele, feito por aquele que o criou. Um sentido robustecido: a glorificação de seu criador e a plena satisfação nele.

Aderir este sentido ressignifica a vida, um grande exemplo é o Pregador de Eclesiastes³¹, um livro que destaca perfeitamente que “para aqueles que não creem em Deus esta vida, e tudo o que está relacionado a ela não passa de ilusão. [...] Em linhas gerais, o propósito do livro é demonstrar a futilidade da vida sem Deus”.³² Ainda, ao longo do texto “O autor tenta descobrir um modo de encontrar todo seu consolo, felicidade e sentido dentro dos limites deste mundo material. [...] Descobre que todos falham em dar sentido diante das realidades da vida e da morte”.³³

Para o pregador, nada fazia sentido, mesmo experimentando de tudo, não havia satisfação, em Eclesiastes 2.10a diz: “Não neguei aos meus olhos nada que desejaram; não me recusei a dar prazer algum ao meu coração” e adiante compreende, “Entretanto, quando avaliei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, vi que tudo era inútil; é correr atrás do vento. Não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol” (Ec 2.10a,11). Sobre isso, Keller entende que “Se a vida 'dabaixo do sol' é frágil no que diz respeito ao sentido, então todos experimentamos parte de seu fastio e alienação, pois todos estamos alijados de um relacionamento direto com Deus para cuja comunhão fomos criados”.³⁴

2.1 *Imago Dei* e a perspectiva bíblica sobre o sentido da vida

A consideração inicial a ser ponderada é que o ser humano é criado por Deus, feito à sua imagem e isso o define não sendo fruto do acaso, “mas de um ato consciente, intencional, de um ser pessoal, inteligente e infinito. Sendo assim, a razão da existência reside no propósito

³¹ Eclesiastes é um livro bíblico do gênero poético, a ideia central é o retrato de indagações de alguém que não crê em Deus, concluindo que a consequência é uma vida sem sentido e de ilusão. Ao longo do escrito percebe-se um narrador e a figura do personagem “pregador”. Para as discussões iniciais do livro recomenda-se a obra: GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012, p. 93-104; e DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 237-244.

³² GUSSO, 2012, p. 97.

³³ KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cétricos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 104.

³⁴ KELLER, 2018, p. 104.

de seu criador”.³⁵ Deus assim o fez, destinando o ser humano a ele e com uma finalidade. Para Pannenberg, o propósito da *imago Dei* é “a destinação do homem para a comunhão com Deus é tema da doutrina de sua criação à imagem de Deus”.³⁶

A finalidade da *imago Dei* é a glória de Deus e a relação da criatura com seu Criador, o que demonstra que o ser humano é feito à imagem de Deus e para glória de Deus, essa é a finalidade de sua existência em linhas gerais.³⁷ É dessa maneira que esta doutrina teológica se relaciona com o sentido último da vida, o indivíduo não está à mercê do universo, vagando lentamente observando o encerramento de seus dias terrenos e sem sentido, mas, foi criado com uma finalidade e ainda mais, à imagem daquele que os destinou à um propósito. Pannenberg traz esta compreensão quando diz que

Se a ideia da destinação do ser humano é ligada com sua criação à imagem de Deus, então essa destinação haverá de referir-se não somente ao domínio do ser humano sobre a criação restante, mas também especialmente à comunhão do ser humano com Deus. [...] Se a destinação do ser humano está dada com sua criação à imagem de Deus, [...] então o ser humano está determinado desde sua origem como criatura de Deus para a comunhão com Deus, “para a vida com Deus”.³⁸

O ser humano foi criado por Deus, à sua imagem, para sua glória e para deleitar-se nele. Sua destinação como criatura, representar seu criador, na concepção de possuir uma finalidade última e ser sua imagem. Seu objetivo, glorificar aquele que conferiu a possibilidade de ser sua imagem, o tornou seu representante e é o recebedor da glória que lhe é devida. Além disso, o pleno e total contentamento humano em satisfazer-se em seu Criador.

Tendo a afirmação anterior em vista, pode ser útil esclarecer em que sentido seria o ato de glorificar a Deus, normalmente se associa essa palavra com adoração ou louvor. Por si só cabem as definições dadas, porém, quais os parâmetros, ou ainda, “Que regra Deus nos deu para nos dirigir na maneira de o glorificar e de nos alegrarmos nele?” O breve catecismo de Westminster³⁹, define que a resposta a essa questão é justamente as Escrituras, sendo “A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de o glorificar e de nos alegrarmos nele”.⁴⁰

³⁵ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 463.

³⁶ PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática**: volume II. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 264.

³⁷ Para uma compreensão da ideia estabelecida pelo autor, e a sintetização do que é a *imago Dei* mencionada no texto, cabe consultar o seguinte artigo: BRITO, Matheus Rodrigues. A compreensão do sentido da vida na perspectiva cristã: a *Imago Dei* como elemento norteador. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 8, n. 2, p. 123-137, 2022. Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaio/article/view/572>.

³⁸ PANNENBERG, 2009, p. 317, 325.

³⁹ O catecismo de Westminster possui uma longa história, de modo simplório é uma confissão de fé adotada por igrejas Presbiterianas, como Hodge (1999, p. 32) menciona “Este é o padrão doutrinal comum de todas as Igrejas Presbiterianas no mundo de derivação inglesa e escocesa. É também, de todos os Credos, o mais proeminentemente aprovado por todas as corporações de congregacionais da Inglaterra e América.” Para uma análise completa, recomenda-se a obra HODGE, Alexander. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. 2.ed. [S. l.]: Os Puritanos, 1999, p. 21-48.

⁴⁰ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O breve catecismo de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021, p. 12. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/254041?page=12>. Acesso em: 02 abr. 2024.

Sendo assim, a glorificação a Deus se esclarece em um aspecto prático, seria justamente esta obediência às Escrituras a qual estabelece a maneira de glorificar a Deus. Partindo então da própria Escritura, o termo *doxa* do grego, traduzido por glória, e suas variantes gramaticais, trazem justamente uma concepção prática da glória/glorificação a Deus, sendo: esplendor; reputação; louvar; honrar; desejo de louvor, etc.⁴¹ Ou seja, quando se propõe que a finalidade última do ser humano é glorificar a Deus, pretende-se defini-la como um ato, sendo que “o dever mais sublime do homem é glorificar e louvar a Deus na adoração, nas palavras e nos atos (Mt 5.16; Rm 1.21; 1Co 6.20; 10.31)”.⁴² Sintetizando, é a ação de obediência, honra, louvor, adoração, submissão e todos os demais termos que correspondem às atitudes vividas na vida cristã, e como consequência, desfruta-se da satisfação no próprio Deus.

A própria Escritura diz sobre a finalidade última do ser humano. No livro de Isaías 43.7, após a fala de Deus referindo-se àqueles que chama de seus filhos, diz que: “todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”. Adiante, no Novo Testamento, o texto de Efésios 1.11,12, em um trecho que menciona aqueles que são povo de Deus, diz: “Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória.” Os dois textos mencionados trazem uma mesma perspectiva da finalidade da criação humana, foram criados para a glória de Deus.⁴³

Outros textos bíblicos destacam o propósito humano ser a glória de Deus, Romanos 11.36 menciona que, “pois, dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém”. Em 1 Coríntios 10.31, Paulo destaca que “Assim, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.” Para glorificar a Deus é que o ser humano foi criado, como criatura recebe a oportunidade de glorificar seu criador. Além do propósito de glorificar a Deus, o ser humano é feito para satisfazer-se nele. Diante disso, o Catecismo Maior de Westminster define o sentido da vida humana: “Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre”.⁴⁴

Além de glorificar a Deus, a vida humana possui a possibilidade de satisfazer-se plenamente nele. No texto de João 17.22-23, no momento de uma oração de Jesus, é destacado a plena unidade que deve haver entre o ser humano e Deus. É sobre essa mesma satisfação que há no ser humano de se relacionar com Deus, que o salmista diz: “A quem tenho nos céus senão a ti? E, na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti. O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25-26). Alegrar-se em plena comunhão com Deus se torna um sentido pelo qual vale a pena viver.

⁴¹ AALEN, S. Glória. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 899.

⁴² AALEN, 2000, p. 902.

⁴³ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 631.

⁴⁴ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021, p. 9. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/253931?page=9>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Portanto, em uma perspectiva bíblica/cristã, o sentido último da vida humana é glorificar a Deus e se satisfazer nele, ou seja, “nosso propósito deve ser cumprir a meta para qual Deus nos criou: glorificá-lo. [...] quando pensamos em nossos próprios interesses, fazemos a feliz descoberta de que devemos nos alegrar em Deus e encontrar satisfação nele e em nosso relacionamento com ele”.⁴⁵ Com isso, percebe-se em que culmina o sentido da vida, como destaca Ferreira e Myatt

O ser humano foi criado para se relacionar com a pessoa de Deus. O Novo Testamento diz que fomos chamados para a comunhão (κοινωνία [koinônia]) com Cristo. A palavra koinônia é utilizada por Paulo para descrever nossa união com Cristo. Esta palavra significa compartilhar a vida de Cristo e representa um relacionamento profundo (1Co 1.9; 2Co 13.13).⁴⁶

Com as devidas considerações, se pode definir o sentido último da vida humana na compreensão bíblica e cristã como, glorificar a Deus e satisfazer-se nele. Sendo assim, no tópico seguinte observar-se-á algumas ponderações sobre o conceito trazido e irá destacar de modo a concluir o raciocínio da *imago Dei* como um elemento norteador do sentido da vida.

2.2 Afinal, viver para quê? Vivendo com um sentido

A perspectiva cristã sobre o sentido da vida pode ser útil, sobrepondo as demais definições de sentido. Adotar a posição apresentada pode ser fundamental para o indivíduo, conduzindo-o a um modo de viver que não seja desprovido de um propósito. Para Erickson, “outras concepções são deficientes porque, mesmo quando as necessidades consideradas básicas (e.g., econômicas ou sexuais) são satisfeitas, ainda persiste um sentimento de vazio e insatisfação”.⁴⁷ A falta de satisfação com outras respostas para o sentido da vida é o que torna relevante a apresentação da compreensão cristã, pois em outra perspectiva “o homem vive tão somente para esta vida temporal. Qualquer valor, significado e felicidade que ele consegue são alcançados por acaso, ou ele mesmo tem que criá-los. Ele está sozinho no universo e não pode recorrer a nenhuma instância que o transcenda”.⁴⁸

Em um mundo onde a pluralidade de sentidos impera, normalmente afastando as pessoas do fim designado por Deus, é importante trazer à memória seu fim último, pois se o ser humano não é mero fruto do acaso ou um ser à mercê do universo, deve haver um sentido na existência, se ele é criado à imagem de Deus o sentido de sua vida está intrinsecamente atrelado ao propósito que seu Criador designou a ele.⁴⁹

É neste propósito dado à humanidade que a “plenitude de alegria é encontrada no conhecimento de Deus e no prazer com a excelência do seu caráter. Estar na sua presença, desfrutar da sua comunhão, é a maior bênção que se possa imaginar”.⁵⁰ Adotar esse sentido

⁴⁵ GRUDEM, 2022, p. 631-632.

⁴⁶ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 402.

⁴⁷ ERICKSON, 2015, p. 463.

⁴⁸ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 388.

⁴⁹ ERICKSON, 2015, p. 463.

⁵⁰ GRUDEM, 2022, p. 632.

como o último da vida não se torna pacato, pois “quando percebemos que Deus nos criou para glorificá-lo, e quando passamos a agir a fim de cumprir esse propósito, começamos a experimentar uma intensidade de alegria no Senhor que não conhecíamos antes”.⁵¹

Sustentar que o fim último dos seres humanos deve ser glorificar e relacionar-se de maneira que se satisfaça em seu criador, de certo modo se pode pensar ser algo limitado. Todavia, não é, afinal “Essa afirmação, longe de oprimir ou reduzir o horizonte do ser humano, lança-o à frente por meio do incessante desejo que lhe garante esta sua condição de criatura humana, finita e limitada, mas capaz de desejar o Ilimitado, o Infinito”.⁵² Pacato, entediante ou limitado é justamente antagônico à proposta cristã de sentido, estabelecer o sentido da vida em Deus é a maneira dinâmica, instigante e ilimitada que se pode ter.

A fé cristã e a perspectiva bíblica sobre o sentido da vida ante as demais respostas é a que apresenta uma real solidez. Conduzir a vida com o sentido de glorificar e satisfazer-se em Deus assume dois aspectos, um aqui e agora, e um aspecto escatológico. Primeiro, ao compreender este sentido e aderi-lo como uma forma de ver o mundo, novas atitudes e maneiras de se conduzir a vida no presente momento são definidas. Em um aspecto escatológico, ou seja, para além dessa vida, o sentido de glorificar a Deus e satisfazer-se nele continua, Apocalipse 21.3-7 destaca os que creem em Cristo desfrutando da eterna comunhão e satisfação nele.

Enxergar a vida com a concepção apresentada a torna com sentido, não é o indivíduo vagando no universo esperando o fim de sua existência terrena, sem um propósito e finalidade, a fé cristã norteia o sentido da vida humana. McGrath situa que

A fé cristã nos capacita a extrair sentido das coisas e, em última análise, tem origem no caráter de Deus e o expressa. O mundo pode de fato parecer sem sentido e sem propósito. Todavia, é necessária uma lente ou uma estrutura conceitual que ponha as coisas no foco. O mundo pode parecer sem sentido; mesmo assim, isso acontece porque não o vemos do modo certo. Se o mundo parece estar irremediavelmente fora de foco e desorganizado, é porque ainda não encontramos a chave para colocá-lo no foco e tecer seus fios aparentemente desconectados e não relacionados em uma tapeçaria de sentido. O cristianismo fornece uma estrutura de sentido que ilumina a terra das sombras da realidade, põe em foco nossas observações do mundo no foco e tece os fios de nossa experiência segundo um padrão.⁵³

Glorificar a Deus e satisfazer-se nele é a resposta bíblica e cristã para o sentido da vida, esse sentido é essencialmente prático. A vida pode ser ilustrada como uma jornada, pode-se adotar um sentido para ela de que não há sentido algum, o sujeito busca por um propósito e vive insatisfeito diante da inexistência de uma finalidade última. Na perspectiva cristã há necessariamente uma finalidade na existência, o ser humano é criado por Deus, à sua imagem

⁵¹ GRUDEM, 2022, p. 632.

⁵² GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida:** contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021, 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 56.

⁵³ MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido:** ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 162-163.

e com o fim último de glorificar e estar satisfeito na comunhão com seu Criador, na jornada da vida ele caminha com esse propósito, atentando-se à uma comunhão e glorificação, no presente e no futuro, no momento em vida e na vida após essa, a eternidade, o céu, onde glorificará seu senhor e estará em plena comunhão com ele. A partir daí duas reações são tomadas, a) espera-se a morte e a passagem para além dessa vida, onde a pessoa encontrará o sentido pelo qual viveu, ou b) ao longo da vida, nesta jornada, auxilia outros a conhecer o real sentido dela para o presente e, para a vida após essa.⁵⁴

A fé cristã como uma resposta última é necessária, pois embora a pergunta pelo sentido da vida seja antiga, ela continua atual. Inúmeras pessoas convivem e suportam a existência que, para elas, não faz sentido algum. Viver sem um sentido é mais uma tentativa de sobrevivência do que qualquer outra coisa, o existencialismo evidencia claramente este fato, e sobre isso Dooyeweerd pontua que “[...] o homem é lançado no mundo involuntariamente e, para sustentar sua vida, é obrigado a se voltar para as coisas que estão disponíveis neste mundo. O conflito pela existência caracteriza a vida do homem”.⁵⁵

A perspectiva cristã é justamente o contraponto necessário para a mudança de sentido na vida, os sentidos para o aqui e agora são frágeis. Definir o sentido da existência a partir de si mesmo ou o que pode ser conquistado é efêmero. Desta forma, a fé cristã apresenta uma maneira de conduzir a existência rumo a um propósito indelével. Mondin pondera que

Resta-nos, portanto, reconhecer que o sentido último da autotranscendência, e consequentemente o sentido último do homem, situa-se fora do próprio homem e se encontra em Deus, antes é o próprio Deus. Por conseguinte, não sai o homem dos limites do próprio ser para mergulhar no nada, mas sai de si mesmo para abismar-se em Deus, que é o único ser capaz de levar o homem à perfeita e perene realização de si mesmo.⁵⁶

A fé cristã traz a ressignificação da vida quando propõe o sentido último do ser humano para além de si mesmo, fora do que é criado, não feito por si mesmo, sendo o que ele quem bem entende qual o melhor sentido para sua existência. A concepção cristã apresenta o sentido como algo já definido pelo próprio Deus, aquilo estabelecido na criação do ser humano, de glorificar e relacionar-se com seu Criador. Este sentido não foi formulado por pensamentos ou criação humana, como propõe Keller, este sentido é revelado em Cristo “e, por isso, não cremos em sentidos que devemos sair à caça e descobrir, mas em um Sentido que veio ao mundo para nos encontrar”.⁵⁷ E é justamente glorificar a Deus e ter a total satisfação nele, na vida terrena e vida eterna que é a completa alegria do cristão.

Deleitar-se em Deus, na insatisfação com a vida que para alguns não faz sentido nenhum, a perspectiva cristã traz à tona um sentido de satisfação e completude ao ser humano. O seu fim principal de momentânea e eterna glorificação ao seu Criador e satisfação

⁵⁴ MCGRATH, 2015, p. 172.

⁵⁵ DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 245-246.

⁵⁶ MONDIN, Battista. **Antropologia teológica**: história, problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 87.

⁵⁷ KELLER, 2018, p. 105.

nele, o move a viver com um sentido durável. É isso que a Bíblia aponta ao ser humano, pois a fé cristã é uma resposta que supre os questionamentos e traz uma resposta plausível às indagações humanas. A compreensão bíblica traz à tona essa solução para problemática que é de enfrentamento comum. O olhar do indivíduo para além de si mesmo o possibilita a contemplação e satisfação em seu criador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegar ao argumento proposto no início, no tópico inicial abordou-se a maneira de como o ser humano necessita e busca o sentido da vida. Para tanto, utilizou-se a filosofia como demonstração. O início desta ciência remonta ao desejo por respostas, embora os filósofos pré-socráticos não se preocuparam com o sentido da vida propriamente, mas buscaram a razão dela, o princípio e origem de tudo, vida, universo e mundo, o que destaca o anseio por respostas e sentido das coisas. Então foi dado um destaque à filosofia niilista, cuja resposta à questão do sentido da existência é que ela consiste no completo nada, é a falta de sentido, de valores morais ou uma finalidade última à vida.

A filosofia existencialista também contribuiu para a afirmação da busca por sentido, afinal, a investigação existencialista tem como objetivo explorar a questão da existência humana. Portanto, foi explorado brevemente o pensamento de alguns filósofos importantes para esta corrente, de modo simplório, percebeu-se um certo tipo de consenso que sua abordagem evidencia que: a partir desta concepção vive-se no vazio, a vida é levada ao nada, busca-se aliviar a vida dando um sentido próprio que satisfaça o ser humano e o anestesie da crise de que não há sentido algum e, buscá-lo, é ineficaz.

No segundo tópico a finalidade foi apresentar os argumentos bíblicos e propostas teológicas do sentido da vida. Como observado, percebe-se de modo claro que as Escrituras apontam uma finalidade ao ser humano, é um ser criado por Deus, e a intrínseca imagem de Deus demonstra que o objetivo final é glorificação a Deus e a comunhão do ser criado com seu criador. Deste modo que se tece a *Imago Dei* com o sentido da vida, pensando na pessoa não como um ser à mercê do universo que ao longo da sua existência apenas observa seus dias esvaindo, mas, uma destinação direta a Deus para um relacionamento e glorificação a ele que consequentemente gera a satisfação.

Nas outras observações percebeu-se que a vida está alicerçada naquilo que é temporal, o ser humano limita-se em se contentar com aquilo que é palpável ou ele mesmo é o responsável por criar o sentido de sua existência. O contraponto do sentido bíblico é que é possível a realização em uma fonte superior, o criador do próprio indivíduo, nessa relação de glorificação encontra-se a plena satisfação em Deus. Outro ponto benéfico é que a condução da existência assume um aspecto temporal, enquanto limitado a este mundo pode relacionar-se e satisfazer-se em Deus. E um aspecto escatológico, para além dessa vida, o ser humano anseia e será capaz de desfrutar de uma total relação com seu criador.

Vale destacar que o objetivo da pesquisa não consistiu em denegrir alguma perspectiva ou estabelecer um juízo de valor de que qualquer outra percepção é inferior e deve ser ignorada, rejeitada ou distorcida, o foco foi demonstrar os contrastes entre um modo de ver

e outro, realizando um diálogo. Sendo assim, o objetivo também não foi propor a adesão à uma perspectiva filosófica em uma pesquisa teológica, mas descrever que a Teologia, fé cristã e principalmente as Escrituras, estabelecem uma resposta à questão tão debatida do sentido da vida. A pesquisa de forma alguma esgotou o tema proposto, mas lançou-o à frente, sendo um caminho a ser percorrido na extensão de outras pesquisas com uma elaboração superior e uma maior extensão.

Com as ponderações realizadas, pode ser dito que a compreensão cristã é uma maneira essencialmente relevante de conduzir a vida, a adesão de um sentido para além de si mesmo convida o ser humano a olhar um sentido fora do que é limitado, palpável ou mesmo transitório. É o olhar voltando-se ao criador do sentido, o próprio Deus. A glorificação a Deus não prende o ser humano à mera ação como um robô, mas o conduz à uma relação de satisfação entre o ser criado e aquele que o criou. Um sentido durável é o apresentado nas Escrituras, uma relação com o transcendente possibilitada por Cristo, intermediador entre Deus e a humanidade, dessa forma o ser humano responde com a glorificação ao seu criador, como consequência torna-se satisfeito plenamente nessa relação harmoniosa.

Na aspiração de sentido, por vezes a pessoa se perde, se vive de modo que aguarda sua morte vislumbrando sua existência sem sentido algum. Observar a compreensão cristã traz um novo sentido à existência. Ao vislumbrar a proposta de sentido a partir da fé cristã, compreende-se que o sentido não é abstrato ou criado por si mesmo e, para satisfazer-se em seu Senhor, o deleite de sua vida encontra-se em Deus. O sentido de sua vida torna-se algo além de si mesmo, reagindo como o salmista, ressignifica sua existência e abdica a glória própria, “não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade!” (Sl 115.1). Há um sentido pelo qual vale a pena viver, na pergunta que não se encerra e acompanha geração após geração: afinal, viver para quê? Responde-se: para glorificar a Deus e satisfazer-se nele para sempre.

REFERÊNCIAS

AALLEN, S. Glória. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 899-907. v. 1.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O breve catecismo de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/254041?page=12>. Acesso em: 02 abr. 2024.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/253931?page=9>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRITO, Matheus Rodrigues. A compreensão do sentido da vida na perspectiva cristã: A *Imago Dei* como elemento norteador. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 8, n. 2, p. 123-137, 2022. ISSN 2447-4878. DOI 10.58855. Disponível em:

<https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/572>. Acesso em: 14 mai. 2024.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CASTRO, Susana de (org.). **Introdução à filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEWEESE, Garret J; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ESCORCIO, Dalriane Miranda; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. Reflexões sobre a Filosofia Existencialista. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 11, n. 26, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17064>. Acesso em: 20 set. 2023.

EXISTENCIALISMO. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022.

GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida**: contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021. 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GUIMARÃES, Ueudison Alves; LIMA, Raimunda Macêdo da Silva. Do Caos a Ex-sistência: uma abordagem da Filosofia Existencialista. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 11, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4308. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4308>. Acesso em: 20 set. 2023.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

HODGE, Alexander. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. 2.ed. [S. l.]: Os Puritanos, 1999.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cééticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001. (Coleção A obra-prima de cada autor; 78).

MADUREIRA, Jonas. **Curso Vida Nova de teologia básica: Filosofia**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020.

MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido: Ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido**. São Paulo: Hagnos, 2015.

METAFÍSICA. *In*: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MONDIN, Battista. **Antropologia teológica: história, problemas, perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática: volume II**. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica: um estudo sistemático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.008



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS¹

Destructive zeal: When concern for the things of God surpasses the will of God

Samuel Cristian Hein²

RESUMO

O autor no presente trabalho propõe uma reflexão teológico-bíblica acerca do conceito de zelo, analisando suas expressões positivas e negativas à luz das Escrituras e de exemplos históricos relevantes. Partindo da compreensão de que o zelo é um elemento constitutivo da experiência religiosa, investiga-se como esse ardor, quando dissociado do conhecimento, da obediência e do amor, pode assumir contornos destrutivos, tornando-se um instrumento de distorção da vontade de Deus e de opressão no âmbito religioso. Inicialmente, apresenta-se uma fundamentação conceitual do zelo negativo, dialogando com a tradição cristã e com o testemunho bíblico, a fim de evidenciar suas principais características, tais como o legalismo, o formalismo, a intolerância e a instrumentalização da fé para fins pessoais, políticos ou institucionais. Em seguida, analisa-se o reinado de Saul (1Sm 13–15) como estudo de caso paradigmático do zelo destrutivo, demonstrando como a priorização do ritual, da aparência de piedade e do interesse próprio conduziu à desobediência e ao afastamento da vontade divina. Na sequência, examina-se outras manifestações históricas do zelo mal orientado, com destaque para os zelotes, cujo ardor político-religioso resultou em violência legitimada teologicamente, e para o farisaísmo, marcado pela absolutização da Lei e das tradições em detrimento da misericórdia e da justiça. O apóstolo Paulo é apresentado tanto como exemplo máximo do zelo destrutivo, evidenciado na perseguição à Igreja, quanto como testemunho da possibilidade de transformação do zelo por meio do encontro com Cristo, que ressignifica a relação com a Lei, a justiça e a missão. Por fim, aborda-se o conceito positivo de zelo, fundamentado no

¹ Este conteúdo é parte de um trabalho de conclusão de curso desenvolvido na Faculdade Batista Pioneira, desenvolvido no ano de 2022.

² O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira e obreiro na Igreja Batista Emanuel em Panambi. E-mail: samuelhein@hotmail.com

caráter do próprio Deus, apresentado nas Escrituras como Deus zeloso, cuja santidade e fidelidade à aliança se expressam em amor e cuidado pelo seu povo. A partir dessa perspectiva, conclui-se que o problema central não reside na intensidade do zelo, mas em sua orientação. O estudo aponta para a necessidade de um zelo equilibrado, moldado pelo conhecimento e pelo amor, capaz de promover uma vivência cristã autêntica e saudável, especialmente no contexto eclesial contemporâneo.

Palavras-chave: Zelo. Igreja. História. Deus.

ABSTRACT

In this search, the author proposes a theological-biblical reflection about the concept of zeal, analyzing its positive and negative expressions in light of the Scripture and relevant historical examples. Starting from the understanding that zeal is a constitutive element of the religious experience, the study investigates how this fervor, when dissociated from knowledge, obedience, and love, can take on destructive contours, becoming an instrument for distorting God's will and causing oppression within the religious sphere. Initially, a conceptual foundation of negative zeal is presented, engaging with Christian tradition and biblical testimony, in order to highlight its main characteristics, like legalism, formalism, intolerance, and the instrumentalization of faith for personal, political, or institutional ends. Following this, the reign of Saul (1 Samuel 13–15) is analyzed as a paradigmatic case study of destructive zeal, demonstrating how the prioritization of ritual, the appearance of piety, and self-interest led to disobedience and a departure from the divine will. Then, other historical manifestations of misguided zeal are examined, highlighting the Zealots, whose political-religious fervor resulted in theologically legitimized violence, and Pharisaism, marked by the absolutization of the Law and traditions to the detriment of mercy and justice. The apostle Paul is presented both as the prime example of destructive zeal, evidenced in the persecution of the Church, and as a testament to the possibility of transforming zeal through an encounter with Christ, who redefines the relationship with the Law, justice, and mission. Finally, the positive concept of zeal is addressed, grounded in the character of God himself, presented in the Scriptures as a zealous God, whose holiness and faithfulness to the covenant are expressed in love and care for his people. From this perspective, it is concluded that the central problem does not lie in the intensity of zeal, but in its direction. The study points to the need for a balanced zeal, shaped by knowledge and love, capable of promoting an authentic and healthy Christian life, especially in the contemporary ecclesiastical context.

Keywords: Zeal. Church. History. God.

INTRODUÇÃO

O autor do trabalho apresentará uma visão bíblica sobre o zelo, principalmente sobre o zelo destrutivo, em que momento foi aplicado de forma incorreta e de forma correta. Ademais, na conclusão, será apresentada uma visão acerca do equilíbrio no zelo com as coisas de Deus, mostrando como evitar chegar aos extremos e viver no centro da vontade de Deus. Será visto como muitas vezes, pelo imenso desejo de fazer o certo e zelar pelo Reino e pelas coisas de Deus, pessoas ultrapassaram a vontade de Deus e impediram o avanço e a proclamação do Evangelho. Como resposta, o trabalho terá como objetivo ser um alerta de como o zelo destrutivo tem permeado a história e como afeta a Igreja atual da mesma forma,

para que o leitor possa enxergar as perspectivas contemporâneas e buscar evitar esse mau zelo.

O assunto destacará o cuidado para com as coisas de Deus, o que a Palavra de Deus ressalta do seu começo ao fim. Neste artigo visar-se-á colaborar com estudo bíblico e com aplicação prática para o problema do zelo destrutivo, o excesso de cuidado com as coisas de Deus. Ajudará a ter uma visão e um parâmetro de como aplicar o zelo com a Igreja de forma prática, a fim de que a Igreja desenvolva um trabalho equilibrado e possa ser bênção para a sociedade. O interesse veio a partir das aulas na Faculdade Batista Pioneira e de uma conversa que despertou o interesse para o tema. Após ouvir vários exemplos práticos, seja em sala de aula ou em conversas, foi visto a necessidade de pesquisar sobre o assunto e ver como o zelo destrutivo ainda atua na Igreja e como evitar os erros do passado e do presente.

O desafio de ser equilibrado quanto ao zelo e não ultrapassar a vontade de Deus é grande. O descumprir dessa vontade traz destruição e separação ao invés de bênção e restauração. Tendo isso em mente, surge a pergunta: *“O que os textos bíblicos evidenciam sobre o zelo e como chegar a um equilíbrio?”*

No decorrer de todo o conteúdo, após os pontos necessários, será apresentado como o zelo, no contexto bíblico ou histórico vigente, se apresenta na Igreja atualmente. Isso terá como objetivo alertar o leitor de que os problemas do passado podem se apresentar com uma nova roupagem no presente. Será visto que o zelo é o inspirador de grandes projetos espirituais. Muito se pode fazer com o zelo, como levar a Igreja a vontade de Deus, mas o zelo destrutivo se mostrará e se revelará na destruição da Igreja.

1. O PROBLEMA DO ZELO DESTRUTIVO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ANTIGO TESTAMENTO E NA IGREJA

Antes de adentrar a análise conceitual do zelo, torna-se necessário situar a relevância desse tema no âmbito da experiência religiosa cristã. O zelo aparece recorrentemente nas Escrituras como elemento que expressa intensidade, compromisso e fidelidade a Deus, sendo frequentemente associado tanto a práticas de devoção quanto a atitudes de defesa da fé. No entanto, a ambiguidade do conceito exige uma abordagem cuidadosa, pois o mesmo zelo que pode conduzir à obediência e à santidade também pode, quando mal orientado, gerar distorções teológicas e práticas religiosas nocivas. Assim, esta seção propõe uma reflexão introdutória que prepara o leitor para a compreensão das múltiplas dimensões do zelo, considerando suas expressões bíblicas, históricas e teológicas, a fim de discernir seus limites e possibilidades no contexto da fé cristã.

1.1 Introdução ao problema do zelo destrutivo

O termo zelo aparece inúmeras vezes tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, no entanto, possui diversas significações devido as terminologias derivadas da raiz *qanā* e ζῆλος (zêlos). Tratar-se-á primeiro das significações no AT. O verbo *qanā* traz os sentidos de “ter ciúme, ter inveja, ter zelo. A partir dessa raiz se tem os substantivos de

origem: *qin'â* (ardor, zelo); *qanna* (ciumento) e *qannô* (ciumento)”. As terminologias são encontradas 87 vezes³, já “a forma *qana*, ser zeloso», «ciumento», [...] ocorre trinta e quatro vezes no Antigo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Nm 25.11,13”⁴; 2Sm 21.2; 1Rs 19.10,14; Jl 2.18; Zc 1.14; 8.2”⁵. Indica uma forte emoção, em que o sujeito deseja uma qualidade ou até a posse do objeto. Tem um sentido positivo, quando há um zelo pela pessoa amada (Sl 69.9), e um sentido negativo, quando há paixões hostis que gerem contendas (Pv 27.4). “Talvez seja útil pensar no ‘zelo’ com o sentido original, do qual derivaram as noções de ‘zelo pelos bens de outrem’, ou seja, ‘inveja’, e ‘zelo pelos próprios bens’, ou seja, ‘ciúme’”.⁶ “Os dois sentimentos resultam do amor caloroso e se fundem, às vezes, quando se referem às experiências de pessoas”.⁷

As versões em português geralmente distinguem os dois sentidos da palavra hebraica, traduzindo-a de acordo com o seu sentido no contexto. Quando é traduzida por inveja ou ciúme, entende-se logo que significa ressentimento e ódio contra um rival, receio, suspeitas e dúvidas de um espírito perturbado. Quando é traduzida por uma forma da palavra zelar, o termo geralmente significa um sentimento bom, representando o espírito ardoroso que vigia o que é sagrado e precioso.⁸

Um uso comum é o de “ter inveja”, como o que Raquel teve de Lia por esta poder ter filhos (Gn 30.1) e dos irmãos de José em razão dos sonhos proféticos de seu irmão (Gn 37.11). No entanto, o principal significado advém de “ciúme”. O termo é muitas vezes direcionado a Deus, pois este é descrito como marido de Israel, e tem ciúmes quando seu povo é idólatra e adúltero (Êx 20.5; Nm 11.29), o que será visto mais à frente. O substantivo mais utilizado no sentido da idolatria é “*qanna*”, que traz o sentido de ciumento. Esse substantivo aparece apenas 5 vezes no AT e é utilizado para passagens em que Deus tem ciúme do povo idólatra e adúltero. “Como um marido quer que a sua esposa lhe seja fiel e tem permissão de matá-la e a seu amante em caso de adultério, de igual modo Deus se relaciona com o seu povo”. “*Qanno*” é utilizado com o mesmo sentido. No entanto, aparece apenas duas vezes fora do Pentateuco.⁹ Essas passagens mostram o “amável amor” de Deus pelo Seu povo. Mostra como Deus tem um cuidado constante e implacável pelos Seus.¹⁰

A última variante é “*qin'â*”: Este termo aparece quarenta e três vezes no Antigo Testamento (algumas aparições: 2Rs 10.16; 19.31; Sl 69.9; 119.139; Is 9.7; 37.32; 59.17; 63.15; Ez 5.13)¹¹, conotando ciúme ardente, zelo, ira. Aponta alguém que está dominado de “*qana*”,

³ COPPES, Leonard J. Qânâ In: HARRIS, R. L.; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1349.

⁴ Todos os textos utilizados estão na Nova Versão Internacional, seguindo a seguinte obra: SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional**. São Paulo: Vida, 2000.

⁵ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, Vol. 6, p. 885-886.

⁶ COPPES, 1998, p. 1349.

⁷ CRABTREE, Asa Routh. **Teologia do Velho Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 107.

⁸ CRABTREE, 1977, p. 107.

⁹ COPPES, 1998, p. 1349-1351.

¹⁰ BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. 6.ed. Miami: Vida, 1981, p. 450.

¹¹ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 885.

tanto num sentido negativo como a inveja, ira, como num contexto positivo, em que há um zelo por Deus ou de Deus com o povo (Ct 8.6). Assim, como Deus zela para com o Seu povo, ele espera que o homem retribua seu amor na forma de um “zelo” apaixonado, que defende a sua vontade e a honra frente aos ímpios.¹² O zelo dirigido para Deus deixa-se controlar pela vontade de Deus (Sl 69.9; 1Rs 19.10,14; 2Rs 15.16). Esse deveria ser o zelo de Israel com Deus.¹³

No Novo Testamento, zelo é tratado pelos radicais σπουδή (*spoudé*) e ζήλος (*zêlos*), e suas variantes. Representa um esforço intenso e sincero para um alvo. O primeiro tem sempre um bom sentido; o segundo, seja por motivos egoístas que danificam ou destroem a comunhão, carrega um sentido negativo e destrutivo. Outro termo, mas que não será abordado, advém da palavra grega *zeein* (borbulhar, ferver), em que se acha a raiz da ideia de zelo.¹⁴ Tratar-se-á primeiro do radical “zêlos” e suas variantes: “ζήλος (*zêlos*), ‘zelo’; ζηλώω (*zêlôô*), ‘ser zeloso’; ζηλωτής (*zêlôtês*), ‘zelote’”.¹⁵

O conceito de zelo, a partir do século V d.C., através dos autores trágicos áticos (tragédia grega), traz a ideia da extensão das emoções de alguém. Há duas significações que carregam o sentido de “esforço ansioso”, “competição”, “entusiasmo” e “admiração”, e, em contextos apropriados, “louvor”, “glória”. A conotação ruim de zelo traz a ideia de um alvo errado, conduzindo a significação de “ciúmes”, “má vontade”, “inveja”.¹⁶

Especificamente, “zelos é achado 17 vezes no NT, zelôtês 8 vezes; e as formas verbais de zeloo ou zeleo, 12 vezes”.¹⁷ Algumas ocorrências aparecem em: “Atos 7.9; 17.5; I Co 12.31; 13.4; 14.1,39; II Co 11.2; Gl 4.17,18; Tg 4.2. Ver Sl 69.9 e II Co 7.7 [...] Jo 2.17 (citando Sl 69.10); At 5.17; 13.45; Rm 10.2; 13.13; I Co 3.3; II Co 7.7,11; 9.2; 11.2; 12.20; Gl 5.20; Fp 3.6; Hb 10.27; Tg 3.14,16”.¹⁸ Os sentidos apresentados no parágrafo acima também são encontrados nesses textos. O mau sentido pode ser encontrado em Atos 7.9, falando acerca dos irmãos de José e em outros textos falando do ciúme dos judeus frente ao sucesso iminente dos apóstolos (também em Atos). O NT é extremamente crítico a esse tipo de ciúme, mas também pelo zelo destrutivo pela lei. Já o bom exemplo de zelo é o de Paulo que, após sua conversão, possuía um zelo à Deus (2Co 11.2) e incentivava a igreja a um zelo saudável.¹⁹ “Embora o Novo Testamento não perpetue o conceito de um Deus zeloso, promove o conceito de um zelo piedoso. No Novo Testamento, o Filho de Deus (ver Jo 2.17) e os filhos de Deus (ver 2Co 7.11; 11.2) são os que se mostram zelosos na piedade”.²⁰

A outra raiz é *spoudē* e traz as seguintes variações: “σπουδή (*spoudē*), ‘zelo’; σπουδαίος (*spoudaios*), ‘ciúmes’; σπουδάζω (*spoudazo*), ‘ser ciumento’”. Esse, por sua vez, no período

¹² COPPES, 1998, p. 1350.

¹³ COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, Vol. 2, p. 2685.

¹⁴ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 886.

¹⁵ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

¹⁶ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

¹⁷ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

¹⁸ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 885, 886.

¹⁹ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2684.

²⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 886.

clássico, continha o significado de apressar-se ou de um movimento rápido em direção a uma pessoa ou causa, mais adiante, como verbo, significava ainda ter ciúmes, aplicado, e como substantivo zelo, esforço. Com conotação moral expressa boa vontade, um homem virtuoso, assim como na filosofia. Para Aristóteles, alguém zeloso é um homem verdadeiramente moral, já no contexto religioso exprime envolver-se de todo o coração e até mesmo um zelo nobre”.²¹

No Novo Testamento, “*spoudē*” conota ‘pressa’ e o advérbio “*spoudaios*” ressalta a intensidade da pressa. Para Paulo, “*spoude*” manifesta o desejo que o cristão deve ter de viver para não perder o que lhe foi dado, atingindo, sem fracassar, o alvo proposto por Cristo. Um dom de Deus para a união (Ef 4.3), para ajudar outros cristãos (Gl 2.10; 2Co 8.7,6,16), para retificar a injustiça (2Co 7.11-12), e para liderança (Rm 12.8). Deve ser usado com total dedicação.²²

O zelo é uma característica de Deus e deve ser uma característica dos Seus servos. No entanto, como visto, existe um mau zelo, que é destruidor e perigoso. O zelo por vezes é excessivo ou toma a forma de um zelo verdadeiro, quando na verdade é o contrário. É necessário conhecer o zelo destrutivo e falso para que se possa distingui-lo de um zelo verdadeiro pela causa de Deus. Beek traz três ótimas definições de Samuel Ward sobre o zelo destrutivo:

1. O zelo simulado olha em uma direção enquanto busca outra coisa. É o zelo hipócrita de Jeú, que, em 2Reis 10.16, se gaba de a glória do Senhor, mas na realidade tem os olhos fitos na conquista do reino. Demétrio clama louvores a Diana, mas na realidade se importa apenas com os ídolos de prata com que ela é adorada e com os quais ele ganha dinheiro (At 19.23-28). O zelo simulado finge estar buscando a glória de Deus, quando na verdade está buscando um objetivo egoísta. Assim como nesses casos vemos apenas a imagem da fé, da mesma maneira vemos apenas a exibição de zelo, mas sem sua verdadeira essência (2Tm 3.5). **2. O zelo cego** é o que Romanos 10.2 descreve como aparência de honrar a Deus, mas sem conhecê-lo de verdade. Pessoas com esse zelo fazem grandes sacrifícios, contudo caem numa cova. Elas gastam todo tipo de energia, porém, na direção errada e com o objetivo errado. Antes de o Senhor convertê-lo, o apóstolo Paulo estava inflamado de zelo cego (At 22.3.4). Ward afirma o seguinte a respeito daqueles que ardem com esse zelo cego: “Esses são os melhores soldados do diabo. Mas, quando as escamas lhes caem dos olhos e eles entram nas tendas divinas, são os melhores soldados de Deus”. **3. O zelo tumultuoso** é inveja ou ciúme amargos (Tg 3.14). Esse zelo é um fogo descontrolado, levando homens para além de todos os limites. Não é mais um bom servo, pelo contrário governa como um mau senhor. Richard Sibbes (1577-1635) escreveu: “Não existe verdadeiro zelo pela glória de Deus que não esteja ligado a um verdadeiro amor pelos homens. Por isso, não permitas que homens violentos, maldosos e insolentes jamais falem de glorificar a Deus enquanto menosprezarem homens humildes” (grifos do autor).²³

²¹ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2686-2687.

²² COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2687.

²³ BEEK, Joel R.; JONES, Mark. **Teologia puritana**: doutrina para a vida. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 1340-1341.

Muitas vezes o zelo está mal direcionado ou não é praticado com o conhecimento da Palavra ou da verdade e, ainda mais, alguns tristemente fingem ter zelo.²⁴ O falso zelo pode ser manifesto por conta do egoísmo do coração e embora em alguns casos seja “bom” (Rm 10.2; Fp 3.6), opera por motivos ruins.²⁵

1.2 Saul (1 Sm 13-15): um estudo de caso do zelo destrutivo

Saul foi o primeiro rei de Israel. Sua caminhada começou com êxito, mas com o tempo demonstrou um coração centrado em si. Saul foi ungido rei após o povo pedir um líder, que seria singularmente príncipe sobre a herança de Deus (1Sm 9.16; 10.1). Após a libertação de Jabes-Gileade, Saul foi ungido rei com grandes responsabilidades, pois a prosperidade do povo dependia da obediência de Saul. Isso foi confirmado com uma chuva repentina e milagrosa, porque na região da Palestina não chove durante a colheita do trigo, entre 15 de maio e 15 de junho.²⁶ Através de sua vida percebe-se que certas ações aparentam zelo, mas que ocultam motivações egoístas ou outros propósitos que não a vontade de Deus: um zelo simulado.

1.2.1 Zelo ritual e impaciência: Saul em 1 Samuel 13

O primeiro deslize de Saul ocorreu no capítulo 13 de 1 Samuel. Saul convocou o povo para guerra em Gilgal contra os filisteus (1Sm 13.4), cujo exército era imensurável, dominava a arte de ferramentas de ferro e possuía carros de guerra e condutores (1Sm 13.5). Saul e o exército de Israel encontravam-se em uma situação complicadíssima, pois não possuíam armas e dependiam nesse quesito dos serviços dos filisteus sob altos tributos (1Sm 13.19-21). A guerra parecia perdida; apenas Saul e seu filho Jônatas possuíam espadas entre os israelitas.²⁷ “Quando os soldados de Israel viram que a situação era difícil e que o seu exército estava sendo muito pressionado, esconderam-se em cavernas e buracos, entre as rochas e em poços e cisternas” (1 Sm 13.6).

Os filisteus estavam em Micmás, e Saul temia que eles chegassem a Gilgal, que ficava cerca de 30 quilômetros a nordeste. Assim sendo, Saul e o restante de seu exército poderiam ser atacados a qualquer momento na sua própria base de operações, e uma total destruição poderia facilmente ser efetuada. Aquele lugar era uma das três cidades incluídas no circuito de Samuel como juiz (ver 1Sm 7.16). Saul tinha usado aquele lugar como quartel-general nas operações contra os amalequitas. Se os filisteus atacassem Saul em Gilgal, todo Israel se perderia no ataque. O perigo era iminente. Saul deve ter desejado obter a ajuda de Yahweh prontamente, acreditando que os sacrifícios trariam auxílio imediato.²⁸

²⁴ **ENCICLOPÉDIA temática da Bíblia.** São Paulo: Shedd, 2012, p. 398.

²⁵ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, Vol. 6, p. 886.

²⁶ SCHULTZ, Samuel J. **Panorama do Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 78-79.

²⁷ MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Samuel:** primeiro livro dos reis de Israel. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 63.

²⁸ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado:** versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis. São Paulo: Hagnos, 2001, Vol. 2, p. 1168.

Saul precisava tomar uma decisão, no entanto, deveria esperar Samuel para que o profeta oferecesse o sacrifício ao Senhor e recebesse direção divina. O prazo estabelecido era de sete dias, mas nesse momento o prazo acabara de terminar. Imagine a situação: um grande exército, mais poderoso e com melhor tecnologia está para lhe atacar, você é o responsável por tomar uma providência, mas deve esperar pelo profeta, que ainda não chegou. O que faria? Saul foi impaciente e achou que um zelo desmedido resolveria a situação.²⁹

Oferecer sacrifícios antes de uma batalha era uma prática comum no Antigo Oriente Próximo. Os povos faziam isso para encontrar favor dos deuses e sua ajuda na batalha. Era parte fundamental na estratégia militar. Há vários exemplos nos escritos gregos (Ilíada), hititas e assírios. Para Saul, a espera pelo sacrifício estava atrapalhando a estratégia militar; então, “sua decisão de oferecer o sacrifício foi uma tentativa de obter os benefícios do ritual sem se arriscar a perder o momento estratégico de atacar”.³⁰ “Se Saul tivesse esperado apenas mais alguns minutos, nada de grave teria acontecido, mas sua impaciência lhe custou caro”.³¹

Saul ofereceu o sacrifício, pois em sua mente o zelo pelo ritual era mais importante do que a obediência à ordem de Deus em esperar o profeta. Saul ainda ousou dizer para Samuel que não havia obtido a benevolência de Deus.³² O versículo doze ressalta esse zelo destrutivo de Saul: “pensei: Agora, os filisteus me atacarão em Gilgal, e eu não busquei o Senhor. Por isso senti-me obrigado a oferecer o holocausto” (1Sm 13.12). Baldwin comenta que Saul “poderia tê-lo feito (*sacrifício*) particularmente, como Ana fizera, sem se intrometer nas prerrogativas de Samuel. Sem dúvida, teria encontrado alívio para sua ansiedade e crescimento na fé, mas para ele o ritual correto era importante” (grifo do autor).³³

No tempo de Saul, o culto não era reservado aos levitas. Davi e Salomão realizaram ações cultuais sem serem advertidos. A questão é o fundo profético e a ordem de Deus.³⁴ Samuel tinha autoridade profética, era levita e havia eclipsado o sumo sacerdócio, mas Saul não possuía nenhum direito, ainda mais quando houve uma ordem direta de Deus.³⁵ O cargo de rei não fazia com que o papel do sacerdote fosse desnecessário. A atitude de Saul custou a continuação do seu reinado através dos filhos.³⁶ “Saul esperava agradar a Yahweh e conseguir Sua ajuda contra os filisteus, e talvez fazer expiação pelos pecados que prejudicassem Israel em seu conflito”.³⁷

A condenação que Saul recebe é extremamente pesada. Samuel o acusa de agir como tolo, no entanto, diferente da língua portuguesa que dá a ideia de alguém desprovido de inteligência, no contexto veterotestamentário, tolo traz a conotação de alguém moral e

²⁹ BALDWIN, Joyce. **1 e 2 Samuel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 117.

³⁰ WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 389.

³¹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: volume II, histórico**. Santo André: Geográfica, 2006, vol 2, p. 230.

³² BALDWIN, 1996, p. 118.

³³ BALDWIN, 1996, p. 118.

³⁴ CROSETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 50-51.

³⁵ CHAMPLIN, 2001, Vol. 2, p. 1167.

³⁶ MESQUITA, 1979, p. 62.

³⁷ CHAMPLIN, 2001, Vol. 2, p. 1167.

espiritualmente culpável.³⁸ Saul, em seu zelo destrutivo, pensava que “poderia desobedecer a Deus e escapar incólume, e que essa desobediência traria as bênçãos de Deus sobre ele e seu exército. [...] Saul foi insensato ao concluir que o sacrifício de um rei, na hora errada, era tão bom quanto o sacrifício de um sacerdote na hora certa”.³⁹

Na sua primeira oportunidade, Saul troca o zelo por Deus e pela obediência, pelo zelo ritual e, de forma severa, Samuel mostra que na monarquia de Israel, diferente das outras, o Senhor é o rei e a obediência é dever supremo. As consequências da não obediência foram as apresentadas no começo desse ponto: a prosperidade do povo dependia da obediência de Saul. Como Saul não foi obediente, o povo foi abandonado sem nenhuma orientação para derrotar os filisteus, sendo deixados na dependência de suas capacidades.⁴⁰ O erro não foi realizar o sacrifício, mas sim desobedecer a ordem divina.⁴¹ “Posteriormente, Samuel lembrou a Saul que o Senhor deseja obediência, não sacrifícios” (1Sm 15.22).⁴²

Através de Saul, Deus quer continuar a levar adiante a história da salvação; o sinal manifesto desse plano divino está no fato de que o rei conseguiu realizar ações importantes em favor do povo. O rei deve, porém, mostrar-se instrumento dócil e livre nas mãos de Deus. Infelizmente é justamente essa resposta de obediência e fé que falta no comportamento de Saul.⁴³

1.2.2 Zelo egoísta e voto impensado: Saul em 1 Samuel 14

A batalha do capítulo 13 prossegue no 14. Jônatas, filho de Saul, agiu em nome do Senhor e conseguiu matar vinte homens junto a seu escudeiro, provando que o Senhor tinha entregado os filisteus. Esse fato gerou medo nas tropas inimigas e, então, Saul e o os homens atacaram (1 Sm 14.1-23). No entanto, Saul, novamente por motivos egoístas, mostra um aparente zelo por Deus, pois fez o seguinte voto: “‘Maldito seja todo o que comer antes do anoitecer, antes que eu tenha me vingado de meus inimigos!’ Por isso ninguém tinha comido nada” (1Sm 14.24b). A conquista após a derrota era importante para tirar o máximo proveito do inimigo. Contudo, o processo era exaustivo e consistia em perseguição ininterrupta por colinas íngremes e batalhar por horas. Saul fez o voto de jejum para alcançar o favor divino, novamente apresentando um zelo impensado e destrutivo. Queria mostrar uma aparência de zelo por Deus, mas acabou mostrando “a tendência de Saul de estar do lado errado das coisas espirituais”.⁴⁴

A prática do jejum é pouco evidenciada no antigo Oriente Próximo. Entretanto, no AT servia como um pedido dirigido a Deus. A ideia era o indivíduo preocupar-se apenas com sua condição espiritual. Antes de batalhas seria um procedimento normal, mas durante a batalha era impensável.⁴⁵ Saul foi movido por seu desejo de vingança e ego, não por consagração.

³⁸ BALDWIN, 1996, p. 118, 119.

³⁹ WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 231.

⁴⁰ BALDWIN, 1996, p. 118, 119.

⁴¹ WALTON, 2018, p. 389.

⁴² WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 230.

⁴³ CROSETTI, 1994, p. 50.

⁴⁴ BALDWIN, 1996, p. 122-123.

⁴⁵ WALTON, 2018, p. 392.

Queria que o povo o visse, pensando que ele era consagrado e íntegro ao Senhor, mas revelou um zelo supersticioso e destrutivo.⁴⁶ Usou seu voto como forma de implorar a Deus sucesso em batalha, mas os votos eram espiritualmente obrigatórios e muito sérios. Outro homem que agiu com zelo impensado ao fazer um voto foi Jefté (Jz 11.30-31), o que levou a morte da sua filha.⁴⁷ Saul “acreditou que seu jejum, em conjunto com a presença da arca, impressionaria o Senhor e faria com que lhes desse vitória. Porém, Jônatas e seu escudeiro já estavam desfrutando a vitória sem a arca e sem jejum!”⁴⁸

Jônatas, responsável pela vitória, não sabia do voto do pai, comeu mel silvestre que escorria das árvores em um bosque onde o exército se encontrava (1 Sm 14.25-27).⁴⁹ A pena era a execução. Os soldados além de abatidos pela fome, ficaram também por saberem que o herói da batalha, que lhes havia concedido a vitória, deveria ser morto.⁵⁰

Saul, por conta do seu zelo impensado, trouxe exaustão aos seus homens. A fome era tanta que, após tomarem os despojos e ter passado o tempo estabelecido do juramento de Saul, os soldados colocaram-se a comer carne com sangue, o que era pecado. Saul, preocupado em buscar o favor do Senhor e cumprir as exigências rituais, fez um altar para que o sangue dos animais mortos escorresse ao chão e não pecassem.⁵¹ Na tradição israelita, o sangue pertencia ao doador da vida (Deus); por isso, não deveriam comer carne com sangue como o fizeram.⁵² A consequência de Saul querer demonstrar ao povo que era zeloso, resultou no pecado do exército. Seu zelo simulado, além de trazer destruição física, impulsionou também a destruição espiritual em forma de um banquete selvagem.⁵³

Em seguida Saul buscou orientação de Deus para continuar a perseguir o exército inimigo. Como não obteve resposta, consultou a Deus através do sacerdote para ver quem havia pecado (1Sm 14.36-37). Saul descobriu através da resposta de Deus que fora Jônatas, seu filho. Ele estava tão cego em seu zelo e “por acertar sua situação com Deus e conquistar o favor divino que decidiu que até mesmo Jônatas iria morrer”. Após pecar, no capítulo 13, agora tenta matar aquele a quem Deus usou para dar vitória ao povo, mas o exército o salvou das mãos de Saul (1Sm 14.45). Novamente seu zelo ritualístico foi colocado acima do zelo por Deus: “No que diz respeito à observância exterior do ritual religioso, ele fizera a coisa certa; contudo, havia deixado perceber a importância crucial de submeter sua vontade à do Senhor Deus de Israel”.⁵⁴

Existe toda espécie de ideias tolas que se tornam dogmas religiosos sérios. Parece ser boa coisa fazer voto como incentivo a uma boa ação e então levá-lo a sério. Mas quando alguém ajunta a pena de morte contra aquele que ousa quebrar tal voto, então a fé religiosa torna-se negativa. Algumas vezes,

⁴⁶ WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 236.

⁴⁷ CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

⁴⁸ WIERSBE, 2006, Vol 2, p. 236.

⁴⁹ MESQUITA, 1979, p. 65.

⁵⁰ CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

⁵¹ BALDWIN, 1996, p. 123.

⁵² WALTON, 2018, p. 392.

⁵³ CHAMPLIN, 2001, Vol 2, p. 1172.

⁵⁴ BALDWIN, 1996, p. 123-125.

pois, a fé acredita naquilo que não é verdadeiro. [...] Há uma profunda lição espiritual aqui. Os homens podem cometer erros ao tentar realizar supostas boas coisas. É fácil enganar-nos e fazer uma viagem pelo ‘ego’, ou ocultar o ódio sob a capa da espiritualidade. É fácil destruir e então dizer: “Fiz isso para Deus”. Entrementes, a única lei universal, a do amor, é esquecida.⁵⁵

“Podemos prontamente ter pena de uma pessoa impulsiva e bem-intencionada, mas que comete erros tão graves. Mas será que um homem desses é a pessoa certa para ser rei? É óbvio que não”. Deus estava cada vez mais afastando Saul de seus planos.⁵⁶ O voto de Saul era legítimo, mas não seu coração. Deus usou essa situação para mostra-lhe que estava errado e honrar a Jônatas, que confiou e obedeceu ao Senhor. Deus mostrou que o exército amava e apoiava seu filho.⁵⁷

1.2.3 Sacrifício sem obediência: o clímax do zelo destrutivo em 1 Samuel 15

O capítulo 15 narra um acontecimento posterior à batalha contra os filisteus. Agora a missão de Deus dada a Saul, através do profeta Samuel, era exterminar todos os amalequitas, sem exceção: “Agora vão, ataquem os amalequitas e consagrem ao Senhor para destruição tudo o que lhes pertence. Não os poupem; matem homens, mulheres, crianças, recém-nascidos, bois, ovelhas, camelos e jumentos” (1Sm 15.3). A ordem de Deus era clara e Ele já havia ensinado a Saul sobre a obediência; No entanto, novamente o zelo de Saul se encontrará deturpado e o seu reinado será arrancado de suas mãos. Saul, ao invés de matar o rei Agague, captura-o como troféu de guerra e poupa os melhores animais. Tudo que era ruim destruíram (1Sm 15.8-9). Nesse meio tempo, Deus diz a Samuel que havia se arrependido⁵⁸ de colocar Saul como rei, pois ele o havia abandonado e não o obedecera (1Sm 15.10-11). Samuel ficou profundamente irado e entristecido, pois o que seria da nação sem o rei? Como Deus havia “mudado” seus planos? Será que Samuel falhara em ungir Saul como rei? Nada escapa aos olhos de Deus e tudo está debaixo de seu controle.⁵⁹

Quando Samuel vai ao encontro do rei, ao invés de encontrar um homem temeroso, é recebido entusiasticamente por Saul. Assim que o rei é questionado: “que balido de ovelhas é esse que ouço com meus próprios ouvidos? Que mugido de bois é esse que estou ouvindo?” (1Sm 15.14), sua resposta demonstra motivações egoístas disfarçadas de zelo: “Respondeu Saul: ‘Os soldados os trouxeram dos amalequitas; eles pouparam o melhor das ovelhas e dos bois para sacrificarem ao Senhor, o teu Deus, mas destruímos totalmente o restante’” (1Sm 15.15).⁶⁰ A palavra “teu Deus” revela o coração de Saul, mostrando mais motivações próprias do que vontade de sacrificar ao Senhor. E, nos versículos 17-21, mesmo após receber uma

⁵⁵ CHAMPLIN, 2001, vol. 2, p. 1172.

⁵⁶ CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 474.

⁵⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 237.

⁵⁸ Então arrependeu-se o Senhor de haver escolhido Saul. Não se tome esta atitude de Deus como a do homem. Significa que Deus tomou uma determinação que não deu certo por causa do homem. No tocante ao homem, o arrependimento é mudança de mente e coração, quando Deus anula qualquer sentença contra ele. Não se dá assim com Deus, que não pode mudar nem alterar a sua mente. É mais uma forma de falar em termos humanos, para demonstrar o seu desgosto, por qualquer falta em seu governo (BALDWIN, 1996, p. 128-129).

⁵⁹ BALDWIN, 1996, p. 128-129.

⁶⁰ MESQUITA, 1979, p. 69.

repreensão dura do profeta, Saul coloca a culpa em seus soldados, dando desculpas, dizendo que estes é que haviam capturado os animais.⁶¹

No versículo 22, na resposta do profeta, encontra-se o erro no zelo de Saul. Erro que este cometeu em todos os capítulos analisados: “Samuel, porém, respondeu: ‘Acaso tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros’”.

Num pronunciamento profético memorável, Samuel declara de modo definitivo a futilidade de tentar depender do sacrifício ritual, quando o que se requer é a obediência. Nenhum cerimonial poderá compensar uma atitude rebelde contra Deus e Seus mandamentos, porque a resistência obstinada a Deus exalta a vontade própria e coloca-a no lugar de autoridade, que pertence unicamente a Deus.⁶²

No Antigo Oriente Próximo, o sacrifício e a obediência estavam intrinsicamente ligados. A divindade poderia ser beneficiada com os despojos e com os sacrifícios rituais. É provável que Saul tinha entendido assim e não que a obediência poderia ser uma alternativa separada do sacrifício.⁶³ A antiga fé hebraica também era um sistema em que o ritual e o sacrifício eram colocados na mesma posição, mas os profetas trouxeram luz ao que realmente Deus queria com isso: a obediência. Champlin, citando Irineu, afirma que “nos sacrifícios, um homem oferece somente carne estranha, ao passo que, na obediência, oferece sua própria vontade”.⁶⁴ Saul foi condenado por falta de fé e obediência, o que permeia toda a Escritura, principalmente em Cristo através de sua vida. Como bem resume Hebreus 10.5-10:⁶⁵

Por isso, quando Cristo veio ao mundo, disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste. Então eu disse: Aqui estou, no livro está escrito a meu respeito; vim para fazer a tua vontade, ó Deus”. Primeiro ele disse: “Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste nem deles te agradaste” (os quais eram feitos conforme a Lei). Então acrescentou: “Aqui estou; vim para fazer a tua vontade”. Ele cancela o primeiro para estabelecer o segundo. Pelo cumprimento dessa vontade fomos santificados, por meio do sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas (Hb 10.5-10).

“Há nesta história uma lição importante a observar: Deus quer lealdade à Sua palavra, e não propriamente ofertas. Estas são boas e úteis quando a vida está em conformidade com o desejo divino”.⁶⁶ Saul precisou arcar com as consequências de seus atos. Sua descendência foi tirada do poder e agora ele é rejeitado como rei. Saul queria fazer o certo, mas de modo errado. Teve um zelo impensado. Esperou Samuel sete dias, mas não com paciência. Quis cumprir o juramento que havia realizado, mesmo que custasse a vida de seu filho e não deixou

⁶¹ BALDWIN, 1996, p. 129-130.

⁶² BALDWIN, 1996, p. 130.

⁶³ WALTON, 2018, p. 394.

⁶⁴ CHAMPLIN, 2001, vol 2, p. 1177.

⁶⁵ CROCETTI, 1994, p. 52-53.

⁶⁶ MESQUITA, 1979, p. 68-69.

que os soldados transgredissem a lei ritual comendo carne com sangue. E, por último, apontou o sacrifício como melhor que a obediência.⁶⁷ Seu erro consistiu em trocar o zelo pela obediência por seu zelo ritual, ou até mesmo disfarçar sua ganância aparentando zelo. O sucesso e o reconhecimento público foram insuficientes para esconderem sua falta de caráter.⁶⁸

A história de Saul pode parecer injusta para alguns, uma vez que Davi cometera pecados terríveis dos quais Saul nunca foi culpado, recebeu perdão do Senhor e ainda manteve Bateseba. Por que, então, Saul é julgado com tanta severidade, mesmo buscando corresponder e buscar direção do Senhor? Há autores como David Gunn que dizem que talvez Saul estava predestinado ao fracasso, outros que no seu íntimo era incompetente para o cargo.⁶⁹ Todavia, com as análises até aqui feitas dos textos sob a perspectiva do zelo, vê-se que o zelo de Saul era destrutivo e não estava no lugar certo. Saul não se arrepende como Davi se arrependeu e não deixa com que Deus transforme seu zelo para a obediência.⁷⁰

É um erro humano frequente achar que Deus ignorará e perdoará todos os pecados de alguém desde que tal pessoa tenha o cuidado de frequentar o santuário (ou igreja) e de oferecer sacrifícios (ou hinos de louvor). Vários profetas do AT tiveram de confrontar esse raciocínio falso; Amós chegou a descrever Deus, dizendo que ele “aborrecia” e “desprezava” festas, sacrifícios e oferendas religiosos (Am 5.21-24). De igual maneira, tendemos a pensar que a falsa adoração é o pior pecado possível contra Deus; Samuel disse que a desobediência arrogante é igualmente ruim.⁷¹

1.2.4 Implicações eclesiológicas do zelo destrutivo: de Saul à Igreja contemporânea

Toda a história do declínio do reinado de Saul aponta para um ponto crucial dos dias atuais: como o falso zelo destrói a Igreja. “A adoração cristã de hoje deve ir além da mera execução de uma liturgia. Devemos adorar a Deus ‘em espírito e em verdade’ (Jo 4.24), ‘Louvando a Deus [...] com cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração’ (Cl 3.16)”. Deus espera um verdadeiro zelo, uma fé sincera que não busca benefícios próprios ou mostrar uma falsa espiritualidade. A Igreja da atualidade vive uma linda vida religiosa, mas em muitos casos não passa de algo externo. A verdadeira adoração faz-se no coração.⁷² “Deus espera que o homem retribua ao seu amor. O amor, no entanto, não é meramente uma emoção. É uma relação estruturada. Amar a Deus é obedecer-lhe. De sorte que o vocábulo é empregado para denotar um ‘zelo’ apaixonado e ardente por Deus”.⁷³

Esse zelo destrutivo demonstra-se na vida prática de forma alarmante, quando a forma toma o lugar da essência e a religiosidade o lugar da obediência a Deus. Pode-se ver muitos que chegam a cultos “arrepentidos”, com cara e roupa de adorador, mas muitas vezes as

⁶⁷ BALDWIN, 1996, p. 130-133.

⁶⁸ SCHULTZ, 2008, p. 79.

⁶⁹ BALDWIN, 1996, p. 133-135.

⁷⁰ MESQUITA, 1979, p. 69.

⁷¹ CARSON, 2009, p. 476.

⁷² WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 240.

⁷³ COPPES, 1998, p. 1350.

mãos que se levantam para adorar a Deus no culto são as mesmas usadas para acessar sites pornográficos ou bater na mulher. A mesma voz que declara que Deus é Senhor é a que fala palavrões, tem conversas indecentes no ambiente de trabalho, ferem aos pais, líderes e todos a volta. A boca que proclama verdades sobre Deus é usada também para mentir e acusar o próximo. O zelo destrutivo de Saul é visto naqueles que leem a Bíblia de manhã e em seguida brigam com seus pais ou cônjuges, que oram a tarde, mas a noite entregam seus corpos ao prazer do mundo. Nesse momento, o sacrifício tomou o lugar da obediência e a vida cristã não passou de um mero formalismo, de um falso zelo que destrói o Evangelho.⁷⁴

1.3 Zelotes

Um exemplo de zelo destrutivo também são os zelotes. Como visto anteriormente, zelote advém do termo “*qana*” e “*zêlôtês*”. Os zelotes eram um grupo judaico que, por um forte zelo pela nação de Israel, eram totalmente contra o jugo imposto por Roma e outras nações. Josefo conta que o movimento começou quando os romanos mandaram dois representantes (Copônio e Quirino), para fazer um recenseamento e anotar as propriedades judaicas a fim de cobrar impostos. Judas, um líder judeu, não aceitou de bom grado, e devido ao seu zelo pela nação e ódio pelos dominadores, voltou o povo contra Roma.⁷⁵ Judas interpretava o primeiro mandamento como sendo decisivo para a sua posição, pois entendia que ninguém deveria ser honrado como rei ou senhor. Sendo assim, pagar impostos constituiria em idolatria. O movimento foi tão forte que os zelotes entregavam suas vidas por sua crença. O movimento durou de Judas (6 a.C.) até os defensores da fortaleza de Massada (74 d.C.).⁷⁶

O movimento, embora semelhante ao zelo dos fariseus, não pode se relacionar a esse grupo, pois os fariseus aguardavam a intervenção de Deus quanto ao domínio estrangeiro e não usavam força para isso.⁷⁷ Ainda menos relacionado com esse movimento foi Jesus; embora um dos seus discípulos havia feito parte desse movimento. O ensino de Jesus quanto ao tributo a César (Mc 12.13-17), sua posição quanto ao sábado (Mc 2.23-27) e a lavagem cerimonial (Mc 7.15) atestam exatamente o oposto ao movimento.⁷⁸

Simão era o discípulo que fez parte do movimento dos zelotes. “Este nome lhe foi dado, ou porque ele era membro da seita judaica dos *zelotes*, os extremistas no repúdio da dominação romana, ou porque ele manifestava ardente zelo na obra da evangelização” (grifos do autor).⁷⁹ A maioria dos autores defende que ele participou do grupo dos zelotes antes de ser chamado por Jesus.⁸⁰ Ao converter-se, Simão teve sua vida transformada e abandonou o

⁷⁴ SOEIRO, Rodrigo. **Obedecer é melhor que sacrificar**. Igreja Central, ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab_channel=IGREJACENTRAL>. Acesso em: 21 jun. 2022.

⁷⁵ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886-887.

⁷⁶ COENEN, 2007, p. 2685-2686.

⁷⁷ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 887.

⁷⁸ COENEN, 2007, p. 2686.

⁷⁹ BUCKLAND, 1981, p. 450.

⁸⁰ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886.

fanatismo e a violência, pois o seu zelo foi transformado por Deus. Entendeu que a conquista do mundo não era por força, mas pelo Espírito Santo (Zc 4.6).

O zelo destrutivo dos zelotes gerava morte e destruição, tanto espiritual quanto física. Observavam rigorosamente o sábado e a circuncisão era exigida até dos pagãos. Usavam violência física, força e até mesmo intrigas para libertar Israel. O grupo apelava “para ataques terroristas e que não hesitava em resistir às autoridades romanas das mais ousadas e atrevidas maneiras”. Não pagavam impostos e até mesmo assassinavam oficiais do governo e lutavam contra o idioma grego (“símbolo de dominância”). Seu zelo estava tão distorcido que até mesmo prediziam que o tempo da salvação estava próximo. No entanto, criam que a salvação se resumia em liberdade política e do domínio estrangeiro, o que só seria conquistado rejeitando os outros governos.⁸¹

1.4 Farisaísmo (Lc 18.9-17; Mt 23)

Os fariseus (Φαρισαῖος) tiveram a sua origem no grupo dos “*hberim*” (confederados). Por conta de o povo não guardar a lei. Esse grupo separou-se, a fim de seguir com exatidão a lei, apresentando uma comunidade pura para a vinda do Messias.⁸²

1.4.1 O zelo farisaico

Para eles, tanto a lei escrita como a lei oral (passada pelos mestres) tinha validade. A lei deveria ser interpretada como os escribas a interpretavam.⁸³ Eram excelentes observadores da lei, adotando métodos mais rígidos possíveis e sendo o maior poder espiritualmente formativo da época de Jesus. Contudo, passaram a ser um grupo de formalismo severo, estreito e rígido, importando-se mais com a forma do que com a essência, com o tradicionalismo do que com as pessoas.⁸⁴ “Mostravam zelo especial ao insistir que as leis do dízimo e do ritual de purificação fossem mantidas (Mt 23.23-26; Mc 7.1-13; Lv 11.37-42; 18.12)”.⁸⁵ Por serem os porta vozes da população, carregavam grande autoridade, mas ao longo do tempo os propósitos originais do grupo perderam-se e viraram um grupo extremamente ritualístico.⁸⁶

Para exemplificar, eles determinaram trinta e nove tipos de ação que, supostamente, eram proibidos para o dia do sábado. Além dessas elaborações, eles também aumentavam a importância da lei, criando analogias, de tal modo que coisas que muitas pessoas sérias nem levariam em conta, eles transformavam em questões importantes. Em sua ignorância, após tantos acréscimos feitos por eles, ainda afirmavam que sua doutrina era antiga, procedente de Moisés, como preceitos dados no monte Sinai.⁸⁷

⁸¹ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 886-887.

⁸² MULLER, D. Fariseu. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 798-801.

⁸³ YOUNGBLOOD, Ronald F (org.). **Dicionário ilustrado da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 552.

⁸⁴ MULLER, 2000, p. 798-801.

⁸⁵ YOUNGBLOOD, 2004, p. 553.

⁸⁶ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 689.

⁸⁷ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 689.

Todos os evangelhos mencionam os fariseus, assim como Paulo em algumas de suas cartas. Jesus foi alguém que lutou fortemente contra o farisaísmo, pois, em sua busca zelosa e ardente pela lei, acabaram endurecendo-se em um formalismo religioso, fazendo o contrário daquilo que desejavam: agradar a Deus. Seu zelo cego estava sendo destrutivo, tanto que os “ais” de Jesus apresentam uma condenação bem marcante (Mt 23; Jo 3.1,4,9; 7.50; 11.46-47,57; 19.39). Embora Jesus os condenasse, Lucas traz a visão de que Ele também demonstrava amor comendo e conversando com eles. Havia até mesmo fariseus cristãos e alguns chegaram a avisar Jesus dos atentados contra Sua vida.⁸⁸

Um dos grandes erros dos fariseus era colocar a lei escrita e a oral com a mesma autoridade divina. Para o grupo, cumprir a lei é expressão do amor de Deus, uma dádiva. Também viam “a aderência à tradição oral, com as suas regras para a interpretação da Lei, como o caminho para o cumprimento da Torá”.⁸⁹ Criam que o jejum, as esmolas, as abluções e as confissões fossem o suficiente para apagar seus pecados e também criam que os pensamentos em si não eram pecaminosos.⁹⁰ Jesus, em contrapartida a essa visão deturpada, em Mateus 12.7, cita Oséias 6.6: “Pois desejo misericórdia, não sacrifícios”. Assim como no caso de Saul, Jesus rejeita esse tipo de atitude.⁹¹

Jesus também detestava como, em seu zelo pela lei e não pela lei do amor, excluía os pecadores e os de má reputação (Mt 9.11; Mc 2.6; Lc 5.30). “Os fariseus preocupavam-se com o julgamento divino, o perdão e com a nação santa de Israel, mas sua atitude era negativa: a separação e a preocupação com as minúcias da Lei”. Pelo contrário, Jesus demonstra um zelo construtivo e amoroso, sarando as doenças, curando os que necessitavam e levando salvação a todos.⁹²

Embora fossem sinceros em sua busca, o modo como entendiam a Deus e a Lei, fez com que ficassem cegos em seu zelo. Basearam-se em seus méritos e no orgulho. O que tanto procuravam estava na pessoa de Cristo, revelada em carne a eles, mas por conta de sua cegueira condenaram Ele a morte, agindo contra o próprio Deus por quem tanto zelavam. Sua história é triste e mostra como um zelo cego pode destruir o que é essencial, ou seja, “destruiu” ao próprio Deus. “A preocupação deles com o cumprimento preciso de cada mandamento ficou sendo um fim em si mesmo, que impedia que eles mesmos entrassem no reino de Deus, e que eles deixassem outros entrarem”.⁹³ “A salvação que tão ciosamente pretendiam possuir contra os gentios, agora chegou aos gentios, sendo os judeus, por isso, obrigados a arder de inveja contra eles (Rm 10.19; 11.11).” A única forma de contornar isso seria juntar-se aos gentios para participar da salvação em Cristo.⁹⁴

⁸⁸ MULLER, 2000, p. 801.

⁸⁹ MULLER, 2000, p. 801-802.

⁹⁰ BUCKLAND, 1997, p. 157.

⁹¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 239, 240.

⁹² MULLER, 2000, p. 801-802.

⁹³ MULLER, 2000, p. 802.

⁹⁴ BAUER, 1978, p. 1172-1173.

1.4.2 O farisaísmo contemporâneo: legalismo, tradição e exclusão na Igreja

Alguns cristãos de hoje em dia não se distanciam em muito dos fariseus. São zelosos pela palavra e pela lei, mas muitas vezes perdem-se em seu zelo sem perceber. A tarefa da Igreja é ajudar aqueles que estão aflitos, com suas almas paralisadas; mas, ao invés disso, cai em um zelo pela doutrina e esquece do ferido e perdido. “Os adversários de Jesus estavam bem-intencionados, mas mal orientados. Todas as pessoas têm intenções boas, mas o mundo não sofre nenhuma transformação profunda por causa dessas intenções boas”.⁹⁵

Os adversários de Jesus aparentemente não estavam na sinagoga para aprender, ensinar ou adorar a Deus, mas para observar o que estava para acontecer e proferir uma sentença (3.2). Quando nós vamos à igreja, devemos ter um sentimento de amor fraterno (Hb 10.24). Muitas pessoas vão à igreja para observar como o próximo está vestido, para observar erros de português na pregação do pastor, para tecer críticas a quem está ministrando louvor... e assim humilhando quem está em busca de alívio para seu sofrimento.⁹⁶

Os sistemas criados pelas Igrejas muitas vezes colocam barreiras e as pessoas não conseguem achar ajuda. Do mesmo modo que os fariseus, os interesses próprios causam um zelo destrutivo. A Igreja deve ser o centro de restauração. Muitas vezes, é a última esperança de uma alma que não achou saída em nenhum outro lugar.⁹⁷ “Quando alguém chega até a igreja, é porque não vê mais saída para sua vida em nada, apenas em Jesus”. Se a Igreja se mostra zelosa com suas leis e práticas sem olhar para os outros como os fariseus, essa pessoa em busca de respostas pode nunca mais encontrar o Evangelho, pois quando achou que encontraria a resposta na Igreja, acabou não achando. Ao invés do Evangelho, encontrou apenas regras e práticas vazias. A lei sem o amor é vazia e as estruturas e as regras devem servir para alcançar o perdido, mas por vezes a Igreja cai no erro de odiar aqueles que abrem mão do tradicionalismo para alcançar vidas perdidas.⁹⁸

Barclay afirma que o homem que “coloca as suas próprias ideias no lugar que Deus deve ocupar, seguindo teimosamente o seu caminho, está prestes a atingir uma condição em que seu coração se tornará petrificado, em que seu coração e sua consciência se tornarão insensíveis e seus olhos ficarão cegos”.⁹⁹ O poder dos fariseus foi confrontado quando Jesus e seus seguidores agiram diferente do que esperavam. Como revolta, manipularam as multidões para crucificar a Cristo, pois queriam proteger seu status, defender o seu tradicionalismo e sua organização religiosa. Assim ocorre nos dias de hoje, quando líderes também por estarem firmados nos sistemas que construíram, tentam de tudo para acabar com a vida daqueles que tentam modificar seu sistema religioso e o seu tradicionalismo. Jesus

⁹⁵ SCHACH, Vanderlei A. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3.1-6: características e avaliação crítica**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007, p. 109.

⁹⁶ SCHACH, 2007, p. 109-110.

⁹⁷ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 313-316.

⁹⁸ SCHACH, 2007, p. 110-112.

⁹⁹ BARCLAY, W. **Palavras-chaves do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 171.

deve ser o ponto focal e não a tradição, pois Cristo não compartilha a Sua glória com mais ninguém. Jesus alerta: líderes, não sejam como os fariseus.¹⁰⁰

O zelo destrutivo dos fariseus se reflete na destruição de vidas em nome da tradição e da “doutrina”. É visto quando um pai castiga severamente seu filho adolescente por não participar do culto doméstico ou na consternação de um pai porque seu filho é muito novo e quer se batizar. Esse zelo destrutivo é notado quando o valor do exterior se sobrepuja ao do interior, “valendo mais o corpo do que o espírito; a frieza da ortodoxia interceptando o calor da verdadeira fé”. Infelizmente nesse modelo de zelo, as regras têm mais peso do que a Palavra de Deus e a vida humana. “Códigos de ética alienados da graça exigem padrões que superestimam a justiça humana e subestimam a misericórdia divina. Faz vão todo esforço para satisfazer modelos legalistas. De que vale a intensidade do ritual sem o mérito do Calvário?”¹⁰¹

Pode uma doutrina contaminar-se culturalmente? Se a santificação (doutrina) depende do véu ou do corte de cabelo (cultura), já está afetada pelo irrelevante. De igual modo a oração (doutrina), se tem que ser com os joelhos em terra (cultura). Riqueza de forma e pobreza de conteúdo é formalismo. Exterior plenificado e interior vazio é prazer ilusório e efêmero. Por vezes o ativismo, em vez de promover crescimento, leva à formalidade. É o caso do irmão que não perdia um culto sequer, não obstante trabalhando o dia todo. Do emprego ia direto às reuniões, elogiado por esse invejável desprendimento, um belo dia (belo ou feio?), alguém da família procurou o pastor e relatou as negligências daquele membro da igreja como esposo e pai.¹⁰²

Jesus sempre colocou as pessoas como prioridade e só depois as tradições e as regras. “Em termos práticos, isto quer dizer que o líder, às vezes, tem de quebrar as tradições ‘sagradas’ e derrubar barreiras. E isso, não raro, requer muita coragem”. É necessário ressaltar que as tradições podem trazer e trouxeram grandes benefícios ao longo da história, pois foram adotadas em momento de necessidade quando trouxeram benefícios às pessoas e ao Reino, gerando estabilidade e raízes profundas. O problema é quando elas são mantidas e, ainda, mantidas acima do benefício às pessoas e ao Reino.¹⁰³

Jaime Kemp traz um triste exemplo do que o tradicionalismo pode fazer atualmente:

Em uma dessas visitas, a igreja do integrante da equipe era das mais formais. Não sem certo constrangimento e nervosismo, chegamos sob muita oração para participar de um culto. Um outro jovem do grupo convidara suas tias descrentes para assistir à apresentação. Seria a primeira vez que elas entrariam em uma igreja evangélica. Bem, não é fácil frear o entusiasmo de dezoito, vinte jovens. Fazendo o máximo para manter a formalidade exigida, preparamos tudo para o início do culto. À porta de entrada do santuário, dois diáconos se postavam, um de cada lado, em postura que me foi inevitável lembrar dos guardas da entrada do Palácio de Buckingham, na Inglaterra. E foi nesse clima que as tias descrentes daquele outro jovem da equipe

¹⁰⁰ RINEHART, 2021, p. 130-131.

¹⁰¹ REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra**: reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p. 87-89.

¹⁰² REIS, 2004, p. 89.

¹⁰³ YOUSSEF, Michael. **O estilo de liderança de Jesus**. Belo Horizonte: Betânia, 1987, p. 65-66.

chegaram. Elas tinham subido as escadas e estavam atravessando o átrio e se dirigindo à porta do salão de cultos, quando de forma (digamos...) não *muito* sábia, um dos diáconos as barrou dizendo: — Minhas senhoras, desculpem, mas não poderão entrar de calça comprida — e apontou para um quadro onde se lia: ‘NO SANTUÁRIO VOCÊ: NÃO PODE VESTIR CALÇA COMPRIDA, NÃO DEVE... NÃO..., NÃO..., NÃO...’ — Se as senhoras quiserem — continuou ele — poderão ouvir o programa em um dos salões do andar inferior. O alto-falante estará transmitindo toda programação. Aquelas senhoras, como já disse, nunca haviam entrado em uma igreja evangélica e não entendiam nada sobre rituais e formalidades. Sentiram-se rejeitadas, deslocadas e, talvez, até discriminadas. Entreolharam-se e sem titubear preferiram ir embora. Assim, duas vidas perderam uma ótima oportunidade de ouvir o Evangelho. Pergunto-me: será que depois disso, elas sentiram alguma vontade de visitar novamente qualquer outra igreja evangélica?¹⁰⁴

Como o referido autor destaca em seu livro: “É lamentável prestarmos mais atenção e sermos mais dedicados à obediência das tradições do que ao amor pelas pessoas carentes de Cristo. Para o inferno com nosso cerimonialismo, legalismo e formalismo!” As palavras dele foram duras, mas uma coisa é certa - as de Jesus contra os fariseus foram muito piores. É preciso agir diferente para que não se ouçam essas duras palavras de Cristo contra a Sua Igreja hoje.¹⁰⁵

1.5 Paulo

Paulo nasceu em Tarso, incorporada na província da Síria. Nasceu como cidadão romano e seus pais eram extremamente religiosos. Paulo foi instruído aos pés de Gamaliel desde sua mocidade, dedicando-se fervorosamente aos ensinamentos judaizantes, sendo conhecido como um homem de grande zelo religioso.¹⁰⁶ Ele provavelmente era membro do Sinédrio, pois recebera a função de sumo sacerdote para a perseguição, assim como devia ter um cargo de grande influência. O ensino dos doutores resultou em um ardente zelo pela defesa das tradições dos antepassados.¹⁰⁷

1.5.1 Perseguidor de Deus

O apóstolo pertenceu ao grupo mais radical do farisaísmo, o qual se importava com o zelo e gostava de ser chamado de “zelotes, zelosos”. Devido ao seu zelo, ficaram enfurecidos com a pregação de uma mensagem contraposta à lei, de que os cristãos-judeus anunciavam um Messias maldito pela lei por conta de sua morte de cruz (Dt 21.22-23; Gl 3.13). E, ainda, pregavam salvação aos gentios, o que fez com que os fariseus se tomassem de um zelo radical e perseguissem os cristãos severamente (At 11.1-2; 15.1-2,5).¹⁰⁸ A perseguição foi a válvula de escape para o zelo ardente de Paulo pelas tradições judaicas e pela lei. Israel só sobreviveria

¹⁰⁴ KEMP, Jaime. **Pastores em perigo**: ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 153-154.

¹⁰⁵ KEMP, 2006, p. 154-155.

¹⁰⁶ CHAMPLIN, 1995, vol. 5, p. 120-121.

¹⁰⁷ DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 449.

¹⁰⁸ POHL, Adolf. **Carta aos Gálatas**: comentários esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 50-51.

se os seguidores de Jesus fossem aniquilados.¹⁰⁹ Jesus pronunciou: “virá o tempo quando quem os matar pensará que está prestando culto a Deus” (Jo 16.2). Parece que isso se cumpriu em Paulo. Mesmo após os judeus conseguirem limpar a “cidade santa” da “heresia”, Paulo ainda queria todos os outros adeptos mortos, o que o levou a Damasco.¹¹⁰

No texto de Filipenses 3.4-6, observa-se como Paulo possuía motivos para se orgulhar de suas raízes farisaicas e de seu zelo pela lei. Ele ia muito além dos líderes religiosos da época e, se a questão fosse méritos e qualificações, importantíssimos para os fariseus, Paulo tinha-os de sobra.¹¹¹ Circuncidado ao oitavo dia, como exigia a lei (Lv 12.3), pertencente a tribo de Benjamin, possuindo raízes antigas no povo de Deus. “Paulo não era, pois, um convertido à fé judaica, admitido a raça como adulto, como prosélito. Ele nascera judeu, da linhagem de Israel. Ser israelita, membro da nação eleita, era motivo de orgulho”¹¹²; era fariseu, ou seja, cuidava e guardava toda a lei com zelo, fazendo o que achava ser a vontade de Deus com fervor. Se alguém podia orgulhar-se do seu zelo, esse era Paulo. Ele levou tão a sério o seu zelo que foi perseguidor da Igreja.¹¹³

Paulo sabe o que significa realmente levar a sério toda a lei. Ele próprio fora fariseu. Havia levado esse zelo pela lei radicalmente a sério. Por isso ele não combateu apenas com palavras os cristãos, esses sonhadores, que de forma tão ridícula quanto blasfema pretendiam ver em um criminoso vergonhosamente executado o Messias de Israel, o filho do Exaltado, mas também tentou exterminá-los sistematicamente.¹¹⁴

O verbo *dioko* (caçar) é a expressão para designar a perseguição de Paulo. Mostra o rigor do apóstolo para combater as “heresias” pregadas pelos discípulos de Jesus. Paulo estava cego, achando que agradava ao Senhor, quando na verdade perseguia o próprio Senhor (At 9.4-5; 1Co 8.12; 1Tm 1.12-15). A consciência de Paulo estava limpa, agia em pleno zelo pela Lei da qual era profundo estudioso, sendo considerado irrepreensível.¹¹⁵

A frase apresentada em Gálatas 1.13, “como perseguia com violência a igreja”, vem da frase grega “*kath hyperbolon*”, que significa “ir além das medidas, excessivamente”. Mostra a severidade e o entusiasmo gerado pelo seu tremendo zelo, que pode levar um homem a destruir sobremaneira a outros. Paulo percebeu mais tarde que esse ato foi longe demais até mesmo para um judeu piedoso.¹¹⁶

“Com veemência cada vez maior ele foi tomado pelo ‘zelo por Deus’ (Rm 10.2), assim como ele o entendia naquele tempo. No pretenso serviço a Deus, ele perseguiu a igreja de Deus”.¹¹⁷ “Como isso poderia ser compreendido: Paulo, devotado a Deus e, apesar disso, um

¹⁰⁹ YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086.

¹¹⁰ POHL, 1999, p. 50-51.

¹¹¹ MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 141.

¹¹² MARTIN, 1985, p.141-142.

¹¹³ HAHN, Eberhard. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses**: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2006, p. 234-235.

¹¹⁴ HAHN, 2006, p. 234-235.

¹¹⁵ MARTIN, 1985, p. 142-143.

¹¹⁶ GUTHRIE, Donald. **Gálatas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 80.

¹¹⁷ POHL, 1999, p. 52.

atroz rebelde contra a causa sagrada de Deus?” Como visto anteriormente, os fariseus criam que cumprir a lei era amar e fazer a vontade de Deus. Neste sentido, Paulo entendeu que:

Quem realmente ama a lei de Moisés (a Torá) e teme ao extremo a sua violação, poderá ser reconhecido pelo fato de que também cumpre essas determinações adicionais. Disso resultava tamanha concentração nos acréscimos que esses alcançaram praticamente o predomínio. A halaká superou a Torá. Paulo estava totalmente possuído por esse ideal. Ele correspondia à sua mais profunda percepção de fé e, naquela época, não significava um peso para ele, mas segundo Fp 3.7 considerava-o como ‘lucro’.¹¹⁸

Esse zelo destrutivo fez com que Paulo queimasse pessoas, matasse homens e mulheres em suas moradias, acorrentasse, ameaçasse, açoitasse na sinagoga, forçasse as pessoas a negarem sua fé, entre tantos outros atos horrendos.¹¹⁹ “Um zelo exagerado e destrutivo numa causa errada pode causar muitos danos, conforme Paulo descobriu à sua própria custa”.¹²⁰

1.5.2 Intolerância teológica e zelo destrutivo no contexto cristão atual

Assim como o zelo de Paulo gerou oposição aos cristãos, é possível que na atualidade as divergências teológicas gerem agressividade e falta de amor, mesmo que parta de um coração sincero e zeloso pela verdade. “A intransigência ortodoxa pode degenerar-se em exclusivismo e rancor. Marginaliza-se, então, quem professe diferente fé ou leia noutra cartilha, quando não é perseguido e maltratado. Assim atuou o Saulo fariseu (Gl 1.13-15).” Terrorismo em nome da fé nunca foi e nunca será construtivo, mas sempre um zelo destrutivo disfarçado de amor por Deus.¹²¹

Repercutiu mal, faz muitos anos, o zelo de um líder. Cobrando veementemente a santidade, mínimos deslizes motivavam a disciplina cirúrgica, com alarmante desfalque no rol de membros. Este é um meio de contabilizar prejuízos incalculáveis à causa. Temendo que a igreja desaparecesse do mapa, aproximou-se dele um crente idôneo e lhe foi franco: “Lembre-se de que você é imperfeito; procure recuperar os faltosos com sabedoria e amor, antes de lançá-los fora”. A rejeição ao diferente chega ao extremo. Não se contentando em cortar a convivência pacífica, tenta eliminar cruelmente a oposição, seguindo o modelo de Saulo de Tarso.¹²²

Paulo, ao encontrar-se fazendo cumprir as mínimas leis, se achava um homem zeloso e temente a Deus. Mal sabia ele quanto seu zelo estava destruindo a obra de Deus. Assim é o homem cristão quando foca tanto nos pormenores. Ao ver-se “cumprindo” a vontade de Deus e sendo religioso, encontra-se no direito de julgar os demais pecadores por não fazerem o mesmo. Assim como Paulo desprezou os que ele considerava pecadores, também age assim o cristão com o zelo destrutivo.¹²³

¹¹⁸ POHL, 1999, p. 52.

¹¹⁹ POHL, 1999, p. 52.

¹²⁰ GUTHRIE, 1999, p. 81.

¹²¹ REIS, 2004, p. 90.

¹²² REIS, 2004, p. 90.

¹²³ YOUNGBLOOD, 2004, p. 553-554.

2. CONCEITO POSITIVO DE ZELO

É necessário alertar que o zelo por si só não é prejudicial. Pelo contrário, é Palavra de Deus. O errado é o zelo exacerbado, que acaba por ser destrutivo e por fugir da vontade de Deus. Na vida de Paulo, pode ser visto como um falso zelo pode ser transformado e como Deus é um Deus zeloso. O próprio apóstolo, como se verá, chamava os homens ao zelo, porque se este for por amor a Cristo é ótimo e deve ser vivido (Jo 2.17). Será visto que “há um zelo positivo pelo bem-estar dos outros (2Co 7.7; 9.2), por aquilo que é justo (1Pe 3.13) e pelas boas obras (Tt 2.14), mas aqui, também, o amor deve preponderar sobre o zelo”.¹²⁴

O bom zelo serve para edificação da Igreja, levando os cristãos a praticá-lo. O bom zelo opõe-se ao zelo destrutivo, colocando-se como um zelo justo e piedoso, pelas coisas do alto (1Co 12.31; 14.1). Deus não deseja um zelo fraco ou apagado e até mesmo alerta para a falta de zelo, pois o excesso e a falta de zelo não correspondem a vontade de Deus.¹²⁵ O zelo correto é um amor, não como emoção meramente, mas como um ato consciente de obediência, mostrando zelo apaixonado e ardente por Deus.¹²⁶

2.1 Paulo e a transformação do zelo pela graça

Apesar de todo o zelo destrutivo de Paulo, a graça de Deus o alcançou no caminho para Damasco, enquanto destilava ódio contra a causa de Cristo. Ao ouvir claramente a voz daquele a quem perseguia (Cristo), teve uma grande reviravolta.¹²⁷ Isso levou Paulo a questionar tudo que acreditava:

...se estava disposto a reconhecer na cruz de Cristo a sentença de Deus sobre a autocompreensão que tinha até então, isto é, a condenação do esforço judaico para alcançar a justiça por meio do cumprimento das obras da lei. Ele, que inicialmente havia rejeitado essa pergunta com indignação e se havia tornado perseguidor da comunidade, dobrou-se em sua conversão sob o juízo de Deus. Pois justamente este é o sentido de sua conversão: a renúncia à autocompreensão que teve até então, isto é, a renúncia àquilo que até então fora norma e sentido de sua vida, o sacrifício daquilo que fora até então seu orgulho (Fp 3.4-7). Sua conversão [...] representou a sujeição obediente sob o juízo de Deus manifesto na cruz de Cristo.¹²⁸

Ser achado em Cristo significa que Paulo não é mais encontrado na Lei (Fp 3.9). Agora toda a vida de Paulo é moldada pelo partilhar da morte e ressurreição de Cristo (Fp 3.10,11), e o processo de ser transformado em Cristo é contínuo na vida de Paulo.¹²⁹

Dessa forma, Paulo transformou-se no defensor do movimento que tentou destruir. “Quando se deu conta de que Jesus, que ele perseguia, estava vivo e fora exaltado como Filho de Deus, isso expôs a fraqueza da lei judaica”. Viu na fé em Cristo a salvação. Sendo a fé o

¹²⁴ COENEN; BROWN, 2007, Vol. 2, p. 2685.

¹²⁵ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1978, p. 1170.

¹²⁶ COPPES, 1998, p. 1350.

¹²⁷ YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086.

¹²⁸ BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004, p. 243.

¹²⁹ POWERS, 2012, p. 992.

caminho, os gentios também poderiam ser aceitos por Deus, assim como os judeus. Isso foi umas das grandes implicações para Paulo.¹³⁰ Os textos de Gálatas, Filipenses e alguns outros, vistos anteriormente, mostram a transformação de um judeu zeloso em alguém zeloso pela causa de Cristo. Paulo entendeu no processo que Cristo é o fim da lei. Então, “Paulo abriu mão de sua justiça baseada na Lei para receber a justiça de Deus, que se baseia na fé em Cristo”. Grande confirmação disso é a defesa posterior de Paulo de que os gentios não necessitavam da circuncisão, pois Paulo entendeu que a justificação é pela fé em Cristo e não pelo zelo da lei.¹³¹

Mas como um zelo destrutivo transformou-se em um zelo pelo Evangelho? O que foi tão poderoso? Certamente a experiência pessoal com Cristo que causou tremenda mudança.¹³² A experiência foi tremenda, que redirecionou seu zelo para feitos extraordinários como missionário. Guthrie aponta que talvez Paulo também quisesse compensar o dano que havia causado à igreja.¹³³ A transformação gerada na vida de Paulo não é e não pode se basear em experiências humanas. O fato do mais zeloso entre os seus, irrepreensível na lei e nas tradições, tornar-se um seguidor do Messias crucificado e pregador aos gentios, proclama a grande obra divina realizada na vida de Paulo.¹³⁴ “O nome que ele perseguiu será o mesmo que ele apresentará aos gentios, aos reis e ao povo de Israel, e sofrerá por causa desse mesmo nome”.¹³⁵ Paulo, antes defensor do judaísmo, agora rejeita suas tradições e aponta o zelo destrutivo do farisaísmo. Aponta a justiça falha e a religiosidade do grupo.¹³⁶

O motivo de Paulo frequentemente chamar atenção para seu zelo anterior, tem o foco de “demonstrar a origem divina de um evangelho com poder suficiente para transformar um inimigo violento como ele em missionário zeloso”. Reforça como nenhum esforço ou filosofia humana teria poder para refrear seu zelo pelo judaísmo e pela lei.¹³⁷

Difícilmente poderia ter havido um antagonista mais notório da Igreja Cristã. Sua transformação veio a ser, não somente um testemunho indisputável do poder de Deus, em benefício dos outros, mas também uma causa incessante de assombro para o próprio Paulo. Entre os estudiosos contemporâneos da lei e dos costumes judaicos, sentia que tinha poucos iguais. Ao invés de demonstrar orgulho nesta realização, Paulo fica maravilhado que Jesus Cristo tivesse vindo salvar um fanático farisaico tão empedernido quanto ele.¹³⁸

Agora Paulo via tudo que considerava como lucro - a circuncisão, o sangue puro, o zelo da lei e a tradição - como perda. “Jesus é tão cabalmente diferente, tão novo, tão maravilhoso que os valores terrenos não desvanecem diante dele, mas o maior ganho interior que um ser humano puder ter torna-se ‘perda’!” Paulo abriu mão de muitas coisas: seu povo, sua tradição,

¹³⁰ YOUNGBLOOD, 2004, p. 1086-1087.

¹³¹ POWERS, 2012, p. 994-998.

¹³² CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 122.

¹³³ GUTHRIE, 1999, p. 80.

¹³⁴ POWERS, 2012, p. 992.

¹³⁵ POWERS, 2012, p. 993.

¹³⁶ POWERS, 2012, p. 992,997.

¹³⁷ GUTHRIE, 1999, p. 80-82.

¹³⁸ GUTHRIE, 1999, p. 81.

seus preceitos, talvez até mesmo sua família, pela certeza de Cristo.¹³⁹ A palavra usada por Paulo para relatar o que significava sua antiga vida e seus costumes, em Filipenses 3.9, é esterco. No original, traz um peso bem grande: como estrume, excrementos humanos, lixo, comida apodrecida, algo extremamente desprezível. O que ele almeja agora é o conhecimento de Cristo.¹⁴⁰

Depois de toda essa experiência, o zelo de Paulo é direcionado para a causa certa. Seu zelo preocupava-se agora com a igreja e a levava a procurar imitar a Cristo através de seu exemplo, como é visto fortemente na carta de Paulo aos Coríntios. O zelo transformando de Paulo pode ser comparado com o zelo de Deus, por cuidar da igreja para que essa não seja infiel (2Co 11.2) e para que a mesma seja fiel a Cristo, provocando a salvação deles (2Co 11.2).¹⁴¹ “Paulo tinha um bom zelo em favor das igrejas que havia fundado, para que prosperassem no sentido espiritual” (2 Co 11.2).¹⁴² Alegrava-se agora se os irmãos tivessem um zelo por Cristo (2 Co 7.11), se estavam ardendo pela obra missionária e se preocupando com o bem-estar uns dos outros.¹⁴³

Foi visto que um zelo cego e destrutivo pode levar à perseguição da igreja, à morte, à uma vida espiritual reprovável perante Deus, mas um zelo transformado pode gerar um impacto maior ainda, pois, como visto na vida de Paulo, sua conversão influenciou não somente sua própria teologia, mas definiu o Cristianismo.¹⁴⁴

2.2 O zelo santo de Deus: santidade, amor e fidelidade à aliança

O zelo de Deus está fortemente ligado com a sua santidade, pois são diferentes matizes de um mesmo atributo. “Ora, o zelo do Senhor opera em defesa da sua santidade, de tudo que lhe pertence, especialmente de seu povo”.¹⁴⁵ A Bíblia apresenta-O como Deus zeloso (Êx 20.5; 34.14; Dt 6.14s). Como está intimamente ligado com a santidade, o zelo com o seu próprio nome e com o sagrado é importantíssimo. Quando Deus está no centro, o seu zelo santo mostra-se muitas vezes até mesmo impetuoso e está totalmente ligado a Ele. Muitos são os exemplos de como Deus se importa com o seu zelo: “Uzá morreu ao tocar a arca (2Sm 6.6ss), o altar não deve ser tocado (Êx 29.37), os objetos sagrados nem mesmo podem ser vistos (Nm 4.18-20), o sagrado é transmissível (Lv 6.20s; Ez 44.19), etc”.¹⁴⁶

O zelo ciumento de Deus decorre da sua relação como marido de Israel. Deus não permite que o seu povo se proste diante de outros deuses, isso é considerado idolatria e adultério, e quando isso ocorre, Deus age com ira e justiça (Ez 5.13; 8.3,5; 16.38). Deus castigou o povo por sua idolatria levando-os ao Exílio, mas depois voltou-se contra aqueles que maltrataram Seu povo. O zelo por Seu Nome é tamanho que toda terra sentiu sua ira (Sf

¹³⁹ HAHN, 2006, p. 236-237.

¹⁴⁰ MARTIN, 1985, p. 143-145.

¹⁴¹ BAUER, 1978, p. 1172.

¹⁴² CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 886.

¹⁴³ COENEN, 2007, p. 2685.

¹⁴⁴ POWERS, 2012, p. 998.

¹⁴⁵ CRABTREE, 1977, p. 107.

¹⁴⁶ RAD, Von Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1973, vol. 1, p. 208,210.

3.8).¹⁴⁷ O zelo de Deus também se volta contra os malfeitores e idólatras para castigá-los com sua ira divina (Dt 29.20; Nm 25.11).¹⁴⁸

O que sustenta Sua santidade é o Seu zelo. Foi no culto que Israel conheceu essa característica de Deus, revelando sua essência. Referente ao zelo, Deus é a pessoa no mais alto grau de intensidade quanto ao Seu Nome.¹⁴⁹ “O seu zelo é despertado principalmente pelo culto que o seu povo presta a deuses falsos (1Rs 14.22; Dt 32.21). O Senhor tem zelo pelo seu santo Nome (Ez 39.25); pela sua terra (Jl 2.18); por Jerusalém e por Sião (Zc 1.14); e por seu povo (Ez 36.6-15)”.¹⁵⁰ Ele deseja ser único para Israel, o que está intrinsicamente relacionado ao primeiro mandamento. Seu exclusivismo é intransigente, o que não é visto em mais nenhuma religião. “Javé é o Deus de Israel eternamente desde sempre (Sl 44.2; 74.2,12)”. Somente Deus pode ser o Deus de Israel, pois não existe outro: “Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim (Is 43.10b)”.¹⁵¹

O zelo de Deus não se refere apenas a castigo, ele também opera para bem e salvação. Assim foi para com os exilados, fazendo-os retornar (Is 42.13). Ele está constantemente agindo por Seu povo, seu zelo cuida de sua noiva para que ela esteja preparada para a sua vinda. O zelo de Deus é permeado por sua graça e amor eterno.¹⁵² É revelado em misericórdia para aqueles que O temem e é mostrado no cuidado contra as outras nações.¹⁵³

No Novo Testamento, pode-se ver esse mesmo zelo na figura do Filho, quando os discípulos lembram do Salmo 69.10 ao verem Jesus purificando o templo na passagem de João 2.17¹⁵⁴: “Seus discípulos lembraram-se que está escrito: ‘O zelo pela tua casa me consumirá’” (Jo 2.17). “Os piedosos (especialmente o Messias) são, portanto, consumidos por um ardor (ciúme) que os leva a exaltar a Deus mediante a manutenção da pureza da adoração (Sl 69.9) e a pureza da obediência no que diz respeito a toda a palavra de Deus (Sl 119.139)”.¹⁵⁵ Jesus possuía um forte zelo pela casa de Deus e pela lei de Deus. Frente a impiedade apresentada no templo, foi levado a agir contra a impiedade e a falta de zelo dos comerciantes.¹⁵⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como os textos bíblicos revelam como Deus é um Deus zeloso e que se importa com o cuidado de Suas coisas. Além disso, revela como o zelo pode ser construtivo ou destrutivo. Exemplo disso são os fariseus, que embora conhecessem muito as Escrituras, impunham um fardo pesado para o povo que os impedia de seguir a Deus. A vontade de Deus era que amassem a Deus de todo o coração, mas o seu zelo excessivo fez com que amassem mais as regras e as coisas. Saul, por sua vez, aparentava ser zeloso, mas

¹⁴⁷ COPPES, 1998, p. 1349-1350.

¹⁴⁸ COENEN, 2007, p. 2684-2685.

¹⁴⁹ RAD, 1973, p. 211-216.

¹⁵⁰ CRABTREE, 1977, p. 107.

¹⁵¹ RAD, 1973, p. 211-216.

¹⁵² COPPES, 1998, p. 1350.

¹⁵³ COENEN, 2007, p. 2684-2685.

¹⁵⁴ **Enciclopédia temática da Bíblia**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 398.

¹⁵⁵ COPPES, 1998, p. 1350.

¹⁵⁶ BAUER, 1978, p. 1170.

tinha motivos por trás de sua espiritualidade. Seu falso zelo destrutivo levou o povo a pecar. Os zelotes, em seu ardor matavam em nome de Deus e Paulo, que por zelar pela lei, perseguiu, aprisionou e matou cristãos. Querendo mostrar amor por Deus, perseguiu o próprio Deus na pessoa de Jesus.

Quando há zelo excessivo, o resultado é sempre esse ir contra a vontade de Deus. É necessário um equilíbrio entre o excesso de zelo e a falta de zelo para que Deus se agrade do Seu povo e a Sua vontade seja feita. Esse equilíbrio só pode ser alcançado ao conhecer a vontade de Deus na Palavra e como Ele tratou o assunto, assim como observar a perspectiva histórica e bíblica e ver o que deve ou não ser feito.

As consequências do zelo destrutivo são diversas. Apresentam-se em uma igreja que se preocupa muito mais com formalismo do que com a essência bíblica; imita o exemplo dos fariseus e se importa muito mais com a regra do que com a própria vida; não anseia por revitalização e sempre se mantém a mesma e não alcança novas pessoas; importa-se mais com dinheiro do que missões; dá mais importância a prédios do que a discipulado e, ainda, por querer defender a Palavra do mundanismo, fica bitolada e alheia às novas culturas e perde pontes de contato com os não cristãos.

O que Deus deseja é uma vida equilibrada - essa é a vontade de Deus. O equilíbrio é a chave para a vida cristã e isso se aplica também ao zelo.¹⁵⁷ Como afirma Stott, o equilíbrio no zelo é tudo: “Dou graças a Deus pelo zelo. Que jamais o conhecimento sem zelo tome o lugar do zelo sem conhecimento! O propósito de Deus inclui os dois: o zelo dirigido pelo conhecimento, e o conhecimento inflamado pelo zelo”.¹⁵⁸ A pessoa que zela pela vontade de Deus mostra-se permeada de amor e da direção do Espírito Santo, pois quando Ele não está presente, o homem está suscetível a erros terríveis.

Esse zelo perigoso ainda está presente no contexto eclesiástico e na vida das pessoas. Apenas as formas com que o zelo destrutivo se apresenta mudaram, mas no cerne ele age da mesma forma, deturpando o Evangelho, levando pessoas ao ódio, intolerância, ao erro e principalmente, a fugir da vontade equilibrada de Deus. É importante ver de forma prática como ele pode se apresentar para que, assim, ele possa ser identificado e evitado nas Igrejas e pelas pessoas de Cristo. Assim, somente um zelo moldado pelo Espírito Santo, enraizado na verdade do Evangelho e expresso em amor, pode preservar a Igreja tanto da apatia espiritual quanto do legalismo destrutivo, conduzindo-a a uma vivência fiel, saudável e redentora da fé cristã.

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, Joyce. **1 e 2 Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1997. 336 p.
- BARCLAY, W. **Palavras chaves do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

¹⁵⁷ MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

¹⁵⁸ STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001, p. 7.

- BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1978. 1173 p.
- BEEK, Joel R.; JONES, Mark. **Teologia Puritana: doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. 1504 p.
- BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. 6.ed. Miami: Vida, 1981. 453 p.
- BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004. 925 p.
- CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009. 2176 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 6. 1027 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuterônomo, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis**. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 2. 1460 p.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. Vol. 2. 2773 p.
- COPPEs, Leonard J. Qānā In: HARRIS, R. L; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. P. 1349.
- CRABTREE, Asa Routh. **Teologia do Velho Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. 310 p.
- CROCETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**. São Paulo: Paulus, 1994. 170 p.
- DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. 660 p.
- ENCICLOPÉDIA temática da Bíblia**. São Paulo: Shedd, 2012. 399 p.
- GUTHRIE, Donald. **Gálatas: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 208 p.
- HAHN, Eberhard. **Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 2006. 382 p.
- KEMP, Jaime. **Pastores em perigo: ajuda para o pastor, esperança para a igreja**. São Paulo: Hagnos, 2006. 253 p.
- MARTIN, Ralph P. **Filipenses: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. 186 p.
- MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Samuel; primeiro livro dos Reis de Israel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 196 p.
- MODES, Josemar Valdir. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

MULLER, D. Fariseu. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1. p. 798-803.

POHL, Adolf. **Carta aos Gálatas**: comentários esperança. Curitiba: Esperança, 1999. 208 p.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1973. Vol. 1. 482 p.

REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra**: reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 144 p.

SCHACH, Vanderlei A. **Fariseus e Jesus**: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3.1-6: características e avaliação crítica. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007. 200 p.

SCHULTZ, Samuel J. **Panorama do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 280 p.

SOCIEDADE Bíblica Internacional. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000. 1040 p.

SOEIRO, Rodrigo. **Obedecer é melhor que sacrificar**. Igreja Central, ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W3tESKXiaJ0&ab_channel=IGREJACENTRAL>. Acesso em: 21 jun. 2022.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001. 59 p.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1088 p.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 416 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: volume II, histórico. Santo André: Geográfica, 2006. 735 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (org.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.

YOUSSEF, Michael. **O estilo de liderança de Jesus**. Belo Horizonte: Betânia, 1987. 168 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.009



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

REINO DE DEUS: A BÍBLIA FALA SOBRE ISSO? The Kingdom of God: does the Bible talk about it?

Maira M. Trentin¹
Matheus da Nobrega²

RESUMO

O presente trabalho traz elementos reflexivos sobre o Reino de Deus, expressão corrente nos ambientes e tradições cristãs, e que a nível teológico apresenta diversos recursos interpretativos. A leitura integral das Escrituras, juntamente com a teologia bíblica e sistemática, é base das reflexões a seguir apresentadas, que estão organizadas em três sessões, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, o Reino de Deus é apresentado como assunto central das Escrituras Sagradas, sendo diferente de todos os outros conhecidos entre os seres humanos pois este Reino manifesta-se sobrenaturalmente. Na segunda, as principais características do Reino de Deus e sua principal missão: proclamar sua chegada e consumação futura. Na terceira e última parte, são enunciadas as formas de manifestação desse reino a fim de inspirar uma vida cristã fundamentada na ação de Deus. Por fim, o presente texto busca uma maior compreensão sobre o Reino de Deus, presente e vindouro, central nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Palavras-chaves: Teologia Bíblica. Reino de Deus. Vida Cristã.

ABSTRACT

The present work brings reflective elements about the God's Kingdom, the current expression in Christian environments and traditions, and which at the theological level

¹ Graduanda em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (FATIP), membro da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²), participante do grupo local de Campinas. E-mail: maira_trentin@hotmail.com

² Estudante de Teologia no Seminário Evangélico do Avivamento Bíblico (SEAB), integrante da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²), participante do grupo local de Campinas. E-mail: matheusnobrega@seabeduc.com

presents several interpretive resources. The whole reading of the Scriptures, together with biblical and systematic theology, is the basis of the reflections presented below, which are organized into three sessions, in addition to the introduction and closing remarks. In the first part, the God's Kingdom is presented as the central subject of the Holy Scriptures, being different from all others known among human beings because this Kingdom manifests itself supernaturally. In the second, the main characteristics of the God's Kingdom and its main mission: to proclaim its arrival and future consummation. In the third and last part, the forms of manifestation of this kingdom are enunciated in order to inspire a Christian life based on the action of God. Finally, the present text seeks a greater understanding of the God's Kingdom, present and to come, central to the teachings of Jesus Christ.

Keywords: Biblical Theology. God's Kingdom. Christian Life.

INTRODUÇÃO

O Reino de Deus, segundo Ladd, é um dos assuntos centrais das Escrituras Sagradas, e é revelado progressivamente ao longo de toda a narrativa bíblica. A palavra grega *basileia*, que se refere a “reino”, aparece cerca de 144 vezes no Novo Testamento.³ Entretanto, outros termos originais que foram traduzidos para o português como “reino” fazem com que essa palavra apareça 152 vezes no Novo Testamento.

Com os dispositivos tecnológicos disponíveis no mundo contemporâneo muitas de nossas leituras são feitas procurando palavras-chaves nos arquivos de texto ou sintetizando o conteúdo redigido em eixos temáticos. Muitas vezes nossa leitura da Bíblia recai nesse padrão: o que leio em busca de consolo? De paz? De alegria ou coragem?

As Escrituras, no entanto, são um conjunto de textos atravessados por uma única narrativa: a história da relação de Deus com sua criação. De ponta a ponta a Bíblia conta a história de Jesus e da salvação da humanidade. Ao olharmos as Escrituras de forma panorâmica e compreendermos essa narrativa principal, tornam-se mais compreensíveis os conceitos e narrativas específicas que ela traz? Por que descrições tão detalhadas do templo? Por que tantas histórias aterrorizantes com acontecimentos brutais? Por que tantas promessas e tantas profecias?

A história da criação, queda, redenção e consumação alinha todos os excertos das Escrituras e torna não só a interpretação dos livros possível, mas também a interpretação de nossas próprias vidas e da realidade. A Bíblia não é um livro para ficar fechado, nem tampouco para ser somente lido de forma impessoal. A Palavra penetra as pessoas, que não são apenas leitores, mas participantes dessa grande história.

Ao longo dos séculos, a ideia de Reino de Deus não foi muito trabalhada pela cristologia, que optou por centralizar sua reflexão na pessoa de Jesus. No entanto, uma cristologia metafísica predominou sobre uma histórica. Ademais, um dos pontos fundamentais servindo como um agravante para a desatenção com o tema é uma visão utilitarista e fatalista do mundo que parte da tradição protestante nutre.⁴ A ideia de que “tudo está caminhando para

³ LADD, 2008.

⁴ GONÇALVES, 2009.

um acerto final de contas, já marcado na agenda divina” pode fazer com que haja um considerável descaso com as atividades do agora ou, ainda pior, uma desvalorização de tudo que se faz fora da igreja, podendo-se cair em um dualismo com relação à práxis cristã. Nesse sentido, o presente texto abordará aspectos fundamentais sobre o Reino de Deus com base em uma análise atenta das Escrituras Sagradas.

Portanto, uma vez compreendido esse contexto histórico do tema, deixa-se de procurar o conceito em análise - Reino de Deus - em passagens específicas da Bíblia, e o encontra-se este não somente escrito em toda a narrativa, mas inscrito na vida do cristão. A história narrada nas Escrituras é a história de cada um, desde antes de seu nascimento, até depois do - suposto - fim.

Ao longo das páginas do Antigo Testamento, uma significativa parcela das profecias a respeito do Messias prometido vieram no tempo dos reinos divididos de Israel e Judá em resposta à opressão dos próprios reis do norte e do sul. Desde então, o imaginário judaico desejava um poderoso rei guerreiro, capaz de livrá-los do sofrimento físico e das mazelas causadas pelos seus próprios reis e depois pelos longos anos de cativo e opressão inimiga. Além disso, essa concepção ganhou ainda mais força na experiência dos macabeus, em uma revolta armada e violenta que promoveu um curto (e inédito) período de paz e independência de Judá. Mas não foi com esse espírito bélico que o Messias prometido lhes apareceu.

Jesus Cristo, em tese, poderia ser inserido em qualquer momento da história - considerando inclusive que a dimensão temporal diz respeito somente à condição humana, não da Trindade.⁵ No entanto, é exatamente em um tempo e um espaço específicos que nasce Jesus, e cumpre todas as promessas feitas ao povo de Deus. O contexto político, social e histórico no qual Jesus é inserido são extremamente significativos para o entendimento do que Deus está fazendo na História.

O povo de Israel estava à espera de um rei. Todas as promessas e profecias reafirmavam que eles seriam salvos e libertos pelo rei. O anúncio de um rei que traria justiça era proclamado por todos com grande esperança. E então quem lhes chega é Jesus, um carpinteiro filho de Maria e José, nascido em Nazaré. Que confusão entre os judeus, que escândalo! Humanamente é difícil acreditar que as promessas de Deus se cumpriram daquela forma.

E Jesus não somente convive entre eles, mas, também, anuncia que “é chegado o reino dos céus” (Mt 3.2, ACF). E então o poder de todas as promessas se fazem de fato realizadas naquele homem. O Reino de Deus tem referências econômicas, sociais e políticas bem

⁵ Nas institutas, Calvino subscreve Trindade da seguinte maneira: “Há em Deus três hipóstases [pessoas]... o Pai e o Filho e o Espírito são um e único Deus, todavia de modo que Filho não é o Pai como tal; ou o Espírito, o Filho; ao contrário... são distintos entre si por determinada propriedade... Onde se faz menção simples e indefinida de Deus, esse termo cabe ao Filho e ao Espírito não menos que ao Pai” (CALVINO, 2006). E segundo o Credo de Atanásio, séc IV, dentre os versos 15 e 27: “Assim o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus. E, contudo, não são três deuses, mas um só Deus. Do mesmo modo, o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor. E, contudo, não são três senhores, mas um só Senhor. E nesta Trindade não há nem mais antigo nem menos antigo, nem maior nem menor. Mas, as três Pessoas são coeternas e iguais entre si. De sorte que, como se disse acima, em tudo se deve adorar a unidade na Trindade e a Trindade na unidade”.

demarcadas⁶, Jesus não gasta todos os seus dias sentado dentro do templo, mas é enviado para servir às crianças, aos pobres e às viúvas. A profecia de Isaías 61.1-3⁷ encontrou em Jesus o seu cumprimento. Cristo tomou para si aquelas palavras e as viveu. Com efeito, Jesus, como indica Persike, “curou, mudou a vida das pessoas, comeu, andou, e falou com pessoas das quais alguns religiosos sentiriam vergonha de acompanhar”.⁸ Em ato de graça traz cura e libertação para todos aqueles que vêm a Ele, e os conduz ao Pai.

O próprio texto do Evangelho segundo Lucas, no capítulo 19 a partir do versículo 12, descreve Jesus Cristo fazendo menção a seu próprio trabalho como um homem que vai a uma terra distante instaurar o reino e depois voltar para consumá-lo. Esse Homem-Rei se manifestou como Cordeiro que deveria ser imolado, um servo que deveria sofrer para que o Reino fosse inaugurado plenamente. O texto ainda revela que o povo “achava que o Reino de Deus começaria de imediato” (Lc 19.11, NVT). Porém, o Reino de Deus também é espera. Nesse cenário, Jesus conta-lhes a parábola dos dez servos e revela que há um *tempo* entre a *inauguração* e a *consumação* do Reino de Deus. Assim, é revelado que há um caminho a se tomar. Para Jesus, o caminho da cruz. Algo que somente Ele poderia passar para receber a autoridade de governar e o domínio eterno sobre todas as coisas. Com efeito, a necessidade de ir e receber domínio para então voltar e governar em um tempo futuro o lugar no qual Ele estava. Nesse sentido, Cristo precisou sair para ser coroado rei, Ladd declara:

Uma referência em nossos evangelhos torna muito claro esse sentido. Lucas 19.11,12 afirma: “Estando eles a ouvi-lo, Jesus passou a contar-lhes uma parábola, porque estava perto de Jerusalém e o povo pensava que o Reino de Deus ia se manifestar de imediato. Ele disse: ‘Um homem de nobre nascimento foi para uma terra distante para ser coroado rei e depois voltar’”. O homem nobre não foi embora para conseguir um reino, uma região sobre a qual governar. O reino sobre o qual queria governar estava próximo. O território sobre o qual deveria reinar era esse lugar que deixou. O problema era que ele não era rei. Ele precisava de autoridade, o direito de governar. Ele saiu para conseguir um “reino”, isto é, “ser coroado rei”, ter autoridade.⁹

Um exemplo para ilustrar essa situação aconteceu nos anos que antecederam a vinda do Messias. Os judeus esperavam que na vinda do Messias tudo seria completamente transformado, mas este é o choque que Jesus traz: Ele convida todos a fazer parte disso. Há um caminho a ser percorrido, e Ele insere cada um nessa história como também operantes da vinda do Reino de Deus.

⁶ HORSLEY, 2014.

⁷ “O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes, e dar a todos os que choram em Sião uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantio do Senhor, para manifestação da sua glória” (Is 61.1-3, NVI).

⁸ PERSIKE, 2007, p. 13.

⁹ LADD, 2008, p. 21.

1. A DIMENSÃO DO REINO

A partir das Escrituras, é possível compreender que o Reino de Deus é um reinado eterno onde Deus é Senhor Soberano sobre todas as coisas. Este reino é diferente de todos os outros, pois manifesta-se sobrenaturalmente. É um reino espiritual e torna-se conhecido tanto na dimensão presente quanto na vindoura.

Em Lucas 22.18 Jesus declara: “não beberei vinho outra vez até que venha o Reino de Deus” (NVT). Mas este reino já não chegou? Está próximo, é chegado ou está vindo? Destacamos que, segundo Archer, a doutrina da inerrância bíblica é a posição histórica dos principais ramos do cristianismo, e nos ensina que a Bíblia nos fala a verdade e jamais apresenta algo que não seja verdadeiro. O estudo das Escrituras, portanto, requer interpretações cuidadosas e coesas.¹⁰ A proclamação da vinda do Reino se dava tanto no anúncio do Reino enquanto realidade futura, quanto em uma cobrança ética presente.¹¹ Assim, apesar de aparentemente destoante, o Reino de Deus é apresentado como *próximo*, *inaugurado* (ou chegado) em Jesus Cristo e operante entre os Seus, e vindo para ser *consumado* definitivamente.

Em Jesus, o Reino de Deus é *inaugurado*. “É chegado o Reino de Deus”, disse Jesus no começo de seu ministério (Mt 3.2, ARC). Nesse sentido, quando Deus manifesta-se encarnado na história, o Reino de Deus também o é. Assim, quando Deus se fez homem, trouxe consigo o esplendor e a majestade de seu reino.

Mas este reino não está plenamente estabelecido. Ainda não está *consumado*. O Reino de Deus traz consigo elementos de um mundo vindouro, um tempo que ainda não chegou. Um tempo inaugurado, mas não consumado. Ladd afirma, portanto, que o reino é eterno, presente e vindouro. Essas categorias nos ajudam a entender a dimensão temporal do Reino de Deus: Ele é eterno. Todavia, para alcançar pessoas submetidas ao tempo, fez-se dele algo progressivo, revelado em etapas, a fim de que se possa conhecê-lo e entendê-lo e, ao entendê-lo, se passe a ser seus agentes.¹² De acordo com Neto, isso não se refere a mais de um Reino, mas são três aspectos de uma mesma realidade.¹³

A Bíblia diz que o domínio de Deus, isto é, o seu reino, se estende de uma eternidade a outra eternidade. Esse reino eterno que estava se aproximando desse mundo é o que Jesus passa a anunciar. Quando Ele é investido de autoridade e poder através do batismo, passa a demonstrar uma dimensão eficaz do Reino, que ainda não é pleno, mas começa a manifestar a realidade espiritual nos corações. O Reino de Deus invadiu a presente era, invadiu o nosso tempo. O anúncio é de que o Reino de Deus está próximo. A consumação desse reino faz-se cada vez mais presente. Os que aceitarem Jesus como seu salvador terão lugar no Reino quando Jesus voltar e viverão eternamente com Ele.

¹⁰ ARCHER, 2001.

¹¹ RUPPENTHAL NETO, 2020.

¹² LADD, 2008.

¹³ RUPPENTHAL NETO, 2020.

2. O REINO DE DEUS

Na medida em que se percebe a dimensão do Reino de Deus, faz-se necessário compreender o que é o Reino de Deus, e sobre quem, como e onde se manifesta este reino. Inicia-se pelo que o Reino de Deus *não é*. O apóstolo Paulo afirma que o Reino de Deus não é comida, nem bebida (Rm 14.17). Também não é o céu, como pode levar a entender a expressão *Reino dos Céus*, presente no Evangelho segundo Mateus.¹⁴ Jesus pregava sobre o Reino *dos Céus*, mas não o Reino *no* céu (Jo 18.36). Não se refere ao lugar ao qual estamos indo, mas o lugar de onde o Reino está vindo.¹⁵

A mensagem central de Jesus é o Reino de Deus.¹⁶ Jesus pregava sobre o Reino de Deus (Lc 4.43), ensinava como entrar em Seu reino (Jo 3.3-6) e testemunhava a ação do Reino no aspecto presente (Mt 3.2, 4.17, 4.23; Mc 1.15, 3.2, 4.11; Lc 1.32-33, 4.43). Destaca-se o trecho do último versículo em Lucas: “é necessário que eu pregue as boas-novas do Reino de Deus noutras cidades também, porque para isso fui enviado” (Lc 4.43, NVI). Todo o ministério de Jesus estava na esperança escatológica do Reino de Deus. A teologia bíblica atesta que o Reino de Deus dominou a vida de Jesus. Esta é a chave para compreender o propósito de Cristo. Além disso, em Jesus a realidade histórica do Reino se concretiza nele mesmo.¹⁷ Com efeito, trata-se de um reino que tem sua origem nos céus e está vindo para uma perspectiva de consumação eterna.¹⁸ E, ainda, nota-se nas pregações de Jesus a ilustração de um Reino que não é imaginado à maneira dos reinos e impérios humanos, mas é comparado de forma simples aos elementos presentes na vida diária de Jesus e seus vizinhos, como destaca Neto:

Em sua pregação, Jesus vale-se das imagens da Galileia rural na qual estava inserido: o reino de Deus é comparado a um campo (Mt 13.24-30; Mc 4.3-9, 26-29; Lc 8.4-8), a uma vinha cujos trabalhadores são respeitados e remunerados de forma justa, a uma semente de mostarda que se torna uma grande árvore (Mt 13.31-32; Mc 4.30-32; Lc 13.18-19), assim como é associado aos elementos da pescaria – prática bem conhecida pelos seus discípulos: “O Reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie” (Mt 13.47).¹⁹

Com relação aos ensinamentos de Jesus, suas 42 parábolas foram, segundo Maia e Kunz (2019), uma estratégia de comunicação e ensino decididamente acertada, que atendeu muito bem às necessidades de propagação dos princípios do Reino de Deus, naquela cultura e em todas as outras. As parábolas falam, em um primeiro momento, da *inauguração* do Reino de

¹⁴ Essa diferença ocorre pelo fato de que Mateus escreve seu evangelho originalmente para o povo judeu, os quais não pronunciavam o nome do Eterno por respeito e temor. Dessa forma, Mateus usa uma expressão semita para proclamar o Reino de Deus aos judeus de seu tempo respeitando seus costumes e tradições. A expressão aparece 29 vezes ao longo de todo o livro: 3.2, 4.17, 5.3, 5.10, 5.19, 5.20, 10.7, 11.11, 11.12, 13.11, 13.24, 13.31, 13.33, 13.44, 13.45, 13.47, 13.52, 16.19, 18.1, 18.3, 18.4, 18.23, 19.12, 19.23, 19.24, 20.1, 22.2, 23.13 e 25.1.

¹⁵ LADD, 2008.

¹⁶ RUPPENTHAL NETO, 2020; MAIA & KUNZ, 2019; XAVIER & MALHEIROS, 2019.

¹⁷ GONÇALVES, 2009.

¹⁸ LADD, 2008.

¹⁹ RUPPENTHAL NETO 2020, p. 22.

Deus. Em um segundo momento, da *dimensão* (ou influência) desse reino. E em terceiro: o Reino *consumado* (Mt 22-26). O Reino é e ainda não, como se vê a seguir:

As parábolas de Jesus, além de revelar como o Reino vem, também têm o propósito de ensinar o que se deve fazer para entrar nele e o que é exigido dos súditos deste Reino, para permanecer nele. Uma vez que as pessoas não estavam atendendo a estas expectativas, ele também usou as suas narrativas para confrontar estas pessoas, para provocar nelas as mudanças indispensáveis, no caráter e no comportamento de todos os que visam o pertencimento ao Reino de Deus.²⁰

Em Marcos 1.15, Jesus passa a proclamar a necessidade do arrependimento, a necessidade de um retorno à *origem* (arrependimento, do grego, *metanoia*, mudança de mente ou tornar ao juízo correto) pois um novo reino está se aproximando e ele é regido por outra legislação que ocasionará uma nova prática de vida. Também no evangelho de Marcos Jesus pergunta aos seus discípulos: “se vocês não entendem o significado desta parábola [do Semeador], como entenderão as demais?” (Mc 4.13, NVT). Nesse sentido, nota-se que a Parábola do Semeador (Mc 4.1-20) é a base para entender todas as outras, como uma “Parábola da Resposta” às demais. Portanto, por meio dessa parábola é possível compreender o Reino de Deus, pois trata de como alguém deve responder à palavra deste reino.²¹

A proclamação do Reino de Deus, afirma Neto, “não é um anúncio da coroação de Deus como rei de Israel, mas a vinda de um reinado já existente, o exercício de um rei já constituído, agora em uma nova dimensão”.²² E, ainda, destaca que os milagres são a “evidenciação da chegada do Reino esperado”.²³ Mas então, diante disso, que respostas damos a esse reino que vem?

Apesar de o Reino de Deus falar em um direito de governar, a Igreja não é o Reino de Deus, mas seu agente. É fácil cometer esse equívoco. De início, a frase atribuída ao teólogo francês Alfred Firmin Loisy, diz que “Jesus pregou o Reino e o que veio foi a Igreja”. Bom, de certa forma, é claro que a Igreja é um manifestar do reino de Deus, mas ela não é o Reino. O que aconteceu é que “pouco a pouco, e à medida que nos afastamos das origens cristãs, foi-se dando, na práxis pastoral e na teologia cristã, um processo de eclesialização do Reino acompanhado e cimentado pelo casamento entre a Igreja e o poder político”.²⁴ Nesse sentido, o Reino de Deus pareceu limitar-se à esfera da Igreja, sendo ela a genuína manifestação do Reino. Portanto, agregar-se à Igreja ficou sendo o mesmo que militar no Reino de Deus. Os profetas do Antigo Testamento quando falavam sobre a manifestação do Reino de Deus se referiam a ele como “naquele dia” e não “naquele lugar”, ou seja, um período não um local.

Logo, o Reino de Deus não é um lugar que está vindo ou um lugar para onde os cristãos estão indo, mas a própria presença tabernaculada²⁵ de Deus entre os Seus. É o próprio reinado

²⁰ MAIA; KUNZ, 2019, p. 37.

²¹ LADD, 2008)

²² RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 21-22.

²³ RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 30.

²⁴ GONÇALVES, 2009, p. 3.

²⁵ Os hebreus não eram muito propensos a representar Deus de forma visual; em vez disso, eles o representavam em palavras, e vinculavam seu lugar de presença ao tabernáculo. Todos esses símbolos deram lugar ao

de Deus, a autoridade legal de Deus de exercer domínio. Seu domínio eterno (Sl 103.19), redentivo e realizador. O Reino de Deus, inaugurado pelo Senhor Jesus, tem uma perspectiva até os dias atuais e uma esperança que será realizada nos dias da consumação, isto é, quando Jesus Cristo retornar e consumir Seu reino.

Sendo assim, o Reino de Deus é, antes de tudo, o direito legal que Deus tem de governar sobre todas as coisas. Não é o céu, não é a Igreja, não é um lugar. Ladd afirma que o Reino de Deus é a extensão de Seu ser, não consiste em palavras, mas em demonstração de poder (1Co 4.20).²⁶ Nesse sentido, a consumação desse reino é, portanto, resumida na presença de Deus entre os homens (Ap 21.3) com soberania, autoridade e governo divino sobre tudo e sobre todos.

É importante frisar que, segundo Xavier e Malheiros, a igreja não é o reino, mas o arauto que anuncia o reino. Assim, o Reino não é necessariamente, e nem exclusivamente, a igreja.²⁷ Esta é um sinal do Reino de Deus e instrumento de sua implantação na história. É nela que se celebra o mistério da comunhão com Deus, é por meio dela que Deus mostra o que Ele pretende ter com toda a humanidade.²⁸

Recentemente, uma frase foi dita no púlpito de uma famosa igreja americana afirmando que “a igreja precisa voltar a reinar”. Isso escancara a crise política que temos enfrentado atualmente. A Igreja não precisa voltar a reinar, a Igreja precisa voltar a proclamar o Reino de Deus. O que está no coração dos homens? A necessidade de um governo sobre eles.²⁹ As pessoas anseiam por um país melhor, por uma vida pública melhor, por segurança, saúde e educação, porque, na verdade, elas anseiam pelo Reino de Deus. Todavia projetam essa expectativa pelo Reino em líderes e governos temporais, em utopias políticas. Mas somente Jesus é aquele que cumpre todas as demandas e necessidades do nosso coração por governo. A boa notícia é que todas as exigências para nos salvar e nos aproximar de quem Deus é, o próprio Deus cumpriu em Cristo Jesus.³⁰

Com efeito, compreendemos nas profecias de Daniel que todos os reinos deste mundo são passageiros, insuficientes e corruptíveis, mas quando vier aquele que é perfeito todos eles serão destruídos pela Rocha que não foi cortada por mãos humanas. Grudem apresenta objetivamente a sua perspectiva sobre a relação entre cristianismo e governo com uma “influência cristã expressiva sobre o governo”.³¹ É interessante notar que mesmo por ser uma “influência expressiva” ela se caracteriza não por uma ação violenta e intolerante, mas por uma influência amável que concerne à veracidade e excelência moral das Escrituras Sagradas. É necessário chamar a atenção para a necessidade de termos uma visão adequada da relação entre fé e obras no que concerne ao exercício de influência expressiva do cristão na política e

verdadeiro Templo (Jo 2.19-22). Jesus, que antes de se encarnar, era a Palavra de Deus no Antigo Testamento, tornou-se a Palavra de Deus que “tabernaculou” entre os seres humanos (Jo 1.14; Cl 2. 9) (ESTELLE, 2018).

²⁶ LADD, 2008.

²⁷ XAVIER; MALHEIROS, 2019.

²⁸ GONÇALVES, 2009.

²⁹ BAZZO; *et al.*, 2020.

³⁰ BAZZO; *et al.*, 2020.

³¹ GRUDEM, 2014.

no governo para que os indivíduos não sejam atraídos por falsos profetas em falsas campanhas de governo. Deve-se, portanto, ter em mente que Deus governa soberanamente sobre todos os governos, Ele realizará completamente todos os seus planos e no fim dessa história Cristo voltará e estabelecerá seu Reino sobre toda a terra. Reconhecer estas realidades traz consolo e conforto diante do atual uso das Escrituras para fins de subjugação e domínio político de uma parcela da massa cristã desinformada (ou com o mesmo anseio de reinar que não lhe é devido).

Nesse cenário, René Padilla afirma que quando a igreja entende sua missão à luz do Reino de Deus, seus membros são liberados para servir - veja bem: servir, e não ser servidos.³² A inversão da autoridade do Reino de Deus para um de seus agentes produz um evangelho falso com base em pressupostos falsos. Nesse sentido, o que a teologia bíblica busca não pode ser outra coisa além da integridade cristã na missão, e a integridade demanda que o amor de Deus que se afirma com palavras também se manifeste em ações orientadas a satisfazer as genuínas necessidades humanas. Com efeito, palavra e ação são inseparáveis na vida cristã e igualmente essenciais no testemunho cristão e na proclamação do Reino de Deus.

3. A MANIFESTAÇÃO DO REINO

Com relação à manifestação desse reino, evidencia-se o Reino de Deus quando se ama a Deus, e demonstra-se esse amor quando se obedece aos seus mandamentos. Como bons embaixadores deste reino, deve-se representá-lo aqui até que Ele seja plenamente estabelecido. Todavia este reino já começou a ser estabelecido no coração daqueles que ouvem a Verdade. Elias ressalta que o discurso ético fundado na revelação da Justiça do Reino de Deus manifestada em Cristo, não é evidenciado na pura repetição de fórmulas ou mensagens engessadas, mas numa reflexão da realidade que lhe dê significado e orientação em meio às circunstâncias.³³

Vive-se um mundo agressivo, manchado pela tinta do pecado, mas na vida de Cristo e na obra do Espírito Santo, vislumbra-se a redenção e participação dela. Por meio de Cristo há um propósito, um reino onde a paz reinará e Deus será adorado. Ainda que não esteja plenamente consumado, há um povo que se sente de certa forma inquieto com o presente, assombrado pela fragmentação do agora. Espera-se um futuro em que a justiça fluirá como as águas e a retidão como um ribeiro que corre incessantemente pairando sobre nosso presente e que permite ver qual o alvo pelo qual trabalha-se aqui e agora quando se ora: venha o Teu reino.³⁴

Com efeito, o Reino de Deus é evidenciado na vivência cotidiana do cristão. Até chegar a hora de manifestar-se no mundo inteiro, o Reino de Deus cresce dentro de cada cristão e manifesta-se exteriormente. Quem obedece a Cristo, faz crescer o Reino de Deus. Nesse sentido, é interessante destacar como Warren em sua obra, Liturgia do Ordinário, apresenta o dia a dia como lugar de adoração a Deus. A autora ressalta que “o reino de Deus vem tanto

³² PADILLA, 2014.

³³ ELIAR, 2019.

³⁴ WARREN, 2021.

por meio da adoração congregacional semanal quanto pela nossa adoração “dispersa” no trabalho a cada dia. Assim, todo trabalho, até com tarefas simples e pequenas, importa eternamente”.³⁵

A autora explica que cada cristão é parte da grande visão e missão de Deus: a redenção de todas as coisas, por meio das habilidades terrenas e cotidianas de viver e desenvolver a sua vocação, hora a hora, tarefa a tarefa. Nessa perspectiva, faz-se parte do grande trabalho do Reino de Deus, ainda não plenamente consumado, mas aprendendo a fazer parte dele dia a dia e vivê-lo nas pequenas tarefas diante de nós, nas palavras da autora, “a *missio Dei* na labuta diária”.³⁶ Ou ainda, como destaca Neto:

Pessoalmente deveis ser sinais do Reino de Deus que vem, sinais de que alguma coisa aconteceu; vossa vida (...) deve testemunhar aos olhos do mundo a vinda do Reino. Em vossas vidas, (...) no reino de Deus, deve-se manifestar a vitória do Reino de Deus.³⁷

Além disso, as questões sobre o Reino de Deus são respondidas na estrutura do que é um reino: um rei, súditos, leis, um lugar, e uma ordem. O rei sendo Deus, seus súditos todos que se submetem ao seu governo. Suas Leis: princípios e valores que regem o reino. O lugar: presente no coração das pessoas e terá jurisdição sobre toda a terra e todo joelho se dobrará (Rm 14.11). E, por fim, uma ordem: estabelecer justiça. Que é a ordem que manifesta o caráter presente do reino.³⁸

Neto afirma que o Reino de Deus anunciado por Jesus possui um vínculo inseparável com a justiça, e ressalta que “na pregação de Jesus, ‘o Reino dos céus’ e a ‘justiça’ estão tão intimamente ligados que formam um só e idêntico ideal: ‘Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça’”.³⁹ Sua raiz hebraica remete a posição correta, *ordem original*. O Reino de Deus visa trazer Sua Justiça, trazer a ordem sobre o caos que o pecado gerou. Assim como na Criação, na Consumação de todas as coisas, o Rei-Todo-Poderoso estabelecerá sua ordem sobre o caos e o Seu reino, enfim, *estará consumado*. E a justiça que reinará no reino vindouro, segundo Moila, “tem que estar em relação com as questões políticas que se confrontam com os povos hoje”⁴⁰ e, como agentes do Reino, aqueles que seguem a Jesus seriam os pontos de intersecção da justiça vindoura e a presente.

No desejo de que o Reino de Deus encontre o ser humano, Ladd descreve a relação que se pode ter com os versos da oração que Jesus ensinou: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10):

A certeza de que essa oração será respondida quando Deus trouxer a história humana à consumação divinamente ordenada, capacita o cristão a manter seu equilíbrio e sanidade mental neste mundo louco em que vivemos. Nosso coração se abre para aqueles que não têm essa esperança. Graças a Deus, o Reino dele está vindo e encherá toda a terra. Mas quando oramos: “Venha o

³⁵ WARREN, 2021, p. 88.

³⁶ WARREN, 2021, p. 91.

³⁷ JEREMIAS, 1976, p. 55 *apud* RUPPENTHAL NETO 2020, p. 29.

³⁸ RUPPENTHAL NETO, 2020.

³⁹ ADAM, 1976, p.70 *apud* RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 27.

⁴⁰ MOILA, 1990, p. 94.

teu Reino”, também pedimos que a vontade de Deus seja feita hoje, aqui e agora.⁴¹

Há agora em uma esperança escatológica a respeito desse reino que é eterno, presente e experimentado por aqueles que se submetem ao seu domínio. O reinado de Deus, então, “está tanto aqui quanto lá, é iniciativa divina e projeto humano, e salva tanto o indivíduo quanto a sociedade”.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do Reino de Deus pode ser expressa em dois pontos: no primeiro anúncio de Cristo quando começou a pregar (Mt 3.2) e na instrução de Cristo quanto ao que se deve buscar (Mt 6.33). Buscai primeiro o Reino de Deus, foi assim que Ele ensinou. Jesus ensina que não se deve ter medo do futuro, medo do que irá comer, beber ou vestir. Todas essas coisas são importantes e essenciais, Jesus sabia disso, mas uma coisa é ainda mais importante: o Reino de Deus.

Claro que é importante fazer planos e ser cauteloso, mas isso não deve controlar a vida. Muitos gastam tempo, recursos e a própria saúde se preocupando com o futuro, mesmo sabendo que Deus supre todas as necessidades. E essa não é uma esperança vazia, mas depositada em quem a pode cumprir. É importante destacar que a marca singular da paciência não é perseverança ou fortitude, mas esperança. Nesse sentido, ser impaciente é viver sem esperança.⁴³ As necessidades do dia a dia, embora importantes e indispensáveis, têm prazo de validade. A vida na terra é passageira, o Reino de Deus é eterno. Esse é o nosso maior e principal alvo.

Diante disso, planejamento, trabalho ou esforço seriam dispensáveis? Certamente que não. Mesmo sendo Deus quem dá o crescimento, é dever do semeador tratar a terra, plantar a semente e colher seus frutos. A esperança no suprir divino não é acompanhada de um ócio terrestre. Muito pelo contrário, nosso trabalho não é em vão no Senhor (1Co 15.58). Viver para o Reino de Deus implica em todas as tarefas da nossa vida cotidiana. É justamente no espetáculo do dia a dia que manifestamos as características do Reino de Deus: justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17).

O Senhor dá o sustento em tudo que se faz. Quando se procura obedecê-lo em tudo, reflete-se sua glória no mundo. Vive-se o Reino de Deus quando Cristo é glorificado em todas as coisas. Aguarda-se ansiosamente por um futuro que foi feito por Deus, não apenas para ter libertação dos males do presente, mas em antecipação do bem que virá.⁴⁴ A eternidade é o alvo e Deus ajuda a chegar até lá. Em concordância com Neto, o futuro do Reino de Deus não deve gerar uma espera, mas uma esperança, que implica necessariamente em ação e transformação.⁴⁵

⁴¹ LADD, 2008, p. 24.

⁴² MOILA, 1990, p. 94.

⁴³ WILKEN, 2005 *apud* WARREN, 2021, p. 107.

⁴⁴ WILKEN, 2005 *apud* WARREN, 2021, p. 107.

⁴⁵ RUPPENTHAL NETO, 2020.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos**, 2002.

BAZZO, Angelo; MARQUES, Carlos; MAZZACORATI, Israel; MIGUEL, Igor; BIBO, Rodrigo. **Doutrina e devoção**. Ebook - Escola Convergência, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Edição Revista e Corrigida (ARC). Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo André: Geográfica, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Nova Versão Internacional (NVI). Tradução de Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Nova Versão Transformadora (NVT). Tradução de New Living Translation. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CALVINO, João. **As Institutas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

ELIAS, Márcio Oliveira. A ética do Reino em tempos de pós-modernidade. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano XV, n. 61, 2019.

ESTELLE, Bryan. Cristo e o Tabernáculo: a arca da Aliança. Tradução de Paulo Reis Junior. Ministério Fiel, 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/cristo-e-o-tabernaculo-a-arca-da-alianca/> Acesso em: 10 de março de 2022.

GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e práxis pastoral. Uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano III, n. 23, 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35889267/Reino_de_Deus-with-cover-page-v2.pdf Acesso em: 15 de março de 2022.

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. São Paulo: Shedd, 2008.

MAIA, Carlos Kleber; KUNZ, Claiton André. As Parábolas de Jesus: uma estratégia de comunicação dos princípios do Reino de Deus. **Revista Batista Pioneira**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/293/337> Acesso em: 10 de março de 2022.

MOILA, Philip. Reinado de Deus e compromisso político. In **Estudos Teológicos**. v. 3, 1990. Disponível em: http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/893/866 Acesso em: 06 jan. 2022.

PADILLA, René. **Missão integral**. Viçosa: Ultimato, 2014.

PERSIKE, Ester. **Diaconia**: amor em ação. Curitiba: FTBP, 2007.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O Reino de Deus na pregação de Jesus. **Via teológica**, v. 21, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/179> Acesso em: 18 de fevereiro de 2022.

WARREN, Tish Harrison. **Liturgia do ordinário**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

XAVIER, Érico Tadeu; MALHEIROS, Isaac. O Reino de Deus **Kerygma**, v. 14, n. 1, p. 55-65, 2019. Disponível em: <https://unasp.emnuvens.com.br/kerygma/article/view/1186> Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.010



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

UM CÂNTICO DE FÉ: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO 3 DE HABACUQUE A Song of Faith: an analysis of chapter 3 of Habakkuk

Mário José Duarte Conrado¹

RESUMO

Habacuque, além de ser um profeta pouco conhecido, é único no sentido de que o seu livro não é um chamado de atenção ao povo, mas sim um clamor a Yavé, por misericórdia para com Judá, perante as ameaças eminentes por parte do império Babilônico. Por outro lado, o seu cântico, no capítulo 3, reflete o reconhecimento do agir de Yavé na história, e a certeza de que o justo viverá pela fé (2.4), mesmo que esteja enfrentando condições de grande dificuldade. Nesse contexto, o capítulo 3 assume papel singular, configurando-se como um cântico ou salmo que expressa a resposta final do profeta às revelações divinas recebidas ao longo do livro. Este cântico reflete, de maneira poética e litúrgica, a memória do agir histórico de Yavé, especialmente em sua atuação criadora, redentora e guerreira, ao mesmo tempo em que reafirma a convicção teológica central do livro: “o justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4). Mesmo diante de cenários de extrema adversidade, escassez e instabilidade, Habacuque professa uma fé madura, que não nega a realidade do sofrimento, mas encontra em Deus a fonte última de salvação, força e esperança. Assim, neste artigo propôs-se uma análise exegética de Habacuque 3, considerando seus elementos literários, teológicos e históricos, a fim de demonstrar como o cântico funciona como culminação do livro, revelando a transformação do lamento em confiança e do questionamento em adoração.

Palavras-chaves: Habacuque. Salmo. Exegese.

¹ Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Baptista em Queluz, Portugal. Pastor da Igreja Evangélica Baptista da Marinha Grande, Portugal. Professor no Seminário Teológico Baptista em Queluz (Portugal), das disciplinas de Estudo Bíblico, Metodologia do Estudo da Bíblia, Hermenêutica, Hebraico e Exegese do Antigo Testamento. E-mail: email: bet.conrado@gmail.com

ABSTRACT

Habakkuk, besides being a little-known prophet, is unique in that his book is not a call to the people's attention, but rather a cry to Yahweh for mercy for Judah in the face of imminent threats from the Babylonian empire. On the other hand, his song in chapter 3 reflects the recognition of Yahweh's action in history, and also the certainty that the righteous will live by faith (2:4), even when facing conditions of great difficulty. In this context, chapter 3 assumes a unique role, configuring itself as a song or psalm that expresses the prophet's final response to the divine revelations received throughout the book. This song reflects, in a poetic and liturgical way, the memory of Yahweh's historical actions, especially in his creative, redemptive, and warlike roles, while reaffirming the central theological conviction of the book: "the righteous will live by their faith" (Hab 2:4). Even in the face of extreme adversity, scarcity, and instability, Habakkuk professes a mature faith that does not deny the reality of suffering but finds in God the ultimate source of salvation, strength, and hope. Thus, this article proposes an exegetical analysis of Habakkuk 3, considering its literary, theological, and historical elements, in order to demonstrate how the song functions as the culmination of the book, revealing the transformation of lament into trust and questioning into worship.

Keywords: Habakkuk. Psalm Exegesis.

INTRODUÇÃO

O capítulo 3 de Habacuque é um Salmo que faz parte deste incrível livro, escrito pelo profeta Habacuque. O propósito deste artigo é analisar este Salmo, tendo em conta que é uma resposta do próprio profeta às questões por ele colocadas a Yavé, nos primeiros dois capítulos do livro.

O salmo é, não apenas uma resposta, mas uma autêntica declaração de fé, perante as adversidades que são presentes na vida dele e do povo. É um cântico de autêntica confiança. Como diz House, "o fato de que termina com louvor e confiança faz da profecia uma espécie de mini-saltério moldado por um jeito e ênfase típicos dos profetas".² O profeta começou por questionar fortemente a Yavé, queixando-se ainda do que o Senhor estava a permitir. Porém ao prosseguir no meio de toda esta tempestade, ele começa a lembrar-se das ações tremendas e incríveis de Yavé, por meio do êxodo do povo, e descreve-o em forma poética, para ser cantada. No auge de tudo isto a sua fé é declarada, de forma triunfante, "ainda assim eu exultarei no Senhor me alegrarei no Deus da minha salvação" (v. 18). Isto confirma a resposta que Yavé lhe revelara, anteriormente, de que "o justo viverá pela sua fé" (2.4). Ora só porque contém um salmo, este livro não é menos profético que os restantes livros proféticos, como se poderá ver neste belo salmo de Habacuque.

Diante disso, neste artigo propõe-se a analisar o cântico de Habacuque à luz de sua unidade literária e teológica com o restante do livro. Inicialmente, apresenta-se uma breve consideração sobre o autor, reconhecendo as limitações históricas e tradições associadas à sua identidade profética. Em seguida, examina-se a introdução literária e litúrgica do salmo, destacando seus elementos musicais e cultuais. O estudo avança para a análise do pedido do

² HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005, p. 484.

profeta ao Deus Todo-Poderoso, evidenciando o clamor por misericórdia em meio ao temor diante do juízo divino. Posteriormente, investiga-se a teofania descrita nos versículos centrais do cântico, ressaltando a atuação soberana de Yavé na história e sua manifestação como Deus criador, redentor e guerreiro. Por fim, o artigo aborda a confissão de fé expressa nos versículos finais, nos quais Habacuque declara confiança plena em Deus, mesmo diante da adversidade extrema, culminando numa afirmação teológica que reafirma a centralidade da fé como resposta adequada à revelação divina.

1. O PROFETA HABACUQUE

Apesar de ser um livro fantástico, e aparecer claramente a definição de que Habacuque é um profeta, ainda assim, é talvez de todos os profetas, o menos conhecido, ou de quem menos se sabe. Não se conhece nem o nome de seu pai, nem o da sua cidade natal, nem o período histórico em que acontece este oráculo, como normalmente acontece com os restantes profetas.

Uma das dificuldades tem a ver com o significado do próprio nome – (חֲבַקּוּק). Para alguns estudiosos, pode vir de uma raiz hebraica חֶבֶק (*hḇq*) que significa ‘abraço’. Aliás, como diz Feinberg, “Lutero explicou esse nome nestes termos: «Habacuque significa abraçador, aquele que abraça a outro, que o toma em seus braços. Ele abraça o seu povo, isto é, conforta-o e o levanta, como quem abraça uma criança que chora, para acalmá-la com a segurança de que, se Deus quiser, em breve ela estará melhor»”.³ Porém outros estudiosos sugerem que o seu nome pode ser originário do assírio ou acadiano e significa uma espécie de planta. A ausência de informação mais específica a respeito de Habacuque, levou ao aparecimento de várias tradições e opiniões acerca dele. O seu nome aparece no acréscimo apócrifo ao livro de Daniel, na história de Bel e o dragão, apresentando-o como contemporâneo de Daniel⁴; também surgiram lendas de que seria levita, ou de que seria o atalaia citado em Isaías 21, ou ainda identificado como filho da Sunamita curada por Eliseu.⁵

Ainda assim, embora não exista consenso quanto a isto, a Bíblia apresenta-o como profeta. A palavra נָבִיִּים (*Nābhî'*) é a palavra que mais aparece no Antigo Testamento (115x) para definir aquele que é chamado para profetizar. Ligado a isto, e reconhecendo a sua habilidade literária, expressa no livro, alguns sugerem que ele seria um profeta com linhagem de família sacerdotal, “ligada ao culto no templo, com base nas formas litúrgicas do livro”.⁶ Embora se possa concordar com esta última opinião, a verdade é que não se sabe ao certo. Mas uma coisa é certa, é que ele era conhecedor do que se passava na sua terra, Judá, e acerca da forte opressão babilónica. Mas além de conhecedor, era um profeta que sabia clamar a Yavé, e, como se vê neste salmo bem construído, confiar em Yavé.

³ FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Miami: Vida, 1988, p. 207.

⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**. introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 100.

⁵ GUSSO, 2017, p. 100.

⁶ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 91.

2. INTRODUÇÃO LITERÁRIA E LITÚRGICA AO SALMO (1, 19B)

Embora ainda exista muita discussão sobre a ligação deste Salmo ao livro de Habacuque, e à época em que foi escrito, este artigo não tem como objetivo debater este assunto, mas estudar o Salmo como parte dele, pois denota que o mesmo é resultado da resposta de Yavé ao questionar do profeta, o que leva a crer claramente na unidade deste livro, incluindo este mesmo capítulo.

Este salmo, é provavelmente um cântico litúrgico para ser cantado em ato de culto no templo (v. 19b). O próprio termo, שִׁיגְיוֹנוֹת (*Shig'eyōnot*), embora sendo pouco conhecido, parece ser um termo musical, que poderá indicar um salmo de lamento.⁷ Nute diz que este título tem a ver com confissão, pois é tem a ver com as “emoções profundas que descreve e provavelmente produz”.⁸ Já Sayão, apresentando Schökel, diz que o termo “se referia a uma confissão de delitos inadvertidos”.⁹ Ainda neste ponto, Andersen acrescenta que o próprio Targum interpreta, como que uma oração por causa da extensão do tempo que Yavé dá aos ímpios, os quais, ao confessarem e retornarem para a Torá com um coração perfeito, terão perdoados os seus pecados, por eles cometidos.¹⁰

Entretanto o salmo é claro que, deve ser acompanhado por instrumentos de cordas, provavelmente uma harpa, e deverá ser orientado por um mestre de música. Interessante também, que surge 3x neste salmo, a expressão סֵלָה (*Selâ*), nos vs. 3, 9 e 13. Curiosamente esta expressão, também de significado desconhecido, aparece 74x no Antigo Testamento, 71x nos Salmos e apenas 3x neste cântico de Habacuque. Parece ser uma espécie de pausa musical durante o cântico.

3. PEDIDO AO TODO-PODEROSO (2)

O capítulo 3 deste livro é a resposta por parte do próprio profeta, às suas perguntas no capítulo 1, resultado daquilo que Yavé lhe foi mostrando, nessas respostas. Como realça Smith, o que está em causa não é que Yavé permita que os ímpios fiquem impunes, pois tal não acontece. Yavé ainda está no trono. Ele agiu no passado para vencer seus inimigos, e fará de novo, como que em resposta ao pedido do seu profeta.¹¹

O profeta, após ter escutado as declarações do Senhor, teme a Yavé. Os organizadores da Bíblia de Estudo de Almeida Revista e Atualizada, traduziram o verbo יָרָא (*yr'*), por ficar *alarmado*. A expressão tem a ver com temor a Yavé, aquele temor que o povo sentiu diante

⁷ GUSSO, 2017, p. 106.

⁸ NUTE, Alan G. Habacuque. Em **Comentário bíblico NVI**. São Paulo: Vida, 2008, p. 1317.

⁹ SAYÃO, 2012, p. 134.

¹⁰ ANDERSEN, F. I. **Habakkuk**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University, 2008, vol. 25, p. 273. “The prayer which Habakkuk the prophet prayed when it was revealed to him concerning the extension of time which he gives to the wicked [Iršyy’], that if they return to the torah [l'wryt'] with a perfect heart [blbb šlym] it shall be forgiven them and all their sins which they have committed before him shall be as sins of ignorance [kšlwt’].” - Em Logos Bible Software.

¹¹ SMITH, R. L. **Micah–Malachi**. Dallas: Word, 1998, Vol. 32, p. 115. “Why does God allow the wicked to go unpunished? He does not. God is still on the throne. He acted in the past to overcome his enemies (3:2a), he will do it again at the request of his prophet (3:2b).” - Em Logos Bible Software

do Monte Sinai, enquanto o Senhor descia sobre ele. Um misto de medo com anseio e desejo de estar perto. Habacuque ao escutar acerca do poder de Yavé, ele temeu ao ponto de claramente confiar n'Ele. Como diz Isaltino Coelho Filho, “Saber quão sério, quão Justo e quão sábio é Deus, proporciona uma sensação de segurança, de temor e de respeito”.¹²

Diante deste Yavé soberano ele não pode deixar de confiar nem de obedecer. Por isso diante da sua ação da Sua ira, ele clama para que Yavé se lembre da Sua misericórdia. Esta misericórdia מַחֲסִי (rhm) tem a ver com amor profundo. Quando o verbo se encontra no piel, é normalmente traduzido por misericórdia ou compaixão.¹³ Habacuque clama a Yavé por aquele amor pelo seu povo, por aquela misericórdia, que não tem a ver com o povo, mas com o nome de Yavé. Como diz Sayão, aqui a melhor tradução será, “quando fores agir com ira, não te esqueças da tua misericórdia”.¹⁴ Este temor leva-o a clamar agora desta forma a Yavé. Tremendo perceber que quando existe assim uma confiança em Yavé, resultado deste temor, entende-se a realidade do Seu poder e da sua misericórdia.

4. O DEUS TODO-PODEROSO QUE AGE (3-15)

Se no princípio, o profeta, temeu a Yavé, por causa das Suas palavras, agora vê-se confrontado, através desta teofania¹⁵ que representa a ação de Yavé na história, com a prova do seu poder, tanto criativo como redentor. Habacuque lembra através da história, um Deus que age e sempre agiu, para Sua glória e para bem do seu povo.

O Profeta aqui, inicia chamando Yavé de אֱלֹהִים ('elôah), um nome poético antigo para Yavé, que aparece mais de 40x no livro de Jó. Segundo Coelho Filho, este nome para Yavé, muito habitual no período arcaico, “está associado com o poder criador e redentor de Deus”.¹⁶ E não é um Deus qualquer, mas o Santo que agiu em Temã e Parã, que ficam na região de Edom, trazendo socorro para o povo, através de Débora e Baraque (Jz 5.4). Neste verso 3 encontra-se um paralelismo sinónimo duplo:

Deus vem de Temã,
e do monte Parã **vem o Santo**.
A sua glória cobre os céus,
e a terra se enche do seu louvor (resplendor).

Da mesma região vem Yavé, o Santo, cuja glória e louvor cobre terra e céus. A própria expressão, *louvor* תְּהִלָּה (T^ehillâ), não tem a ver com o louvar entoado pelo povo ou pela criação, mas deve ser entendido como *resplendor* ou *majestade*,¹⁷ preparando já para o que vem a seguir. É que no verso seguinte continua a falar deste brilho. E este brilho não tem a ver com fraca iluminação, mas comparativamente, com o brilho do Sol, que mesmo a 149 600

¹² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 70.

¹³ COPPES, L. J. 2146 מַחֲסִי. R. L. Harris, G. L. Archer Jr., & B. K. Waltke (Eds.), *Theological Wordbook of the Old Testament* (electronic ed., p. 841). Chicago: Moody, 1999. Em Logos Bible Software.

¹⁴ SAYÃO, 2012, p. 136.

¹⁵ “The theophany is an appearance of God although God himself is never seen in the OT” (SMITH, 1998, vol. 32, p. 115).

¹⁶ COELHO FILHO, 1990, p. 74.

¹⁷ SAYÃO, 2012, p. 136.

000 km, a sua luz consegue causar uma insolação aos menos prevenidos. Por isso, das suas mãos saem relâmpagos; o termo que é traduzido metaforicamente por *raios* ou *relâmpagos*, **קַרְנַיִם** (*Qarnayim*), encontra-se no dual, e pode ser também traduzido por *um par de chifres*, o que também simboliza força e poder. Assim Habacuque, com este termo, demonstra a visibilidade do poder de Yavé, no brilho, como na imponência das hastes (chifres), que são sinal de força e poder contra os adversários. O profeta quer lembrar a glória de Yavé visível, no deserto, enquanto caminhava com o povo durante o Êxodo, mas também no seu caminhar cheio de poder.

De seguida o cenário muda ligeiramente, pois Yavé surge como um rei cujo andar traz juízo sobre todos – peste e pragas ou doença. “Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos” (v.5). Aquele que escapar do primeiro, “sucumbirá diante do segundo. É uma figura de um julgamento rigoroso e eficiente”.¹⁸ De novo o profeta aponta visualmente para a ação de Yavé na libertação do povo do Egito. Como usou as pragas e as doenças, para trazer o seu castigo. Ele é Senhor de tudo. Muito curioso aqui é também a forma como o profeta utiliza o termo *praga* ou *doença*, **רֶשֶׁת** (*Resheq*), que é o nome de uma divindade cananita.¹⁹ É como querer mostrar que até os deuses dos outros povos, são instrumentos de juízo nas mãos de Yavé, pois apenas Ele é Deus. Ele é Senhor de toda a criação, de toda a terra, de todas as nações. Ele tem poder para as fazer estremecer, ou como na versão Almeida de Estudo, tem poder para as *sacudir*. É muito interessante que o verbo **נָתַר** (*ntr*), que se encontra no Hifil, pode ser traduzido por *fazer saltar*, ou na sua raiz original, começar de novo.²⁰ É isto que Yavé faz – Ele tem poder para sacudir, esmigalhar e construir de novo. As nações não são eternas. Apenas os caminhos de Yavé são eternos. Ele abala tudo com a Sua vontade, mesmo o mais inacessível ao homem, mas depois reconstrói de novo, faz de novo, garantido a Sua vontade eternamente. Por isso não há melhor local para se estar do que no centro da vontade de Yavé.

A partir do v.8, Habacuque dirige-se a Yavé diretamente, “usando a segunda pessoa do singular, «tu», em vez de ele ser simplesmente o assunto da discussão. As imagens evocativas também mudam, porquanto aqui Deus é apresentado como o Guerreiro Divino, aquele cujas ações fazem temer, assim como nos versículos anteriores o seu próprio ser causou temor.”²¹ O profeta questiona se a ira de Yavé será contra rios e mares, lembrando como ambos lhe obedeceram para o povo passar, durante o êxodo. E a vitória de Yavé, não é uma qualquer, mas sim a salvação do seu povo. O termo para *vitória*, **יְשׁוּעָה** (*Yeshûâ*) significa salvação ou libertação. Este é sempre o propósito de Yavé, e Ele está bem-preparado para a tarefa.

Mais uma vez, nos versos seguintes, o profeta torna visível, que a criação, seja terra ou mar, não tem qualquer poder ou autoridade diante de Yavé. Nem os montes nem as

¹⁸ COELHO FILHO, 1990, p. 75.

¹⁹ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 114.

²⁰ FISHER, M. C. 1449 **נָתַר**. R. L. Harris, G. L. Archer Jr., & B. K. Waltke (Eds.). *Theological Wordbook of the Old Testament* (electronic ed., p. 610). Chicago: Moody, 1999.

²¹ David Baker, em BAKER, David; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. *Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 355.

profundezas do mar são páreo de Yavé. Pelo contrário, são ferramentas e flechas nas suas mãos. No v. 10, percebe-se que as mãos das profundezas do mar, serão uma linguagem figurada para a força das ondas²² ao bater nos pequenos barcos ou na rocha. Já o v. 11, “O sol e a lua param nas suas moradas”, lembra o episódio em Josué 10, quando este orou para que o sol e lua se detivessem nas suas órbitas, para conseguirem vencer os adversários naquele dia, e como Yavé assim respondeu, trazendo-lhes vitória. Mas Smith vai mais longe, ao apresentar que está presente aqui também a ideia de que, ainda que o sol e lua deixem de brilhar, ainda assim os raios de Yavé serão iluminação suficiente para a batalha.²³

A batalha será terrível para os seus adversários. Num novo paralelismo (v.12), *indignação // ira*, fica claro que Ele trará juízo sobre a terra, sobre as nações, marchando sobre elas. O termo *marchar*, טַחֲרָן (*Tiç’ar*) tem uma forte conotação militar, deixando bem claro que Ele vem para destruir os seus inimigos, no caso, a Babilónia. Yavé já assim o fez com a Assíria, Edom e Egito, e os babilónicos também não resistirão à Sua ira. Yavé nunca sai para a batalha para empatar ou perder, mas sempre para ganhar, pois Ele é Senhor! Mas ao mesmo tempo que sai para destruir os seus inimigos, também sai para salvar o seu povo // *ungido*. Neste paralelismo, este ungido ou messias, segundo Smith, será o rei da linhagem davídica.²⁴

Já Feinberg apresenta duas possibilidades: uma será outra referência a “Israel, estabelecendo assim um paralelo com «teu povo». A outra sustenta que é o Rei de Deus, o Messias, por cuja instrumentalidade e influência Deus efetua a salvação do seu povo”.²⁵

5. A FÉ EXPRESSA NESTE DEUS TODO-PODEROSO (16-19)

De novo há uma mudança no texto, o qual passa agora para a primeira pessoa, sendo desta vez o profeta a falar da sua experiência pessoal. O relato deste momento começa com o reconhecimento de que perante o que ouviu, todo o seu ser como que começa a falhar fisicamente. Há um incómodo interior, uma má disposição, um tremer dos seus lábios, um desfalecer dos seus ossos e vacilar dos seus joelhos. Como diz Baker, “o salmista registra suas reações pessoais de medo e temor diante do poder do Deus Guerreiro”.²⁶ E isto por quê? Segundo Andersen, por causa do que ele ouviu, talvez em ato de culto, acerca do agir de Yavé, e assim, reconhecendo a sua fragilidade, como que percebeu ao entrar no santuário de Yavé, que a ira do Senhor virá sobre os ímpios.²⁷

É interessante que vem o juízo contra os babilónicos, no chamado dia da angústia, e o profeta sente o peso da ira do Senhor que cairá sobre eles. O termo *angústia*, חֲרָה (*Çârâ*) pode

²² SAYÃO, 2012, p. 137.

²³ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 116.

²⁴ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 116.

²⁵ FEINBERG, 1998, p. 222.

²⁶ BAKER, 2001, p. 360.

²⁷ ANDERSEN, 2008, Vol. 25, p. 343–344. “The connections of v 16 with Hab 3:2 show that what disturbs the prophet is hearing the report (šēma’) of Yahweh’s deed—that is, the recitation of the traditional poem(s) found in vv 3–15. This audition might well have taken place in some cult setting, when the LORD is in his holy Temple, and everyone is silent in his presence (2:20). Habakkuk’s experience is thus like that of the Psalmist who went into the sanctuary of God, and then understood the end of the wicked (Ps 73:17)”.

significar também, *desgraça* ou *necessidade*. Este substantivo refere-se a tudo aquilo que sendo estreito, restringido ou reduzido, leva a pessoa a sentir-se presa, limitada, sem soluções.²⁸ O juízo de Yavé sempre leva a perceber que não existe solução senão na obediência integral e total a Ele.

De seguida, vêm os vs. 17 a 19 e com eles uma das mais emblemáticas declarações de fé, por parte do profeta. Segundo Sayão, este “salmo final apresenta uma mudança extraordinária no profeta. De deprimido e sem esperança, Habacuque torna-se cheio de fé e de expressão religiosa. Em vez de ver o mal, concentra-se na figura de Deus. Em vez de procurar respostas, celebra com alegria”.²⁹

Talvez o profeta comece a perceber que a ira de Yavé, sobre os seus inimigos, possa de alguma forma afetar a economia agrícola da sua nação, ou talvez receie apenas o que lhe poderá acontecer, mas neste momento ele declara a sua plena confiança na graça de Yavé. Esta fé e confiança em Yavé, não é cega, pois o livro de Habacuque não começa com este salmo, mas termina com ele, depois de confrontado com tudo o que o Senhor tem feito ao longo da história. Assim, seja por causa de desastres naturais, seja por causa dos inimigos, ainda que as colheitas não se desenvolvam, ainda que o gado seja morto, ainda que haja fome na sua casa, na nação, ainda que tudo isto se esgote à sua volta, “o salmista vê que, em última instância, sua própria existência não depende delas, mas da fonte delas, lavé. Ele é o Deus da aliança, que cumpre suas promessas e que, em períodos de aflição para o seu povo da aliança, é também o Deus da sua salvação”³⁰

No v. 18 surge de novo um paralelismo *alegro // exulto*, com *Senhor // Deus da salvação*. Isto apresenta de forma enfática a alegria e a confiança neste Yavé que liberta e sustenta, mesmo no pior dos cenários. O próprio termo *alegro*, תָּלַל (*‘l*z), é um verbo que tem implícito a ideia de triunfo. A confiança de Habacuque está alicerçada num Deus que lhe dá vitória, mesmo quando tudo parece desabar. E este triunfo não tem a ver com os bens, mas com a salvação em Yavé obtida. E de tal forma é assim que ao terminar, ele declara que o Senhor Deus é a sua força. Aqui ele traz a expressão *Yavé ‘adonäy*, que demonstra que este Yavé é o seu Deus pessoal, é o Deus da aliança, que o guia em qualquer circunstância. Por ter este seu Deus, ele pode então andar em lugares altos ou montanhosos. Para isso os seus pés serão semelhantes aos das corças, que pulam e caminham nas montanhas. Yavé lhe daria agilidade, como as corças, para que possam caminhar em lugares seguros, montanhosos,³¹ diante do Senhor.

Tanto na adversidade quanto nos momentos bons, Yavé deve ser sempre exultado como Deus de salvação, pois Ele é Senhor de tudo e só n’Ele há segurança. Como acrescenta Sayão, “reconhecer a Deus e manter-se fiel a ele é a maneira correta de reagir contra o mal”.³² Assim deve-se caminhar mais em lugares altos, na sua presença.

²⁸ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1999, p. 778.

²⁹ SAYÃO, 2012, p. 139.

³⁰ BAKER, 2001, p. 360-361.

³¹ GUSSO, 2017, p. 107.

³² SAYÃO, 2012, p. 140.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Habacuque é uma caminhada entre o desespero e a fé, entre a dúvida e a confiança. Ao olhar para este capítulo, dá para perceber como está intimamente ligado aos anteriores, e como o cântico é resultado das dúvidas colocadas diante de Yavé e as respostas d’Ele obtidas. Isso levou-o a perceber que Yavé não estava inativo ou apático, mas preparando tudo para colocar o seu plano em ação. Assim Habacuque compreendeu a forma do agir de Yavé, e foi lembrado das Suas ações ao longo da história. Perante o agir de Yavé no passado, creu no agir de Yavé no presente e confiou na salvação futura de Yavé. É claramente um livro fantástico e um cântico tremendo.

Essa progressão teológica, visível ao longo do livro e culminando no capítulo 3, evidencia que a fé professada por Habacuque não é resultado de uma aceitação ingênua da realidade, mas de um processo profundo de escuta, confronto e discernimento diante da revelação divina. O profeta não ignora a dor, a injustiça ou a ameaça concreta representada pelos babilônios; ao contrário, ele as apresenta com honestidade diante de Deus. Contudo, ao rememorar o agir histórico de Yavé, especialmente nos eventos fundantes da fé de Israel, Habacuque é conduzido a reinterpretar sua própria realidade à luz da fidelidade divina.

O cântico, portanto, assume papel decisivo como resposta teológica e espiritual às inquietações iniciais do profeta. Por meio da linguagem poética, litúrgica e simbólica, Habacuque confessa que a soberania de Deus transcende as circunstâncias imediatas e que o juízo divino, ainda que temível, está inseparavelmente ligado à misericórdia e à salvação do seu povo. Nesse sentido, o capítulo 3 não apenas encerra o livro, mas oferece uma chave hermenêutica para a compreensão de todo o seu conteúdo, reafirmando que a confiança em Yavé é o caminho legítimo diante do caos e da incerteza.

Por fim, a declaração de fé expressa nos versículos finais constitui um dos testemunhos mais marcantes das Escrituras acerca da confiança em Deus em meio à escassez e à perda. Ao afirmar que continuará a exultar no Senhor mesmo quando todas as bases materiais da vida forem abaladas, Habacuque proclama que a verdadeira segurança do justo não reside nas circunstâncias favoráveis, mas no relacionamento com o Deus da aliança. Assim, o cântico de Habacuque permanece como convite perene à fé madura, que reconhece a soberania de Deus, submete-se à sua vontade e encontra n’Ele a força necessária para caminhar, mesmo nos momentos mais adversos.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, F. I. **Habakkuk**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University, 2008. Vol. 25. Em Logos Bible Software.

BAKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001.

BÍBLIA de Estudo Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Em Logos Bible Software.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Miami: Vida, 1988.

GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017.

HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K. (Edits.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press. Em Logos Bible Software.

HARRISON, R. K. **Introduction of the Old Testament**. Peabody: Prince Press, 1999.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NUTE, Alan G. **Habacuque**: em Comentário Bíblico NVI. São Paulo: Vida, 2008.

PETRLEVITZ, Luciano R. Observações Literárias em Habacuque 3. **Revista Theos**. Campinas: 6.ed., V.5 - Nº1 (Jun 2009), p. 1-12.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. **Profetas II – Ezequiel, doze profetas menores, Daniel, Baruc, carta de Jeremias**. Madrid: Cristandad, 1980, Tomo II.

SMITH, R. L. **Micah–Malachi** (Vol. 32). Dallas: Word, 1998. Em Logos Bible Software.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.